

"Witty, smart and supremely sexy."
—Kate Spencer, author of *In a New York Minute*

New York Times Bestselling Author

KYLIE SCOTT

END OF
STORY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Família Wings

01/2024

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo—os e disponibilizando—os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo—se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a

presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Uma história de amor sexy, inteligente e não convencional de opostos que se atraem, da sensação do New York Times, Kylie Scott, veja o que acontece quando o destino se recusa a desistir do que deveria ser...

Quando Susie Bowen herda a charmosa casa de sua tia, ela fica animada para começar a viver a melhor fase da sua vida. Mas quando ela abre a porta e descobre que seu construtor não é outro senão o melhor amigo de seu ex, Lars - o mesmo homem que testemunhou o humilhante rompimento público seis meses atrás - ela não está exatamente ansiosa para ter por perto alguém cuja lealdade seja com o inimigo.

Mas os mendigos não podem escolher, e quanto mais cedo os reparos forem feitos, mais cedo ela poderá voltar a abraçar a solteirice. As coisas vão de estranhas a inacreditáveis quando Lars descobre uma certidão de divórcio escondida em uma parede e datada de dez anos no futuro - com os nomes de ambos nela.

Não poderia ser real... poderia?

Enquanto Susie e Lars trabalham para desvendar as origens do documento, a impossibilidade de uma faísca entre eles de repente não parece tão absurda.

Mas será que um relacionamento entre eles estaria condenado antes mesmo de começar?

Um

— Isto é estranho.

O grande homem loiro parado na minha porta piscou.

— Como você está, Lars? — Eu dei a ele meu melhor sorriso falso. — É bom te ver.

— Susie. Já se passaram o que... cinco, seis meses? — Largando sua caixa de ferramentas, ele me deu um sorriso inquieto. Foi mais um estremecimento, na verdade. Porque a última vez que nos vimos não foi uma boa noite. Ao menos não para mim.

— Algo assim, — eu disse.

— Esta é a sua nova casa? — Ele acenou com a cabeça para a cabana de artes e ofícios maltratada. — O escritório disse que você queria começar com algum dano causado pela água?

— Sim, sobre isso. Disseram-me que Mateo faria o serviço.

— Emergência familiar.

— Oh.

Ele olhou para mim com consternação. O homem era o saqueador viking urbano básico, como o nome sugeria. Cabelo loiro comprido, pele branca, olhos azuis, barba curta, alto e forte. Eu tinha estatura média e ele conseguia pairar sobre mim muito bem. Na casa dos trinta e um pouco rude. Nada como seu melhor amigo elegante e

esperto. Um idiota cuja existência eu preferiria nunca me lembrar. Mas nem sempre conseguimos o que queremos.

Respirei fundo e me recompus. — Por que você não entra e eu te mostro...

— OK.

— Não se preocupe em tirar as botas. O tapete felpudo não vai ficar.

Passos pesados me seguem pela sala de estar até a sala de jantar, onde viramos à esquerda para entrar no pequeno corredor. A partir daí tínhamos duas opções, o banheiro ou o quarto dos fundos. Nós fomos para o último.

— A água entrou por uma fresta da janela sabe-se lá quanto tempo, — expliquei. — Só herdei a casa recentemente. Havia muitas caixas empilhadas aqui. Ninguém conseguiu ver que isso era um problema.

Ele grunhiu.

— Passei o primeiro mês apenas organizando as coisas e limpando o lugar.

Abaixo da moldura da janela, uma grande mancha se espalhava pelo papel de parede com toques dourados. Como se já não fosse feio o suficiente para começar. Esse era o problema da minha tia Susan; ela não era uma grande fã de mudanças. A casa de dois quartos pertencia aos pais dela e tudo ficou praticamente intocado depois que meus avós faleceram. Além da adição do lixo de Susan. O que significava que, embora o papel de parede e o carpete fossem da década de 1970, o banheiro era da década de 1940 e os armários da cozinha, da década de

1930. Pelo menos foi o que me disseram. O lugar era como uma ode ao design de interiores do século XX. O bom e o mau.

Ele se ajoelhou, inspecionando os danos. — A parte inferior desta moldura da janela está empenada e precisa ser substituída.

— Você pode fazer isso?

— Sim, — ele disse. — Eu preciso dar uma olhada aqui atrás. Você se apegou ao papel de parede?

— Claro que não.

Ele quase sorriu.

— Quanto mais cedo eu puder repintar e instalar um novo piso, melhor.

Nada dele. Uma faca apareceu na caixa de ferramentas, com pontas afiadas e dentes irregulares. Ele perfurou a lâmina com facilidade e começou a cortar a parede.

— Como ele está? — Eu fiz a temida pergunta. A curiosidade era o pior. — Aproveitando Londres?

— Sim, — foi tudo o que ele disse.

— E como está Jane?

— Não estamos mais juntos.

Não era uma surpresa. Lars teve várias namoradas durante o ano em que estive com aquele cara. Nem ele nem seu amigo estavam comprometidos. O que era bom se você só queria se divertir. Mas Jane era uma guardiã, inteligente e com um senso de humor perverso. Lars definitivamente tinha um tipo. Todas as suas namoradas eram bonecas

pequenas e perfeitas que se comportavam de maneira elegante. O oposto de rechonchuda, dizia muito.

Ele soltou um quadrado de drywall. — Você está pensando em morar aqui permanentemente ou em vender o lugar, ou o quê?

— Ainda não decidi.

— Ótima localização. Um pouco de trabalho e provavelmente valeria muito dinheiro, — disse ele, mantendo a conversa sobre o negócio em questão. Como era bom e certo.

Usando a lanterna do telefone, ele inspecionou a cavidade. O homem era todo faz-tudo chique. Botas grandes, jeans e uma camiseta preta desbotada. Tudo isso bem gasto. E a maneira como seu jeans se ajustava às coxas grossas e às curvas de sua bunda era incrível. Algo que eu não queria notar, mas tudo bem, essas coisas aconteciam. Talvez fosse a maneira como seu cinto de ferramentas enquadrava aquela parte específica de sua anatomia. Por um momento, não consegui desviar o olhar. Eu fui atingida. O que era errado e ruim. Não seria inteligente da minha parte notar esse homem no sentido sexual. Embora fosse bom saber que meu medidor de sede não estava quebrado.

Não sei se Lars e eu já fomos amigos de verdade. No entanto, tínhamos sido amigáveis. Embora isso fosse um relacionamento romântico para você. Num momento você tinha todas essas pessoas extras incríveis em sua vida e no seguinte elas se foram.

Puxei a ponta do meu rabo de cavalo escuro. Um velho hábito nervoso.

— Nesta fase, parece que os danos são apenas superficiais, — disse Lars. — Essas duas seções de drywall precisam ser eliminadas. Depois de fazer isso, terei uma ideia melhor do que estamos lidando.

— OK.

— Mas não me surpreenderia se parte ou tudo isso também precisasse ser substituído. — Ele apontou para a parede que o quarto dividia com o banheiro. — Vê como há bolhas nas juntas do papel de parede?

— Certo.

— Tenho sua aprovação para começar? — Eu balancei a cabeça.

Nada disso era exatamente inesperado. Os edifícios antigos podem ter alma, mas também podem ter uma manutenção pesada. As reformas custam muito dinheiro. Embora minhas economias fossem escassas, para sorte desta casa centenária, minha tia me deixou algum dinheiro. O que foi um ponto de discórdia para alguns membros da minha família. Como se algum deles tivesse tempo para tia Susan quando ela estava viva.

Além de ser minha xará, ela também era a ovelha negra da família. Um pouco estranha para alguns, eu acho. Mas estranho sempre foi uma característica que admirei.

— Vou fazer café para mim, — eu disse. — Você gostaria de um?

— Sim. Obrigado.

— Como você gosta?

— Puro. Sem açúcar.

— Você é doce o suficiente, hein? — E no momento em que essas palavras saíram da minha boca, eu sabia que tinha cometido um erro. Fale sobre estranho.

Ele bufou e disse: — Algo assim.

Lars não brincou. Quando voltei, ele havia removido os dois primeiros painéis de drywall. Com as mãos nos quadris, ele ficou olhando para o interior da parede com a janela problemática. Principalmente parecia muita poeira e algumas teias de aranha. Mas então, não sou uma construtora. Quando entreguei sua caneca, ele me deu um breve sorriso antes de tomar um gole.

— Como está? — Perguntei.

— Sua casa tem boa estrutura.

— Ótimo.

— Contanto que o dano nessa parede seja devido à umidade que se espalhou pela janela e não a um vazamento no cano do banheiro, isso deve ser bastante simples, — disse ele.

Eu assumi o quarto principal, mas este quarto ainda tinha muito valor sentimental para mim. Sempre que mamãe e papai estavam ocupados ou precisavam de uma folga de nós, crianças, meu irmão ficava na casa de um

amigo e eu era despachada para a casa de tia Susan – para este quarto em particular. O que foi bom para mim. Andrew era um atleta extrovertido, enquanto eu era meio estranha. Nesta casa, fui aceita como eu era. Uma boa mudança. Com meus pais divorciados, crescer entre três famílias e viver principalmente com uma mochila escolar era uma droga. Mas tia Susan me deu a segurança que faltava em outros lugares.

— O piso está bom?

— Vamos puxar um tapete e ver. — Ele colocou o café no parapeito da janela. Então, com a faca de volta na mão, ele se ocupou com o tapete. Era impressionante como a ferramenta se tornava parte dele. Uma extensão de seu corpo. — Você tem boa madeira sólida aqui embaixo.

— Ah, deixe-me ver.

Ele puxou ainda mais a base esfarrapada. — Carvalho, pelo que parece.

— Uau. Imagine cobrir essa beleza com um tapete marrom feio.

— Nenhum sinal de danos causados pela água. Você teve sorte.

Eu sorri. — Essa é uma excelente notícia.

— Agora vamos ver o que está por trás disso.

Dei um passo para trás para que ele pudesse começar a remover a próxima seção do drywall. Ele tinha mãos tão grandes e capazes. Observá-lo trabalhar era pura pornografia de competência. Como uma mulher madura e bem ajustada de trinta anos, eu definitivamente sabia que

não deveria ter pensamentos sensuais novamente. O melhor amigo do meu ex não é meu amigo. Confúcio provavelmente disse isso.

— Parece que tem alguma coisa aqui atrás, — disse ele, deixando de lado um painel de drywall.

— Algo bom ou algo ruim? — Estremeci quando uma grande aranha peluda saiu correndo da cavidade. — Ai credo.

— É apenas uma aranha-lobo. Nada perigoso.

— Mas pode haver mais.

Sem mais comentários, ele se abaixou e pegou um pedaço de papel. Parecia velho. O que fazia sentido. Só Deus sabia há quanto tempo estava na parede. Era como abrir uma cápsula do tempo.

— O que é? — Eu perguntei, mais do que um pouco curiosa.

Seu olhar se estreitou enquanto ele examinava o papel, franzindo a testa. Em seguida, suas sobrancelhas se ergueram e seus lábios se estreitaram. Sua expressão rapidamente mudou de descrença para fúria enquanto ele empurrava o pedaço de papel para mim. A hostilidade aberta em seus olhos vinha em grande parte de um homem de seu tamanho. — Susie, que porra é essa?

— Huh?

— Essa é a sua ideia de piada?

— Não. Eu... — O papel estava amarelado pelo tempo e a escrita estava desbotada, mas legível. Majoritariamente. *Tribunal Superior de*

Washington, Condado de King estava escrito no topo. Havia também um carimbo de data. Isto foi seguido por um monte de números e as palavras *Ordem Final do Divórcio*.

— Espere. Isto é uma certidão de divórcio?

— Sim, — ele disse. — Minha e sua. Datada de daqui a uma década.

Franzi o nariz e gritei levemente: — *O quê?* Espere. Você acha que eu coloquei isso aí?

— Não, — ele disse, ficando na minha cara. — Eu sei que você colocou aí, Susie.

— Dê um passo para trás, por favor, — eu disse, empurrando a mão contra seu peito duro.

Ele fez o que eu pedi, um pouco da raiva vazando de seu rosto. Então ele resmungou: — Desculpe.

— Obrigada.

— Por que você faria isso? Na verdade, isso não importa. Encontre outra pessoa para o trabalho, — disse ele, reunindo suas ferramentas. — Estou fora daqui.

— Você pode esperar um segundo?

Aparentemente a resposta era não. Porque o homem começou a se mover ainda mais rápido. — Não sei que jogo você está jogando. Mas não estou interessado em descobrir.

Respirei fundo e soltei lentamente. — Eu não coloquei isso na parede, Lars. Pense nisso. Você é um construtor. Algum papel de parede ou drywall foi mexido nos últimos quarenta ou cinquenta anos?

— Você poderia ter acessado do outro lado. Não sei.

— Eu nem sabia que você viria aqui hoje.

Ele grunhiu. — Só tenho sua palavra sobre isso.

— E só tenho a sua palavra de que *você* não colocou isso na parede por algum motivo estúpido, — eu disse, pensando a respeito. *Como isso não me ocorreu?* — Claro que você colocou aí. Não fui a primeira a ter acesso a esse espaço. Você foi. Bastaria um rápido truque de prestidigitação. Isso é tão pouco profissional.

— Muito legal. Tenho certeza de que você preparou esse discurso ao mesmo tempo em que o plantou, sabendo que inevitavelmente seria eu quem o tocara primeiro.

— E tenho certeza de que *você* preparou esse discurso ao mesmo tempo em que o plantou, sabendo que eu suspeitaria de você.

Ele olhou para mim. — Por que diabos eu faria isso, Susie?

— Por que diabos *eu* faria isso, Lars? — Eu gritei. — Isto é ridículo. Eu só quero minha casa arrumada. Isso é tudo. E perguntei especificamente quem faria o trabalho porque não senti necessidade de vê-lo novamente.

De costas para mim, ele fez uma pausa.

— Sem ofensa. Mas eu sabia que seria extremamente desconfortável.

— Por que você usou a empresa para a qual trabalho, então?

— Porque sei que eles são respeitáveis e fazem um bom trabalho. Você mesmo disse que essa é uma das principais razões pelas quais permaneceu com eles. Porque eles não te incentivam a economizar ou usar materiais de

má qualidade e tratam bem seus funcionários. Além disso, eles fazem praticamente tudo. Essas coisas são importantes. — Eu levantei um dedo. (Não. Esse não.) — Veja o conserto de automóveis, por exemplo. Como sei pouco ou nada sobre carros, sou enganada pelas oficinas — tenho certeza disso. Eu não queria que isso acontecesse aqui.

Outro grunhido. Que animal.

— Não desejo me casar nem me divorciar de você, Lars. E tenho quase certeza de que o sentimento é mútuo. Portanto, este pedaço de papel que estou segurando não me beneficia de forma alguma. Olhe para mim. Estou rindo? Não, eu não estou. Nem estou gostando de todo esse drama. O confronto me estressa pra caralho, — eu disse, meus ombros caídos. — Não sei mais o que dizer. Isto é ridículo.

— Você já disse isso.

— Vale a pena repetir.

Ele me deu uma olhada por cima do ombro. — Se você estiver brincando comigo...

— Eu não estou. Você está brincando comigo?

— Não.

— Então o que diabos está acontecendo? — Eu perguntei ao universo.

Sem outra palavra, ele se levantou e saiu do quarto, indo direto para o banheiro ao lado. Lá ele fez um trabalho rápido de verificar tudo. Os azulejos e a pintura, ao redor da pia de pedestal branco, no interior do armário espelhado

embutido na parede e na extremidade da banheira com pés. Então ele se virou, o rosto irritado. — Ponto de acesso para o sótão?

— Corredor.

Em pouco tempo, ele abriu a escotilha do teto e baixou a escada. Então ele subiu para a escuridão. Seu celular voltou a funcionar como lanterna.

— Muita coisa aqui em cima, — ele comentou.

— Isso não me surpreende. Minha tia era uma espécie de colecionadora. Não tão ruim quanto as pessoas nesses programas de TV, mas... sim.

Ele espirrou. — Muita poeira também.

— Saúde. Eu nem estive lá ainda, — eu disse. — Limpar e liberar espaço aqui tomou todo o meu tempo.

Suas grandes botas desapareceram nos últimos degraus da escada enquanto eu esperava lá embaixo. Afinal, eu só atrapalharia. Não tinha absolutamente nada a ver com meu medo de rastejantes. Alguém tinha que esperar lá embaixo com o documento estranho. Os sons dele pisando forte e das coisas sendo mudadas vieram em seguida. Algo pesado foi deixado de lado. Outra coisa caiu e o vidro quebrou.

— Desculpe, — Lars gritou.

— Tenho certeza de que não foi nada valioso. Esperançosamente.

Então seu rosto apareceu no buraco escuro acima. — Parece que eles construíram o sótão para usar como outro quarto ou escritório em algum momento. As tábuas do piso

e tudo mais estão firmes. Nenhum acesso real às paredes abaixo.

— Hum.

— Além disso, há cerca de 2,5 centímetros de poeira no piso e nenhum sinal de pegadas além das minhas.

— Bom trabalho, Nancy Drew, — eu disse. — O porão é o próximo? — Ele me lançou um olhar inexpressivo e hostil.

— Sim.

Talvez seja melhor encontrar outro construtor. Na verdade, eu sabia que deveria. Embora fosse apenas trocar uma paz de espírito por outra. Embora Lars não estivesse mais na minha cara, eu não seria capaz de confiar no trabalho do novo construtor na mesma medida. O que seria indutor de ansiedade e possivelmente caro. Fale sobre uma situação sem saída.

De volta à sala de jantar e depois à cozinha nos fundos da casa, partimos para nossa aventura não tão alegre. Abri a porta da escada suja. — Gosto de chamar isso de sala do assassinato. Escuro, úmido, perigoso. Tem tudo.

Nenhuma resposta dele enquanto descíamos. Plateia difícil. Era apenas uma sala básica de concreto com caldeira, área de serviço e mais porcarias variadas. Mas a velha caldeira, a anterior a esta, fazia barulhos assustadores. Daí meus medos de infância em relação ao porão. Ajudar com a roupa sempre foi uma provação. Eu geralmente evitava isso oferecendo-me para lavar a louça.

Lars começou a examinar o teto.

— Quando você descobriu que tinha esse serviço?

— Por volta das oito da manhã. O escritório ligou, — disse ele. — O namorado de Mateo foi atropelado por um carro indo para o trabalho.

— Ele está bem?

— Alguns inchaços e hematomas e um pulso torcido.

— Ufa.

— Sim, — ele disse. — O trabalho que eu estava fazendo estava perto de terminar e eles podiam me dispensar, então me pediram para vir aqui.

— O que me incomoda é que o papel parece velho. Quero dizer, a maneira como o texto está desbotado e tudo mais. — Virei cuidadosamente a certidão em minhas mãos. — Eu me pergunto se poderíamos testá-la, de alguma forma.

Ele zombou. — Você realmente não acha que é real?

— Sinceramente não sei, — eu disse. — O que eu sei é que, se você não colocou a certidão lá para mexer comigo — e acho que acredito em você quando diz que não o fez — então não consigo pensar em nenhuma explicação racional para como ela foi parar lá.

Ele franziu ainda mais a testa e continuou inspecionando o teto. Até ele tinha de admitir que era altamente improvável que eu tivesse colocado o decreto de dissolução na parede. Certamente.

— Seu nome do meio começa com A?

— Alexandre. Sim.

— Então os detalhes estão certos, pelo menos. Nenhum acordo monetário foi ordenado. Nenhum acordo sobre bens imóveis foi ordenado. Este casamento está dissolvido. O requerente e o réu estão divorciados. Não há muita informação para continuar. — Escolhi minhas próximas palavras com cuidado. — Sabe, minha tia, ela era meio excêntrica. Ela estava sempre acendendo velas e comprando cristais.

Olhando por cima do ombro para mim, ele levantou uma sobrancelha questionadora. — A questão é que ela costumava falar com a casa às vezes, — eu finalmente disse.

— Como se fosse uma entidade viva que respira. E sim, talvez ela fosse solitária ou um pouco estranha. Por favor, não diga nada maldoso ou desdenhoso sobre ela.

— Não vou dizer nada sobre sua tia.

— Obrigada.

Ele nem piscou. — Mas não é sobrenatural, Susie. Isto não foi nenhum fantasma ou espírito ou o que quer que você esteja sugerindo.

— OK. Tudo bem. Eu só pensei em divulgar isso, — eu disse. — Você encontrou alguma coisa aqui?

— Não.

— E agora?

Com o rosto fixo, ele se aproximou, olhando nos meus olhos como se pudesse ler minha alma.

— Susie.

— Lars.

— Quero acreditar em você quando diz que não teve nada a ver com isso. Você sempre me pareceu uma pessoa muito honesta, — disse ele. — Um pouco honesta demais, às vezes.

— Como assim? — perguntei, apenas um pouco irritada, embora estivesse exercendo grande moderação.

— Algumas das coisas que você lança às vezes são... desnecessárias.

— Vamos concordar em discordar, — eu disse.

Ele balançou sua cabeça.

— Gostaria de salientar, no entanto, que não sou brutal. Você já percebeu como geralmente são as pessoas que dizem que estão *apenas sendo honestas*?

Suas narinas se dilatam em uma respiração profunda. Como isso era atraente, eu não tinha ideia. Algo devia estar errado comigo. Acho que meu vibrador estava ficando um pouco chato. Talvez fosse hora de eu sair e conhecer alguns homens. Então, novamente, não namorar pelo resto da minha vida também seria ótimo.

— Pela última vez, — ele disse, falando bem e devagar, — você colocou aquele pedaço de papel na parede?

— Não. Juro.

— Foda-se, — ele murmurou.

— Foda-se, — eu concordei.

Ele suspirou. — Alguém está mexendo com a gente.

Dois

— Corrija-me se eu estiver errada, mas achei que você tivesse acabado de dizer que não teria nenhuma maneira de alguém colocar a certidão na parede, — eu disse, confusa.

— Devo estar perdendo alguma coisa.

— Como o que?

— Eu não sei, — ele disse, a voz cheia de frustração.

— Deixe-me pensar. — Respirei fundo e soltei lentamente. — Por que não retiramos os outros painéis daquela parede? Ver se deixaram mais alguma coisa para nós encontrarmos.

Ele olhou para o nada por um momento antes de concordar. — Boa ideia.

Nada sobre isso fazia sentido. Não conseguia pensar em ninguém que pudesse ter colocado a certidão de divórcio na parede para mexer comigo. A outra coisa era que eu havia escolhido não me casar há muito tempo. Meus pais se divorciaram quando eu tinha cinco anos. Eles haviam desistido de ter filhos cerca de uma década antes, quando meu irmão apareceu do nada. Eles então agravaram o problema me recebendo. Certa vez, li um estudo que mostrou que filhos de pais divorciados têm quase setenta por cento mais probabilidade de ver o casamento terminar em divórcio. Embora eu sonhasse em encontrar o Único, não haveria nenhum grande vestido

branco para mim. E eu não precisava de um. Se o amor e o compromisso já não estivessem presentes no relacionamento, então uma certidão de casamento não resolveria nada.

Lars não demorou muito para remover a próxima seção da parede de gesso do segundo quarto.

Nada. Só mais poeira e teias de aranha. Mas quanto a terceira...

— Há um buraco no fundo neste aqui, — disse Lars, curvando-se para inspecionar a parede de gesso. O buraco era mais ou menos do tamanho de sua mão e habilmente escondido atrás de uma aba de papel de parede.

— Notou como o carpete é mais escuro? — Eu perguntei, apontando. — Costumava haver um conjunto de gavetas aqui. Ninguém saberia que o esconderijo estava lá.

Ele cortou a parede de gesso mais uma vez, revelando o interior da casa. — Bingo, — murmurou Lars.

— O que é?

Ele limpou a capa da revista. — Pornô.

Com certeza, uma hippie loira usando um vestido floral transparente contemplava os dedos dos pés na capa. Aposto que ela tinha arbusto natural e tudo mais. E bom para ela.

— *Playboy*. Abril de 1972. — Eu inspecionei a coisa. — Ah, meu Deus. Você sabe o que deve ser isso? O material de masturbação adolescente do meu pai!

Ele reprimiu um sorriso. — Provavelmente.

— Que nojo!

— Pelo menos as páginas não estão rígidas.

— Isso não tem graça, — eu disse, jogando a revista no chão. — Eu preciso tomar banho de água sanitária.

Ele voltou para a parede. — O drywall está bem preso às vigas. Não há muito espaço para passar nada.

— As vigas são os pedaços de madeira que compõem a estrutura da casa?

— Isso mesmo.

— Mesmo que você conseguisse enfiar o braço no buraco, não vejo como poderia passar um pedaço de papel pela primeira viga, atravessar o espaço entre elas e depois passar pela segunda viga para colocá-lo onde o encontramos.

— Não. — Ele coçou a barba curta. Ou talvez fosse uma longa barba por fazer. — Estou sem ideias. E você?

Encolhi os ombros e tirei a certidão dobrada do bolso do meu vestido preto de algodão. Porque num mundo certo e bom, os vestidos deveriam ter bolsos. — Não consigo pensar em nada.

— Por que não volto ao trabalho?

— Você realmente vai ficar?

Sua vez de encolher os ombros. Então ele pegou seu café, agora frio, e bebeu metade dele.

Eu sorri. — OK. Vou deixa-lo com isso.

Enquanto o trabalho de serrar e martelar começava no quarto, fiquei ocupada com meu próprio trabalho. Primeiro respondi aos comentários nas postagens de hoje.

Desarmeí um cliente irritado com um vale-presente de vinte dólares. Então comecei a trabalhar em promoções futuras. Essa era a alegria de ser gerente de mídia social. Eu podia trabalhar em casa na maior parte do tempo. Mas tinha que ser amigável, engraçada, criativa, solucionadora de problemas e estar disponível em qualquer horário. Meus principais clientes eram uma empresa de roupas orgânicas e recicladas, uma frota de caminhões de café e uma loja online de produtos menstruais. Eu adorava meu trabalho.

Quando fiz uma pausa para o almoço, várias horas depois, estava pronta para voltar a resolver toda essa coisa misteriosa da certidão de divórcio. Eu também estava pronta para comer.

— Você está com fome?

Lars olhou para mim. — Morrendo de fome.

Havia uma certa satisfação em ver um homem de joelhos. Pena que era apenas relacionado a reformas. Mas eu divago. — Churrasco?

— Vamos fazê-lo.

Graças à magia da entrega, logo estávamos sentados na varanda da frente com a comida nas mãos. Era um típico dia agradável de verão. Céu azul, pássaros, o de sempre. O sol estava alto, o que significava que você podia ver o Monte Rainier. Sempre uma coisa boa. Embora Seattle

fosse conhecida por sua chuva, o tempo estava bom. E toda a umidade significava que a grama e as árvores tinham um tom de verde que eu nunca tinha visto em nenhum outro lugar. O terreno onde ficava a casa era do tamanho de um selo postal, mas havia espaço para um pequeno jardim na frente e nos fundos. Eu matei mais do que meu quinhão de plantas domésticas.

Talvez esta fosse minha chance de desenvolver um polegar verde.

— Pensei em algumas questões, — disse Lars, enchendo seu garfo com salada de repolho. — Quem te visitou desde que se mudou?

— Já não estabelecemos que não havia como alguém ter escondido a certidão sem que o drywall fosse removido?

— Me agrade.

— OK. — Tomei um gole de água. — Não é como se eu estivesse dando festas ou algo assim. O lugar ainda não está pronto para isso. Minha amiga Cleo já veio aqui algumas vezes.

Ele olhou para a rua tranquila por um minuto. — Acho que nunca a conheci.

— Não, também acho que não. E deixar isso na parede não é algo que ela faria. Não é como se eu tivesse mencionado você para ela.

— Agressiva.

— Você era o melhor amigo. Não o namorado.

— As mulheres só falam sobre relacionamentos?

Franzi o nariz em desgosto.

— O que? — ele perguntou.

— Essa pergunta foi tão estúpida que honestamente não sei como responder.

Ele me lançou um olhar severo.

— As mulheres falam sobre muitas coisas, Lars. Eu simplesmente não falei particularmente sobre você.

— Tudo bem, — disse ele. — Quem mais?

— Só minha família.

— Eles sabem sobre mim?

— Talvez eu tenha mencionado você de passagem, — eu disse. — Mas certamente não a ponto de eles sentirem a necessidade de realizar uma façanha como essa.

— Existe alguém em sua vida que faria isso?

— Tenho um tio que uma vez colocou cocô de cachorro falso no meu sapato. Eu tinha doze anos na época. — Limpei a boca com o guardanapo. — Mas isso é tudo no que diz respeito aos trapaceiros.

— E os vizinhos?

— O que têm eles?

— Você conhece algum deles?

Eu balancei minha cabeça. — Tia Susan conhecia alguns deles, mas...

Comemos em silêncio por um momento. Então ele ergueu seu prato meio comido de peito, salada de repolho e pão de milho. — Você quer trocar?

Eu ignorei minha carne de porco desfiada, macarrão com queijo e couve. Não tenho ideia de como tudo começou, mas trocar refeições era algo que Lars e eu

costumávamos fazer quando saíamos para jantar. Encontro duplo ou algo assim. Tínhamos gostos semelhantes e isso significava que poderíamos provar mais do menu. Afinal, quem não gostaria de experimentar duas sobremesas diferentes?

Bati o garfo nos lábios, pensando profundamente. — Só para reiterar, ninguém sabia que você viria aqui hoje antes das oito horas da manhã?

— Certo, — disse ele.

— Isso é tão bizarro. É como algo saído de um filme.

Ele deu uma mordida no pão de milho e assentiu. Depois de engolir, ele disse: — Esta não é a primeira vez que encontramos coisas atrás das paredes durante reformas. Jornal para isolamento, ferramentas que caíram durante a construção do local, garrafas velhas da Lei Seca, até.

— Uau.

— Ouvi falar de um trabalho: eles encontraram uma arma e algum dinheiro.

— Gostaria que tivéssemos encontrado dinheiro.

— O que você faria se tivéssemos encontrado dez mil?
— ele perguntou.

— Algo frívolo. Como ir a Paris ou comprar saltos Prada. — Eu sorri. — E você?

— Nada. Sua casa, suas paredes, sua coleção de pornografia. O dinheiro é todo seu.

— Digamos que dividiríamos tudo no futuro.

— Nesse caso, adiciona-lo ao fundo para iniciar meu negócio.

— Que sensato e maduro.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim, — disse ele. — Já temos idade suficiente, deveríamos atuar juntos.

— Eu tenho uma casa.

— Não porque você economizou e trabalhou para isso.

— Ai. — Abri meus olhos dolorosamente. — Para que você saiba, venho construindo meu negócio há anos.

— Parece que acertei um ponto nevrálgico.

— Ah, você acha?

Ele inclinou a cabeça e não disse uma palavra.

— Você me faz parecer uma devassa, — eu disse.

— Eu não quis dizer...

— Sim, você quis. E é verdade, gosto de coisas bonitas, mas trabalho muito por elas. Eu invisto em meu negócio com frequência e meu cartão de crédito e meu carro são quitados integralmente.

— Tudo bem, — disse ele.

— Homens como você me atacam. Sabe, vocês se consideram caras legais. Tão descontraídos e tranquilos. Mas então sentam e julgam as pessoas. E na maioria das vezes, essas pessoas são mulheres.

Por um momento ele apenas olha para mim e depois suspira. — Sinto muito.

— Você sente?

— Sim, — ele disse. — Você tem razão. Eu estava fora da linha.

— Estou feliz que veja isso.

— Você e eu temos o péssimo hábito de nos esfregarmos da maneira errada. Sempre.

— Acho que sim.

Ele passou a mão agitada pelos cabelos dourados, afastando-os do rosto. Ele tinha um rosto bonito. Maços do rosto salientes e queixo pronunciado. Pena que ele poderia ser um idiota total. O Ex tinha tendência a ver as coisas em preto e branco também. Como se o mundo estivesse cheio de verdades absolutas. Pessoas de mente pequena me aterrorizavam. Imagine achar que você já sabia tudo o que havia para saber. Que nunca estava errado. Como diabos você aprenderia algo novo?

— Não estou mais me perguntando por que nos divorciamos, pelo menos.

Lars fez aquela coisa de levantar uma sobrancelha novamente. — Não é real, Susie.

— Eu sei, eu só... — Observei uma borboleta voando ao redor da flor lilás plantada nos degraus da frente. — Nós nem temos química.

Ele fez uma pausa. — Eu não diria isso.

— Você não diria?

— Não. — E ele disse isso com muita naturalidade. Minhas sobrancelhas quase beijaram o céu.

— Huh.

— Não que isso importe, — disse ele. — Você namorou meu amigo, então não tem como.

— Ah, o código do mano.

— Isso mesmo.

— Vocês, caras, têm tantos princípios. Eu amo isso em vocês, — eu falei lentamente.

A sugestão de diversão estava de volta em seu olhar. — Susie, em outra vida, se realmente ficássemos juntos, sinceramente acho que teríamos sorte se durássemos cinco minutos.

Não é?

— Provavelmente.

E então ele sorriu. Ele tinha um grande sorriso. Droga. Então talvez houvesse algo ali. Apenas nada que pudesse ser posto em prática. Isso era certo.

— Isso é *loucura*, — disse Cleo mais tarde naquela noite ao telefone. Ela era fotógrafa e uma alma gêmea. Nos conhecíamos há anos através do trabalho.

— Certo?

— Você acha que a casa é mal-assombrada?

— Adoro que você tenha ignorado a lógica e tenha chegado direto a essa conclusão.

Ela riu. — Há uma razão pela qual somos amigas.

— Eu estava pensando que o buraco é uma divisão no contínuo espaço-tempo.

— Isso funcionaria, — disse ela. — Embora isso também exija que você se case e se divorcie dele em algum momento no futuro.

— Não se fosse em uma dimensão paralela.

— OK. Estou comprando. Continue.

— Sabe, tentei dizer a ele que poderia ser sobrenatural e ele não quis ouvir. — Deitei-me na cama, olhando para o teto. Branco liso, felizmente. Ao contrário das paredes e do piso, ele havia escapado de qualquer tendência interior feia de épocas passadas. A certidão estava no colchão ao meu lado. Eu a carreguei o dia todo. Como se essa coisa estranha pudesse desaparecer se eu tirasse os olhos dela. — Embora a casa não seja mal-assombrada, disso eu sei. Quero dizer, ela range de vez em quando. Mas todas as casas antigas fazem isso, certo?

— Hum.

— Não é como se eu tivesse sentido a presença da tia Susan ou algo assim, — eu disse. — Acho que gostaria de ver um fantasma, mas também ficaria com medo de ver um fantasma.

— De acordo.

— Talvez devêssemos fazer uma sessão espírita.

— Conhecendo a nossa sorte, abriríamos acidentalmente um portal para o inferno, — disse ela. — E minha mãe ficaria chocada se estivéssemos mexendo com esse tipo de coisa.

— Certo. Nenhuma sessão espírita.

— É certamente uma descoberta muito estranha.

— Lars está convencido de que alguém está brincando conosco. Que é a conclusão mais provável, — eu disse. — Eu simplesmente não consigo imaginar por quê.

— Você definitivamente não acha que ele colocou lá quando não estava olhando?

— Não, eu não acho. — Eu fiz uma careta. — No início, ele ficou perplexo como eu, mas depois ficou furioso. Como se eu estivesse jogando ou criando problemas. Ele estava pronto para sair até que o convenci. Não que eu realmente o queira aqui. Acabei de superar seu amigo idiota me largando na frente de todos que ele conhecia. Ter Lars por perto não é minha ideia de diversão. Muito complicado. Muitas lembranças. Ele basicamente me chamou de fiscalmente irresponsável e imatura hoje.

— Que cabeça de cocô.

Eu ri.

— E se você quisesse se vingar do seu ex idiota, faria isso de uma maneira madura e sensata.

— Exatamente.

— Como incendiar a casa dele ou algo assim.

— Na verdade, isso parece divertido. Como você está no apartamento sozinha?

— Estou transformando seu antigo quarto em meu escritório, — disse ela.

— Bom trabalho.

— Josh quer morar comigo.

— Oh sim?

— Isso ajudaria com o aluguel, — disse ela. — E eu não me importo com ele.

— Ah. Amor verdadeiro.

Cléo riu. — Talvez. Não sei. É um grande passo e estou gostando de ter o lugar só para mim. Depois do divórcio, não pensei que iria querer um homem no meu espaço novamente. Claro, nunca pensei que iria querer namorar.

— Não há pressa.

— Não. — Ela suspirou. — Acho que agora somos ambas divorciadas.

— Claro. Tipo isso. Embora o meu ainda esteja lá fora, à espreita no futuro, aparentemente.

— É melhor você ter me pedido para ser sua dama de honra.

Um miado melancólico me fez virar a cabeça. — Tem um gato sentado no parapeito da janela do meu quarto olhando para mim.

— Pequeno pervertido, — ela brinca. — Você está vestida?

— Ele é cinza com lindos olhos verdes. Eu me pergunto a quem ele pertence, — eu digo enquanto o animal se recosta e começava a lamber a barriga. — Oh, ele é ela. Obrigada pela vista, amiga.

— Provavelmente pertence a um vizinho, — disse ela. — O que você encontrou nas caixas de hoje?

Cleo me ajudou a desfazer as caixas nos primeiros fins de semana depois que me mudei. Esfregamos, aspiramos e separamos. Com mamãe em Michigan com seu novo marido, papai tendo se mudado para a sede na Flórida e meu irmão em estado de tristeza por ter sido deixado de fora do testamento de tia Susan, Cleo tem sido uma salva-

vidas. Agora que estou sozinha, tenho vasculhado uma caixa do lixo da Susan por dia. Separar o importante do trivial, do intrigante. Abrindo caminho para o futuro limpando o passado. Era assim que tentava ver as coisas. A ideia desta tarefa me aterrorizou durante anos, mas agora que estou profundamente envolvido nisso, tem sido maior do que eu jamais imaginei.

— Aquela que abri tinha cartões de feriados e aniversários dos anos oitenta. Uma pilha de slides de projetor dos anos setenta documentando férias em família. Botas até o joelho de discoteca de couro branco rachado, alguns colares de contas de plástico coloridos e legais e as cinzas de um cachorro chamado Rex.

— Descanse em paz, Rex.

— Amém. Eu gostaria que ela estivesse aqui para me contar as histórias por trás de algumas dessas coisas.

— Hum.

— Pelo menos agora o andar principal da casa está vazio, — eu disse. — Tudo o que ainda precisa ser tratado foi colocado no porão. Embora haja o sótão. Posso apenas fingir que não existe.

— Isso não é uma má ideia. Ainda vamos almoçar na quinta-feira?

— Absolutamente, — eu disse. — Como estão indo as fotos para a floricultura?

— Devem ser concluídas as edições finais amanhã. O cliente ficou feliz, — disse ela. — Sabe, talvez quem deixou

a certidão falsa na parede se apresente. Aponte e ria de você. Esse tipo de coisas.

— Pelo menos então eu saberia o que está acontecendo.

— Uma vez assisti a um drama de tribunal na TV, onde havia um examinador de documentos forenses, — disse ela. — Deram depoimento sobre a falsificação de uma certidão de nascimento. Talvez esse seja o tipo de pessoa que você precisa.

— Talvez. Ou talvez um dos caçadores de fantasmas daqueles programas de TV.

— Mantenha-me atualizada, — disse ela. — Eu amo um bom mistério.

Para minha grande decepção, ninguém se apresentou para assumir a responsabilidade. Embora tenha passado apenas um dia desde que a encontramos. E não apareceram mais documentos enquanto Lars trabalhava ontem. O que provavelmente foi o melhor. Sandra Bullock e Keanu Reeves podem ter sido legais em enviar mensagens através do tempo naquele filme, *The Lake House*, mas achei a experiência menos romântica e mais uma foda mental.

Lars chegou bem cedo no dia seguinte. Ele imediatamente se ocupou em consertar a moldura da janela empenada. O homem disse poucas palavras, mas sempre

que nossos caminhos se cruzavam ele me olhava de soslaio. Super suspeitos. E se ele quisesse voltar a duvidar de mim sobre a certidão de divórcio, então não havia como eu preparar café para ele. Nós nos ignoramos até a hora do almoço.

Qualquer outro empreiteiro / faz-tudo eu poderia ter ignorado e deixado por conta própria. Mas Lars existia numa zona cinzenta. Ele parecia mais como um convidado em minha casa do que como um trabalhador, mas não realmente. Era complicado.

— Estou fazendo o almoço, — eu disse. — Você gostaria de um sanduíche?

— Não.

— Tudo bem, — eu rebati.

Você não mexe com uma mulher quando ela está pré-menstrual e com fome.

Todo mundo sabe disso. Lars, infelizmente, era um idiota. Porque ele me lançou outro daqueles olhares de soslaio duvidosos como o inferno. O bastardo.

— Não acredito que voltamos a isso, — eu disse, com as mãos nos quadris. — Você tem algo que gostaria de dizer?

— Não.

— Você tem certeza disso?

— Sim.

Alisei a frente da minha blusa preta e endireitei a cintura do meu jeans curto. O esmalte preto nos dedos dos pés brilhava, o que fez maravilhas para minha confiança e

ficou ótimo com minhas sandálias rasas de couro com tiras. — Deixe-me adivinhar, você foi para casa ontem à noite e seu pequeno cérebro começou a trabalhar horas extras. *De onde poderia ter vindo a certidão de divórcio? Eu não coloquei lá. Susie era a única pessoa presente. Deve ter sido ela. Queime a bruxa!*

Ele me lançou um olhar seco. — Então?

— Ninguém sabia que eu estaria aqui, — ele rosnou. — É a única coisa que faz sentido.

— Me dê força. Ninguém, inclusive eu, sabia que você estaria aqui. E isso te leva a acreditar que devo ter plantado. Onde está a lógica nisso?

— É como dizem naquele programa de TV. Se você descartar o impossível, então o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade.

— Se você realmente acredita nisso, então arrume suas coisas e vá embora, — eu disse. — Peça ao seu escritório para me cobrar pelo trabalho que foi feito. Terminamos por aqui.

Ele congelou. — Você está falando sério?

— Pode apostar que sim. Não preciso dessa tensão em minha vida. Na *minha* casa enquanto tento trabalhar. Se você honestamente acredita que estou tramando alguma coisa, que estou tentando mexer com você, então vá.

Hoje ele usava uma camiseta desbotada do Pearl Jam, que era uma espécie de uniforme nesta cidade. E ele usava bem. — É como você disse ontem. Outro construtor pode te enganar. Não fazer o trabalho direito.

— Porque você se importa?

Por um longo momento, ele apenas olhou para mim. Então ele suspirou. — Eu sempre gostei de você.

Eu não sabia o que dizer.

— Não assim. — Ele abaixou a cabeça. — Eu só... Essa merda é ridícula. Isso não faz sentido.

— Concordo. Mas que tal, em vez de nos voltarmos um contra o outro, fazemos algo construtivo?

— Como?

Cruzei o braço e me encostei no batente da porta. — Uma amiga me deu uma ideia sobre a melhor forma de verificar se o documento é real.

— Não é.

Dei de ombros. — Ok. Então enviamos para o perito de documentos forenses e descartamos a possibilidade.

— Mas não é real. Não há sentido.

— Você tem alguma ideia melhor?

— Não, — ele admitiu, eventualmente.

— Já liguei para eles e fiz um orçamento. Vou fazer isso.

— Tudo bem então. — Sua expressão falava claramente do sofrimento que ele suportou nas mãos das mulheres. — O que você quiser, Susie.

— Boa resposta, Lars. — Eu dei a ele dois polegares para cima. — No futuro, por que você simplesmente não começa com isso?

Em resposta, ele estralou o pescoço. — Eu menti. Eu gostaria de um sanduíche.

— Claro que você gostaria.

— Quais são seus planos para cá?

Sentamos nas duas velhas cadeiras Adirondack sob o bordo japonês para almoçar. A área consistia em um pedaço de grama e uma coleção de vasos de cerâmica coloridos cheios de ervas diversas, um tomateiro, cebolinha, feijão e alface. Eu não tinha conseguido matá-los ainda. Dedos cruzados.

— Eu adoraria uma pequena churrasqueira, — eu disse. — Fazer com que seja um espaço agradável para sair à noite.

Ele assentiu. — E o exterior?

— Definitivamente precisa de uma nova camada de tinta. Estava pensando em algum tom de azul. Dessa forma, se eu decidir vender, terá amplo apelo.

Outro aceno de cabeça.

— Não olhe agora, mas estamos sendo vigiados. — Acenei com a cabeça para o lado da casa onde o gato cinza estava sentado nos observando.

Lars sorriu e deu uma mordida em seu sanduíche. Rosbife, mostarda, queijo, tomate e alface. A comida caseira era a melhor. Então ele arrancou um pedaço de carne e jogou para o felino. Nunca vi um animal se mover tão rápido. Ou parecer tão feliz.

O mensageiro do perito em documentos forenses já havia recolhido o documento. Mas levaria duas semanas até que seu relatório sobre a certidão de divórcio estivesse pronto. Uma chatice, já que paciência nunca foi minha praia.

— Qual é o plano para remover o papel de parede e o carpete? — Perguntei. — Mateo e Connor estarão no local amanhã para ajudar nesses trabalhos. Esta tarde vou medir algumas das paredes que precisam ser substituídas. Talvez dar uma olhada naquele degrau da frente que está um pouco solto.

— Você é um homem útil. — Um grunhido.

— Então, o que você fez da sua vida nos últimos seis meses?

— O que eu fiz? — Ele levantou uma sobrancelha. — Deixe-me pensar... trabalhei nesta casa flutuante legal que um amigo comprou. Foi divertido.

— Legal.

— E tenho feito algumas caminhadas.

— Que atlético da sua parte.

— Fui em um tour pela vinícola no outro fim de semana. Ok.

— Isso parece um encontro, — eu disse. — Com quem você foi?

— Só uma amiga.

— E você é um cara tão amigável.

Ele agarrou sua nuca. — Esqueci o quanto você gosta de me encher o saco.

— Oh, agora, não se sinta especial. Eu faço isso com todo mundo.

— Não sei. Parece que você sempre foi muito gentil com...

— Não *diga* o nome dele.

Por um momento, ele não disse nada. — E você? O que você tem feito?

— Minha tia faleceu logo depois da última vez que te vi. Isso foi difícil.

— Sinto muito, — disse ele em voz baixa.

Eu balancei a cabeça. Havia muitas coisas que você poderia dizer sobre a perda de um ente querido. Mas não havia uma única palavra que os trouxesse de volta. — O trabalho tem sido bom. Ocupado. Este lugar tem ocupado a maior parte do meu tempo.

— Deve ser estranho lidar com todos os detritos da vida de outra pessoa.

— É, — eu concordei. — Há muita história aqui. Sou a terceira geração da nossa família a morar nesta casa. Ninguém além de mim está realmente interessado em nada disso. Acho que isso torna mais fácil, em alguns aspectos, decidir o que fazer com tudo. O que manter e o que realojar. Mas é triste também, sabe?

Ele apenas me observou.

— Você é próximo da sua família?

Um lado de sua boca virou para cima. — Sim. Eu sou o mais velho de três. Minha irmã é casada e tem dois filhos em San Diego. Eu divido um apartamento com meu irmão.

— Você mora com seu irmão? Eu não sabia disso. Você está gostando?

— Eu gosto. — Ele olhou ao redor do pequeno quintal. — Temos algumas propriedades de investimento juntos. Tudo faz parte de um plano de negócios em que estamos trabalhando há algum tempo. Eventualmente ficaremos cansados de viver ao redor um do outro. Mas por enquanto está tudo bem.

— Isso é ótimo. Estou feliz.

— Eu também. — Algo começou a zumbir e ele pegou o telefone. A expressão que cruzou seu rosto... eu não consegui ler.

— Com licença.

— Claro.

Então ele se levantou e saiu da cadeira, indo embora. — E aí cara. Como está Londres? Que horas são aí?

Olhei para ele enquanto vagava pela lateral da casa, fora do alcance de audição. Não que eu quisesse ouvir uma maldita palavra. Que vergonha minha por relaxar por um momento e esquecer. Lars e o meu ex eram próximos desde que ele se mudou para a casa ao lado, aos oito anos de idade. De jeito nenhum eu poderia confiar em alguém que tinha um gosto tão terrível para melhores amigos. Era uma falha fundamental em seu caráter. Não havia como superar isso. Portanto, não havia nenhuma chance de eu me casar ou me divorciar dele. Acho que Lars estava certo sobre examinar o documento, afinal.

Um total desperdício de tempo e dinheiro.
Fim da história.

-

Três

Eu estava sentada na varanda tomando uma xícara de café quando duas picapes chegaram no dia seguinte. A gata estava agachada do outro lado da varanda com a tigela de leite que eu havia deixado para ela. Parecia rude não lhe oferecer algo para beber também. Discutimos um pouco sobre o tempo, mas ela não tinha muito a dizer. Ela abanava o rabo principalmente, observava os carros passarem e ficava de olho nos pássaros. Apesar de ser cedo, eu já tinha penteado o cabelo em ondas soltas, feito a maquiagem e vestido um short de linho preto e uma blusa de tricô preta com decote quadrado e mangas curtas. Por que outro motivo Deus me deu peitos senão para usá-los?

— Susie, — disse Lars. — Você está bonita.

— Obrigada.

— Muito legal, — entusiasmou-se um jovem branco com cabelos espetados e covinhas. Lars franziu a testa para ele.

— Que maneira de ser profissional, Connor.

— O que?

— Estes são Mateo e Connor. — Lars apresentou os dois recém-chegados. — Como eu disse, eles vão me ajudar hoje.

— Olá, — eu disse com um sorriso.

Mateo era um homem bonito, na casa dos quarenta, com cabelos escuros e pele morena.

Ele me deu um breve aceno de cabeça antes de começar a descarregar o caminhão. Era isso; Eu finalmente me livraria do horrível papel de parede dourado e do carpete marrom felpudo. Aleluia.

— Movi o máximo de coisas que pude para o porão.
— Peguei a tigela de leite abandonada. A gata fugiu assim que ouviu novas vozes.

— Ótimo, — disse Lars. — Nós cuidaremos do resto. Você vai sair?

— Tenho uma reunião com um cliente e depois almoçarei com uma amiga. — Meu sorriso era o equilíbrio perfeito entre amizade e limites. Eu sabia disso porque havia praticado no espelho na noite anterior. — Achei que seria melhor se eu saísse do seu caminho.

Connor passou por mim e entrou na casa. O fato de ele ter conseguido olhar maliciosamente para minhas pernas enquanto equilibrava uma variedade de ferramentas silenciou para sempre o debate sobre a capacidade dos homens de realizar multitarefas. Deus abençoe o pequeno canalha.

— Mantenha os olhos para si mesmo, — vociferou Lars.

Mateo balançou a cabeça e murmurou algo em espanhol.

— Desculpe por Connor, — disse Lars. — Ele é filho do dono.

Eu apenas balancei a cabeça. — É melhor pegar minha bolsa e sair. Estarei de volta antes que você termine o

dia. Se precisar de mim para alguma coisa, você tem meu número. —

Lars inclinou o queixo.

Não conversamos muito depois que ele recebeu a ligação do ex ontem. O que foi bom. Eu precisava me lembrar de manter distância. O ex não foi meu primeiro erro. Mas eu estava determinada que ele fosse o meu último. E Lars estava contaminado por essa associação. Seria melhor para todos se mantivéssemos as coisas num nível profissional.

A casa de tia Susan ficava no coração de Ballard, um bairro promissor de Seattle, com muitos bares, restaurantes e lojinhas descoladas. Havia um belo parque próximo e muitas árvores. Eu gostava de passear e trabalhar em cafés era uma mudança divertida de cenário.

Encontrei-me com meu cliente e depois me juntei a Cleo em um lugar perto da água. Ela usava uma roupa jeans branca que complementava sua pele escura. Se eu usasse essa cor, teria derramado algo em mim mesma nos primeiros cinco minutos.

Com certeza. Mas Cleo era muito mais graciosa do que eu. Comemos ostras fritas com salada de ervilha e bolo de semolina de sobremesa. Boa comida e companhia ajudaram muito a compensar o fato de que meu útero não escolheu a violência esta manhã, mas também se comprometeu de

todo o coração com a causa. Dois Advil também não doeram. Assim que estabelecemos que não houve nenhuma atualização sobre a certidão de divórcio misteriosa, a conversa continuou e não pensei em Lars nenhuma vez. Duas vezes, talvez. Mas definitivamente não uma vez.

A confusão era minha emoção predominante quando se tratava de Lars. Ele me irritava, mas também me fazia rir. O que mais me deixava perplexo, porém, era como alguém que parecia um ser humano semidecente na maior parte do tempo poderia ser o melhor amigo de alguém como o ex. Um homem para quem o termo *idiota furioso* foi criado. O que levantava a questão de por que namorei com ele?

Lars e o ex tinham muito ímpeto para avançar. Lars com seus planos de começar seu próprio negócio, e o ex ocupado em subir na hierarquia corporativa. Era tudo para conseguir aquele apartamento chique no centro da cidade. Eu simplesmente nunca achei que ele quisesse me atualizar também. Acho que a garota divertida poderia facilmente se transformar em uma distração. Especialmente quando você estava de olho no prêmio.

Quando cheguei em casa, Lars estava sentado nos degraus da frente, esperando. Muito cansado, empoeirado e suado, mas estava sorrindo. Impossível não sorrir de volta para ele.

— Ei.

— Você terminou? — Eu perguntei, confusa. — Você deveria ter me ligado. Eu teria voltado para casa mais cedo.

— Os outros caras acabaram de sair. Você está no horário. — Ele se levantou. — Deixe-me pegar isso.

Entreguei minhas sacolas de compras.

— Obrigada.

— Acho que você vai gostar do que fizemos.

Eu o segui para dentro de casa. Uau. As paredes brancas da sala estavam um pouco desgastadas e marcadas, mas não estavam mais cobertas por um papel de parede feio com manchas douradas. Tábuas de madeira cor de mel cobriam o piso em vez daquele insulto de carpete.

— É uma sensação totalmente diferente, — eu disse, colocando minha bolsa no chão e girando lentamente. — Como se houvesse espaço para respirar.

— Achamos que demoraria alguns dias, mas outro trabalho foi adiado e tivemos ajuda extra. — Ele colocou as sacolas de compras na mesa da sala de jantar. — Você está feliz?

— Eu estou feliz.

Sem todas as cores escuras e padrões infelizes, o lugar parecia mais aberto. Eu não guardei muitos dos móveis originais. Apenas a mesa de jantar redonda de mogno e as cadeiras de meados do século que foram um presente de casamento para meus avós. O velho sofá floral estava à beira do colapso e as camas atingiram o pico em algum momento do século passado.

Cleo era dona da maior parte dos móveis do apartamento que dividíamos em West Seattle.

A única coisa que eu tinha era uma cama king-size. Porque poder dormir de braços abertos era importante. Desde que me mudei para cá, eu sentava no chão da sala e guardava minhas roupas em uma mala ou no armário embutido, que era todo espaço para pendurar. E com a última caixa de Susan transferida para o porão, a casa estava quase vazia. Uma mudança chocante em relação a apenas um mês atrás.

— O que está errado? — ele perguntou.

Com certeza, o sorriso desapareceu do meu rosto. Enfiei a cabeça no quarto da frente. Tudo parecia maior: o quarto, as janelas. Enquanto era isso que eu queria, era uma jornada estranha de empreender.

— Não parece mais a casa da tia Susan.

— Isso é porque a casa não é dela, é sua, — disse ele. — E isso não é ser desrespeitoso, é apenas declarar um fato.

— Sim.

Ele cruzou os braços e encostou-se na ampla entrada curva da sala de jantar. Em silêncio, ele me observou vagar como se estivesse perdida.

— Ainda tenho muitas fotos e lembranças.

Ele assentiu.

— Sabe, até ela odiava aquele papel de parede e carpete, — eu disse. — Ela simplesmente... não gostava de mudanças. Era como se fosse uma ideia grande demais

para ela entender. Havia muitas coisas que poderiam dar errado. Então ela continuou adicionando coisas.

— O sótão e o porão estão cheios de coisas dela. O banheiro e a cozinha ainda são bastante originais. Você não mudou tudo.

A dor era uma merda. Justamente quando você pensava que tinha controle sobre isso, a súbita falta daquela pessoa em sua vida lhe dava um tapa na cabeça novamente.

— Eu preciso de uma cerveja. Você quer uma?

— Por favor.

— O que vem depois?

— Preparar as paredes para que estejam prontas para pintar e repintar o piso.

Das sacolas de supermercado, peguei duas latas de Dawn Patrol Pale Ale e passei uma para ele. Minha paz interior voltou com meu segundo gole. Tudo estava bem. Não havia necessidade de ninguém pirar.

A mudança era boa e natural, etc.

E eu continuaria dizendo isso a mim mesma até acreditar.

Foi mais ou menos quando meu telefone tocou. Corri até minha bolsa, colocando minha cerveja no chão.

— É o perito em documentos forenses, — eu disse, colocando a chamada no viva-voz. — Olá?

— Aqui é Nisha Singh. Sobre a certidão que você me enviou...

— Sim?

— Dei uma olhada rápida quando chegou ontem e é... muito incomum, — disse ela. Que definitivamente ganhou o eufemismo do ano. — No início, pensei que fosse uma piada.

Lars e eu trocamos olhares.

— Sei exatamente o que você quer dizer.

— Tenho outros trabalhos na frente, mas não resisti em dar uma olhada mais atenta, — ela continuou. — Quem criou o documento parece ter feito um bom trabalho ao simular os efeitos da idade no papel. Fiquei curiosa para saber como fizeram isso. Então coloquei-o no microscópio, tentei observá-lo com diferentes fontes de luz e fiz alguns outros testes.

— É falso, não é?

A mulher respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Após um exame minucioso, decidi que não posso escrever um relatório sobre o documento. Não vou cobrar pelo meu tempo.

— Espere, — eu disse. — Por quê?

— Embora não possa refutar a autenticidade do documento, também não posso confirmá-la, dados os detalhes que contém.

Minha boca ficou aberta. — Você está dizendo que é real.

— Estou dizendo que não posso ajudá-la, Srta. Bowen, — disse ela. — Estou neste negócio há quase trinta anos e a minha reputação é importante para mim. Sua propriedade

será devolvida a você por mensageiro amanhã de manhã. Adeus.

E a ligação terminou.

Minha bunda bateu no chão com um baque. O que doeu. Quanto a Lars, que ouviu a conversa, ele simplesmente ficou olhando para o nada. Meia lata de cerveja depois, eu ainda não sabia o que dizer. Isso era além do inesperado. Embora minha imaginação pudesse ter ficado um tanto encantada com a ideia de receber cartas do futuro, isso era algo completamente diferente.

— Encontraremos outro especialista, — disse Lars finalmente.

— Tudo bem.

— Porque ela está claramente drogada ou algo assim.

— Sério? — Perguntei. — Ela parecia muito sóbria para mim.

— Então ela está mentindo.

— Por que ela faria isso?

— Não sei. — Sua risada tinha um tom definido. — Tudo o que sei é que não pode ser real. Isso é impossível.

— “Às vezes eu acreditei em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã”.

Sua testa franziu. — O que?

— É uma citação de *Alice no País das Maravilhas*, — eu disse, ficando de pé. — Você sabia que Lewis Carroll

escreveu livros sobre lógica matemática?

Ainda mais sulcos apareceram. Ele ficaria sem espaço na testa em breve.

— Deixa para lá. A cerveja não é forte o suficiente para esta ocasião.

Logo atrás de mim, o homem continuou: — Seja realista, não há como isso ser real. Caso contrário, de que outra forma você explicaria isso?

— Não posso.

Uma garrafa de tequila prata, um saco de limão, um pouco de sal e dois copos depois, as coisas pareciam muito mais sob controle. Ou ficando fora de controle.

Às vezes era difícil distinguir os dois.

Servi as bebidas e passei uma para Lars.

— Vamos tomar shots? — ele perguntou, parecendo menos que impressionado.

— Sim. — Levantei meu copo. — A nós.

— Isso não é engraçado.

Oh sim. Os sabores cítricos, salgados e a dose de álcool tornavam tudo melhor. Encostei-me no armário da cozinha com um suspiro de alívio. Então me lembrei dos mantimentos ainda na mesa de jantar. Sorvetes e jantares congelados não iam bem no calor.

— Porra, porra, porra, — eu disse, como forma de puxar conversa.

Lars observou em silêncio enquanto eu começava a desfazer as sacolas e guardar as coisas.

Depois servi mais duas doses de tequila.

— Ainda não estou acostumado a ouvi-la xingar.

— Seu amigo não gostava. Ele sempre ficava com essa pequena linha entre as sobrancelhas. Mas não quero falar sobre ele. — Suspirei. — Talvez nunca sejamos capazes de explicar isso.

— E você está bem com isso?

Dei de ombros e coloquei o pão no balcão.

Ele pegou a faca para fatiar mais limão. O que havia em suas mãos que me fascinava tanto? Aqueles dedos grossos e calejados e os músculos de seu braço se movendo enquanto ele se mexia.

— Eu não aceito isso. Tem que haver uma explicação. Algo que faça sentido.

— Talvez devêssemos falar com um médium, — eu disse.

— Peço que dê sentido as coisas e essa é a sua resposta.

Eu ri. Principalmente não histericamente. Viva eu.

— Cale a boca por um minuto e beba a tequila, — disse ele. — Por favor.

Eu fiz o que foi dito. Mais álcool era definitivamente a resposta para esse enigma.

O grande macho taciturno levou sua cerveja até a mesa da sala de jantar e sentou-se. Ele desabou com todo o coração.

— Seu gato está de volta.

— Hum?

Ele acenou com a cabeça para o vira-lata sentado na porta aberta da frente.

Peguei uma tigela e o leite. Em seguida, adicionei alguns pequenos pedaços de sobras de rosbife em outro prato. Um belo jantar. Embora observasse com intensidade enquanto eu me aproximava, ela não fugiu. Ela miou enquanto eu colocava a louça no chão.

— De nada.

Lars passou o polegar para frente e para trás sobre a mesa de madeira lisa.

— Gosto de consertar as coisas.

— Isso faz sentido. É o seu trabalho.

— Então eu não gosto que esta situação seja tão...

— Sim, — eu concordei quando ele não continuou. Este era um mundo inteiro de difícil manejo.

— Eu não acredito em alienígenas, fantasmas, fadas ou qualquer uma dessas merdas.

— Justo. Não é como se houvesse alguma evidência conclusiva de que eles existem.

— Exatamente, — disse ele. — E eu não trairia um amigo. É assim que sei que não é real.

— O que você está dizendo faz sentido.

— Se você acredita em tudo isso, então por que diabos sugeriu um médium? — Ele acenou com a mão de forma ofendida.

Homens. Criaturas tão delicadas. Tão emocionais.

— Estamos de volta a isso de novo? — Perguntei. — Sabe, posso apoiar suas crenças sem aderir a elas. Você

tem sua maneira de pensar sobre as coisas e eu tenho a minha. Acho que estou bem em não ter todas as respostas. Com a busca de pontos de vista alternativos.

Ele balançou sua cabeça.

— Como você faz isso, franze a testa e sorri ao mesmo tempo?

— Huh?

— Sua boca está mal-humorada, mas seus olhos estão divertidos. — Ele apenas bufou.

Terminei de desempacotar as compras. — Tia Susan sempre disse que a vida era uma aventura.

Outro grunhido dele. Ele realmente era mais animal do que homem às vezes.

— O que quero dizer é que você ainda está no controle de si mesmo, Lars. Você pode sair agora mesmo e nunca mais me ver. Nunca falar comigo. Não ter absolutamente nada a ver comigo pelo resto da sua vida, — eu disse. — E o universo ou o destino ou o que quer que seja não será capaz de detê-lo. Essa certidão de divórcio, falsa ou não, não decide o seu futuro. Só você pode fazer isso.

— Achei que o objetivo do destino era que ele estava predeterminado.

— Eh. Eu não acredito nisso.

Ele levantou uma sobrancelha. — Não?

— Não há destino senão o que fazemos.

— Você está citando *o Exterminador do Futuro*?

— Nunca afirmei ser profunda, apenas ter um gosto fantástico. — Abri a geladeira e olhei maravilhada para as

prateleiras excepcionalmente bem abastecidas. Eram as pequenas coisas da vida que me faziam feliz. Coloquei uma música e comecei a balançar. — Precisamos de lanches.

Lars assistiu, divertido. — Posso ajudar?

— Sente-se aí e fique bonito. Você já trabalhou duro hoje.

Quer outra cerveja?

— Obrigado.

Passei-lhe uma lata e tive pensamentos mais profundos sobre comida. Como você faz depois de alguns drinks. Da geladeira e da despensa saíram presunto, queijo, biscoitos, aqueles tomatinhos fofos, uvas verdes e homus. Tudo isso foi então artisticamente organizado em um prato de vidro bem antigo. Uma excelente tábua de charcutaria. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma. E que melhor acompanhamento do que mais tequila?

Depois que tudo estava sobre a mesa, passei a ele seu copo e limão.

— Vamos fazer uma festa com isso, hein? — ele perguntou.

— Não é todo dia que você descobre que provavelmente é realmente divorciado.

— Meus pais ficariam muito desapontados, — disse ele, antes de engolir a bebida. — Eles estão casados e felizes desde o início dos tempos.

— Uau. Como é isso?

Ele encolheu os ombros. — É apenas lar.

— Legal, — eu disse. — Acho interessante que eu tenha sido o peticionário. Mas isso não explica necessariamente nada. Talvez eu tenha desistido. Talvez você já tivesse partido há muito tempo. Quem sabe?

Ele grunhiu.

— A questão é que somos opostos.

— Isso não deveria atrair?

Franzi o nariz. — Não tenho certeza se acredito inteiramente nisso. Quero dizer, por exemplo, o que você queria ser quando crescesse?

— Rico. — E isso foi tudo que ele disse.

— Ai está.

— Por quê? — ele perguntou. — O que você queria ser?

— Uma princesa em um conto de fadas com final feliz. Mas como alguém com muito estilo. Nada de vestidos pastéis.

Ele apenas piscou.

— Do jeito que eu imagino, você me deixou por outra mulher. — Suas sobrancelhas se juntaram.

— Você está me chamando de trapaceiro?

— Tudo bem. Tudo bem, isso não. Que tal se fôssemos fundamentalmente incompatíveis?

— De que maneira?

— Não acabamos de discutir isso? — Perguntei.

— Ainda não estou convencido.

— Hum. Nós brigamos por dinheiro.

— Isso é sobre eu ter te falado merda outro dia, não é?
— ele perguntou. — Sobre gastar todo o dinheiro que

encontramos em sapatos elegantes. Eu já me desculpei por isso. Aprendo com meus erros. Isso não acontecerá novamente.

— E se neste futuro hipotético chegássemos a um acordo sobre a contribuição de cada um para as despesas domésticas e o que fizéssemos com o resto seria problema nosso?

— Parece bom, — disse ele.

— OK. Que tal... diferenças religiosas?

— Mamãe costumava me arrastar para a escola dominical, mas isso foi há muito tempo. — Cortei um pedaço de queijo e coloquei em uma bolacha.

— Sou meio ateia. Provavelmente. Ainda não me decidi.

— Então, a menos que você decida fugir de repente e se juntar a uma seita, não estou realmente vendo as diferenças religiosas como um grande problema.

— Não, — concordei. — E as crianças?

— Tipo, eu os quero? — Ele pensou por um momento antes de concordar. — Sim. Você?

— Um ou dois estariam bom.

Ele deu uma batida contra a mesa com os dedos. — Este casal que conheço está sempre discutindo sobre família. Onde eles vão passar as férias. Todo ano é um grande drama. Ela não se entende com a mãe dele e ele não gosta do pai dela e depois tem o tio bêbado que deu umas apalpadas no Dia de Ação de Graças.

— Eca. Isso seria horrível. Mas seus pais parecem legais. Vamos lá.

Ele me deu um sorriso divertido. Havia até um brilho embriagado em seus olhos.

Deus sabe, eu estava agitada. Mas a tequila definitivamente soltou a língua de Lars.

— O meu é péssimo, — eu disse. — Basta acreditar na minha palavra.

— Tudo bem.

— O que mais poderia ser?

Ele apontou um dedo para mim. O homem rude. — Quando saímos você está sempre flertando com o garçom ou barman. É desrespeitoso e me deixa maluco.

— Isso é estranhamente específico.

Ele deixou a cabeça cair para trás para poder olhar para o teto. — Jane costumava fazer isso.

— Sério?

— Sim, — ele resmungou. — Foi por isso que terminamos.

— Isso é triste. Com certeza observarei o limite entre amigável e sedutor, para que você não se sinta rejeitado e/ou desconfortável.

Ele bebeu mais um pouco de cerveja. — Obrigado.

No capacho, a gata havia terminado a refeição e estava ocupada tomando banho.

— Você passa muito tempo no telefone, — disse ele.

— Uma grande parte disso é meu trabalho, então temo que você tenha que aguentar. No entanto, farei o meu

melhor para minimizar o tempo de tela sempre que possível. Embora eu também o use para ler livros. Você realmente vai ter que engolir isso.

— Justo. — Ele me deu um breve sorriso.

— O que mais? Ah, eu tenho um. — Mergulhei um pedaço de tomate no homus. — Tarefas domésticas. Você nunca faz a sua parte. Você sempre se esquece de levar o lixo para fora.

— Estou encarregado do lixo? OK. Vou colocar um alarme para não esquecer, — disse. — O que você está fazendo quando estou levando o lixo para fora e tudo mais?

— Ah. Carregando e descarregando a máquina de lavar louça. Não consigo lidar com o estilo caótico que algumas pessoas têm, apenas enfiando as coisas em qualquer lugar. Não é bom. Existe um sistema e deve ser observado.

— Justo. Eu levo a roupa. Então você não terá que descer ao porão assustador ou à sala do crime ou como quer que você chame isso.

— Isso é muita consideração da sua parte. Mas você vai separar as cores?

— Se for importante para você, então sim.

— E você gostaria de morar aqui.

Ele pegou algumas uvas. — A casa é sua, então isso depende de você. E quanto a cozinhar?

— Eu gosto de cozinhar.

— Isso é ótimo porque eu gosto de comer. Por que não faço as compras e a manutenção do quintal e do carro?

— ele perguntou. — Dessa forma, os mecânicos não vão mais engana-la.

— Eu também gosto de fazer compras.

— Então dividimos as compras de supermercado. Faremos juntos ou algo assim.

— OK. Bem, isso é surpreendente, — eu disse, assim que terminei de engolir. — Eu sinceramente, achei que não seria tão difícil identificar a origem do boom do nosso relacionamento. Mas aqui estamos, um casal fictício em funcionamento.

— Você terminou isso? — ele perguntou, apontando para minha lata de cerveja. — Você quer outra?

— Obrigada.

— Claro, você sabe que ainda é tudo besteira.

— Eu sei. — Eu ri. — Mas você tem que admitir que nossas habilidades de comunicação agora são excelentes. Ser pragmático e resolver problemas nos aspectos cotidianos de um relacionamento aparentemente funciona. Quem poderia ter adivinhado?

— Fácil quando não há sexo ou emoções.

— Verdade. — Aceitei a lata e tomei um gole. — Obrigada. Mas tomei a decisão há muito tempo de nunca me casar. E é assim que sei, a nível intelectual, que a certidão de divórcio nunca se concretizará. Embora continue a ser um mistério intrigante.

— Você *nunca* vai se casar?

— Isso mesmo. Não sou contra relacionamentos, obviamente. Mas fazer votos é um grande não para mim.

— Sempre imaginei que estaria pronto por volta dos quarenta anos, daqui a cinco anos, — disse ele. — Dar a mim e ao meu irmão uma chance de estabelecer o negócio.

— Se você estiver com a pessoa certa, é claro.

— Claro.

— E se você conhecer alguém antes?

— É uma questão de prioridades.

— Ai. Espero que quem quer que você escolha para ser sua parceira de vida seja compreensiva. — Eu enruguei meu nariz. — Ainda continuo com o nunca.

Lars não disse nada, apenas coçou a barba por fazer no queixo. Ele tinha arestas. Um ar de desleixo. Enquanto o ex era o mais elegante possível. Ele usava seu rosto bonito como uma máscara para esconder seu interior narcisista. Demorei tanto para ver. Não há nada como se decepcionar. Claro, o ex nunca se importou que eu não desejasse me casar. Isso combinava perfeitamente com ele, já que ele nunca esteve aberto a ter algo sério comigo em primeiro lugar. Mais uma vez, fui a garota com quem eles brincaram e depois foram deixadas de lado. Alguns homens eram os piores. E agora eu tinha uma estranha certidão de divórcio confirmando que eu estava certa em desconfiar do amor e do casamento o tempo todo.

Que jogada.

— Tinha que ser sexo, — disse Lars, do nada.

— Sexo? — Algo nessa palavra saindo de sua boca paralisou meu cérebro. Provavelmente apenas o álcool. — Espere. O que?

— Nós terminamos por causa do sexo. É a única coisa que resta em que consigo pensar.

— Certo, — eu falei lentamente. Fazia sentido. — Quero dizer, provavelmente foi bom no começo. Geralmente é na maioria dos relacionamentos. É divertido, novo e emocionante. Mas então com o tempo...

Por um momento ele olhou para mim e depois disse: — Acho que nunca saberemos.

-

Quatro

— Foi aqui que você encontrou? — Eu balancei a cabeça.

A senhorita Lillian respirou fundo e colocou a palma da mão na parede de gesso. Sua extensa coleção de pulseiras de prata tilintava a cada movimento.

— Ei. O que está acontecendo? — perguntou Lars, aparecendo na porta do segundo quarto. Seu olhar era muito cauteloso.

Ao contrário de mim, ele não precisou de um tubo de corretivo para cobrir as olheiras esta manhã. Embora seus olhos estivessem tingidos de vermelho. Ele chamou um carro para levá-lo para casa algum tempo depois da nossa sexta ou sétima dose de tequila. Nossa conversa se deteriorou para a troca de anedotas embaraçosas de nossos tempos de faculdade. O fato de ele ter omitido qualquer menção ao ex foi apreciado.

Mateo chegou na hora habitual, mas Lars parou primeiro em outro local de trabalho.

Daí a sua chegada tardia.

— Senhorita Lillian, este é Lars, — eu disse.

— Ele tem um rosto gentil. — A senhora mais velha olhou em seus olhos. — Olá, Lars. Prazer em conhecê-lo.

— Senhora.

— A senhorita Lillian era amiga da minha tia, — expliquei. — Quando contei a ela sobre a situação, ela

insistiu em vir imediatamente. Não foi gentil da parte dela?

— Muito.

— Ela é vidente.

Os olhos de Lars se arregalaram ligeiramente.

— Prefiro uma conselheira clarividente e intuitiva, — disse Srta. Lillian.

Eu sorri. — Claro.

— É ótimo que você pode passar por aqui. — Ele estava mentindo. E nem era bom nisso.

— Definitivamente há uma forte conexão entre vocês dois. Muita energia sexual. — O olhar da senhorita Lillian se estreitou enquanto ela examinava o ar ao nosso redor. — Não me surpreende que haja um envolvimento romântico em seu futuro.

— Não vamos ficar juntos, — disse Lars, com voz inflexível. — Isso não vai acontecer.

— Eu concordo com isso, — eu confirmei.

A senhorita Lillian deu um sorriso conhecedor. — Qualquer coisa que você diga.

— Pensei que talvez a senhorita Lillian pudesse nos dizer se há alguma outra parede que precisamos olhar.

— Você realmente acha que vamos encontrar outra coisa? — perguntou Lars.

— Quem sabe?

Com a cabeça inclinada, a senhorita Lillian aproximou-se do grandalhão. — Você tem um chacra cardíaco bloqueado, querido. Você pode querer tentar trabalhar

nisso. Torna difícil para você reconhecer pessoas confiáveis quando elas entram em sua vida.

Lars piscou.

— Agora, então, — ela disse, roçando as pontas dos dedos contra a parede. Muito lentamente, ela caminhou ao redor do quarto. Depois, o banheiro, o quarto principal, a sala de estar, a sala de jantar e a cozinha. Por fim, ela parou e assentiu para si mesma. — Não há outras mensagens aqui para vocês dois.

— Você está dizendo que há coisas, elas simplesmente não são para nós? — Eu perguntei, extremamente curiosa.

— Somos apenas guardiões, querida. Espíritos de passagem. Esta casa nem sempre pertencerá a você, — disse ela. — Um dia, você vai passá-la para quem é mais próximo e querido. Assim como Susan passou para você. A propósito, adorei o que você fez com o piso.

— Ah, obrigada. Isso é tudo Lars e seus ajudantes.

— Falando nisso, seja extremamente cuidadoso hoje. Tenho um pressentimento, — ela avisou Lars.

— Certo, — disse Lars, franzindo a testa. Mensagens do além não eram realmente sua praia. — É melhor eu começar a trabalhar.

A senhorita Lillian acenou com os dedos para ele.

Depois que ele saiu, perguntei: — Esta casa é mal-assombrada?

— Você já experimentou alguma coisa que a faria pensar isso?

— Não, — eu disse.

Ela olhou ao redor da cozinha com interesse. — Grandes mudanças como esta certamente podem agitar as coisas. Espíritos inquietos e ecos do passado. Mas não tenho a sensação de que alguma coisa aqui signifique algum dano a você.

— Isso não é um não.

— Também não é um sim, querida.

— O que você sugere que façamos em relação à certidão de divórcio? — Perguntei. — Estaremos condenados se, por acaso, nos envolvermos?

Seu sorriso era gentil. — O futuro é uma coisa fluida, Susie. Pouco é definitivo. Nascemos e portanto um dia morreremos. Isso é inevitável. Quanto a tudo o que está no meio...

— Mas e o destino?

— O que tem? — Ela me deu um tapinha na mão. — Apenas faça o seu melhor, querida. Isso é tudo que qualquer um de nós pode fazer. Mas direi que você vai precisar de muita paciência.

De repente, ouvimos Lars gritando um palavrão na sala.

— O que? — Eu gritei de volta.

Mais palavrões, seguidos por um relutante — Bati no meu polegar com o martelo.

— Você está bem?

— Sim, — ele resmungou.

A senhorita Lillian apenas balançou a cabeça.

Não foi engraçado e eu não deveria ter rido.

— Não é como se a senhorita Lillian não tivesse te avisado.

Lars estava sentado nos degraus da frente com uma garrafa de água. — Já mencionei que você fala demais?

— Não. Você disse que sou excessivamente e um tanto desnecessariamente honesta.

— Essa é a maneira educada de dizer que você fala demais.

— Talvez você ouça muito pouco, — eu disse. — Você já pensou nisso? — Silêncio. O que significava que ganhei.

Como a casa cheirava a primer e gesso, era mais agradável aqui fora.

Eu estava sentada em uma das cadeiras da varanda e trabalhando no meu laptop por horas. Mateo já havia partido. A gata saiu de trás do arbusto de lavanda e olhou para Lars. Então ela subiu os degraus para cheirar a bota dele. Feliz com os aromas que sentiu, ela começou a esfregar o rosto na perna vestida com jeans. Que vadia.

A certidão de divórcio havia sido devolvida e estava no meu bolso. Por alguma razão, me senti melhor tendo-a comigo. Como se tivesse se tornado uma pedra de toque ou algo assim.

— Olá, — disse ele.

Eu sorri. — Ela gosta de você.

— Sou uma pessoa muito simpática.

— Claro, — eu concordei. — Entre outras coisas.

Ele bufou e se abaixou para coçar atrás das orelhas dela. — Vou tomar alguns drinks com amigos amanhã no meu aniversário. Nada grande. Eu queria saber se você gostaria de vir.

— Realmente? — Eu perguntei, surpresa. — Você me quer lá?

— Sim. — Ele encolheu os ombros. — Por que não?

— Não sei. Não seria estranho?

— Não.

Não tenho certeza se acreditei nele, nem por um minuto. — Bem, não que eu queira admitir de bom grado que não tenho planos para sábado à noite, mas adoraria.

— Ótimo.

— Estamos nos tornando amigos? — Eu perguntei, confusa.

— Já não éramos amigos?

Parei por um momento, escolhendo minhas palavras com cuidado. — Se fôssemos amigos, teríamos feito algum esforço para manter contato depois que terminei com aquele-que-não-deve-ser-nomeado. Mas não o fizemos. Éramos mais como conhecidos.

— Certo.

— É bom que começamos a conversar esta semana. Que estamos nos dando bem independentemente de... tudo isso.

— Sim. — Ele ergueu o polegar, inspecionando a pobre coisa machucada. — Ela teve um *pressentimento*.

— E ela estava certa.

Ele me deu um sorriso indulgente. — Ela viu que eu estava de ressaca e distraído. É isso que pessoas assim fazem, elas leem a linguagem corporal.

— Você está dizendo que ela estava certa quando disse que sentimos tesão um pelo outro?

— Não há nenhuma maneira de eu responder a isso.

— Você é mais inteligente do que parece.

— Obrigado. — Ele riu. — Por que você está sempre mexendo comigo?

— Por que você está sempre mexendo comigo?

— Perguntei. — É tipo aquela velha bobagem sobre como o garoto da terceira série que te empurra está secretamente apaixonado por você. Ele não está. Ele é apenas um idiota. E, no entanto, parece que não conseguimos parar de cutucar um ao outro.

Ele sorriu. — Talvez nós dois sejamos idiotas.

— Talvez, — eu disse. — Não é bom termos coisas em comum?

Os drinks de aniversário foram realizados em uma lanchonete de uísque e carne perto do centro da cidade. Eu usava uma regata de seda preta, jeans e sandálias pretas de couro com salto alto. Meu cabelo estava preso em um coque bagunçado, meus lábios estavam brilhantes e eu me sentia bem comigo mesma. Era ótimo estar fora de casa. Os

últimos seis meses envolveram principalmente agachar-me e esconder-me.

No início, eu estava lidando com as consequências emocionais e mentais do rompimento, depois com o falecimento repentino de tia Susan e, depois, com a casa e a enorme quantidade de trabalho que ela exigia. Seria interessante ver o que o resto deste ano reservava para mim. Tempos mais felizes seriam ótimos.

Embora o amor não fosse necessário. Solteira era bom. Eu gostava disso para mim.

Certa vez, li que você sofre um mês de luto por cada ano de relacionamento depois que ele desmorona. Então, em teoria, um mês deveria ter sido suficiente para eu seguir em frente. E eu estava, de certa forma. Mas arriscar estar com outra pessoa era um grande pedido. Esse tipo de coisa levava mais tempo. Especialmente quando escolhi tão desastrosamente o ex. Nada abala sua confiança como ter seu coração pisoteado publicamente por um amante.

A festa não era um grupo intimidantemente grande. Lars convidou alguns amigos de trabalho, incluindo Mateo e seu parceiro James, que tinha um pulso enfaixado, a atual namorada de Lars, Amie, uma linda morena usando um vestido Givenchy que eu teria matado para ter (embora não tivesse no meu tamanho) e companheiros de caminhada chamados Brandon e River. E, claro, o irmão de Lars, Tore, que fez questão de sentar ao meu lado. Tore era tão grande quanto Lars, mas tinha cabelos escuros. Ele me

observou com um sorriso vagamente desconfiado, o que não era nada estranho ou desanimador.

Quando todos estavam ocupados ouvindo James contar a história de seu acidente de bicicleta, Tore se inclinou e disse: — Nunca tive uma cunhada antes.

— Ah, que bom, você já ouviu falar sobre isso.

— Muito estranho.

— Muito.

— Como você acha que isso foi parar lá? — ele perguntou.

— Não consigo explicar, — eu disse. — Desisti até de tentar. Estava me dando dor de cabeça.

Ele olhou para mim com expectativa e assentiu.

— Vamos deixar tudo claro, — eu disse. — Não quero nada do seu irmão e não estou interessada em nenhum drama. Nem tenho planos de me casar ou divorciar nesta vida com Lars, ou com qualquer outra pessoa. Isso responde a alguma dúvida que você possa ter?

Ele sorriu embora seu olhar fosse cauteloso. — Lars disse que você era uma atiradora direta.

— Acho que isso economiza tempo. Então, continuando nesse tema, me ocorre que, se eu fosse um irmão mais novo protetor, suspeitaria muito de documentos estranhos escondidos nas paredes com o nome do meu irmão neles.

— E o que você poderia dizer para dissipar essas suspeitas?

— Honestamente, não tenho nada. Lars e eu já passamos por isso centenas de vezes. Não há nenhuma

maneira plausível de ele ou eu termos fingido. E não podemos imaginar nenhum terceiro que poderia ter feito isso ou que se beneficiaria com isso. Apenas *isso*. Isso é tudo que tenho.

— Justo. — Ele ergueu o copo de bourbon. — A família.

Eu bufei e bati meu copo de vodca no dele. — Claro. Por que não?

Mais tarde naquela noite, Tore e eu estávamos no meio de um debate sobre a utilidade dos médiuns, o que era o destino e se os fantasmas realmente existiam quando Lars gritou do outro lado da mesa: — Susie, você está pronta para trocar?

— Hum? Oh. Sim.

Ele se levantou e caminhou em nossa direção com seu prato de pernil de porco na mão.

Entreguei meu frango assado. — Você tem feijão-fradinho como acompanhamento. Delicioso.

Amie estava apenas comendo salada. Acho que era assim que ela conseguia caber naquele vestido. Sonhei em ter esse tipo de disciplina. Mas eles tinham torta de nozes no cardápio.

— Vocês dois não têm medo de compartilhar germes, — disse Tore.

Carreguei meu garfo. — Não.

E Lars estava pairando por algum motivo. — Vocês estão se dando bem.

— Sim, estamos, — confirmou Tore.

— O que? — Perguntei. — Não deveríamos estar?

— Veja, — disse Lars, — ela interpreta tudo que eu digo de maneira errada. Discorda de mim constantemente.

— Eu não.

Tore estremeceu. — Você meio que provou o ponto dele.

— Vocês dois estão imaginando coisas.

— Sobre o que vocês dois estão conversando, afinal? — perguntou Lars.

Inclinei a cabeça. — Você está ciente de que perguntou isso com um tom de voz um tanto irritado?

— É o aniversário dele, — disse Tore. — Ele pode resmungar se quiser.

Eu ri pra caramba. Talvez eu estivesse no meu terceiro coquetel. Eu estava me divertindo.

— Foi só uma pergunta. — Lars falso franziu a testa. — Vocês dois precisam se afastar.

— Boo, — eu disse.

Tore apenas sorriu. — E o casamento não deu certo, você disse? Estou chocado e atordado. Vocês se dão tão bem.

— Merda. — O olhar de Lars saltou para Amie. — Não fale sobre isso aqui.

— Gosto do seu irmão, — eu disse. — Ele é sarcástico. Isso me diverte.

— Ótimo. Sejam bons. — Lars voltou para o seu lado da mesa.

Depois do jantar, fomos para um bar na cobertura, a alguns quarteirões de distância. Era uma noite perfeita,

com uma brisa fresca vinda do oceano e as estrelas brilhando acima de nós. Tirei uma foto da vista para as redes sociais. E o tempo todo, Tore ficou ao meu lado. Mas não parecia uma coisa de atração sexual. Só mais daquela curiosidade inicial.

— Não entendo como você se encaixa na vida do meu irmão, — disse Tore, do nada.

— Bem... eu sou amiga dele, eu acho.

— Essa é a coisa que eu não entendo. Lars teve muitas namoradas. Mas não garotas que são amigas.

— Todos eles, manos, hein?

— Sim.

— Então isso é uma coisa de crescimento para ele.

— Não tenho certeza se meu irmão acredita em crescimento. Tenho certeza de que ele saiu do ventre de nossa mãe totalmente formado e pronto para trabalhar duro e ter sucesso, — disse Tore. — Ele tende a ser definido em seus caminhos e ideias. Como cada um se encaixa em sua vida.

— E eu não me encaixo na vida dele? — Tore apenas encolheu os ombros.

— Não sei o que dizer sobre isso. O que ele quer de aniversário? — perguntei, observando Lars conversar com Amie.

Eles pareciam bem juntos. Embora Lars tivesse um estilo mais descontraído em seus jeans pretos e camisa polo azul claro. Ambos eram atraentes. Eu tinha que me

esforçar para ser atraente, mas Lars apenas respirava e aconteceu. Tão irritante.

O mesmo acontecia com a forma como ele parecia viver sem pagar aluguel em meu cérebro atualmente.

Ele captou meu olhar por um momento. Uma expressão tão estranha em seu rosto. Eu não conseguia ler o homem por amor ou dinheiro. Então ele voltou para seu encontro. Mesmo à vontade entre amigos, ele não parecia sorrir muito. Quem quer que acabasse se casando com ele teria um serviço nas mãos. O homem era tão sério. O que era apenas mais um sinal de que a certidão de divórcio era falsa, de alguma forma. Eu queria alguém com senso de humor. Lars e eu juntos seríamos um desastre. Embora ele tivesse rido comigo outro dia na escada...

Tore encolheu os ombros. — Basta comprar uma bebida para ele.

— Farei isso.

Seu telefone tocou e ele o tirou do bolso e fez uma careta para a tela. Então ele enviou uma mensagem rápida.

— Tudo certo?

— Sim, — disse ele, estudando o piso de cerâmica por um momento.

— Então Lars estava me contando sobre a casa que você herdou. Disse que você poderia estar pensando em vender.

— Eu ainda não decidi, — eu disse. Embora a ideia de deixar a casa de lado azedasse meu estômago.

— Deixe-me saber se você decidir seguir nessa direção. Lars e eu estamos pensando em comprar outra propriedade para investimento.

— Claro. Volto em um minuto, — eu disse antes de ir para o banheiro.

A música saía dos alto-falantes enquanto eu verificava meu telefone e respondia uma mensagem de Cleo sobre como estava a noite e fazia xixi. Quando saí para lavar as mãos, Amie estava no espelho retocando o batom.

— Ei, — eu disse.

Ela sorriu. — Nós realmente não tivemos a chance de conversar. Lars mencionou que está trabalhando na sua casa.

— Sim, ele está. Ele está fazendo um ótimo trabalho.

— Mas você namorou o amigo dele?

— Isso mesmo. Gosto de pensar nisso como uma história antiga, mas na verdade só terminou há cerca de seis meses.

— Bem, é ótimo que você veio esta noite. Lars é um livro fechado, então conhecer seus amigos é uma ótima maneira de aprender mais sobre ele.

— Eu posso ver isso, — eu concordei.

Ela sorriu novamente e pegou o rímel da bolsa, passando para a próxima etapa do retoque.

— Até mais, — eu disse, indo em direção à porta.

Depois de dar aproximadamente oito passos para fora, Lars agarrou meu cotovelo e me puxou para trás de um vaso de palmeira. O que foi estranho.

— Você viu Amie lá? — ele perguntou. — Você não contou nada a ela sobre a certidão de divórcio, não é?

— Não.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza, — eu disse. — Não é realmente algo que eu queira explicar às pessoas. A propósito, o que já tive que fazer uma vez esta noite com seu irmão. Quanto menos pessoas souberem, melhor.

— Exatamente, — ele disse, então estreitou seu olhar para mim.

— O que?

— Nada.

— Tanto faz, — eu disse. — Vou pegar uma bebida, você quer uma?

— Estou bem por enquanto. — Ele sorriu. — Obrigado.

Quando voltei do bar, Tore mais uma vez estava com seu celular em mãos e olhava carrancudo para ele. Não me incomodei em perguntar por quê. Esta noite parecia ter mudado. As pessoas estavam agindo de forma estranha. Talvez fosse a lua cheia ou algo assim.

Uma coisa que esta noite me ensinou foi que eu definitivamente não sentia falta de namorar. Eu estava feliz sozinha. Eu poderia fazer o que quisesse e conversar com quem quisesse sem me preocupar com mais ninguém. Livre e fácil era o caminho.

— Puta merda, — Lars disse de repente, todo animado. — O que você está fazendo aqui?

— Eu não poderia perder seu aniversário, — respondeu uma voz masculina suave.

Oh não. Eu conhecia essa voz. Eu odiava essa voz.

E com certeza, lá estava ele... o ex. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, sua camisa branca e calça preta estavam perfeitamente passadas e seus mocassins brilhavam. Embalagem tão bonita. Era uma pena o conteúdo. Ao seu lado estava uma ruiva que certamente acabou de sair da passarela. Mesmo Amie, em suas incríveis roupas de grife, não conseguia se comparar.

Isso era péssimo. No entanto, também foi útil. Agora eu sabia, sem dúvida, que não sentia falta dele, não o queria, e meu coração não doía mais por causa dele. Eu desperdicei um ano da minha vida tentando agradá-lo. Ser uma versão inferior de mim mesma, com a possibilidade de que isso o fizesse feliz. Mas agora eu estava livre. O feitiço foi quebrado. E eu com certeza aprendi minha lição.

— Susie, — disse Tore. — Por que não vamos tomar outra bebida?

Meus ombros estavam altos o suficiente para tocar minhas orelhas. Como se eu estivesse me escondendo. — Acabei de pegar uma.

— Esta é uma grande surpresa, — disse Lars. — É bom te ver, cara. Pensei que você estivesse em Londres.

— Não deu muito certo. Estou de volta em casa por enquanto. Vamos conversar sobre isso mais tarde. — O ex estendeu a mão. — Você deve ser Amie. Lars me contou tudo sobre você. Prazer em conhecê-la.

Amie deu-lhe um lindo sorriso.

Os olhinhos redondos do ex observaram o grupo. Foi como se o mundo desacelerasse quando o inevitável aconteceu. Sua cabeça virou e, finalmente, ele me viu. A maneira como ele franziu o nariz, como se tivesse pisado em cocô de cachorro, foi uma delícia singular. Mas estava lá e desapareceu num instante, com sua personalidade de mocinho de volta ao lar. — Susie? O que você está fazendo aqui?

Forcei meus ombros de volta para onde pertenciam. Porque foda-se ele de qualquer maneira. Havia muito no velho ditado que diz que você recebe o que deseja. E cansei de me contentar com qualquer coisa menos do que eu merecia.

— Olá, Aaron.

— Ela está aqui porque eu a convidei, — disse Lars.

— Íamos apenas pegar uma bebida. — Tore colocou uma mão leve na parte inferior das minhas costas.

— Espere aí, — Aaron disse com um sorriso falso. — Vocês dois estão juntos?

Antes que Tore pudesse responder, eu disse: — Você não apresentou sua acompanhante. Você sabe, a mulher que está ao seu lado. Isso é meio rude.

Um músculo estalou em seu queixo perfeito.

— Esta é Hanna. A minha noiva.

— Noiva. Uau.

— Não há necessidade de fazer outra cena, — murmurou Aaron.

Tore abriu a boca para dizer alguma coisa, mas falei antes. — Ah, não vou.

— Você vai. Você não pode evitar. Sempre tem que ser sobre você.

Eu balancei minha cabeça. — A falta de autoconsciência nessa afirmação.

— Ei, — disse Lars, sendo todo conciliador. — Vamos só...

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Aaron. — Realmente? Isso é algum tipo de vingança distorcida ou o quê? Deus sabe que eu não duvidaria de você.

— Vá se foder, — eu disse com um sorriso.

E a maneira como ele se encolheu. — Linguagem muito boa, Susie.

Virei-me para o aniversariante. — Obrigada por me convidar, Lars, mas vou embora agora.

Ele apenas assentiu.

Existe um tipo especial de pessoa que trata as pessoas com quem dormiu como lixo. Como se ter sido íntima e vulnerável com eles fosse humilhante. Eles são do tipo que vê a raiva justificada de uma mulher e a rotula de mulher louca. Embora Aaron tenha sido um idiota durante todo o nosso relacionamento também. Ele foi apenas mais sutil sobre isso. Fazer tipos de comentários que parecem úteis superficialmente, mas que são pura merda.

Eu rapidamente tirei minha bunda de lá. Porque a vida é muito curta para esse tipo de coisa, e bancar a mulher

desprezada não me convinha. Eu tinha coisas melhores para fazer com meu tempo. Pisquei algumas vezes para me livrar de qualquer umidade infeliz. Provavelmente causada por hormônios ou algo assim. Fumaça no ar. Não sei. Deveria ter ficado em casa. Toda essa necessidade de conexão humana era uma chatice. Se tivesse alguma chance, realmente acho que teria sido uma eremita incrível.

Eu tinha acabado de entrar no elevador quando Tore se juntou a mim.

— Você está indo para casa? — ele perguntou. — Vou esperar pelo seu carro com você.

— Isso não é necessário.

— Sim é. — Ele não disse nada por um minuto. — Sinto muito.

— Você não fez nada.

— Eu sabia que ele viria e não avisei, — explicou ele. — Era para ser uma surpresa para Lars. Por isso não disse nada. Eu sabia que vocês dois tinham terminado, mas não fazia ideia...

— Quão bagunçado foi? — Suspirei. — Eu provavelmente deveria ter saído quando o vi.

— Ele sempre foi um idiota certamente.

— Espere. Você não gosta dele? — Eu perguntei, encantada.

— Nem um pouco.

Eu sorri. — Isso me faz sentir muito melhor.

Tore riu. Então ele suspirou. — Tudo o que podemos esperar é que Lars acorde um dia e veja o idiota como ele é. Mas a negação é forte.

— Eles são amigos há muito tempo.

— Sim.

Eu sorri para ele. — Obrigada por me verificar, Tore. Você é igual ao Príncipe Encantado, só que mais alto.

— Obrigado, — ele disse secamente. — Claro, deveria ter sido meu irmão.

— A festa é dele e ele tem um acompanhante para cuidar e um melhor amigo para conversar. Estou bem. — E era a verdade, eu estava bem. As razões para Lars não correr atrás de mim também eram válidas. Pelo menos a parte racional do meu cérebro pensava assim. Sentimental, por outro lado. Eca.

-

Cinco

Na segunda-feira, cumprimentei Lars com um sorriso.

— Bom dia.

— Ei. Escute, sobre sábado...

— Acho que seria melhor se não falássemos sobre isso.

— Ele fez uma pausa e franziu a testa.

— Você está brava comigo.

Embora não estivesse vestida para a guerra, estava vestida para o trabalho. Calça justa de algodão preta e top sem mangas combinando. Eu usava muito preto. Não só fazia minhas curvas ficarem lindas, mas era minha cor feliz. Meu pai acreditava firmemente que as mulheres eram lindos enfeites. Vestir-me como se estivesse constantemente a caminho de um funeral era minha maneira de resistir quando era adolescente. Então isso se tornou meu normal. Hoje meu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e meus lábios estavam vermelhos foscos. Eu usava chinelos planos de couro. Embora saltos pudessem ter sido melhores. Mas não importava o quanto Lars se aproximasse de mim, eu não recuaria. Eu pensei muito sobre a situação e decidi que uma abordagem profissional entre nós seria melhor. Seu gosto por amigos tornava qualquer outra coisa impossível.

Isso agora estava provado sem sombra de dúvida.

— Não estou brava com você, Lars, — eu disse. — Ele é seu melhor amigo. Entendo. Mas para mim, ele é um erro

horrível do qual nunca mais quero ser lembrada. Pelo lado positivo, acho que agora é óbvio o que causou o divórcio. Não é? Ter sua lealdade dividida entre nós dois seria impossível.

Nada dele.

— De qualquer forma, acho que é melhor mantermos as coisas em um nível profissional.

Sua carranca se aprofundou.

— Estarei fora hoje. Tudo bem se eu deixa-lo com um molho extra de chaves caso não volte quando você terminar?

— Claro. — E ele não disse mais nada.

O dia foi passado no escritório do meu cliente que produzia roupas com materiais orgânicos e reciclados. Cleo estava filmando sua coleção de inverno enquanto eu cuidava das fotos dos bastidores e discutia algumas ideias de marketing on-line com seu proprietário e gerente. Um dia longo, mas produtivo. E sair com uma seleção de amostras era uma vantagem incrível. Meu trabalho exigia uma presença sólida nas redes sociais e ter coisas novas para postar era ótimo.

Cleo e eu acabamos saindo para jantar depois e só cheguei em casa ao escurecer. Encontrar a casa ainda aberta e algumas luzes acesas foi estranho. Acho que Lars decidiu trabalhar até tarde. Entrei, largando minha bolsa (com a certidão dentro em segurança) e outras coisas na mesa da sala de jantar. O trabalho de reboco nas paredes estava concluído. Talvez não se parecesse mais com a casa

da tia Susan, mas estava começando a parecer com a minha casa. Embora um sofá fosse bom. Algo confortável para relaxar no final do dia.

Lars não estava lá dentro, mas eu podia ouvir o som suave de sua voz vindo dos fundos.

Uma fogueira ardia em uma grande bacia de metal preta e luzes de festa antigas estavam penduradas entre a árvore e a casa. Almofadas azuis-clara agora estavam nas cadeiras Adirondack reunidas ao redor da fogueira. Uma coleção de pavimentos de pedra foi colocada sob a bacia para proteger o solo. Ele deve ter tido ajuda de sua equipe. Porque o pequeno quintal foi elevado a um espaço mágico. Exatamente como eu imaginei que poderia ser.

E lá estava Lars com a gata enrolada em seus tornozelos. Acho que era com quem ele estava conversando. Sombras dançavam ao longo das linhas duras de seu rosto e era tão injusto o quão atraente esse homem era. A vida seria muito mais simples se ele fosse fácil de ignorar.

— Eu não sabia exatamente o que você tinha em mente, — ele disse quando me viu, num tom quase hesitante. — Mas pensei que isso a ajudaria a começar.

— É lindo.

Ele me deu um breve sorriso. Muito breve.

— Eu não gosto quando você está com raiva de mim.

— Eu não estava brava.

— Você meio que estava, — disse ele. — De qualquer forma. Como ele falou com você... não foi certo. Você era

minha convidada e...

— Sim, — eu disse. — Embora eu ache que comecei. Tipo isso.

— Tore realmente me deu um sermão ontem.

Minhas sobrancelhas subiram. — Oh.

— Ele estava certo. Eu não fui um bom amigo para você. Eu te deixei ir embora sozinha e chateada. Eu gostaria de ter a chance de tentar novamente.

— Não seria mais fácil não fazer isso? — Perguntei.

— Pode ser mais fácil, mas não acho que seria melhor.

Eu não sabia o que dizer. Nem precisava de todas essas emoções. Seriamente.

Então ele coçou a barba e disse: — Meu irmão e você... Tem alguma coisa aí?

— Não.

Ele assentiu.

— Sua namorada parecia legal, — eu disse, por algum motivo.

Ele virou o rosto. — Sim.

— O que você fez aqui é incrível.

— Não é grande coisa, — disse ele. — Eles estavam se livrando da bacia de fogo em outro serviço e as pedras sobraram de outra coisa. Mateo ajudou.

— Você decorou, Lars. Você comprou almofadas.

Ele encolheu os ombros, todo envergonhado.

— É melhor eu ir.

— Você *realmente* quer ser meu amigo?

— Bem, sim.

— Tudo bem, — eu disse. — Obrigada, Lars. É realmente lindo.

Se ele fosse outra pessoa, eu poderia tê-lo abraçado em agradecimento. Mas mantivemos uma distância cuidadosa entre nós. Sem outra palavra, ele me deu um aceno de cabeça e saiu. E foi isso.

Sentei-me em uma das cadeiras, a gato acomodou-se na outra e nós duas observamos as chamas. Tão reconfortante. Menos pela bagunça na minha cabeça em relação a um certo faz-tudo. Também agora conhecido como meu amigo, aparentemente. Eu já tive amigos homens antes, mas por algum motivo isso parecia diferente. No ano em que estive com Aaron, recebi um ramo de flores murchas. Fale sobre ignorar os sinais. Não que eu não pudesse comprar coisas para mim. Mas mostrar algum apreço de vez em quando era uma coisa boa.

Encontrar a certidão de divórcio levantou cerca de um bilhão de questões. Mas também fez com que Lars e eu nos olhássemos de uma maneira nova, diferente e indesejável. Isso trouxe à mente corações, flores e momentos sensuais, em vez da mentalidade *“você é um ser humano legal, com quem não me oponho a perder tempo”*.

A ideia de que alguém pudesse ser seu tudo era muito. O mesmo vale para descobrir com antecedência que um relacionamento falharia. As mensagens do futuro não eram tão úteis quanto você imagina.

Quanto a ser amiga de Lars, eu não tinha ideia se isso era possível. O tempo diria. Enquanto isso, a luz do fogo

tremeluzia e a cadeira era confortável e meu quintal balançava.

Debrucei-me na lateral da casa e gritei: — O almoço está pronto.

Depois de decorar meu quintal ontem, Lars estava ocupado removendo o antigo revestimento da casa. E a maneira como os músculos de seus braços se contraíam e trabalhavam enquanto o sol enfeitava sua pele umedecida pelo suor, era como se ele fosse um deus do verão. Todo viril, grande e brilhante. Espere um minuto. Não era eu ficando poética sobre um homem. Caramba, não. Lave minha mente com sabão.

— Vamos comer lá dentro, — eu disse, desviando os olhos.

— Você não precisa continuar me preparando o almoço.

— Não é nada.

As coisas estavam erradas desde sua chegada esta manhã. Agora estávamos inquietos um com o outro. Eu culpei a reforma lá atrás. As linhas foram cruzadas. Não que houvesse qualquer delineamento claro anteriormente. Mas, pela minha experiência, um cara não comprava almofadas e luzes de festa para qualquer

uma. Sua aparente determinação em sermos amigos era... surpreendente. Embora agora que pensava sobre isso, talvez ele apenas se sentisse mal pela forma como a noite do seu aniversário terminou e quisesse me compensar. Nesse caso, eu definitivamente estava ganhando mais com isso do que deveria. Pensar demais nas coisas era uma alegria.

Depois de se lavar, ele se sentou à minha frente na mesa redonda de mogno. Então, sem preâmbulos, ele pegou o garfo e comeu em sua tigela de nhoque de couve-flor com tomate semi-seco, frango, manjerição e molho cremoso de parmesão e alho. Um prato bastante simples. Não era grande coisa.

— Isso é bom, — disse ele entre mordidas.

Meu sorriso foi mais como um estremecimento.

A outra metade da mesa estava ocupada com meu laptop e diversos papéis. Um dos problemas de ter um escritório flutuante era a tendência de as coisas ficarem espalhadas. E isso era bom. Isso significava que eu não tinha perdido completamente a cabeça e exagerado tentando impressionar Lars com minhas habilidades domésticas ou algo assim.

— Você acha que estaríamos sentados aqui juntos agora se não fosse pela certidão de divórcio? — Perguntei.

Ele parou e ponderou sobre o pensamento. — Não sei. Eu realmente achei que alguém já teria se apresentado. Dizendo que falsificou a certidão e a colocou na parede de alguma forma.

— Sim.

— Quero dizer, é falsa. Nós dois sabemos disso. Tem que ser. Seria bom saber como conseguiram isso. Porque ainda não tenho ideia. — Ele olhou para o nada por um momento. — Você provavelmente está certa, no entanto. Sem isso, não teríamos feito essa conexão estranha ou o que quer que seja.

— Acho que se a certidão não tivesse aparecido não teríamos tido nenhuma dessas conversas, — eu disse. — Você faria o trabalho na casa. Seria estranho tê-lo aqui. E então você terminaria o trabalho e seguiria seu caminho alegre. Fim.

— Hum.

— Não teríamos nos conhecido em um nível diferente, separado dos tempos passados, e portanto não teríamos nos tornado amigos. Essa é a minha teoria, de qualquer maneira.

Ele assentiu.

— Você sabia que existem três tipos de amigos segundo Aristóteles? — Perguntei. Apenas fazendo conversa fiada. — Amizades de utilidade, amizades de prazer e amizades do bem.

Lars piscou.

— Utilidade é quando vocês são úteis um para o outro. Digamos, um vizinho, um colega de trabalho ou um cliente. Já amizades de prazer são quando vocês gostam da companhia um do outro. Como você e seus companheiros de caminhada, por exemplo. Vocês gostam de fazer certas

atividades juntos, — expliquei. — Considerando que as amizades do bem se baseiam no respeito e na admiração mútuos. Virtudes e objetivos compartilhados. Você pode não ter muitos interesses reais em comum, mas essas pessoas são seus amigos mais próximos da mesma forma. Não é interessante?

— Claro.

— Só pensei em compartilhar isso.

Ele inclinou a cabeça. — Nada em particular te fez mencionar isso hoje?

— Bem, é só que você poderia dizer que somos amigos utilitários por causa de nosso atual relacionamento profissional. Com você trabalhando na minha casa.

Nesse ponto, ele largou o garfo, dando-me toda a atenção.

— Ou poderia ser argumentado que talvez sejamos mais amigos de prazer. Porque gostamos de jantar e às vezes de beber juntos.

— OK.

— Mas amigos do bem é o objetivo final, certo?

— Perguntei. — Construir relacionamentos de longo prazo com pessoas em quem você pode confiar. No entanto, você pode não sentir necessariamente que tem espaço ou necessidade de alguém assim em sua vida.

— Você está perguntando que tipo de amigos nós somos?

Dei de ombros. — Existe toda a possibilidade de eu estar pensando demais nas coisas. Mas gosto de saber onde

estou com as pessoas. E esta situação entre nós pode ser confusa.

— Por causa do divórcio?

— Por causa de tudo.

— É isso que você precisa? — ele perguntou com uma carranca. — Etiquetas?

— Eu acho que é. Por mais que pareça confuso para mim, não posso dizer que gostei.

— OK. — Ele tomou um gole de água e olhou pela janela por um momento. — Me dê um minuto.

Sentei-me em silêncio e esperei que ele falasse.

— Com toda a honestidade, não senti sua falta quando vocês dois terminaram. Você passou pela minha cabeça de vez em quando, mas realmente não me incomodava que você não estivesse por perto. Isso me incomodaria agora, no entanto. Estamos nos conhecendo separadamente dessa situação e é diferente. — Ele se virou para mim. — Isso responde à sua pergunta, Susie?

— Sim, sim. Talvez Aristóteles só precisasse de outra categoria ou algo assim. Obrigada.

Ele estendeu sua bebida. — Amigos?

Bati meu copo no dele com um sorriso. — Amigos.

A melhor maneira de superar sentimentos estranhos por um amigo era ir para a cidade. Todo mundo sabe disso. Foi assim que me sentei em frente a Cleo, numa noite

de quinta-feira, num bar ao ar livre, perto da água, ouvindo uma mulher cantar e tocar violão. E ela era muito boa. Outra razão para amar Seattle. A cena musical nesta cidade era poderosa.

— Estou pensando em atualizar para a nova Canon EOS. Além disso, Josh quer que eu conheça os pais dele, — disse ela, tomando um gole de sua lama alcoólica congelada. — Jantar de domingo com a família.

Terminei de comer meu bolinho antes de responder. — Você trabalha muito e merece uma câmera novinha em folha. E pelo tom da sua voz acho que esse convite não te deixou feliz.

— Você adivinhou certo. — Cléo franziu a testa. — É muito cedo.

Abri a boca e depois fechei. Porque sou inteligente assim.

— Eu sei que estou saindo com ele há quase um ano, mas...

Eu balancei a cabeça. — Você acha que isso é sobre ele ou suas más experiências passadas ou ambos?

— Não sei. — Ela enrolou uma trança em volta do dedo e puxou-a. — Ele é um cara legal, mas...

— Mas...

— Inserção. Alguém está te observando do bar, — relatou ela, animando-se. — Traje casual de negócios com barba. Relógio de grife e sapatos bonitos. Eu o classificaria como sendo não apenas atraente, mas também mostrando

meios visíveis de ser capaz de se sustentar financeiramente.

— Ele é bem cuidado ou barbudo?

— Os pelos faciais estão sob controle.

— Provavelmente tem problemas com a mamãe.

— Não são todos? — ela perguntou secamente.

Dei uma olhada por cima do ombro.

— Eh. Não estou sentindo isso.

— Nenhuma de nós quer o que podemos ter. — Cleo colocou uma noz torrada na boca.

— Por que isso?

— Ou temos padrões exigentes ou somos vadias difíceis. Nunca consigo decidir.

— Com toda a honestidade, ambos parecem certos.

— Ela sorriu. — O tempo não parece bom para as filmagens de sexta-feira. Adiar ou mudar?

— Adiar, —, eu disse. — Não podemos fotografar as vans de café por dentro. A mensagem é sobre boa cafeína e serviço personalizado enquanto você aproveita o grande mundo.

— Vou ver como está minha agenda para as próximas semanas e retorno para você, — disse Cleo. — Você recebeu uma caixa de amostra de brinquedos sexuais ecológicos?

— Não.

— Estará a caminho. Eu nomeei você para um novo cliente.

— Obrigada. Isso soa engraçado. — Eu sorri. —
Falando nisso, preciso que leia esse romance pornô de
monstros para que eu possa discuti-lo com você. Isso é
muito importante.

Suas sobancelhas subiram.

— Confie em mim. Você quer ler.

— OK.

Eu sorri.

Foi quando aconteceu. Amie entrou no bar com outro
homem. E o braço dele estava tão apertado ao redor dela
que era como se eles estivessem tentando se fundir.

— Puta merda, — eu murmurei.

— O que?

O olhar de Amie encontrou o meu, parou por um
momento, então ela rapidamente desviou o olhar. Ela ia
fingir que não tinha me visto. Podia ser o melhor. Menos
estranho do que trocar saudações. Então ela me deu outra
olhada por cima do ombro e definitivamente não estava
com aquela cara feliz.

Incrível.

Eu balancei a cabeça, oh, tão discretamente em
direção ao casal agora parado no bar. — Ela estava com
Lars no aniversário dele no fim de semana
passado. Apresentou-se a mim como namorada dele.

— Ela está usando o macacão de um ombro só que eu
queria, — disse Cleo, virando-se para olhar. — Mas eles
esgotaram do meu tamanho.

— Ficaria melhor em você. Pessoas bege não deveriam usar bege. É praticamente a única coisa útil que minha mãe me ensinou. Isso e sempre carregar balas de hortelã. — Tomei um longo gole do drink. — Devo contar a Lars sobre isso?

— Sim.

— Realmente? Eca. O que eu digo a ele?

— A verdade.

Eu fiz uma careta. — Talvez eles não sejam exclusivos.

— Talvez. Ou talvez não. De qualquer forma, como amiga dele, você tem que contar.

Então meu aceno foi um pouco hesitante.

— O que a tia Susan diria para você fazer?

Mexi o canudo da minha bebida. — Ela me perguntaria se Oprah ficaria orgulhosa das escolhas que estou fazendo. O que seria seguido por: o que Dolly Parton faria?

— Eu sempre gostei da sua tia.

— Eu ainda preferiria não estar nesta situação. Se Amie simplesmente não trapaceasse na minha vizinhança, seria ótimo. — Suspirei. — Me pergunto por que ela sentiu a necessidade de trair?

— Autoestima, baixo comprometimento, necessidades emocionais não atendidas... podem ser muitas coisas. Você sabe, isso pode ser o que levou ao seu divórcio inevitável, — sugeri Cleo. — Você consola tão bem o pobre homem de coração partido que ele precisa colocar um anel em você.

— Eu não quero me casar. Eu nem quero realmente estar em um relacionamento. As coisas estão bem como

estão.

— Mas você quer consolá-lo.

— Se por *consolar* você quer dizer sexo, então a resposta é não.

— Oh garota. — Ela riu. — Você é muito mentirosa.

Eu não corei. Era apenas a iluminação.

— É complicado.

— Não é sempre?

— Uau, — disse Lars ao entrar na sala de estar.

— Sim, — concordei taciturnamente.

Lá fora, o sol da manhã brilhava forte, os pássaros cantavam e as abelhas zumbiam. O mundo inteiro parecia de bom humor. E por que não estaria? Sexta-feira era um excelente dia da semana. Viva o fim de semana que se aproxima. O clima na casa da tia Susan, porém, não era nada animador.

Lars largou sua caixa de ferramentas. — Você pretendia que fosse dessa cor?

Balancei a cabeça da minha posição, sentada de pernas cruzadas no pano que cobria o chão.

— E, ah, como você se sente agora?

Olhei para a parede atrás da lareira. Era provavelmente a coisa mais ofensiva na sala. A lareira original era bonita, rodeada de azulejos cinzentos. Depois havia as grandes estantes polidas embutidas em ambos os

lados. E acima delas estava a feiura. Uma praga em uma cena tão encantadora.

— Era para ser um verde-amarelado legal que ficaria ótimo com um sofá e cadeiras azul marinho, — eu disse em um tom desanimado. — Eu sabia que não estava certo. Mas pensei: continue. Tudo se encaixará e fará todo o sentido quando todo o ambiente estiver pintado. Mas, Lars, isso não aconteceu. Simplesmente não funcionou.

— Certo. — Ele cruzou os braços. — Você parece um pouco nervosa. Há quanto tempo você está acordada?

— A noite toda. Eu não consegui dormir. Achei que seria melhor começar a pintar.

Com um suspiro, ele se ajoelhou na minha frente. — Não é tão ruim.

— Parece que Caco, o Sapo, explodiu em todas as minhas paredes.

Lars apertou os lábios com força. — Essa é uma descrição surpreendentemente adequada.

— Está tudo bem, você pode rir. Eu riria, se não estivesse prestes a chorar de pura exaustão e da dor de ter meus olhos agredidos pela cor hedionda.

Sua grande mão envolveu meu ombro e me deu uma massagem reconfortante. — Está tudo bem, Susie. Podemos consertar.

— Outra escolha de merda para completar meu ano de brilhantismo.

— Ei, — ele disse, a voz severa. — Não se rebaixe.

— Mas o dinheiro que desperdicei.

— Nenhuma reforma ocorre cem por cento sem problemas. Sempre há alguns obstáculos ao longo do caminho. Posso conseguir um acordo para você com tinta nova.

— Obrigada. — Respirei fundo e soltei lentamente. — Há algo que preciso lhe contar.

— OK.

— Seria melhor se, hum... Você pode sentar?

— Claro. — Ele imitou minha pose na minha frente. — E aí?

— A questão é que não quero que você pense que não é uma ótima pessoa, Lars, porque você é. Mas às vezes as pessoas nos decepcionam e fazem a coisa errada. E isso não se reflete em nós, apenas que eles são seres humanos fundamentalmente imperfeitos. Você sabe o que eu quero dizer?

— Sobre o que estamos falando?

— Vida, realmente. — Soltei um suspiro exagerado. — Posso segurar sua mão?

— Você quer dar as mãos?

— Sim, por favor. Isso não é um gesto romântico, só para ficar claro. É a outra razão pela qual as pessoas andam de mãos dadas com alguém.

Ele franziu a testa, embora parecesse mais confuso do que preocupado. E estendeu a mão para frente. A palma da mão estava quente e os dedos calejados. Envolvi sua mão nas minhas e me preparei mental e emocionalmente para continuar. — O problema com homens como você é que é

ótimo em esconder suas emoções. Sinceramente, não tenho ideia de como você se sente em relação à maioria das coisas. Então, não tenho certeza de como interpretará o que tenho para lhe dizer. Mas suspeito que haja um coração quente e sensível batendo sob esse seu grande peito. Só porque você age de forma dura e é musculoso, não significa que não sente as coisas. E quero que saiba que me importo com você e estou aqui para ajudá-lo. Você é importante para mim.

— Obrigado, — disse ele, em tom confuso.

— De nada.

— Isso é sobre sermos amigos?

— Não.

Suas sobrancelhas grossas se ergueram. — OK. Continue.

— Acontece que ontem à noite, quando eu estava em um bar com Cleo, Amie entrou com outro homem. E, Lars... eles estavam todo aconchegante. Não havia dúvida de que algo estava acontecendo.

— Oh, — ele disse, os olhos arregalados com compreensão repentina.

— Por favor, entenda que não me divirto com isso. Lamento profundamente ter que te contar. — Dei um aperto reconfortante em sua mão. — Você merece coisa melhor, Lars. Não estou a chamando de vadia, mas... na verdade, sim, estou a chamando de vadia. Porque trapacear não é certo. Se ela quisesse ver outras pessoas, deveria ter se sentado com você e tido uma conversa adulta sobre suas

expectativas e o que procura em um relacionamento. E se terminar foi a escolha certa, então...

— Nós terminamos, — interrompeu Lars. — Segunda-feira à noite.

— Você terminou?

— Sim.

— Huh.

Seu olhar se suavizou, mas seu sorriso era de pura diversão. — Não estamos mais nos vendo. Amie está livre para namorar quem ela quiser.

— Certo. — Engoli em seco. — Nesse caso, em primeiro lugar, gostaria de pedir desculpas por chamá-la de vadia. Isso estava fora de linha.

Ele olhou para o aperto firme que eu tinha em sua mão. Do qual desisti imediatamente. — Foi isso que te manteve acordada a noite toda? — ele perguntou. — Preocupada em me contar isso?

— Você poderia dizer isso.

— Parece que você praticou esse discurso por um tempo.

— Hum. — Olhei para a parede salpicada de Caco. — Já tive amigos homens antes, mas não próximos. Não aqueles que poderiam ser meu marido em um universo paralelo. Você sabe?

— Eu sei.

— E eu não tinha certeza do quanto você aceitaria a notícia. Quer dizer, já vi amigas em términos de namoro, mas... de qualquer forma.

— Você acha que talvez a fumaça da tinta e a falta de sono tenham te afetado?

— Essa é uma possibilidade distinta.

— Vamos, — ele disse, levantando-se. — Vamos limpá-la e ir para a cama. Mateo e eu podemos aplicar uma primeira mão nova e deixar pronto para você escolher uma nova cor quando acordar esta tarde. Parece bom?

— Sim. — Peguei a mão que ele estendeu para mim e deixei que me puxasse para cima. — Obrigada.

— Sem problemas. Você tem um pouco de Caco na sua bochecha. E na lateral do seu nariz. — Ele sorriu para mim. — Obrigado por ter tanto respeito pelos meus sentimentos masculinos, Susie.

— De nada, Lars.

-

Seis

Nossa segunda tentativa de socialização aconteceu naquele fim de semana. E como Aaron estava ocupado, eu estava livre para comparecer. O condomínio onde Lars e Tore moravam era um prédio antigo de quatro andares perto de Fremont, no topo de Queen Anne. Tinha uma piscina externa aquecida disponível de maio a setembro. Qual a melhor maneira de celebrar o verão?

Mateo e seu companheiro, James, estavam lá, junto com Austin, um músico (tatuagens muito legais), que tinha estudado com Tore. E seus vizinhos, Shu, decoradora de interiores que morava no primeiro andar, e Isaac, enfermeiro do segundo andar.

— Isso é o que acontece com cores fortes como verde-amarelado, — disse Shu, — um pouco pode ser muito.

Acrescentei minha salada Caprese às ofertas já colocadas na mesa. Decidi que esta seria a minha contribuição porque o tomate e o manjericão estavam fantásticos e o queijo era vida.

— Eu vejo o erro das minhas escolhas agora. As paredes serão azul marinho com um sofá verde-amarelado para dar um toque de cor.

Isaque sorriu. — Tenho certeza que ficará ótimo.

É claro que Lars contou a todos sobre o incidente da explosão do Caco.

Pelo menos ele parecia ter mantido a boca fechada sobre meu dramático discurso de traição. Ele me deu uma piscadela e me passou uma cerveja.

— Obrigada.

— De nada, — disse ele antes de inspecionar meu rosto com muito cuidado. — Não tenha medo. Tirei o resto do verde durante uma limpeza profunda ontem à noite.

Com um sorriso, ele se sentou à longa mesa de madeira ao ar livre. — Apenas checando.

Mateo e James jogavam bola na piscina enquanto Shu, Isaac, Lars e eu sentávamos à mesa e Austin estava perto da churrasqueira com Tore. Era um dia perfeito e um lugar bonito. Ásteres, samambaias e respingos do oceano cresciam no jardim. Um grande guarda-sol protegia a mesa, mas que diabos. Você não poderia ir a uma festa na piscina e não sair ao sol e se molhar. E por que outro motivo o Menino Jesus teria inventado o rímel à prova d'água se não tivesse a intenção de entrarmos na maldita piscina e nos divertirmos?

As festas na piscina eram divertidas para jovens e velhos voyeurs, mas especialmente para mim.

Porque o peito de Lars era espetacular. Quilômetros de músculos e pele bronzeada dourada. Não que eu babasse ou ficasse olhando. Mas apreciei como seu short cargo ficava baixo em seus quadris quando ele se levantou para me oferecer a cerveja. Quão evoluído da minha parte foi que pude ignorar todos esses pensamentos lascivos e apenas ser amiga do homem.

Inclinei-me em sua direção e baixeí a voz. — Seu melhor amigo definitivamente não vem?

— Definitivamente não, — disse Lars.

— Ufa. — Todo o meu corpo relaxou. — Ele ao menos sabe que estou aqui?

— Isso importa?

Uma boa pergunta. E a resposta honesta era: eu não sabia.

O habitual aroma fresco e amadeirado de Lars foi complementado com colônia hoje. Havia um toque de sálvia e uma pitada de sândalo, junto com algo mais evasivo. Algo que eu não conseguia identificar. Enfiar meu rosto em seu pescoço para cheírar seria demais. Desmaiar por causa de Lars era o cúmulo da falta de educação, porque eu sabia que não era isso que ele queria. Embora pelo menos ele estivesse solteiro agora. O que ainda não era desculpa para se apaixonar por um amigo.

— Lars tem me contado como sua casa é ótima, — disse Shu. — É difícil encontrar casas antigas com todas as características originais.

Lars assentiu. — É sólida e com muito caráter. Você adoraria.

— Decidiu se você vai vender? — perguntou Toré.

— Não, — eu disse. — Ainda não.

Ele me saudou com a pinça. — Nós podemos esperar. Quando você estiver pronta. Apenas certifique-se de me ligar primeiro.

Eu balancei a cabeça.

— Seria ótimo se eu pudesse fazer uma visita algum dia, no entanto. Se estiver tudo bem?

— Hum, claro.

Como sempre, toda a ideia de vender me encheu de... não sei. Qual é o oposto, mas é o mesmo que um frio na barriga? Vender a casa me ajudaria financeiramente. Depois, havia a sensação de náusea a considerar. Sempre que eu pensava em abandonar aquele lugar, eu tinha vontade de vomitar. Não sei. A melhor coisa a fazer seria ignorar tudo. Fim da história.

Tirei meus chinelos, desabotoei meu short jeans e tirei minha camiseta preta pela cabeça. É claro que minha camiseta ficou presa no rabo de cavalo e tive que lutar para me libertar. Tanto estilo e graça. Quando eu finalmente me libertei, Lars estava olhando para meu rosto com a mandíbula contraída e os lábios em uma linha fina e reta. O homem parecia quase estar com dores físicas.

— O que está errado? — Perguntei.

— Nada.

Depois de verificar se meu maiô preto com decote frente única tinha todos os itens essenciais cobertos, me virei para Tore, que me deu um sorriso largo. Desta vez ele acenou com uma espátula para mim. Verifiquei meu maiô mais uma vez, só para ter certeza. O decote era baixo, mas não era nada especialmente picante. E, no entanto, tive a estranha sensação de que não foi nem o contorno da minha barriga nem a celulite nas minhas coxas que chamaram a atenção de Lars. Não. Tinha que ser os peitos.

E ainda assim, seu olhar continuou colado em meu rosto. Interessante.

Talvez eu não fosse a única que tinha problemas ocasionais em olhar para meus amigos. Pelo menos eu tinha as habilidades sociais e os subterfúgios para manter isso em segredo.

— Você está usando protetor solar, Susie? — perguntou Tore com um sorriso ainda maior. — É só gritar se precisar de ajuda. Tenho certeza de que Lars ficaria mais do que feliz em ajudar.

O olhar de Lars saltou para o irmão e se estreitou com um olhar que prometia todo tipo de violência. Fratricídio, ao que parecia, era a palavra do dia. A acirrada competição de olhares continuou por algum tempo.

— Eu estou bem, obrigada. — O “idiotas” que acrescentei no final ficaram quase em silêncio, mas não exatamente.

Shu bufou e pegou sua taça de vinho. Isaac reprimiu um sorriso e puxou um vaporizador.

— Os hambúrgueres de lentilha estão prontos e parecem deliciosos, — disse Tore. — O bife é o próximo passo para os carnívoros.

Mateo e James estavam saindo da piscina enquanto eu entrava. Trocamos cumprimentos enquanto eu entrava na parte rasa. Oh, tão bom. Fresco e refrescante depois do calor do sol. Passei meus dedos sobre a água cristalina antes de nadar até chegar ao fundo. Foi aí que Lars se juntou a mim. É claro que ele era ainda mais atraente com

o cabelo molhado penteado para trás e a água escorrendo pela pele. Felizmente, quaisquer mamilos duros da minha parte estavam escondidos abaixo da linha d'água. Esse era o problema de notar alguém no sentido sexual. Era tão difícil parar. A libido realmente deveria vir com um botão liga e desliga.

Descansamos nossos braços na beira da piscina, lado a lado.

— Desculpe por isso, — ele murmurou.

Olhei para ele com desprezo. Ele merecia todo o julgamento em toda a terra. Porque se alguém fosse me envergonhar publicamente, seria eu. Muito obrigada.

— Ele está me dizendo merda sobre você há dias. Ele te chama de esposa e te cita constantemente. Ele não vai parar.

— Concordo que é um apelido terrível. Mas certamente você pode superar esse absurdo. Você é cinco anos mais velho que eu, Lars. Como não é mais maduro?

Ele franziu a testa. — Eu honestamente não sei. Achei que era até isso.

— Você está dizendo que sou sua fraqueza?

O barulho que ele fez em resposta foi totalmente excitante.

Eu decidi ir direto ao assunto.

— Há algo errado com meu maiô?

— Não.

— Shu está sentada à mesa com um biquíni parecendo um lanche. Mas o problema é o meu maiô?

Por um longo momento ele ficou em silêncio. Então ele disse: — Sim.

— Por quê?

— Porque não há uma parte de mim se perguntando se Shu está destinada a ser minha futura esposa.

— Puta merda. — Eu olhei para ele atordoado. — Você acha que a certidão de divórcio pode ser real agora? Quando isto aconteceu?

— Eu não sei, eu só... não consigo explicar. Como surgiu. Como entrou naquela parede. Nada disso.

— Nem eu.

— Eu continuo indo e voltando na minha cabeça e... porra.

— Sim.

— Sempre nos demos bem, mas nunca prestamos muita atenção um ao outro, — disse ele. — Então comecei a trabalhar na sua casa e encontramos aquela coisa. É como se tivesse mudado a forma como te vejo. Como penso em você. Mesmo que não acredite que seja real.

— Como uma profecia autorrealizável.

— Exatamente.

Pensei em tudo por um minuto.

— Oh meu Deus. Você mentiu para mim.

— O que?

— Você não quer apenas ser meu amigo. Você quer ser mais do que isso.

— Susie, não. — Ele suspirou. — Eu só quero ser amigo. Eu pensei muito sobre isso e mesmo que eu

conseguisse esquecer o seu envolvimento com meu melhor amigo...

— Eca. Não me lembre. Que lapso de julgamento.

— Eu ainda acredito que estamos melhor do jeito que estamos. Sair e curtir a companhia um do outro sem muito barulho. Isso funciona, certo?

— Sim. — Eu sorri. — E você obviamente pensou bem sobre isso e eu respeito. Embora gostaria de salientar que na verdade não estava sugerindo que começássemos a namorar.

— Anotado.

— Toda essa comunicação aberta, honesta e fluida parece muito saudável e tenho certeza de que temos uma amizade longa e feliz pela frente, — eu disse com um sorriso. — Por curiosidade, você já teve uma mulher que era apenas uma amiga antes?

Ele pensou por um momento. — Não, não tive.

— Realmente estes são tempos desafiadores. Só sinto muito que meu maiô te distraia.

— Você está gostando demais disso. Não há algo em mim que te distrai? — E o homem flexionou totalmente os deltoides e bíceps. Que pônei de exibição.

— Não, — eu menti, me afastando da borda. — Estou bem. Obrigada.

Segunda-feira chegou junto com a chuva. Lars e eu pintávamos a sala de estar em um silêncio amigável. Mateo e Connor estavam trabalhando em outra obra.

Eu havia encontrado um velho toca-discos Pioneer no porão, atrás de uma pilha de caixas, e Ray Charles e Bing Crosby agora se revezavam cantando, e tudo estava bem. Foi possivelmente a melhor coisa que encontrei na casa até agora. Além da foto de debutante da tia Susan. Os vestidos formais dos anos oitenta eram a definição de extra. Mas o sorriso dela na foto era sublime.

— Melhor pintar de cima para baixo. Dessa forma, você coleta todas as gotas e as aplica à medida que avança, — disse Lars, observando-me com um olhar experiente. — Talvez um pouco menos no rolo.

— OK.

Ele voltou a trabalhar na parede acima da lareira.

— O que você fez ontem? — Perguntei.

— Assisti a um jogo dos Mariners. — Uma carranca cruzou seu rosto pouco antes de ele falar, me levando a acreditar que não seria do meu interesse perguntar com quem ele tinha ido ao jogo. — E você?

— Trabalho e mais triagem de coisas. — Dei um passo para trás e olhei para a parede. — Este azul marinho é muito melhor que a pele de sapo.

— Estou feliz por ter gostado.

Meu telefone tocou no bolso de trás da minha calça jeans velha e manchada de tinta. Uma foto do meu pai apareceu na tela, o que era estranho. Éramos

comunicadores de ocasiões especiais. Geralmente apenas aniversários e feriados importantes. Por um segundo eu congelei. Então larguei o rolo e fui para a cozinha para ter um pouco de privacidade.

— Pai, está tudo bem?

— Sim. Sim. Só pensei em ligar para você.

— Muito legal. Como vai você? Como foi no México? Embora isso tenha sido há algum tempo, não é?

— Foi maravilhoso, querida, — disse ele. — Mas foi um retiro da empresa. Muitas reuniões e exercícios de formação de equipe. Não havia muito tempo para brincar de turista.

— É uma pena.

— Escute, não tenho muito tempo. Eu só queria perguntar se você teve a chance de considerar o que conversamos da última vez.

— Hum. — Esfreguei a palma da mão úmida na lateral da minha calça de pintura velha. — Sobre investir em ações?

— Não. Sobre compartilhar a herança com seu irmão.

— Espere aí, — eu disse. — Pelo que me lembro, você disse que era uma pena que tia Susan não tivesse se sentido tão benevolente com Andrew.

— Isso mesmo.

— Eu deveria deduzir disso que você queria que eu desse dinheiro ao meu irmão?

Papai limpou a garganta. — Ele está pensando em diversificar e começar seu próprio negócio e poderia usar o

dinheiro. É a coisa de irmã a fazer.

— Porque Andrew me ajudou muito quando comecei meu próprio negócio.

— Susie, sarcasmo não combina com você.

Como que para provar a idiotice inerente de sua declaração, eu me redobrei. — E ele sempre foi tão bom em visitar tia Susan e querer fazer parte da vida dela. Tenho certeza de que não deixar nada para ele foi apenas um descuido da parte dela.

— Não há necessidade disso, querida. Ele cometeu seus erros e agora se arrepende deles.

— Oh meu Deus. — Eu ri. — Você está realmente sugerindo que Andrew deveria ter bajulado tia Susan na esperança de conseguir algum dinheiro quando ela morresse? Isso é horrível. Ela era sua irmã.

— Claro que não quis dizer isso, — ele retrucou. — Não seja ridícula.

— Se ele está tão desesperado por dinheiro, por que você não doa para a causa? — Silêncio.

— Oh. Você já doou. O que é engraçado, porque quando eu estava começando meu negócio você me disse que era muito cedo e questionou se eu sabia o que estava fazendo. O que, entre você e eu, foi o oposto de ser útil, pai.

— Isso foi diferente.

— Você sabia que mamãe e seu novo marido me enviaram flores quando consegui meu primeiro cliente? Quero dizer, eles são pessoas ocupadas com suas

próprias vidas e ainda assim conseguem atingir a base de apoio familiar.

— Você dificilmente é uma criança para precisar da minha mão, Susie.

— Nem meu irmão. Você sabe, eu costumava pensar que se eu fosse quieta e boa, você me amaria. Mas isso apenas me tornou mais fácil de ignorar. Foi só por isso que você ligou? Dinheiro para Andrew? — Perguntei. — Eca. Não responda isso. Claro que foi. Diga ao meu irmão que ele teria uma chance melhor me procurando diretamente do que tentar essa merda.

— Susie!

— Embora ele ainda me deva desculpas por me dar uma merda sobre herdar a casa no funeral da tia Susan. É por isso que não nos falamos há meses.

Papai começou a balbuciar alguma coisa, mas eu cansei. Eu gostava de ser querida. Era uma falha minha; ser amável com as pessoas era uma droga. Mas, em algum momento, você terá que aceitar que, para algumas pessoas, nunca será o suficiente. Não importa o que você faça.

— Desculpa pai. Eu tenho que ir. Tchau.

Deixei-me cair contra o balcão da cozinha e concentrei-me apenas em respirar por um minuto. Dentro e fora. Dentro e fora. Tudo estava bem. Meu pai nunca esteve muito interessado em desempenhar o papel de pai em minha vida. Isso não era novidade. Meu irmão era um idiota. Também notícias antigas. Em momentos como este,

a conexão entre os homens defeituosos da minha família e meu péssimo gosto por namorados parecia óbvia. Talvez fosse hora de marcar uma consulta com o terapeuta recomendado por Cleo. E eu faria isso. A qualquer momento.

Lars apareceu no arco com uma expressão preocupada. Esse era o problema desta casa: a sala de estar dava para a sala de jantar, que dava para a cozinha. Era tudo muito aberto e tinha um ótimo fluxo. E a música havia parado. Quando você ouve vinil, isso acontece mais do que você imagina. Lars deve ter ouvido tudo.

— Você está bem? — ele perguntou.

Eu dei a ele algo entre uma careta e um sorriso. — Sim.

— Eu não queria ouvir. É só que... é uma casa pequena.

— Sim.

— Você parecia chateada.

— Eu estava. — Eu balancei a cabeça. — Mas estou bem agora.

Sua língua brincou atrás de sua bochecha. — Eu sinto que deveria me oferecer para dar um soco em alguém por você. Não tenho certeza se essa é uma resposta adequada.

— Ah, isso é fofo. Significa muito para mim que você esteja disposto a voar para a Flórida e socar meu pai. Mas realmente não é obrigatório.

Ele encolheu os ombros.

— Eu avisei que minha família não era nada boa.

Seu sorriso era empático. — Os feriados definitivamente serão realizados com meus pais.

— Estou quase disposta a me casar com você só por isso. — Peguei o velho pote de biscoitos de vidro da despensa. O primeiro biscoito de chocolate foi enfiado na minha boca, mas no segundo eu passei para ele. Açúcar era meu amigo. Tipo isso. Assim que o biscoito terminou, suspirei feliz e disse: — Assim está melhor. — A diversão habitual encheu seu olhar. Embora logo tenha ficado sério.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que você simplesmente não diz a Tore que não vai vender?

— Porque ainda não me decidi.

— Susie. — O sorriso que ele me deu foi gentil. — Você não vai abandonar este lugar. Você adora. Apenas diga a ele que não está interessada e ele parará de perguntar.

Eu não sabia o que dizer.

— Claro, então você terá que realmente se comprometer com o local, comprar alguns móveis e se instalar.

— Ei, meu amigo enorme. Você está sugerindo que tenho problemas de compromisso?

— Há quantos meses você mora aqui?

— Alguns, — eu me esquivei.

Ele encolheu os ombros.

Huh. Na verdade, eu não pensava que minha falta de móveis tivesse um significado mais profundo. Além de

parecer inteligente esperar até depois das reformas.

Embora não ter um sofá fosse irritante. Mas e se eu escolher errado novamente? Talvez eu jogasse meu dinheiro fora em uma cadeira que fizesse todo o sentido no momento, só que acabaria uma bagunça. O medo era real.

— Você ainda não está preocupada em substituir sua tia aqui, está? — ele perguntou. — Porque ela obviamente queria que você ficasse com o lugar.

Meus ombros caíram. — Não. É só que...

— Você sente que não merece tudo isso?

— Eh, — eu disse, ainda hesitando. — Não sei.

— Você está preocupada em fazer outra escolha ruim?

— Diga-me, Lars. Desde quando você acha que me conhece tão bem que consegue terminar minhas frases?

— Desde que você começou a usar aquela cara triste, — ele brincou. — É o beicinho em particular que faz isso comigo.

— Ótimo. — Eu ponderei sobre o horror existencial de tudo isso. — Aaron diria para pegar o dinheiro e correr. Ele ficaria horrorizado com a ideia de se estabelecer e morar nos subúrbios.

— Quem se importa com o que ele pensa?

Minha boca se abriu. — Oh meu Deus. Lars. Você blasfemou contra o melhor amigo. Você precisa se sentar? Rezar algumas Ave-Marias?

— Estou falando sério. Este é o seu lugar e a escolha é sua.

— Verdade.

— E você está feliz aqui, não é? Quero dizer, você parece feliz. É como se estivesse mais relaxada agora do que antes.

— Isso pode ser por causa da companhia que estou mantendo. Ou não mantendo, — eu disse. — Mas sim, quero dizer... esta é realmente a única casa que conheci. Pelo menos é o lugar onde fui mais desejada e acolhida. Mas chega de falar do meu trauma de infância. Estamos com um tempo bom, não é?

Ele apenas esperou.

Então parei um momento e pensei sobre o que ele estava dizendo. Esta era a cozinha onde minha tia me ensinou a assar. Tipo assar e fritar e outras coisas. Como sua mãe lhe ensinou quando ela era pequena. E pela porta dos fundos ficava o pequeno quintal e o bordo japonês. Não sei quantas horas da minha juventude passei olhando para as cores e para o jogo da luz do sol através das folhas daquela árvore. Muitas vezes com música tocando em meus ouvidos e um livro esquecido em meu colo. Depois havia o quarto dos fundos onde eu dormia. Contos de dinossauros se transformaram em preocupações do ensino médio e depois em problemas do ensino médio. Tia Susan ouviu tudo com paciência e amor.

Eu sabia que tive sorte de tê-la. Mas acho que nunca tinha percebido quão sortuda era. Talvez ela não fosse a única que tinha medo da mudança. Havia todas as chances de eu ter herdado parte dessa característica. Eu gostaria que ela ainda estivesse aqui. Eu não tinha feito perguntas

suficientes sobre suas opiniões sobre a vida, o amor e tudo mais. O que ela teria pensado da certidão de divórcio?

— Tudo bem, — eu admiti. — Então talvez você tenha uma ou duas razões sobre eu e a casa.

— Você está realmente concordando comigo?

Eu gemi. — Sim.

Ele sorriu. Então sua expressão ficou séria novamente.

— Você contou a alguém da sua família sobre a certidão de divórcio?

— De jeito nenhum. Você contou?

— Apenas Tore. Minha irmã está ocupada com suas próprias coisas.

— E seus pais? — Perguntei. — Como você acha que eles reagiriam?

— Sinceramente não sei.

— Hum. Bem, como acabei de mostrar, não sou particularmente próxima de ninguém da minha família. Compartilhar nossa descoberta com eles realmente não tinha passado pela minha cabeça.

Ele apenas olhou para mim.

— O lado positivo é que, se a certidão for falsa, ouvir essa conversa é o mais próximo que você chegará de lidar com qualquer um deles, seu sortudo.

Ele me deu um meio sorriso. — É falsa. Tem que ser.

— Sim. Quer comprar móveis mais tarde? — Perguntei. — E não estou perguntando apenas porque você é forte e pode levantar coisas e dirigir um caminhão. Na

verdade, você parece ter um talento especial para escolher móveis estofados.

— E você gosta de me ter por perto.

— Isso também, — eu admiti. — O que farei quando você terminar o trabalho na casa esta semana?

— Por que você não dá uma festa? Uma festa de inauguração?

— Hum. Não sei. Uma reunião íntima de amigos, talvez, — eu disse. — Comprar móveis, sim ou não? E o que você acha de parar no Biscuit Bitch para almoçar?

— O que você quiser, Susie.

-

Sete

— Você está sem gin, — disse Cleo.

Desembrulhei uma roda de queijo brie e coloquei-a no tabuleiro de charcutaria. O quarto arranjo desse tipo que fiz esta noite. Lanches eram minha cadela.

— Mal posso esperar que seu ex-marido chegue para que eu possa finalmente conhecê-lo, — disse ela. — Embora eu ache que ele é atualmente seu pré-marido.

— Você definitivamente deveria chamá-lo assim. Ele ficaria encantado em ouvir isso, — brinquei. — Você checou o carrinho do bar no canto da sala em busca de mais gim?

— Farei isso. — Cleo saiu da cozinha com seu maxi vestido amarelo.

A festa em casa estava realmente acontecendo. Lars e sua equipe terminaram de pintar o interior e o exterior da casa e fizeram as malas e partiram na sexta-feira. Tudo aconteceu assustadoramente rápido. Eu não pude deixar de me perguntar se isso era tudo para nós. Se talvez nossa amizade desaparecesse quando não estivéssemos na cara um do outro cinco dias por semana. Da mesma forma que os amigos da escola e do trabalho tendem a se afastar. O tempo diria.

Nesse ínterim, a casa estava quase toda mobiliada. Porque quando tenho uma ideia na cabeça, tenho tendência a fixá-la. E Cleo, que precisava de uma distração depois de terminar com Josh, abraçou de todo o

coração a ideia da mobília e da festa de inauguração. Lars não estava disponível para todas as minhas necessidades de compra de móveis, infelizmente. Isso pode ser devido a alguma hesitação e visitas repetidas às lojas da minha parte. Agora todos estavam aqui, comendo minha comida, bebendo minha bebida e admirando minha casa. Além de me dar presentes, o que era incrível.

A gata, porém, ficou horrorizada com tudo isso e se escondeu debaixo da minha cama. Pobre bebê.

— Você não vai vender, vai? — perguntou Tore, aparecendo na cozinha.

Eu sorri. — Olá.

— Eu amo isso. — Ele olhou em volta maravilhado. — Você é tão cruel.

— Sinto muito.

— Não, você não sente. — Ele ergueu duas garrafas de vinho. — Comprei branco e tinto porque não sabia o que você bebe.

— Muito obrigada.

Lars apareceu atrás do irmão. — Achei que você tivesse dito uma reunião íntima.

E não me senti melhor só de saber que ele estava lá. Uma parte nervosa de mim não relaxou ao vê-lo. Isso seria muito estranho. Ah, porra. Ele parecia bem. Camisa de linho preta, calça jeans e tênis preto. Embora tenha sido o homem usando que me bateu na cabeça. O tamanho dele simplesmente me pegou. Como seus ombros e peito largos

afunilavam até uma cintura fina e... Foi aí que tive que parar por uma questão de sanidade.

Lars franziu a testa. — Susie?

— Ei, — eu gritei. — Oi.

— Você está bem?

— Sim. Sim. Muita coisa acontecendo, você sabe, anfitriã.

Com eu correndo por aí fazendo compras e nós dois trabalhando, na verdade não tínhamos nos visto muito nos últimos dias. O interior foi concluído, então ele, Mateo e Connor ficaram do lado de fora cuidando do exterior. Vê-lo agora me atingiu com mais força do que o esperado. O que era estúpido. O homem não deveria importar tanto para mim.

Ele passou a mão grande pelos cabelos dourados em um movimento que era pura pornografia e perguntou: — O que posso fazer por você?

— Hum.

Meu conhecimento da língua inglesa... desapareceu. Nenhum dos outros homens nesta festa tinha me atingido. Só ele, caramba. Desde quando minha mente ficou tão confusa com sexo? E a condição só estava piorando. Ora, eu tinha me dado três sermões severos sobre pensamentos rudes em relação a ele apenas esta semana. Eu era uma mulher de vontade fraca.

— Susie, — ele disse novamente. — Foco. Como posso ajudar? — Tore sorriu.

Então aponteí minha faca de queijo para Tore primeiro. — Coloque o vinho no aparador da sala de jantar e vá ver se Cleo precisa de ajuda.

— Farei isso. Quem é Cléo?

— Melhor amiga. Vestido amarelo.

— Entendi, — ele disse e desapareceu.

— Quanto a mim? — perguntou Lars.

— Preciso do tzatziki e das uvas da geladeira e de mais biscoitos e castanhas de caju da despensa.

Ele fez o que foi dito. — Quem são todas essas pessoas?

— Conhecidos de negócios e amigos variados.

— Você é popular.

— Isso te surpreende? — Eu perguntei um tanto maliciosamente.

— Não. Isso não acontece.

Lars sorriu para mim e eu sorri para ele enquanto colocava os itens solicitados no balcão. O que significava que estávamos juntos enquanto ele finalmente apreciava toda a glória da minha aparência. E o homem não apenas franziu a testa, ele fez uma careta.

Eu não entendi a reação dele – dado que meus lábios estavam em um recatado rosa fosco e meu cabelo estava elegante e simples em um rabo de cavalo baixo, eu estava praticamente vestida como uma freira. Se uma freira usasse uma saia lápis de couro preto com regata canelada de algodão orgânico combinando e salto gatinho liso.

Ele deu um passo para trás e disse: — Eu estava pensando, talvez você devesse me apresentar a sua amiga.

— Você quer conhecer Cleo?

Um ombro grosso levantou no encolher de ombros mais hesitante de todos os tempos. — Pode ser uma ideia. Uma maneira de resolver nosso... problema.

— Isso tem algo a ver com a teoria da profecia autorrealizável? — Perguntei. — Os pensamentos ilícitos sobre a capacidade de comunicação um do outro?

— A coisa da atração indesejada. Sim.

— Huh.

— Porque o jeito que você estava olhando para mim me leva a pensar que talvez eu não seja o único...

— Pare. Não diga mais. Por favor. — Abaixei a cabeça de vergonha. A verdade era uma droga. — Isso é tão humilhante.

— Tudo bem.

— Não, não está, — eu disse. — Como você chama uma paixão não correspondida quando é correspondida, a pessoa que recebe realmente não quer que isso aconteça?

Lars suspirou.

— É ainda pior do que a pessoa não saber que você gosta dela. Você reconhece que está atraído por mim e *odeia* isso.

— Ódio é uma palavra forte.

— Quero dizer, foi assim que acabamos casados?

Sua mandíbula se firmou. — A certidão de divórcio não é real. Você sabe disso.

— Eu sei? — Perguntei. — Não responda isso. Então você quer que eu lhe apresente minha melhor amiga para que possa gostar dela em vez de mim. OK. eu vejo onde você quer chegar. — Suspirei. — Quero dizer... é uma ideia válida. E pelo menos você estaria namorando dentro do grupo de amizade estendida.

Ele assentiu. — Há isso.

— Acho que deveria ir tomar uma bebida com Tore.

— Espere. O que?

— Dar mais uma chance a essa conexão. Eu realmente gosto dele. Ele é inteligente, engraçado e meio gostoso.

— Você disse que não havia nada entre você e ele. — E o rosnado em sua voz era nada menos que emocionante. A profundidade e a irritabilidade que isso transmitia.

Pisquei grandes olhos inocentes para ele.

Ele se inclinou até ficarmos quase nariz com nariz. — Você está brincando comigo?

— Eu nunca.

Ele olhou para mim. — Susie, ele é meu irmão.

— Isso mesmo. E, Lars, ela é minha melhor amiga. — Eu dei a ele meu melhor sorriso. — Talvez nós dois devêssemos pensar um pouco mais sobre isso. O que você diz?

Mais flagrante.

— A propósito, minha amiga designer gráfica, Hang, quer conversar com você sobre a reforma da casa dela no Madison Park. Por que você não leva esses lanches para mim e vai socializar?

Ele pegou a tábua e saiu pisando forte para aproveitar a festa.

Como convidei pessoas que conhecia profissionalmente, só pude dar o pontapé inicial, tomar uma bebida forte e parar de dar o melhor de mim depois da meia-noite. A multidão já havia diminuído. Eu tinha acabado de acompanhar a senhorita Lillian até a porta (ela disse que era um bom carma ser uma das últimas a sair de uma festa) quando Lars se sentou ao meu lado no sofá de veludo cinza. Eu ainda planejava revesti-lo. Embora houvesse algo nas cores de uma tempestade, em estar rodeada de cinzas e azuis. Elas eram temperamentais e reconfortantes ao mesmo tempo.

Muitas das peças que consegui adquirir eram vintage graças às lojas de segunda mão da cidade e à venda de uma propriedade local. O aparador de mogno era uma antiguidade. Mas o espelho redondo acima da lareira e o carrinho de bar prateado e de vidro eram novos em folha. E a velha mesa de centro de meados do século tinha sido descartada por alguém na rua, então era perfeita para eu colocar meus pés descalços e cansados sobre ela agora.

— Ei, — ele disse.

Eu me mexi e estiquei os dedos dos pés. Os saltos altos eram seriamente desconfortáveis. — Você teve uma boa noite?

— Sim. Eu estava nos fundos, de olho na fogueira e conversando um pouco com sua amiga Hang e o marido dela.

— Eles são boas pessoas.

Ele assentiu. — Então Mateo e James vieram. Foi gentil da sua parte convidá-los.

— Eu gosto deles. Além disso, você, Mateo e aquele canalha são a razão pela qual este lugar parece tão bom.

— Mas você não sentiu necessidade de convidar o pequeno canalha?

— Claro que não, — eu disse. — Eu não sou tão legal.

As janelas estavam abertas para deixar entrar a brisa fresca da noite e Jimi Hendrix tocava suavemente no toca-discos. Havia uma quietude na madrugada que você não conseguia encontrar em nenhum outro momento. Com Lars ali, era ainda melhor. E por um momento, deixei meus problemas e preocupações de lado e me permiti aproveitar. Não importava que a casa estivesse uma bagunça, com copos vazios e pratos espalhados. Não importava que nossos sentimentos um pelo outro estivessem igualmente confusos. Tudo estava bom.

Até que ele abriu a boca e disse: — Achei que Tore poderia estar aqui com você.

Tomei um gole da minha vodca com refrigerante e limão. — Eu não estou interessada em seu irmão. E não tenho ideia sobre seu paradeiro atual.

Nada dele.

— Achei que Cleo poderia estar com você, — eu disse, sem parecer nem um pouco como uma megera ciumenta.

— Não. — Um sorriso lento curvou seus lábios. — Ainda não conheci sua amiga. Achei que você devia tê-la escondido em algum lugar. Mas entendi o que estava dizendo mais cedo na cozinha.

— Oh?

— Seja lá o que for... só teremos que resolver isso entre nós.

Esperar um pouco, eu acho, — disse ele, em tom contemplativo. — Não tenho ideia de onde veio aquela certidão de divórcio ou o que diabos isso significa. Mas é como você disse, ainda somos responsáveis pelas decisões que tomamos.

— Sim, nós somos. Ninguém pode nos forçar a ficar juntos, muito menos casar e depois separar. Independentemente de quaisquer sentimentos sexuais estranhos e injustificados que possamos estar experimentando. — Balancei a cabeça em total acordo comigo mesma. — Porque você estaria quebrando o código do mano e eu estaria correndo para um relacionamento, e provavelmente cometendo outro erro e inevitavelmente tudo daria errado. O que nenhum de nós quer.

— Exatamente. Mas namorar os irmãos ou amigos um do outro agora seria estúpido. E possivelmente doloroso, eu acho.

— Amigos não machucam amigos, — eu disse. — Pelo menos, não de propósito. E eu definitivamente não escondi

Cleo de você. Não tenho ideia do paradeiro dela. Talvez ela tivesse que sair mais cedo. Vou mandar uma mensagem para ela em um minuto. Assim que meus pés pararem de doer.

A gata soltou um miado melancólico e colocou a cabeça para fora de debaixo do sofá. Eu nem tinha percebido que ela estava lá. Alguém merecia um pires de leite por tolerar todo o povo. Ela estava escondida há horas.

Festas definitivamente não eram sua praia.

— Você vai deslizar para a direita em um aplicativo de namoro, presumo? — Perguntei.

— Não estou com pressa. — Ele me deu uma longa olhada. — E você?

Houve um estrondo quando a porta do quarto dos fundos se abriu. Lars e eu olhamos por cima dos ombros e vimos Cleo saindo cambaleando para a sala de jantar, rindo. Com ela estava um homem muito grande e meio vestido, ocupado em puxar o zíper de sua calça jeans.

Minha boca se abriu. — Huh.

— Acho que isso responde a sua pergunta, — disse Lars.

Cleo olhou para cima e seus olhos se arregalaram.

— Oh. Oi.

— Aproveitando a festa? — Perguntei.

— Sim.

Reprimi um sorriso. — Excelente.

— Querida, — disse Tore, abotoando a camisa. — Este é o irmão de quem lhe falei.

Lars ergueu a mão em saudação. — Ei.

— Prazer em conhecê-lo. — Cleo sorriu para ele antes de voltar sua atenção para seu novo amigo. — Você perdeu um botão. Deixe-me ajeitar.

— Esgueirando-se em festas para dar uns amassos, — repreendi. — Quanto anos temos, dezoito? — Cleo me lançou um olhar.

— Você está com ciúmes, Susie.

— Isso é verdade. Eu realmente estou.

Lars me deu um tapinha no joelho. — Pronto, pronto.

— A espreguiçadeira que você colocou no novo escritório é muito confortável, — disse Cleo.

— O tecido é bom? — Perguntei. — Não há queimadura do tapete?

— Suave como seda.

Eu dei a ela um sinal de positivo. — Bom saber.

— Temos de ir. — Cleo conduziu Tore, agora corado, em direção à porta da frente.

E o sorriso da mulher.

— Mas voltarei amanhã para ajudá-la a limpar.

— Certo, — disse Tore. — Você ia me mostrar aquela coisa na sua casa. O que estou realmente ansioso. Mas com certeza voltaremos, Susie.

— Está bem. — Lars acenou para eles. — Entendemos. Vai se divertir.

Tore sorriu. — Obrigado, irmão.

— Ah, o amor jovem, — eu disse enquanto eles desapareciam na noite. Fazia meses e meses desde que fui para a cama com alguém. Não que eu não pudesse me sustentar. Mas era bom sentir o toque de outra pessoa de vez em quando. E lá sentado ao meu lado estava Lars, todo grande e forte. Suas mãos, em particular, me atraíram. Aqueles dedos calejados e inteligentes seriam capazes de todo tipo de coisas incríveis. Apenas o pensamento me fez enrijecer. O que me lembrou: — Obrigada por me seguir no TikTok e no Instagram.

— De nada.

— Embora eu tenha notado que você só curtiu minha foto segurando o vibrador biodegradável.

— Gostei do seu sorriso naquela. Era... qual é a palavra certa?

— Lascivo?

— Isso. — Sua risada baixa me deu sensações na calcinha.

E então fui e avancei. Abri a boca e perguntei: — Você já pensou em nos tornarmos amigos com benefícios?

Dada a intensidade do olhar de Lars, ele amou ou odiou a ideia. Uma pergunta logo foi respondida quando ele cuspiu a palavra — *Não*.

— Huh. Isso não foi nada indiferente.

Uma expressão de alarme cruzou seu rosto.

— Foi apenas uma pergunta inocente, Lars. Não há necessidade de ficar tão chateado. Eu só estava pensando que poderia ser uma maneira de talvez

administrarmos os efeitos hormonais da certidão de divórcio. É só fazer isso uma vez para tirá-la do nosso sistema, sabe?

Ele grunhiu.

— Ninguém se apresentou e assumiu a responsabilidade pelo caso. E nenhum de nós tem uma pista do que quando a encontramos. Talvez seja hora de começar a administrar a situação em vez de procurar respostas.

Suas maçãs do rosto se destacavam em total relevo. O homem estava sentindo coisas seriamente. — Susie, o nosso envolvimento só tornaria as coisas mais complicadas.

— OK. Vejo agora que é uma ideia realmente terrível e vou parar de falar sobre isso. — A verdade é que, em primeiro lugar, eu nunca deveria ter perguntado. Foi minha culpa se meus sentimentos delicados foram feridos. O coração era um idiota e a vagina muito pior. Terminei minha bebida e me levantei. — Por que você não junta os copos sujos e assim por diante enquanto começo a trabalhar na cozinha?

— Claro, — disse ele, e certamente pareceu aliviado com a mudança de assunto. — Eu não tive a intenção de insultá-la nem nada. Você sabe que eu te acho atraente. Mas...

— Você está preocupado em perturbar seu melhor amigo.

— Não. Quero dizer, não é o ideal, mas... você e eu, não fazemos sentido. — Ele parou e franziu a testa para

mim. — Merda, Susie. A expressão em seu rosto. Eu te machuquei.

— Eh. Você não queria. Isso conta para alguma coisa. Sua expressão ficou dolorida.

Colei meu sorriso mais brilhante.

— Acho que seria melhor se déssemos espaço um ao outro por uma semana. Deixar as coisas se resolverem. Dada a existência da certidão, todo esse tempo juntos foi muito, sabe?

Suas mãos se abriram e fecharam ao seu lado. — Se é o que você quer.

— Acho que é, — eu disse. — Está tarde. Talvez eu simplesmente vá para a cama. Obrigada por oferecer ajuda, mas está tudo bem. Vou limpar essa bagunça pela manhã.

— Tem certeza?

— Sim.

Mas era seguro dizer que, mesmo que eu soubesse o que queria, provavelmente não conseguiria. Não quando se tratava dele. Assim era a vida.

— Espere um minuto. — Cleo me seguiu escada abaixo até um dos níveis mais baixos do Pike Place Market. — Você ia me arrumar com o homem por quem você tem uma queda? Susie, você está falando sério?

— Não. Essa foi sua ideia brilhante. O que eu não considere nem um pouco.

— Graças a Deus por isso.

Era o sábado depois da festa e a primeira vez que tivemos a chance de conversar. Na manhã seguinte à festa, mandei uma mensagem para ela e disse que estava com a limpeza em mãos. Eu não estava com disposição para receber visitas, mesmo que fossem úteis, até agora. E ela esteve ocupada com seu novo amigo, Tore, durante toda a semana. Passei a maior parte da semana trabalhando e tentando não pensar em Lars. O último ficou mais difícil devido ao meu hábito de ficar olhando para a maldita certidão. Ter um pedaço de papel tentando ditar suas escolhas futuras era uma viagem.

E era por isso que eu precisava saber mais. Agora sim.

— Nenhuma de nós é estúpida o suficiente para se envolver com um homem que uma amiga gosta, — disse Cleo.

— De acordo.

— Então Lars é um idiota, mas Tore é maravilhoso.

— Essa é a opinião oficial? — Perguntei.

Cleo apenas sorriu. — Eu realmente gosto dele. Embora *gostar* seja uma palavra inofensiva. Eu só... estou tentando não me deixar levar, porque sei que ainda é cedo. Mas caramba, é difícil.

— Eu estou tão feliz por você. E se ele te machucar, eu vou machucá-lo. Estou pensando em taco de golfe no joelho.

— Obrigada. Acho que se chama clube. Nós nos vimos quase todos os dias esta semana, — ela admitiu. — Estou

com tanto medo de que estejamos indo rápido demais e que tudo dê errado. Mas agora, está tão certo. Você sabe o que eu quero dizer?

— Sim.

— É como se houvesse tudo isso acontecendo dentro de mim sobre ele e eu... de qualquer maneira. É por isso que estive desaparecida a semana toda.

— Um excelente motivo. — Eu sorri. — Depois de resolvermos essa estúpida certidão de divórcio misteriosa de uma vez por todas, quer ir comprar donuts e ver peixes sendo jogados por aí?

— Sim.

Entramos na pequena loja de Madame Karen. Parecia como você imagina. Cortinas de veludo vermelho e um display de cartas de tarô à venda. Os cristais estavam em quase todas as superfícies. Uma adolescente com cara de entediada olhou para nós por trás do balcão antes de gritar: — Mãe, suas próximas clientes estão aqui.

Eu levantei meu queixo. — Como você sabia disso sem perguntar? Você também é vidente?

A garota apenas revirou os olhos.

Justo.

— Vocês devem ser amigas de Lillian, — disse uma mulher mais velha com um elegante cabelo preto. Uma variedade de colares de pedras coloridas pendia de seu pescoço. — Eu sou Karen. Venham.

Uma pequena mesa e cadeiras estavam atrás da cortina e todas nós nos sentamos na sala mal iluminada. As

paredes eram pintadas de vermelho escuro e era muito atmosférico. Numa prateleira no canto havia uma bola de cristal e uma variedade de livros espirituais. Graças a Deus eu usei um vestido maxi preto e sandálias rasteiras. Era um dia quente e o AC não estava à altura do desafio. Cleo tomou um gole de água e se abanou com a mão.

Peguei a certidão de divórcio do saco plástico em minha bolsa e coloquei-a sobre a mesa.

— A senhorita Lillian disse que você é especialista em psicomетria e pode esclarecer um pouco isso. Estava...

— Não me conte mais nada, — disse Karen.

Fechei a boca e troquei um olhar com Cleo. Nenhuma de nós sabia o que esperar. De verdade. Mas tudo no documento me deixou nervosa. A psicomетria era a leitura de vibrações ou impressões ligadas a um objeto. Avaliação do campo energético através da percepção extra-sensorial. O Google me disse isso. E se há algo em que você sempre pode confiar é na internet falando sobre assuntos espirituais. Como a perita de documentos forenses tinha sido um fracasso, era hora de olhar mais longe. E a senhorita Lillian achou que isso poderia ser útil, já que ela não era especialista na área.

Karen acariciou as bordas do documento antes de deslizar os dedos pela superfície. O tempo todo, seu rosto era um estudo de concentração. Então ela fechou os olhos e exalou. Respirei fundo novamente e exalei novamente.

— Estou ancorando minha energia e estabelecendo salvaguardas ao nosso redor, — explicou ela. — Agora estou

abrindo minha mente para o objeto. Há alguma energia muito feminina ligada a isso.

— Eu guardo comigo ou na gaveta de roupas íntimas. Achei que era mais seguro. É onde coloco meu... Enfim.

Karen abriu um olho e me deu uma olhada.

— Desculpe, — eu sussurrei.

— Há muita confusão no contato recente. As pessoas que tocaram nisso ultimamente têm muitas perguntas, mas nenhuma resposta. — A médium franziu a testa. — Vamos ver se podemos voltar mais atrás. Estava perdido e esquecido por muito tempo.

Cleo observou a mulher com o rosto inexpressivo. Tentei fazer o mesmo, mas meu pé não parava de bater. A ansiedade era uma merda.

— Há tanta tristeza. — Karen colocou as palmas das mãos sobre o papel. — Ela sente uma grande angústia com esse destino. Ela está frustrada e profundamente desapontada porque erros foram cometidos por ambas as partes.

— Espere. Eu fiz algo errado? — Eu perguntei, surpresa. — Eu realmente achei que teria sido ele.

Cleo me fez calar e eu coloquei a mão na boca.

— É preciso dois para dançar o tango, — disse Karen, com o único olho em mim novamente. — A dor associada a este documento é tão grande que ecoa.

— Isso ecoa?

— Tão alto que chegou até você uma década antes.

— Huh.

— Isso é tudo que posso lhe dizer, — disse Karen. — As leituras tendem a ser melhores com menos interrupções. Elas turvam as águas psíquicas, por assim dizer.

Eu removi a mão. — É isso? Posso perguntar algo?

Ela assentiu, ambos os olhos abertos agora.

— Como a certidão de divórcio foi parar na parede?

— Nada surgiu sobre isso.

— Droga. O mistério permanece sem solução.

— Suas perguntas foram respondidas? — perguntou Karen.

— Nem tanto, — disse Cleo secamente. — Existe alguma maneira de você dar algo mais a ela?

— Claro. — Karen pegou um baralho de tarô e colocou-o na minha frente. — Embaralhe isso, por favor. E pense no que você quer saber.

Guardei a certidão de divórcio e fiz o que foi dito. As cartas estavam macias nas bordas devido ao uso e ao tempo. Elas também eram um pouco grandes para minhas mãos e difíceis de embaralhar.

Conforme combinado, Lars e eu não conversamos esta semana. Nem por mensagem de texto, telefone ou pessoalmente. A desintoxicação do homem era interessante. O que Karen havia dito até agora definitivamente reforçou meus motivos para não querer namorar. Principalmente Lars. Por que alguém iria querer lidar com essa merda? As emoções eram confusas e os

homens eram os piores. Mas eu sentia mais falta dele do que gostaria de admitir.

O que era péssimo. Foi uma semana solitária, sem Lars e Cleo ocupada com Tore. Embora eu conhecesse muitas pessoas, só tinha alguns amigos próximos.

Embora eu tenha avançado no meu trabalho, passado bons momentos com a gata e organizado algumas caixas.

Devolvi as cartas. — Ai está.

Karen distribuiu três cartas viradas para baixo na mesa. Ela virou a primeiro. — Morte! — Eu gritei. — Você está brincando comigo?

Ela bateu na carta com uma unha pintada de roxo. — Na maioria dos casos, a carta da Morte significa mudança. É mostrado aqui ao contrário, o que significa que você tem resistido a essa mudança. Que possivelmente existem comportamentos e crenças que precisa abandonar para se tornar uma versão melhor de si mesma. Só então você terá a chance de ter um relacionamento mais saudável consigo mesma e com os outros no futuro. Em outras palavras, Susie, você está se apegando a coisas que não a beneficiam.

— Oh, — eu disse, relaxando. — OK.

Ela virou outra carta. — O Cavaleiro de Copas. O que significa que o amor pode estar vindo em sua direção. Mas você pode ter tendência a se apaixonar e ter expectativas irrealistas. Se deseja ter sucesso, precisará ouvir seu coração, mas manter o mundo real à vista.

Eu apenas fiz uma careta.

Karen virou a última carta e deu um tapinha nela. — Este é o tolo.

— Bem, isso é duro, — eu murmurei.

— Está invertido, o que significa que sua natureza um tanto alegre pode precisar ser equilibrada com mais cautela. Um relacionamento arriscado pode estar no seu futuro imediato. Um que possivelmente carece de comprometimento. Você resistirá melhor buscando esse equilíbrio e olhando para o futuro.

Suspirei. — Então basicamente você está dizendo que a mudança está chegando. Que eu deveria agir como uma adulta e fazer o meu melhor para não fazer escolhas erradas. Mas principalmente para não cometer os mesmos erros que cometi antes. E depois de tudo isso, no final das contas, ninguém tem ideia exata de como as coisas vão funcionar de qualquer maneira.

Karen pensou por um momento.

— Basicamente.

— Certo.

— Você queria mais uau?

— Posso ver por que você é amiga de Lillian. — Eu sorri. — Qual é a sua opinião sobre destino ou futuro?

— Acredito que grandes coisas estão por vir para todos nós, — disse ela. — Se aprendermos as lições que precisamos e crescermos à medida que avançamos na vida.

— Estou sentindo um tema aqui.

— Curioso. — Karen juntou as cartas e se levantou. — Você pode pagar minha filha na saída.

Cleo me deu um tapinha no ombro.

— Açúcar e carboidratos?

— Oh sim.

— Você vai contar a Lars sobre isso? — Suspirei.

— Boa pergunta.

-

Oito

Lars: Quer beber esta noite? Será bom para recuperar o atraso. Cleo e Tore estarão lá.

Eu: Aaron estará lá?

Lars: Não.

Eu: Ok. Parece bom!

Íamos nos encontrar em um pub em Ballard, perto da Market Street, que servia hidromel e aquavit. A cabeça loira de Lars ergueu-se acima da multidão perto do bar. Um ponto de referência fácil.

Qualquer nervosismo que eu sentisse em vê-lo novamente estava escondido sob uma camisola preta, calças pretas e saltos de tiras. Um pouco elegante, mas às vezes uma garota precisava de uma armadura. Já fazia mais de uma semana desde a minha festa de inauguração, quando Lars e eu conversamos pela última vez. Seria bom vê-lo. Senti falta de seu senso de humor seco e do som de sua voz. Poderíamos ser apenas amigos. A certidão de divórcio podia ser ignorada. Ora, eu não colocava a mão na bolsa para acariciar o papel macio há pelo menos um minuto. Esta noite seria ótima. Eu estava de bom humor e o sorriso permaneceu no meu rosto até ver a mulher pendurada em seu braço. Puta merda. Ele trouxe um acompanhante. E não qualquer uma.

— Jane, — eu disse. — Uau. Isso é uma surpresa.

Ela imediatamente se desvencilhou de Lars e me deu um abraço. — Susie! Bom te ver. Como você tem estado?

Foi como levar um soco. Meu coração doeu e eu odiei isso.

Sempre me dei bem com a ex-namorada de Lars. Tínhamos tido muitos encontros duplos, naquela época. Ela era pequena e perfeita, o que me fez sentir grande e barulhenta. Mas outras pessoas não eram responsáveis pelas minhas inseguranças. E vê-la novamente era ótimo. Tão bom.

Lars me deu um sorriso e um aceno de cabeça. — Ei.

Cleo apareceu e me passou um de seus copos de hidromel. — Nossa mesa está pronta. Venha sentar ao meu lado, Susie.

— OK.

— Posso sentar do seu outro lado? — perguntou Tore com uma piscadela.

— Só desta vez, — brincou Cleo. Então, com um olhar significativo para mim, ela disse: — Acabamos de chegar.

Em outras palavras, ela não teve oportunidade de me avisar sobre Jane. Eu balancei a cabeça e sorri e me fiz uma promessa. Essa paixão ou consciência estúpida, ou como você quiser chamá-la, morreria esta noite. Eu estava falando sério desta vez. Ele nunca me daria, então eu precisava parar de querer. Homens e mulheres poderiam ser amigos sem que o sexo atrapalhasse. Apenas observe e veja.

Nossa mesa ficava perto do fundo, longe da agitação. Estávamos nos acomodando quando Austin, amigo músico de Tore, se juntou a nós. Pelo menos eu não seria a mulher estranha entre os casais. Ele sentou-se à minha frente e me deu um sorriso muito amigável. E não foi legal que alguém tenha apreciado o tempo que passei aperfeiçoando meu delineador e modelando meu cabelo?

— Como você tem estado? — Lars me perguntou.

— Bem. Eu estive ocupada. *Saúde*. — Bati meu copo no dele antes de tomar um gole de hidromel. — E você?

— Mesmo.

— Ótimo.

— Está tudo bem com você? — ele perguntou com uma carranca. Era exatamente o jeito dele. Em situações em que outras pessoas sorriam para encorajá-lo, Lars franzia a testa com preocupação. Ele não era tão mal-humorado quanto parecia. Mas tinha tendência a levar as coisas a sério.

— Absolutamente, — eu disse.

— A casa está tudo bem?

— Com certeza está.

— Porque você sabe que posso passar por lá se precisar de ajuda com alguma coisa.

— Obrigada. Obrigada. — Eu sorri. — Como está seu último trabalho?

— Ok.

— Você e Jane estão juntos novamente, hein?

— Sim, —, ele disse. — Nós, ah, sim.

E isso foi tudo que ele me deu.

Eu olhei para ele e ele olhou para mim e, ugh. Acho que não seríamos amigos e tínhamos muita coisa para conversar. Esquecer a certidão de divórcio.

Ignorar os sentimentos infelizes. Nós terminamos. O que era um alívio. Rolei meus ombros para trás e os encolhi. Agora eu sabia.

Jane, que era advogada, estava ocupada contando a Tore sobre um caso recente que havia tratado, quando nosso garçom apareceu, um rapaz bonito e com muitos piercings. De repente, Jane se animou e com um sorriso ofuscantemente brilhante disse: — Bem, olá. Qual o seu nome?

O garçom sorriu e gaguejou alguma coisa. Os lábios de Lars se estreitaram.

Puta merda. Foi o que ele disse que ela fazia naquela vez que discutimos os prováveis motivos do divórcio. Como Jane flertava com outras pessoas e ele achava isso desrespeitoso. Huh.

Quando chegou a minha vez, pedi a salada com salmão grelhado e me acomodei com meu hidromel. As razões de Lars para se reconectar com Jane não eram da minha conta. Sem dúvida houve benefícios para o relacionamento. Embora não fosse bom para ele o fato de não conseguir passar algumas semanas sem namorada. Fale sobre monogamia serial.

Jane se inclinou em minha direção. — Nunca mais conversamos depois daquele dia no restaurante.

— Oh. Bem. Eu, hum...

— Achei que o que Aaron fez foi uma merda completa.

— Eu apenas balancei a cabeça.

Ela colocou a mão no braço de Lars. — Eu sei que ele é seu melhor amigo, mas sério. Ficar bêbado e anunciar para uma sala cheia de gente – incluindo sua namorada que organizou a festa de despedida – que está ansioso por todo tipo de *novas oportunidades* no exterior. E a piscadela foi super elegante. Que humilhação para você, Susie. Que vergonha para ele.

Como se eu não me lembrasse muito bem. A maneira como todos se viraram para olhar para mim para avaliar minha reação. Como me esforcei para manter um sorriso no rosto.

Porque ele estava me dizendo nos últimos dias como queria que ficássemos juntos. Que ficaríamos de longa distância por um ano e depois ele voltaria. Nada demais. É claro que, depois do seu pequeno discurso, as coisas ficaram feias. Não era o tipo de situação que eu aceitaria sentada. Nada como o seu outro significativo fazendo você se sentir insignificante.

— Não foi o seu melhor momento, — murmurou Lars. Olhei para a mesa.

— Está no passado.

— Que idiota, — disse Jane.

— Sim ele é. — Cleo me deu uma massagem nas costas. — Mas como Susie disse, está no passado. Vamos conversar sobre outra coisa.

Jane apenas piscou. — Claro. Desculpe, Susie. Eu não queria...

— Está tudo bem. Realmente. — Eu sorri. — O que você tem feito ultimamente?

Jane falou e Lars estudou suas mãos. Austin me pagou uma bebida enquanto Cleo e Tore sussurravam palavras doces. Era maravilhoso como eles estavam obviamente interessados um no outro. Fazia muito tempo que eu não via minha melhor amiga sorrir tanto.

Virei-me quando um homem na mesa ao lado deixou cair a carteira. Jane a recuperou e eles conversaram. Ela riu e sacudiu o cabelo e Lars franziu a testa com todo o coração. Algumas pessoas eram viciadas em atenção, na emoção de serem desejadas. Era inofensivo. Majoritariamente. Mas Lars escolheu ficar com alguém cujo comportamento o magoava e eu realmente queria saber por quê.

— Volto em um minuto, — disse Lars, levantando-se da mesa.

Saí do meu lugar e o segui sem dizer uma palavra.

Quando chegamos à porta do banheiro de gênero neutro, ele franziu a testa para mim, surpreso, e a manteve aberta. — Depois de você.

— Obrigada.

Era um banheiro limpo e agradável. Azulejos verdes escuros com pias de cobre. Eu me virei e cruzei os braços.

Lars congelou. — Algo em sua mente?

— Por que você voltou com alguém que te deixa infeliz?

Sua mandíbula enrijeceu.

— Não me entenda mal, acho Jane ótima, — eu disse. — Ela conta histórias incríveis e aquela bolsa Balenciaga que ela carrega está além das palavras. Mas o flerte dela te incomoda. Foi por isso que você terminou com ela em primeiro lugar. Um problema que obviamente não foi resolvido.

— Susie...

— Por que fazer isso consigo mesmo, Lars?

Seu olhar se estreitou em mim. — Sabe, você parece quase com ciúmes.

— E você parece na defensiva. — Dei vários passos mais perto. O que eu realmente queria fazer era estender a mão e sacudi-lo. Mas nunca nos tocamos. Não de propósito e não se pudéssemos evitar. — Vejo você sentado lá, parecendo infeliz, e não entendo. Você simplesmente não pode ficar sem namorada? É isso?

— Não é da sua conta. — Ele fez um barulho baixo em sua garganta. — Isso é o melhor, ok?

— Não se você estiver infeliz.

— Deixe isso para lá.

— Não. Você me fez importar com você. Agora pode lidar com as consequências.

— Saia da minha frente, Susie. Não quero falar com você sobre isso.

— Tudo bem, — eu rebati.

Ele grunhiu.

— Não acredito que usei um sutiã sem alças para você.

Suas sobrancelhas se ergueram e sua boca se abriu e eu saí do banheiro como uma rainha. Porque eu era mesquinha o suficiente para gostar de dar a última palavra. Embora o choque que encheu seu olhar tenha sido agradável, eu poderia tentar mostrar um pouco mais de maturidade no futuro. Talvez não mencionar minha calcinha. Vamos adicionar isso à lista de merdas que eu não deveria dizer. Ah bem. Lars tinha talento para me irritar.

De volta à mesa, essa logo se tornou a segunda pior noite de restaurante da minha vida. Lars e eu nos ignoramos enquanto todos se divertiam muito. E não trocamos refeições no meio do caminho. De qualquer forma, eu não queria experimentar aquela salsicha estúpida.

A batida na minha porta veio depois de um berro — Susie!—

Eu conhecia essa voz. Eu não odiava essa voz. Embora eu estivesse bastante irritada com ele por vários motivos, inclusive por ser perto de uma da manhã. O idiota teve sorte de eu estar acordada e lendo. Destranquei a porta e a abri e lá estava Lars. Ele estava vestindo calça de moletom cinza cortada em shorts e tênis. Sua camiseta foi removida e enfiada na cintura e seu peito nu brilhava de suor. E o

tempo todo, seus ombros grossos estavam arfando enquanto ele sugava o ar muito necessário.

Inclinei a cabeça. — Você correu até aqui?

— Sim.

— Você precisa de um pouco de água?

— Isso seria bom, — ele engasgou. — Mas tenho algo a dizer a você primeiro.

— OK. Estou ouvindo. Embora você possa querer começar com um pedido de desculpas por gritar comigo. Caso contrário, esta será uma conversa muito curta.

— Me desculpe por ter levantado minha voz. Isso estava fora de linha.

— Obrigada.

— Você vai se desculpar por meter o nariz na minha vida, mesmo depois de eu ter pedido para você parar? — ele perguntou.

— Não podemos chamar isso de intervenção?

— Não, — disse ele, com voz monótona e hostil.

— Desculpe. Eu deveria ter respeitado seus limites. O que você veio dizer?

Ele fez uma careta para mim e disse com toda a seriedade: — Você não pode falar comigo sobre sua roupa íntima.

Eu fechei meus lábios.

— Sério.

— Posso ver isso, — eu disse. — E você correu até aqui só para me dizer isso.

— Você está rindo de mim?

— Não senhor. Acontece que eu já cheguei à regra de não usar roupa íntima sozinha.

Ele piscou.

— Quero dizer, a regra de não *falar* sobre roupas íntimas.

Eu esclareci. Eu dei a ele meu sorriso mais agradável. — Você gostaria de um pouco de água agora?

— Sim, por favor.

Ele me seguiu até a cozinha, onde fui buscar um copo de água gelada para ele. E a maneira como sua garganta funcionava enquanto esvaziava o copo. Quão grosso era seu pescoço. Não sei – o homem inteiro me pegou. Mas olhar fixamente era rude. O problema, porém, foi que quando baixei o olhar, a impressão do pau na frente de seu short chamou minha atenção. Como o resto dele, era considerável. E o que essa visão fez comigo foi obsceno. Meus dedos dos pés se curvaram e minhas coxas se apertaram. Foi seguro vê-lo seminu em seu churrasco – com outras pessoas presentes. Mas aqui sozinho na minha cozinha... como ele ousa não me foder? Isso era ultrajante.

A questão é que, toda vez que eu tentava esclarecer e reprimir meus sentimentos, ele me dava motivos para ter esperança. Porque não era melhor em me ignorar do que eu a ele. E só para provar isso, ele olhou para meu lindo short preto e regata. Nunca minha roupa de dormir foi tão difamada. A falta de sutiã parecia perturbá-lo particularmente. Embora talvez ele apenas gostasse de

fazer cara feia para meus seios em geral. Esta não foi a primeira vez. O fato de meus mamilos terem escolhido aquele momento para endurecer, entretanto, não ajudou.

Mas toda essa situação estava uma bagunça. Ele me deixou com raiva, feliz, confusa e excitada. O único ponto positivo de ter um tesão feminino pelo homem era saber que eu não estava sozinha nesse caos e confusão. Mas, ao contrário dele, eu pelo menos conseguia demonstrar um pouco de dignidade.

— Você costuma correr no meio da noite?
— Perguntei.

— Não.

— Você não conseguiu dormir?

— Não, eu não consegui, — ele respondeu.

— Isso acontece comigo às vezes. Quando há muito em minha mente.

Ele colocou o copo de lado e cruzou os braços. — Eu não ia vir aqui, mas... o que você disse sobre mim e Jane... você estava certa. Nós terminamos porque eu não conseguia lidar com a maneira como ela às vezes interage com as pessoas, e isso não mudou. Você sabia que o garçom lhe deu o número dele esta noite?

— Não, eu não sabia.

— Eu estava sentado lá e ela pegou, — disse ele. — Quando nos encontramos na semana passada e decidimos tentar novamente, concordamos em ser exclusivos. Eu disse a ela que aceitar o número dele me deixou desconfortável e ela disse que eu estava sendo

ridículo. Que ela estava apenas sendo educada e isso não significava nada.

— Talvez isso não signifique nada para algumas pessoas. Mas significa para você.

— Sim, — ele disse.

— Sinto muito.

— Por que você sente muito?

Dei de ombros. — Não fico feliz por você estar infeliz.

— Merda. — Ele esfregou o rosto. — Eu me apressei em fazer algo que sabia que não funcionaria. A culpa é minha.

— Por que você acha que fez isso, Lars?

Suas mãos caíram para os lados e ele olhou para mim. O silêncio ficou estranho rapidamente. Finalmente, ele disse: — Ser apenas seu amigo é mais difícil do que deveria ser.

Minha boca era um O perfeito. Não que a notícia fosse surpreendente. Só não achei que ele fosse admitir isso em voz alta.

— Fale comigo sobre outra coisa, — ordenou ele, todo agitado.

— Ah. OK. Já contei que levei a certidão de divórcio para outra médium? — Levantei-me sobre o balcão. — Desta vez, uma especialista em psicometria. Eles leem objetos pelo toque.

— Não é isso que a senhorita Lillian faz?

— Não exatamente.

— O que ela disse? — ele perguntou, tomando outro gole de água.

— Que havia muita tristeza associada ao documento.

— Você esperava que fosse felicidade?

— Alguns divórcios sim, — argumentei. — Meu pai ficou tão feliz depois que o deles chegou que foi caçar e beber por uma semana com os amigos. Disse que foi o melhor momento que ele já teve. Bebendo cerveja e atirando em coelhos.

— Seu pai é um idiota.

— Isso é verdade.

— O que sua mãe fez?

— Ela não fala sobre isso. Qualquer assunto envolvendo meu pai é proibido. — Cruzei os braços sobre o peito. — Minha família prefere ser disfuncional. Você poderia dizer que é a estética que escolhemos.

— Estou feliz que você teve sua tia.

— Eu também, — eu disse. — Ela era tão engraçada. Ela costumava fazer uma coisa... se lhe servisse um copo de água ou trouxesse um par de meias, ela dizia: *É isso no Natal. Isso é tudo que você vai ganhar.* Começaria algum tempo depois do Dia de Ação de Graças e continuaria até o grande dia. Eu achava isso hilário quando era pequena.

— Ela parece ótima.

— Sim. — Meu sorriso desapareceu. — Ela realmente era.

— A vidente disse mais alguma coisa? — ele perguntou.

— Hum, que eu não deveria fazer escolhas ruins. Com ênfase principalmente em não repetir erros anteriores. Ser sensata e olhar para o futuro e abandonar coisas que não me beneficiam.

Lars assentiu. — Não é um mau conselho.

— Você não vai me dizer que todo médium é uma fraude?

— Tenho certeza de que você pode decidir por si mesma. Sua orientação parece um pouco com bom senso. Mas talvez não seja a pior coisa do mundo que as pessoas ouçam algum bom senso.

— Você tem a mente muito aberta. Então, o que você vai fazer com Jane?

— Concordamos em discordar. Então terminamos. De novo. — Ele abaixou a cabeça. — Isto durou uma maldita semana inteira.

— Não seja tão duro consigo mesmo. Isso teria sido uma vida inteira no ensino médio.

— Isso não é reconfortante.

— Podemos tomar sorvete e assistir TV se isso te fizer se sentir melhor. — Eu sorri. — Você acha que talvez dê uma chance a ficar sozinho por um tempo?

Ele me deu uma olhada.

— Apenas uma ideia.

Ele suspirou. — Eu não estava fugindo com medo nem nada depois da sua inauguração. Não foi por isso que Jane

e eu...

Eu apenas esperei.

— *Você* disse que não queria me ver. Eu sei que você só precisava de um pouco de espaço, mas não gostei.

— OK. — Ele fechou a boca e não disse mais nada.

— Sabe, posso te ensinar como ser solteiro. Sou boa em ficar sozinha. — Pulei do balcão. — Na verdade, eu me pergunto se foi por isso que o divórcio aconteceu. Você eventualmente precisa de um tempo sozinho para crescer ou algo assim.

— Não teríamos nos separado por um tempo se fosse esse o caso?

— Quem sabe? — Dei de ombros. — O casamento é complicado. Tentar manter algo juntos a longo prazo. Encontrar esse equilíbrio entre duas pessoas. Não cometer o erro de se conformar para atender às expectativas de outra pessoa. Não importa o quanto você goste. É por isso que meu histórico de namoro é meio irregular.

Sua testa franziu. — Você não deveria ter que mudar por ninguém, Susie. Não é disso que se trata. Quero dizer, há concessões, mas... não se transformar em um pretzel para fazer outra pessoa feliz.

— Mas eu sou uma garota estranha, Lars. Aquela tagarela. Não aquela que eles levam para casa para conhecer a mãe.

— Então foda-se eles. E não no bom sentido.

O sorriso se espalhou lenta, mas seguramente pelo meu rosto. — Obrigada por dizer isso.

Ele apenas grunhiu.

— Sabe, nunca vi alguém correr pela cidade no meio da noite só para brigar comigo antes.

— Não foi muita briga.

— Acho que foi mais uma questão de resolvermos nossas dificuldades. De novo.

— É melhor eu ir. — Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Diga-me que estamos bem.

— Estamos bem, — eu disse, seguindo-o até a porta. — Pergunta rápida. Você conversa sobre esse tipo de coisa com mais alguém?

— Não. — Ele se virou. — Acho que é seguro dizer que converso mais com você do que com qualquer outra pessoa. Talvez seja por isso que isso é tão importante para mim. Você e eu sendo amigos, quero dizer.

— Talvez, — eu disse. — Talvez tenha sido por isso que acabamos nos casando em um universo paralelo. Nós nos convencemos disso, de alguma forma.

— Estamos dizendo que aconteceu em um universo paralelo agora?

— Claro. Aquele em que você não se importava muito que eu mencionasse minha calcinha ou mostrasse algum maiô. É uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

— TV e sorvete amanhã à noite?

— Parece bom.

Nove

Lars apareceu na varanda da frente na noite de quinta-feira com um sorriso relaxado no rosto e um litro de sorvete na mão. Ele comprou na Molly Moon – uma escolha sólida. Eu esperava que fosse mel e pão de milho.

Seu sorriso, porém, não durou muito. Primeiro, a gata saiu correndo de debaixo da mesa de jantar e subiu no homem como se ele fosse sua última esperança de refúgio. O que ele meio que era. Corri atrás dela enquanto Cleo olhava horrorizada e Austin murmurava obscenidades. No que diz respeito às sessões de fotos, esta foi um desastre.

Lars aninhou o felino contra o peito e disse: — Que diabos, Susie?

— Você. — Apontei um dedo para a fera. — Estou extremamente decepcionada com suas escolhas de vida.

A gata afundou as garras na camiseta de Lars tentando se segurar ainda mais forte. Lars estremeceu de dor. — Repito, que diabos?

— Ela fez xixi na guitarra e no case de Austin.

— Droga.

— Eu sei, — gemi. — É um Martin 1960 que vale uma fortuna. Estávamos tirando fotos promocionais para ele e esta aí decidiu mexer onde definitivamente não deveria.

A gata se esticou para esfregar a cabeça no queixo de Lars. Ela teve a audácia de ronronar.

Apontei novamente o dedo em sua direção. — Se você acha que vou continuar comprando a ração orgânica cara depois disso, tem outra coisa por vir, senhorita.

— Acho que temos todas as fotos que precisamos, — disse Cleo, guardando a câmera e o flash.

Enquanto isso, Austin ficou parado olhando para seu amado instrumento em um silêncio atordoado. Na mão ele segurava uma camiseta agora manchada de xixi de gato. Acho que foi a primeira coisa que ele pensou para limpar a bagunça. O homem tinha muitas tatuagens, incluindo uma árvore nas costas. Muito legal.

— Que bagunça. — Tirei meu telefone do bolso traseiro da calça jeans e comecei a pesquisar no Google. — OK. Falam em vinagre e bicarbonato de sódio. Deixe-me apenas... ah, não. O peróxido é aparentemente melhor. Mas não tenho certeza do que faremos com o case da guitarra.

— Você tem certeza sobre o peróxido? — Austin perguntou, preocupado. — Talvez isso só piore as coisas.

— Tenho certeza, — eu disse, ainda lendo. — Aqui diz que não prejudicará a madeira ou o acabamento.

— Está encharcada por uma rachadura e alguns cortes no verniz.

— Vou colocar a gata lá fora por enquanto, — disse Lars.

— Isso pode ser melhor, — respondeu Cleo.

Encontrei os itens necessários na cozinha junto com uma toalha de papel e me ajoelhei diante do Martin. Era uma linda guitarra antiga.

— Sinto muito, Austin. — Ele assentiu com tristeza.

Limpei a urina restante com uma toalha velha. Depois cobri a área com um pano limpo embebido em água oxigenada e pressionei suavemente. — Devíamos deixar isso descansar um pouco.

— Ei, Lars, — Austin disse, cumprimentando-o com uma inclinação do queixo.

Lars voltou sem gato. Graças a Deus. — Ei. Eu não sabia que vocês estavam trabalhando juntos.

— Susie e eu conversamos sobre isso no jantar ontem à noite. Eu precisava de ajuda com as mídias sociais. — Austin me deu um sorriso triste. — Não esperava que a gata dela me odiasse à primeira vista. Se isso não resolver, vou levá-la à oficina e ver o que eles podem fazer.

— Isso tudo é extremamente pouco profissional, — eu disse. — O mínimo que posso fazer é levá-la à loja para você.

— Obrigado. Mas eu conheço os proprietários.

Eu fiz uma careta. — Certo. Claro.

— Já vi bebês recém-nascidos fazerem xixi nas coisas em sessões de fotos, — disse Cleo. — Mas nunca um gato.

Levantei a ponta do pano para verificar se estava tudo bem. — Estou reconsiderando seriamente dar um lar a idiota.

— Não, você não está. — Lars foi até a cozinha colocar a cerveja na geladeira. — Você só está chateada. O que você tem todo o direito de estar.

— Você ficaria do lado dela, — eu resmunguei. — Ela é uma merda com você.

Austin removeu o pano e suspirou. — Isso terá que esperar. Tenho um show hoje à noite no North Admiral. Você se importaria de jogar fora esta camisa para mim?

— Claro, — eu disse, aceitando a peça de roupa fedorenta. — Aqui, pegue o frasco de água oxigenada para você colocar mais na guitarra quando tiver tempo.

— Boa ideia. — Ele guardou o instrumento em seu estojo. — Eu falo com você mais tarde. Sobre as fotos e... sim.

Dei a ele meu melhor sorriso profissional, mas me senti péssima com o que aconteceu. — Claro.

— Ei. — Cleo esfregou minhas costas. As massagens nas costas da minha melhor amiga me ajudaram a superar os piores momentos. Ela era uma boa mulher. — Eu deveria ter um encontro com Tore, mas...

— Não. Está tudo bem, — eu disse. — Vá.

— Realmente?

Meu sorriso parecia todo errado. — Isso foi lamentável, mas vai ficar tudo bem. — Cleo se despediu e Lars a ajudou a levar o equipamento para o carro.

Agora era um ótimo momento para andar. De um lado para o outro pela sala de forma febril. Depois de me livrar da camisa, é claro. Todas as janelas estavam abertas para arejar o ambiente, mas o cheiro horrível ainda permanecia. Que coisinha selvagem.

— Você está bem? — perguntou Lars, quando voltou para dentro.

— Não.

— Ei, isso...

— Meu gato urinou na guitarra de quinze mil dólares de um cliente, — gemi.

Ele fez uma pausa. — Susie...

— Austin deve me odiar. Ele definitivamente odiará quando eu disser que não quero sair para jantar com ele. Embora talvez ele tenha mudado de ideia sobre isso e é justo.

— Austin te convidou para sair?

Eu balancei a cabeça. Ainda andando com meu coração. — E ele é realmente ótimo. Ele é atraente, inteligente, engraçado...

Lars cruzou os braços.

— Só viramos as costas por um minuto. Estávamos preparando a última foto perto da lareira. Ela nunca fez nada assim antes.

— Ficaré tudo bem.

— E se ele quiser que eu substitua o instrumento? Gastei todo o meu dinheiro sobrando reformando a casa.

— Eu conheço Austin há muito tempo e ele não é o tipo de cara que age como um idiota. Não por algo assim.

Continuei andando. — Você viu a expressão no rosto dele quando ele saiu?

— Sim, — disse Lars. — Mas vai ficar tudo bem. Ele estava perturbado. Não bravo.

— Eu simplesmente tenho a pior sensação.

— Você vai ficar bem.

— Ele provavelmente me odeia.

— Ele quer entrar em suas calças, pelo que parece, — disse Lars. — Mas não é como se fosse processá-la quando você recusar.

— Oh meu Deus, — eu engasguei. — Ele poderia me processar. Eu não tinha pensado nisso. Talvez eu devesse simplesmente ir naquele encontro estúpido.

— O que? — Ele franziu a testa. — Não. Ele não vai processa-la. Não acho que sair com ele seja a resposta. A menos que você tenha mudado de ideia e *queira* sair com ele.

— Não, na verdade não.

— Certo. — A tensão diminuiu de seus ombros largos. — Aí está sua resposta então.

— Que bagunça.

— O peróxido estava funcionando, certo?

— Quem sabe? — Continuei andando, puxando com força minha trança. — E se se espalhar a notícia de que destruí a propriedade de um cliente?

— Não há razão para alguém descobrir.

— Ninguém mais vai me contratar, — eu disse taciturnamente. — Eu serei a senhora do xixi de gato. É assim que eles vão me chamar.

— Susie...

— Hmm?

Lars entrou no meu caminho e agarrou meus ombros. Ele me assustou no meio da espiral da destruição. E a carranca em seu rosto e a intensidade em seus olhos eram imensas.

— Você tem que se acalmar, — ele disse severamente. — Nada de ruim aconteceu ainda.

— Mas pode acontecer.

— Você não acha que talvez esteja sendo um pouco dramática demais?

— Não sei. — Suspirei. — E se eu saísse com ele?

— Isso não é a resposta, — disse ele com os dentes cerrados. — Como já discutimos duas vezes agora.

— Sim, mas você tem *certeza* de que isso não ajudaria? Porque agora não é como se isso fosse doer. Posso sorrir e ser amigável em prol do meu futuro económico imediato. Não é como se ele não fosse um homem bonito.

A careta de Lars se transformou em uma carranca. — Espere. Então você está atraída por ele?

— Não sei.

— Susie, preciso de uma resposta. — Ele levantou tudo na minha cara. Sua expressão estava em algum lugar entre confusão e raiva. — Sim ou não? Você vai sair com Austin ou não?

— Hum, bem...

Acho que minha hesitação foi a gota d'água para ele. Porque ele rosnou e bateu a boca na minha. Lábios

quentes e firmes pressionaram com força contra mim e lá permaneceram por um momento aparentemente interminável. Na verdade, parecia menos um beijo e mais um ato de desespero. Não havia realmente nenhuma paixão nisso. Não da variedade normal.

Quando Lars recuou, seu olhar era ao mesmo tempo cauteloso e preocupado.

Enquanto isso, meus olhos pareciam tão arregalados quanto a lua. Meu coração martelava dentro do meu peito. Se a intenção dele era me distrair do problema do xixi de gato, ele certamente conseguiu isso.

Seus dedos se desembaraçaram do meu cabelo e ele deu um passo para trás.

Então ele abriu a boca e fechou e abriu novamente. Finalmente ele disse: — Merda.

— Você ficou com ciúmes, entrou em pânico e me beijou?

— Sim.

— Isso é algo que você normalmente faz? — Suas sobancelhas se abaixaram.

— Não.

— Não, — concordei.

Com um gemido, ele se sentou no sofá. Suas mãos cobriram o rosto enquanto os cotovelos repousavam sobre os joelhos. A pose de um homem em muita angústia. Não. Um homem moderno confuso confrontado com seus sentimentos. Um daqueles. Quanto a mim, adorei ter a boca

dele na minha. Mesmo que o beijo precisasse de algum trabalho.

— Pareceu improvisado, — eu disse. — Não quero ser dura.

Ele baixou as mãos e olhou para mim com extrema consternação. Como se eu estivesse dançando até os últimos nervos dele. O homem certamente sabia como retribuir o favor. Com um aceno de cabeça, ele pegou o celular para enviar uma mensagem. — Deveríamos pedir a Tore para falar com Austin e ver o que está acontecendo com a guitarra.

— Não sei como me sinto sobre isso.

Seu olhar era sério. — Tore conhece Austin desde que eram crianças. Eu confio no meu irmão. Eu prometo a você que ele só vai ajudar. Por favor, deixe-nos fazer isso por você.

— Tudo bem, — eu disse. — Mas diga a ele para ser sutil. Não quero que Austin sinta que está sendo pressionado. Não queremos agravar a situação.

Um aceno de Lars enquanto seus polegares se moviam pela tela.

— Acho que se eu tiver que fazer um pequeno empréstimo não será o fim do mundo. Isso vai me atrasar por um tempo, mas ei... se eu pude pagar as taxas da faculdade, certamente posso lidar com isso. — Esfreguei as mãos nas laterais do meu jeans curto de pernas largas. — E minha reputação é sólida. Meus clientes me conhecem e confiam em mim. Quero dizer, tudo isso foi apenas uma

coisa horrível e engraçada que aconteceu. Não é o fim do mundo.

— Isso mesmo. Tudo vai ficar bem. — Seu telefone tocou e ele leu a mensagem. — Tore disse que ele e Cleo irão ao show de Austin hoje à noite. E eles serão sutis. Mas ele conhece o cara desde os quatorze anos e realmente não acha que você esteja encrencada.

— De qualquer forma, tenho um plano B agora. Eu me sinto melhor. — E se eu continuasse dizendo isso, definitivamente se tornaria realidade.

— Bom. — Suas sobrancelhas franziram. — Susie...

— Você me beijou.

— Eu sei.

— Acho que deveríamos conversar sobre isso.

Ele baixou a cabeça. — Porra.

Fiquei confortável na poltrona em frente a ele. Porque as probabilidades eram de que sua retirada desta situação seria lendária. O retrocesso do século. Que vergonha. Muito arrependimento. Eu definitivamente precisava de um lugar na primeira fila para o show.

Mas então ele olhou para mim e disse: — Somos inevitáveis.

— Nós somos o quê?

— Você e eu, somos inevitáveis. — Suas mãos estavam abertas e sua expressão era resignada. Não havia mentira naqueles olhos azuis. Apenas aceitação. Como se ele não gostasse da ideia, mas não havia como escapar. O que na

verdade era menos elogioso do que você imagina. O grande idiota.

— Isso é sobre a certidão de divórcio? — Perguntei.

— É sobre tudo isso.

— Por favor, explique.

— Estou atraído por você. Você está atraída por mim. Obviamente, você gosta da minha companhia ou não continuaríamos tendo essas conversas verdadeiramente desconcertantes. E, honestamente, mal posso esperar para ouvir o que diabos vai sair da sua boca a seguir.

Eu apenas pisquei.

— Nós dois tivemos múltiplas oportunidades de sair disso e nenhum de nós o fez. Somos inevitáveis.

— Sim, — eu disse. — Você continua dizendo isso. Mas o que significa exatamente quando essas palavras saem da sua boca?

— Até tentei colocar alguma distância entre nós namorando outras mulheres. — Eu suspirei.

— Você disse que não era isso que estava fazendo.

— Eu menti.

— Bem, claro. Eu sabia que era besteira. Eu não sabia que você sabia. Esse é um nível de consciência que muitas vezes não atribuo à espécie masculina, — eu disse. — É só que... essa não é realmente a direção que pensei que você tomaria.

— Lutar contra isso não funcionou. Ficar longe também não ajudou. E nenhum de nós quer fazer isso a

longo prazo. — Ele assentiu para si mesmo. — Nós simplesmente teremos que namorar.

— Hum, namorar?

— Sim.

Minha risada foi frágil. — Você não quer dizer isso.

— Sim eu quero.

— Não. Não, você não. Na verdade, não acho que você esteja vendo essa situação com clareza. Você realmente quer quebrar o código do mano e ter que dizer ao seu melhor amigo que você e eu estamos... fazendo algo vagamente romântico e às vezes sexual juntos?

Ele recostou-se na cadeira com o tornozelo apoiado no joelho. Totalmente à vontade por algum maldito motivo.

— Acho que já não nos preocupamos mais com isso, não é?

— Ele não vai gostar.

— Ele vai se acostumar.

— E eu não quero ficar perto dele. Nunca.

— Eu entendo, — ele disse em um tom gentil. Um que meio que me matou. — Susie, essa é a sua maneira não tão sutil de me dizer que não quer namorar comigo?

— Só não acho que seja uma boa ideia.

— Posso perguntar por que não?

— Você se cansaria de mim. O que sai da minha boca deixaria de ser encantador. Confie em mim. Estive lá, fiz isso. E sejamos realistas. Não conseguimos manter uma amizade por mais do que alguns dias seguidos sem que algo dê errado. Com tudo o que já aconteceu este ano eu

só... eu não posso. — Eu cutuquei a costura da minha calça jeans e evitei contato visual. — Eu sei que a certidão de divórcio misteriosa torna as coisas estranhas, mas ainda afirmo que estamos melhor como estamos.

Ele não disse nada por um tempo. Não encontrar seu olhar foi a escolha certa. Porque quando o fiz, havia uma suavidade que foi devastadora.

— Ele realmente abalou sua confiança, não foi?

Dei de ombros.

— Você realmente não quer que nada mude?

— Bem. Quero dizer... sexo seria bom.

Suas sobrancelhas subiram. — Sexo?

— Oh vamos lá. Isso não pode ser uma grande surpresa. Estamos desejando um ao outro há semanas. Eu diria que ambos merecemos um pouco de alívio.

— OK. — Ele coçou a longa barba por fazer. Sua expressão agora parecia um misto de confusão e consternação. Ainda bonito pra caralho, no entanto. — Deixe-me ver se entendi o que está acontecendo aqui. Sugeri que namorássemos e você contra ofereceu sexo sem compromisso.

— Isso mesmo.

— Porque você não acredita que um relacionamento entre nós tenha alguma chance.

Eu balancei a cabeça. — Basicamente. Você acha que um relacionamento entre nós é inevitável. Penso que nas atuais circunstâncias uma relação *breve* e *ruim* entre nós é inevitável.

— Posso pensar sobre isso?

— Leve o tempo que precisar. — Eu o observei com interesse. — Você não está acostumado a ser rejeitado, está, Lars?

— Eu realmente não estou, — ele concordou.

— Pense nisso como uma experiência de crescimento.

— Certo. — Seu sorriso era confuso quando ele se levantou do sofá. — Devíamos estar fazendo TV e tomando sorvete.

— Você ainda quer fazer isso?

— Absolutamente. *Amiga*.

Paciência não era meu forte, mas Lars valia a agitação. Minhas razões para não entrar de cabeça em um relacionamento romântico com ele faziam sentido para mim. Você não simplesmente saía da tristeza e da rejeição. E emocionalmente eu ainda me sentia instável. Eu e meus pobres sentimentos delicados. Mas o ex alimentou minhas dúvidas e inseguranças a cada passo do caminho. A perda da tia Susan também foi brutal. Quão chocantemente repentina foi sua morte. Depois houve toda a coisa *inevitável*. Como se o homem estivesse cedendo quando se ofereceu para namorar comigo. Ele realmente queria namorar comigo ou aqueles papéis o desgastaram?

Não havia como ter certeza.

Sexta-feira à noite, participei de um lançamento de roupas íntimas à prova de menstruação no centro da cidade a trabalho. Foi um grande sucesso e terminou por volta das nove. Lars me convidou para tomar uns drinques em um bar a alguns quarteirões do Fremont Troll, mas recusei, pensando que o evento de trabalho aconteceria mais tarde. No entanto, eu estava me sentindo bem, já que meu cabelo liso e solto tinha funcionado e o bar era a caminho de casa, então por que não?

A magnitude do meu erro logo ficou clara.

— Susie, — disse Aaron, ereto com um taco de sinuca na mão. Seu habitual sorriso de escárnio logo foi substituído por uma cuidadosa expressão vazia. Nenhum sinal de sua noiva. Achei interessante ter sido considerada aceitável o suficiente para namorar por um ano. Mas ter a audácia de não desaparecer depois que ele me dispensou era obviamente o maior insulto aos seus olhos. Os homens que colocavam as mulheres em caixinhas organizadas eram os piores. Como se só pudssemos desempenhar determinados papéis e não tivéssemos destino próprio. Como se não fôssemos um complemento deles, então não éramos pessoas reais.

Mateo e seu companheiro, James, estavam sentados em bancos esperando sua vez na mesa de sinuca. Eles me deram um sorriso e eu levantei minha mão em saudação. Acho que eles também não tinham muito tempo para Aaron. Pelo menos, eles pareciam estar lhe dando um amplo espaço.

Como Lars poderia não ver isso?

Lars largou sua cerveja quando me viu e havia muito *ah, merda* em seus olhos. — Ei. Isto é uma surpresa. Você está linda.

Embora fosse verdade que minhas calças pretas de pernas largas, blusa de linho e sapatilhas estavam certas, essa situação era uma droga. Embora ver Lars tenha sido bom. O homem usava jeans como ninguém. E o ajuste da camiseta era uma delícia singular. Como o algodão se estendia sobre seus ombros e abraçava seus bíceps. Qualquer felicidade, entretanto, logo foi abafada pela estranheza.

— A coisa do trabalho terminou mais cedo e... — Bebi um gole da cidra que peguei no bar e coloquei-a em uma mesa próxima. — Eu acho que vou.

Lars pegou a bebida e estendeu-a para mim. — Fique. Pelo menos até você terminar isso.

— Estou deixando seu garoto desconfortável.

— Ele viverá. — Ele se aproximou para que não fôssemos ouvidos. — Eu só o convidei depois que você disse que não poderia vir. Mas agora você está aqui e isso é bom.

Eu gemi.

— Tivemos uma conversa. Ele não vai te dar nenhuma merda.

— Uma conversa? — Perguntei. — Quando isso aconteceu e o que exatamente você disse?

— Depois do meu aniversário. Eu disse a ele que valorizava sua amizade.

— Minha amizade, hein?

— Sim. — Seu sorriso foi divertido. — Você mudou de ideia e quer que eu atualize o status do relacionamento?

— Desnecessário. *Amigo*.

— Apenas checando. Fique. Termine sua bebida.

— Tudo bem, — eu disse. — Vou terminar a bebida.

Mateo e James cansaram de esperar e se dirigiram para a máquina de pinball.

Enquanto isso, o olhar de Aaron se moveu entre Lars e eu com muita suspeita. Eu lhe dei meu sorriso mais inocente. Claro que ele fez uma careta. E durante todo o tempo, Lars ficou ao meu lado. Eu tinha que admitir, seria interessante ver como as coisas iriam acontecer. Ocorreu-me que Aaron via a gentileza com as mulheres como algo transacional. Como ele não acreditava mais que eu tivesse algum valor e não pudesse lhe dar nada que quisesse, não havia motivo para ele se preocupar em ser educado. Idiota.

— Jogue, — disse Lars a Aaron.

E ele o fez, virando-se para mim e dizendo: — Como vai seu trabalho, Susie? Os negócios ainda estão funcionando?

— Sim.

— Ótimo. — Ele se inclinou sobre a mesa e preparou a jogada. — Você já recuperou aquela grande conta para o paisagista? Você sabe, aquele que discordou de sua estrutura de honorários?

— Não.

— Que pena, — disse ele. Uma bola caiu e ele alinhou a próxima. — Você está bonita. Essa é a sua opinião sobre uma roupa de negócios? Você sempre foi criativa.

— Obrigada, — eu disse, um tanto secamente.

— E os seus pais? Você conversou com eles ultimamente?

— Sim.

— Sempre gostei do seu pai. — Fiquei de boca fechada.

Lars franziu a testa, mas não disse nada.

— Lamento saber da sua tia Susan, — disse Aaron, preparando outra dose. — Não nos dávamos bem, mas sei que vocês duas eram próximas.

Bebi minha cidra e pensei em acalmar as coisas. Venda de sapatos e passeios à beira-mar e tal. Porque não seria eu quem explodiria desta vez.

Sem chance. Eu aprenderia com a dor e não permitiria mais que ele me machucasse. Foda-se ele. Eu estava refletindo sobre as palavras de Karen, a mística, sobre não repetir erros. Meu ex conhecia todos os meus botões. Isso era um dado adquirido. Embora eu não pudesse controlar seu comportamento, poderia controlar como reagia.

— Sua tia e eu éramos um pouco como você e minha mãe. — Ele sorriu. — Não posso dizer quão aliviada ela ficou quando eu disse que tínhamos terminado.

Ai. — Eu não sabia que sua mãe se sentia assim.

— Oh sim. — Ele riu. Não sendo nada sutil, aparentemente. — Ainda bem que não deu certo, hein?

— Ainda bem, — concordei.

Lars franziu ainda mais a testa, mas não disse nada.

Aaron errou a próxima tacada e passou o taco para Lars. Agora, aqui estava algo que valia a pena assistir. Lars curvado sobre uma mesa de sinuca. A maneira como o jeans se moldava às coxas grossas e às costas. Como os músculos de seus braços se flexionavam enquanto ele alinhava sua tacada. Eu poderia ver esse homem fazendo coisas o dia todo. Ou pelo menos pelos próximos minutos enquanto terminava minha bebida.

Lars encaixou a primeira bola e passou para a próxima.

Quando Aaron viu meu olhar, sua expressão se transformou em completo e absoluto desprezo.

Bebi mais um pouco de cidra.

— Pena que Hannah não pôde vir esta noite, — disse ele. — Acho que vocês duas se dariam bem.

— Oh?

O olhar de Lars saltou para mim para avaliar minha reação antes de retornar à mesa de sinuca.

— Ela mexe muito nas redes sociais como você, — continuou Aaron. — Tem todos esses fãs da época de modelo.

— Que bom, — eu disse.

— Mas ela está muito mais feliz trabalhando como analista de sistemas e aproveitando seu diploma. Já recebeu uma oferta para um cargo em uma grande empresa aqui.

— Deixe-me adivinhar... sua mãe a ama.

— Na verdade, ela ama.

Lars se endireitou, ficando em toda a sua altura.

— Que porra é essa, cara?

— Estamos apenas conversando, — disse Aaron defensivamente. Seu sorriso desapareceu e a personalidade do cara legal surgiu. E pensar que eu costumava cair nessa bobagem. Que vergonha.

— O que há com toda essa besteira? — perguntou Lars. — Você levantou todas as coisas negativas que pôde pensar, disse a ela que sua mãe a odiava e depois esfregou sua noiva na cara dela.

— Lars...

— Eu disse que ela era importante para mim e é assim que você a trata?

Aaron se mexeu. — Temos história.

— Eu não ligo.

— Olha, me desculpe, ok? Ela traz à tona o que há de pior em mim.

— Ela mal abriu a boca, cara.

— Terminei minha bebida, — eu disse, deixando o copo vazio de lado. — Vejo você mais tarde, Lars.

— Dê-me um minuto e eu te acompanho.

Dessa vez meu sorriso foi real. Eu consegui. Eu não reagi à provocação.

A glória era minha. — Obrigada, mas não é necessário.

Aaron agarrou seu braço: — Lars, espere. Vamos falar sobre...

Abri caminho entre a multidão da noite de sexta-feira. Assim que saí, pude respirar novamente. A noite fria e a música baixando foram um alívio. O que eu merecia era um banho demorado com um bom livro. Eu tinha cumprido minha pena e sobrevivido à bebida. O resto desta noite ainda poderia ser salva. Onde há vontade, há um caminho e tudo mais.

Desci a rua do estacionamento, tirei meu telefone da bolsa e abri o aplicativo do Uber.

— Ei, — chamou uma voz profunda e familiar.

— Ei, — eu falei de volta surpresa.

Lars caminhou pela calçada em minha direção. Abri a boca, mas não consegui encontrar as palavras. O que você diz para alguém que acabou de descobrir que seu melhor amigo era um idiota?

E que incrível que ele tenha vindo atrás de mim. Que ele tinha me escolhido desta vez. Para ser honesta, fiquei meio atordoada.

À luz do poste, as linhas de seu rosto pareciam mais nítidas. Uma leve brisa agitava sua crina dourada de viking e enquanto ele caminhava em minha direção, grande, sólido e forte. Como se eu pudesse colidir com ele tanto quanto quisesse. Ele me fez querer escrever poesia ruim. Essa era a verdade.

Eu ainda estava procurando algo para dizer quando ele veio direto até mim e me beijou estupidamente. Isto não foi nada como da última vez. Sua língua deslizou em minha boca e acariciou a minha. Não houve facilitação. Não houve

brincadeira. O homem era a paixão desencadeada. Sua mão deslizou por baixo do meu cabelo para agarrar minha nuca e me segurar no lugar enquanto sua boca reivindicava a minha. E ele tinha habilidades. Era quente e úmido e, ah, tão bom. Todo lábios, língua e dentes. Sua outra mão deslizou pela minha cintura até a parte inferior das minhas costas, me puxando contra ele. Agarrei sua camisa enquanto minha cabeça girava em círculos vertiginosos. Os sons de necessidade que ele fazia no fundo de sua garganta... eu nunca tinha ouvido nada parecido. Cada centímetro do meu corpo estava bem acordado e querendo.

Nós nos assustamos com o som da buzina do carro ao nosso lado. Que rude. — Minha, hum, meu carro chegou, — eu disse, afirmando o óbvio. Desde quando ficar em pé, respirando e pensando ao mesmo tempo era uma luta tão grande?

Num estado aparentemente semelhante, ele apenas olhou para meus lábios.

— Alguma chance de você ter decidido sobre fazermos sexo?

Ele fez uma pausa. — Ainda não.

— OK.

Logo por cima do ombro, pude ver Aaron parado do lado de fora do bar nos observando. Ele não estava feliz.

— Vamos, — disse Lars.

Ele me conduziu até o carro e abriu a porta para mim. Assim que me instalei em segurança lá dentro, ele assentiu e fechou a porta. Então ele deu um passo para trás

e esperou, me observando. O carro se afastou do meio-fio e partimos. Não me virei e olhei para ele até que desaparecesse de vista. Eu não estava tão desesperada e cheio de sentimentos. Ainda não, pelo menos. Mas eu estava perigosamente perto de chegar lá.

-

Dez

Lars: Trabalhando todo esse fim de semana em um serviço urgente. Encontro você na próxima semana.

Eu: Ok.

Lars: Não estou te ignorando.

Eu: Ok.

Lars: Tem certeza que está bem?

Eu: Sim. Positivo.

Lars: A noite passada foi inesperada.

Eu: Foi mesmo?

Eu: Você se arrepende?

Lars: Não.

Eu: estou feliz.

Com a certidão de divórcio em mãos, parei do lado de fora do escritório jurídico de Johnson e Cavanagh na tarde de segunda-feira. Eram os advogados mencionados na certidão. Embora no documento fossem Johnson, Cavanagh e Yeoh. Era apenas um edifício comercial normal de vidro e concreto. Nada especial. Mas, ao mesmo tempo, era tudo

muito bizarro. Lars e eu nem dormimos juntos. No entanto, daqui a alguns anos, era aqui que eu aparentemente terminaria nosso casamento. Verifiquei o endereço na certidão pela centésima vez. Ainda o mesmo.

A internet confirmou que o lugar existia, mas eu precisava ver com meus próprios olhos. E aí estava. Como em tudo relacionado ao documento, não houve respostas, apenas mais perguntas. Eu me perguntei qual seria meu estado de espírito quando passasse por essas portas daqui a dez anos. Quão quebrada eu estaria, de coração e alma?

Insira um suspiro aqui.

Eu não tinha contado a Lars sobre meus planos. Isso era algo que eu queria fazer sozinha. Todas as manhãs eu olhava para a certidão. Certificando-me de que ainda existia e continuava sendo esse mistério enigmático e estranho. Que eu sentiria, um dia, tanto por alguém que isso superaria minha aversão ao casamento. E que minhas esperanças e sonhos seriam recompensados da pior maneira. O amor era uma droga.

Foi uma ajuda do destino colocar um bar moderno ao lado dos escritórios jurídicos. Sem dúvida, muitos buscavam consolo ali e decidi fazer o mesmo. O interior do lugar era legal com um letreiro de néon dizendo Ballard. Apenas no caso de você ficar tão bêbado que esquecesse onde estava. A correria do almoço acabou quando me sentei no bar ao lado de uma mulher de blusa rosa e pedi o pão com queijo de cabra e mel. Junto com uma taça de sauvignon blanc, por motivos medicinais.

Era difícil pensar na certidão de divórcio sem me sentir desanimada. No começo era um mistério. Algo meio emocionante. Mas agora... estávamos realmente condenados antes mesmo de começarmos?

— Você parece tão triste, — disse a garota atrás do bar quando me passou a taça de vinho. Ela tinha a cabeça raspada e as melhores sobrancelhas que eu já vi. — A próxima bebida é por conta da casa.

— Obrigada. — Sorri e dobrei a certidão. — Isso é gentil. Mas estou bem.

— Divórcio, hein?

Eu apenas estremeci.

A mulher ao meu lado estava comendo uma salada. Ela enxugou os lábios com um guardanapo. — Coisas melhores pela frente.

— Certo. Sim.

— Nenhum arrependimento? — perguntou a barman com um olhar subitamente sério.

Aparentemente, eu estava com vontade de abrir meu coração para estranhos porque disse: — Meus sentimentos por ele são... complicados.

Isso estava rapidamente se transformando em uma daquelas conversas pessoais aleatórias com estranhos que costumavam acontecer em bares. Geralmente aconteciam no banheiro, tarde da noite, sob a influência de álcool, mas tanto faz. Essas conversas eram uma prova duradoura da irmandade.

— Charlotte aqui é advogada de divórcio, — disse a barman, acenando para a mulher de rosa.

— Ah, — eu disse. — Você trabalha naqueles escritórios ao lado?

Charlotte sorriu. — Isso mesmo.

— Você deve estar cansada de falar sobre esse tipo de coisa. — Ela deu de ombros elegantemente.

E pensar que eu poderia estar sentada ao lado da minha futura representante legal. Eu não sabia quais eram as regras da viagem no tempo, mas a certidão não desapareceu nem nada devido a Charlotte e o documento estarem no mesmo local.

Acho que isso era um sinal tão bom quanto qualquer outro de que eu não estava quebrando o continuum espaço-tempo.

A bartender se inclinou e apoiou os cotovelos no bar.

— Quando preciso de conselhos sobre relacionamento, procuro Charlotte. Ela viu tudo. Sabe exatamente como chegar ao cerne de qualquer problema. E ela não é amarga.

— Eu não teria pensado que era um trabalho que você pudesse fazer sem se tornar cínica, — eu disse.

Charlotte encolheu os ombros. — Eu sou uma romântica. Mas também sou realista.

— Como isso funciona?

— Ela tem uma lista de relacionamentos saudáveis, — inseriu a barman.

— Sim, sim, — confirmou a advogada.

— Posso ouvir? — Perguntei.

— Claro. — Charlotte deu outra mordida na salada, mastigou e engoliu. — Você não pode mudá-los. Suponha que tudo o que não gosta veio para ficar. O mesmo vale para seus amigos e familiares. — Ela marcou os itens um por um nos dedos. E sua manicure francesa estava imaculada.

— Eca.

— Isso não é um bom sinal, — disse ela. — Mas vou continuar. Eles podem ser interessantes agora, mas você tem outras coisas em comum para ajudar a sustentar o relacionamento? Sexo e intimidade são importantes, mas são apenas uma parte do todo. Vocês são bons em se comunicar uns com os outros?

— Acho que estamos bem. Estamos melhorando, pelo menos.

— Você se sente confortável em discutir situações ou comportamentos potencialmente tóxicos com eles antes que piorem? — ela perguntou. — Vocês podem resolver problemas juntos?

— Tipo. Às vezes.

— Vocês dois estão dispostos a trabalhar no relacionamento? Eles estão se esforçando pelo menos igual a você?

— Boa pergunta. Vou ter que pensar sobre isso.

— Então vocês passam a ter discussões nada sexy sobre finanças e filhos - se vão tê-los e como planejam criá-los. — Ela estava ficando sem dedos neste momento. — Se você se casar novamente, vai precisar de seguro. Tenha um

acordo pré-nupcial, um plano de fuga e saiba como o casamento te afeta legalmente. Então estejam preparados para escolher um ao outro e continuem escolhendo um ao outro. Todos os dias, semanas, meses e anos pelo resto da sua vida. É tão simples e tão difícil.

— Uau, — eu disse. — Você realmente pensou em tudo isso.

— Vejo muitas pessoas tristes e irritadas. — Ela levantou o copo de água e bateu na minha taça de vinho. — Boa sorte para você.

— Obrigada, — eu disse. — Posso te mostrar uma coisa rapidamente?

— Você precisa marcar uma consulta se quiser minha opinião profissional.

Alisei a certidão no bar. — Só dê uma olhada. Por favor.

Com uma carranca, ela olhou para ela. — Isso é uma piada?

— Você não é a primeira pessoa que me pergunta isso. Mas não, não é. Isso foi encontrado recentemente durante reformas em minha casa. Estava na cavidade de uma parede.

— Oh sério. — Ela torceu o nariz. — Você realmente espera que eu acredite nisso?

— Por mais estranho que seja, é a verdade. Juro.

— Quanto Colin te pagou?

— Não conheço ninguém chamado Colin.

Ela riu. — Ele e suas piadas. Elas vão colocá-lo em apuros um dia desses. A legalidade de fazer algo assim... Ele certamente fez um bom trabalho. Se não fosse pela data e assim por diante, eu teria pensado que era real.

— Então você acredita que é...

— Você pode dizer ao meu irmão que estou muito feliz por ele estar tão certo de que me tornarei sócia nos próximos dez anos.

— Espere aí, — eu disse. — Você é...? Você é Charlotte Yeoh? Tipo, Johnson, Cavanagh e Yeoh?

— Acertou de primeira. — Ela balançou a cabeça com um sorriso e pulou da banqueta. — Tenha um bom dia.

Lars estava sentado nos degraus da frente com a gata batendo a cabeça na perna dele quando cheguei em casa. Ele estava de jeans, camiseta preta e tênis. Nenhum indício da poeira e sujeira de um dia de trabalho. E parecia certo encontrá-lo ali. Um livro de autoajuda que eu estava lendo falava sobre como faz parte da condição humana lutar por algo melhor. Ignorar o momento e querer mais. Isso aqui, porém, era ótimo. Meu dia passou de dois para dez ao vê-lo. Não sei o que éramos exatamente. Mas me recusava a acreditar que estávamos condenados. Nossa amizade pelo menos perseveraria. Contanto que não nos empolgássemos e levássemos isso longe demais.

— Eu não sabia que você estava esperando, — eu disse, meu coração batendo mais forte do que deveria.

— Achei que você apareceria mais cedo ou mais tarde.

Sentei-me ao lado dele. Era meio da tarde e a rua estava silenciosa. O ar estava denso com a promessa de nuvens escuras se acumulando no alto. Logo haveria uma tempestade. Mas ainda não.

— A quanto tempo você está aqui? — Perguntei.

— Uma hora ou mais.

— Por que você não me mandou uma mensagem? Eu teria me apressado.

Ele coçou a barba por fazer. — Honestamente... não tinha certeza do que queria dizer.

— Como foi o trabalho? — Eu perguntei quando ele não disse mais nada.

— Foi tudo bem. Horas extras são sempre úteis, — disse ele. — Como foi o seu final de semana?

— Participei de um passeio pelo jardim comestível no sábado e trabalhei a maior parte do dia ontem. Doei algum tempo para ajudar um grupo local de ação contra as mudanças climáticas com sua presença online. — Alisei a saia do meu vestido preto de algodão e rodada sobre minhas coxas. Não ansiosa, apenas nervosa. Porque havia uma diferença totalmente. — Hoje fui passear pelas eclusas e jardins botânicos. Tirei algumas selfies e fiz alguns vídeos.

— Eu vi.

O homem poderia me perseguir nas redes sociais o quanto quisesse. Isso me fez sorrir.

Embora minha felicidade não tenha durado muito, quando me lembrei do que fiz a seguir.

— Depois caminhei alguns quarteirões para o leste até os escritórios jurídicos mencionados na certidão de divórcio.

— Realmente? — Suas sobrancelhas desceram. — Como foi isso?

— O lugar definitivamente existe. Embora atualmente sejam apenas Johnson e Cavanagh. Eu precisava ver com meus próprios olhos, mas... não sei. Principalmente, isso só me fez sentir triste.

— Você mostrou a certidão a eles?

— Sim. Acontece que a advogada que conheci era Charlotte Yeoh. O terceiro nome do escritório de advocacia na nossa certidão de divórcio misteriosa. Ela achou que eu estava brincando com ela. Mas disse que se não fosse pela data e pela mudança do nome, ela teria achado que era real.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Interprete como quiser.

Durante um longo momento ele não disse nada.

— Eu teria ido com você se tivesse me dito.

— Obrigada, mas eu não tinha certeza de como me sentiria a respeito. Achei que era melhor ir sozinha.

— Tudo bem, — disse ele. — Acho que se um perito profissional não pode dizer se era uma falsificação, então

um advogado provavelmente não diria nada diferente.

— Eu acho que sim. Você realmente ainda acha que alguém está nos pregando uma peça?

Ele suspirou. — Seja racional. O que mais poderia ser?

— Mas nenhuma das pessoas oficiais a quem mostrei conseguiu explicar.

— Tem que haver outra resposta. Eu me recuso a acreditar em documentos mágicos que aparecem do futuro. Eu apenas dei de ombros.

— Ouviu alguma coisa de Austin?

— Ele ligou ontem. Disse que seu amigo da loja de guitarras fez uma limpeza e uma manutenção e estava tudo bem. Graças a Deus. — Meus dedos brincaram com a barra da minha saia. — Há uma pequena chance de eu nem sempre reagir bem a situações estressantes. Obrigada por me acalmar. E por pedir ajuda a Tore.

— Tudo bem, — ele disse. — Austin te convidou para sair de novo?

— Sim. Eu disse não.

Lars não disse nada. Ele apoiou os cotovelos nas coxas e virou a cabeça para me observar. Mas uma distância cuidadosa permaneceu entre nós. A gata estava passeando de um lado para outro, esfregando-se no corpo dele.

— Olhe só, ela está em cima de você, — eu disse, divertida. — Agindo como se tivesse sido maltratada. Ontem dei a ela um bife cortado em pedacinhos. Não há nada de errado com a vida deste

felino. Até o veterinário disse que ela está com excelente saúde.

Ele esticou os dedos e a coçou. — Quando você vai nomeá-la?

— Se eu escolher algo, ela provavelmente simplesmente me ignorará.

— Você quer que eu faça isso?

— Vá em frente, — eu disse.

— Hum. Essa é uma grande responsabilidade.

— Eu acredito em você.

Ele pegou a gata e segurou-a na frente do rosto. É claro que o monstrinho começou a ronronar bem alto. — Vou te chamar de Kat com K. Kat, a gata. É em homenagem à garota que morava do outro lado da rua quando eu era criança. Ela era difícil. O nome dela era Kate, mas ela só respondia a Kat. Deixava a mãe dela louca.

— Kat com um K. Isso é ridículo, mas vou permitir. Veja bem, vou parecer uma idiota a chamando. A vizinhança inteira vai zombar de mim.

— Sinto muito por sexta à noite no bar, — disse ele, em tom sério. — Acho que eu realmente não percebi antes. Eu o conheço há muito tempo e ele sempre foi um bom amigo para mim.

— Eu sei.

— Me desculpe por ter pedido para você ficar em uma situação em que era alvo daquela besteira. Isso não acontecerá novamente.

— Vamos conversar sobre outra coisa. — O trovão ecoou ao longe e as primeiras gotas de chuva caíram. — Você gostaria de entrar?

— Claro.

Assim que a porta da frente se abriu, Kat entrou correndo.

— O que eu gostaria é de te levar para jantar, — disse ele, enxugando as solas dos sapatos no tapete.

— Ou eu poderia cozinhar alguma coisa e poderíamos ficar aqui, — contra ofereci.

— Isso pareceria menos um encontro para você?

— Sim.

Ele riu e me seguiu até a cozinha. — Pelo menos não é só comigo que você não quer namorar, — disse ele. — Isso realmente me faz sentir melhor.

— Estou aqui com você, não estou? — Abri a porta da geladeira e disse: — Você já pensou que talvez a sua amizade seja tão importante para mim que não quero arriscar namorando?

— Mas vai arriscar com sexo?

— Eu sou apenas mortal, Lars. Eu tenho necessidades. E sei que você disse para ser racional, mas e se a certidão de divórcio for na verdade a maneira do além de dizer para não forçarmos as coisas entre nós?

Ele apenas suspirou.

— Agora, temos Seattle Strong Cold Brew ou Reuben's Super Crush Hazy IPA. O que você está com vontade? Café ou cerveja?

Em vez de responder, ele olhou para mim. Não havia nem um sorriso nem uma carranca em seu rosto. Apenas esse tipo silencioso de consideração.

— Lars?

— Sim?

— O que você está pensando?

Ele não piscou nem desviou o olhar. — Eu sei o que quero dizer para você agora.

— OK. — Fechei a porta da geladeira e tentei não ficar nervosa. O que não funcionou, já que logo eu estava puxando meu rabo de cavalo. — Estou ouvindo.

— Se você for usar alguém por sexo, serei eu.

Levei um momento para encontrar minha voz. — Huh.

Nada dele.

— Há, hum, muita coisa para analisar aí—, eu disse. — E nós vamos. Sinto que agora precisamos nos concentrar em coisas mais imediatas.

— Tipo?

Aproximei-me. A distância sempre cuidadosa entre nós não serviu para nada. Minhas mãos percorreram seus braços e ombros, encontrando-se finalmente atrás de seu pescoço. Então fiquei na ponta dos pés e pressionei minha boca na dele. Um beijo doce. Uma pergunta que precisa de uma resposta. E imediatamente sua boca se abriu e ele cedeu. Mãos agarraram meus quadris, me segurando contra seu corpo sólido. Eu teria escalado o homem se pudesse. Meu desejo de estar o mais próximo possível dele era absoluto. O que ele fazia comigo era mais do que

evidenciado pelo estado da minha calcinha. E a emoção de senti-lo endurecer contra meu estômago enquanto nos devorávamos. Eu nunca senti nada parecido.

Então ele executou o movimento de desmaio final. Pegando-me com as duas mãos debaixo da minha bunda, o homem me levantou do chão. Envolvi minhas pernas em volta dele com força, meus seios esmagados contra seu peito. Nossos rostos estavam tão próximos. A ponta do nariz dele está a apenas um fio de cabelo do meu. Estar grudada nele com as mãos na minha bunda era definitivamente meu habitat natural. Lá fora, a tempestade rugia, trovões ressoavam enquanto o vento uivava.

Quando nos separamos, meu coração batia forte e minha respiração acelerada.

Eu preferiria que estivéssemos namorando, mas isso que ele disse precisava ser resolvido.

— Ei, — eu sussurrei, respirando fundo. — Eu posso ficar sem sexo, Lars. Não é disso que se trata.

Uma linha apareceu entre suas sobrancelhas, mas ele não disse nada. O homem com certeza poderia dizer muito com o silêncio.

— Se eu quisesse apenas sexo, poderia ter conseguido com Austin ou em qualquer lugar.

Ele realmente rosnou, seu peito roncando contra mim. Puta merda. Olhando em seus olhos, sorri. — É sobre você.

— É isso mesmo?

— Sim.

Ele assentiu contemplativamente e me lançou um longo olhar.

— Tudo bem, Susi.

— OK?

— Sim.

Nunca fui acusada de ser profunda. Meus talentos consistiam em ter um ótimo estilo e dizer coisas estranhas. Se eu o machucasse, entretanto, teria que melhorar. Era fácil confundir Lars com uma fera mal-humorada. Ele franzia a testa como se fosse o chamado de sua vida. Mas havia muito mais nesse homem.

— O que isso significa? — Perguntei. — *OK?*

Em resposta, ele apalpou minha bunda.

— Também precisamos abordar o uso da palavra *usar*. Porque se o desejo não for mútuo...

Ele me deu um meio sorriso e me beijou. Acho que isso respondia tudo.

Tudo estava perfeito com seus braços em volta de mim e sua língua na minha boca. Minhas mãos estavam em seus cabelos e minhas pernas em volta dele, apertadas. A ponta de sua ereção estava bem ali e moer contra ele era tão bom. Como uma febre aumentando. E estávamos nos movendo. Ele esbarrou na parede que saía da cozinha, esbarrou na entrada entre as salas de jantar e de estar e abriu a porta do meu quarto com um chute. Foi quando minhas costas encontraram o colchão.

Como ele olhou para mim com tanta luxúria em seus olhos. Ser o único ponto de foco de tudo isso era de tirar o

fôlego. Seus dedos traçaram um caminho sobre a curva do meu quadril e descendo pela extensão da minha coxa. Ele não parou até chegar ao meu tênis, que desamarrou e jogou no canto. Assim que isso foi feito, ele começou no outro. Se meus pés estivessem suados e fedorentos eu morreria. Mas Lars tinha outras coisas em mente. Porque ele enfiou as mãos na minha saia e roubou minha calcinha com um movimento suave. E eu quero dizer roubou. Ele pendurou minha calcinha preta de algodão em um dedo antes de colocá-la no bolso de trás.

— Eu não vou ver isso de novo, vou?

— Como faço para tirar você desse vestido? — ele perguntou com uma voz tão áspera quanto o clima.

— Há um zíper na lateral que afrouxa o corpete e então você levanta a saia e meio que manobra tudo por cima da minha cabeça.

Ele grunhiu. — Muito complicado.

— Estou chocada que um homem da sua idade e experiência seja derrotado por um vestido.

Mas Lars não tinha tempo para minhas bobagens. Ele estava muito ocupado enterrando a cabeça debaixo da minha saia. Com as mãos nas minhas coxas, mantendo-as abertas, ele foi direto ao assunto. Arrastando a língua pelas minhas dobras e terminando com um floreio. Cada nervo do meu clitóris estava bem acordado.

— Oh, Deus, — eu gemi.

A divindade recém-coroadada sob meu vestido não disse uma palavra. Ele apenas continuou com suas

ministrações. Chupando meus lábios, primeiro o esquerdo e depois o direito. Então ele passou a língua por mim novamente, desta vez com um movimento em zigue-zague que fez meus dedos dos pés se curvarem. Em seguida, seus polegares me mantiveram aberta enquanto ele beijava meu sexo. O tempo todo havia um leve arranhão ocasional de sua barba contra a pele sensível da parte interna das minhas coxas, me deixando arrepiada. Ele me atacou com a mesma habilidade e obstinação com que fazia todo o resto. E foi maravilhoso.

Coloquei a mão na boca para tentar ficar quieta. Para deixar o homem se concentrar. Mas não adiantou. Ele era muito talentoso. Todo o meu sangue correu direto para minha boceta e o nó de tensão entre meus quadris ficou mais apertado. Todos os músculos das minhas pernas e da parte inferior do meu estômago ficaram tensos. Quando ele começou a chupar meu clitóris, passando a língua sobre ele para frente e para trás, tudo acabou. Todo o meu corpo formigou e minha mente ficou em branco. O orgasmo abalou a alma dentro de mim. Dei um grito assustador e segurei-me nos lençóis com unhas e dentes. Minhas coxas tremeram e minha boceta pulsou. E eu estava bem acima das nuvens, meu corpo inundado com todos os bons produtos químicos. Todos os meus cuidados e preocupações desapareceram.

Enquanto isso, Lars se levantou e pegou a garrafa de água da mesinha de cabeceira. Sua mandíbula estava rígida. Seu pênis esticando a frente da calça jeans. Quando

ele agarrou a parte de trás da camisa e a tirou pela cabeça, ocorreu-me que havia todas as chances de eu ter assumido mais do que poderia suportar.

Minha risada foi fraca. — Barulhos sexuais, hein?

— Eu te fiz gritar. Estou bem com isso.

— Nós chamaríamos isso de grito, exatamente?

— Sim, — ele disse sem hesitação.

— Tudo bem. — Minha cabeça... não parava de girar. — Você me chupo sem eu pedir.

Ele inclinou a cabeça. — Isso é incomum?

— Entre os homens com quem namorei? Sim.

— Idiotas.

Ele tirou os sapatos e as meias. Arrastou o zíper e abaixou as calças. Até que tudo o que ele vestia era uma cueca boxer cinza escuro. Doce menino Jesus, ela delineava tudo. Então ela também foi embora. Mais pele e músculos dourados do que eu já vi. E seu pau era longo, grosso e potente como o inferno. Eu já tinha olhado para ele antes. Mas desta vez eu podia tocar. E o abraço caloroso de tudo isso foi a compreensão de que ele não mudaria de ideia. Que ele tinha me escolhido e nós realmente iríamos fazer isso. Isso me tornou estranhamente humilde. Grata, até.

— Oh não. Não tenho camisinha, — eu disse. — Eu ia comprar algumas, mas não comprei porque poderia nos azarar.

Do bolso da calça jeans ele tirou uma camisinha e a colocou.

Parando para dar um aperto firme em seu pau, uma vez que foi embainhado. Tudo isso foi realizado com precisão especializada. Fazendo-me pensar se havia alguma coisa que ele fazia de errado. Graças a Deus o homem veio preparado com profiláticos.

Nunca senti tanto alívio.

Meu vestido estava levantado até meus quadris e ele olhou para a coisa como se fosse seu inimigo. O decote em particular. Seus dentes afundaram em seu lábio inferior enquanto ele olhava para meus seios cobertos, como se fosse uma criança a quem tivesse sido negado o Natal. Eu não podia fazer isso. Mesmo que fosse sua própria culpa por ser impaciente.

— Espere, — eu disse, sentando-me e lutando com o zíper. — Só vou levar um minuto.

Eu me contorci e torci enquanto ele agarrava a bainha e puxava com cuidado. Eu estava livre. Então, com um movimento experiente, ele desabotoou meu sutiã e deslizou as alças pelos meus braços. O homem conhecia bem uma mulher. Seus olhos se arregalaram em apreciação ao ver meus seios. Ele segurou o peso deles em suas mãos, os polegares acariciando minha pele.

— Melhor? — Eu perguntei, puxando meu elástico de cabelo.

Ele assentiu e disse: — Você está bem?

— Sim.

Ele embalou a parte de trás da minha cabeça com a mão, me alimentando com beijos quentes e úmidos. Foi

como uma droga indo direto para minha cabeça. O deslizamento de sua língua e a mordida de seus dentes. E nesse tempo ele se deitou na cama e subiu em cima de mim. O calor e o peso dele eram excelentes. Seu pau deslizou contra o meu sexo e, ah, sim. Isso era legal. Arrepios percorrem minha espinha. Sua mão mudou do meu peito para minha bunda e vice-versa. Como se ele não conseguisse decidir. Que bom que minha abundância de peitos e bunda parecia agradá-lo.

Enterrei meu rosto na lateral de seu pescoço. A sensação de sua pele macia e o leve cheiro de suor. Sal e aquela coisa da colônia amadeirada e ele.

Celestial. Quanto a Lars, ele apoiou o peso em um braço enquanto agarrava um seio com a mão livre. Acho que estávamos ambos fascinados um pelo outro. Ele engasgou quando mordeu seu lóbulo da orelha e minha respiração ficou presa quando ele beliscou meu mamilo. Para cada ação veio uma reação perfeita. E durante todo o tempo a largura pesada de seu pênis pressionou contra mim. Qualquer pequeno movimento era um êxtase, fazendo minha boceta vazia apertar.

O homem estava torturando a ambos.

Quando sua boca encontrou meu mamilo, meus quadris se moveram contra o colchão.

Ele chupou e lambeu e se divertiu completamente. Eu também não me importei. Então ele beijou até meu queixo. Seu olhar se intensificou quando ele encostou a ponta romba de seu pênis em mim. Ele empurrou

lentamente. Não parando até que não houvesse mais espaço. Até que ele colocasse tudo. E o tempo todo ele me observava. Eu tinha que estar uma bagunça de olhos vidrados e queixo caído.

No entanto, não havia nada além de desejo e determinação em seu rosto.

O beijo que ele me deu foi gentil. Como uma bênção. Um agradecimento por deixá-lo entrar em meu corpo. O que foi muito gentil e educado. Embora não tenha se mantido assim por muito tempo. A gentileza se transformou em fome em pouco tempo. Minhas mãos arranharam seus ombros e uma das suas deslizou em meu cabelo. E o controle que ele assumiu sobre os fios foi firme. Quando não reclamei, ele puxou só um pouquinho, me iluminando da cabeça aos pés. Então ele puxou com mais força. O sorriso em seu rosto continha um toque de maldade que era quente.

Finalmente, ele se moveu, puxando seu comprimento duro para fora de mim. Em seguida, empurrando de volta com um movimento dos quadris. Puxando devagar e empurrando de volta rápido.

Foi assim que ele fez. Seu pau se arrastando pelos pontos doces dentro de mim. Sua pélvis se inclinou para roçar contra meu clitóris. Quando ele girou os quadris, eu gemi desenfreadamente. Ele sabia exatamente como usar aquele seu corpo grande e forte. Porque cada movimento que ele fazia era pensado e aperfeiçoado para me trazer

prazer. Suas antigas amantes e namoradas mereciam notas de agradecimento. E cupcakes, talvez?

Seu controle caiu lentamente e de repente. Foi emocionante ver. Nossas bocas se fundiram enquanto nossos corpos escorregavam de suor. Seu ritmo cuidadoso aumentou até que estava me fodendo no colchão. Minhas unhas deixaram linhas em suas costas. Seus dentes deixaram um hematoma em meu pescoço. Tivemos que parar de beijar/morder antes que alguém quebrasse um dente. A tempestade rugia lá fora, mas eu tinha raios em minhas veias como se meu corpo estivesse em chamas. Trovão era o som do sangue batendo atrás das minhas orelhas.

O calor irradiando de seu corpo e o cheiro inebriante de sexo enchiam o quarto. Eu o agarrei e arranhei enquanto ele mantinha meu cabelo preso em um punho apertado. O tempo todo, ele martelou aquele grande pau em mim. Quando ele atingiu o lugar perfeito dentro de mim, minhas costas arquearam para fora da cama. Mas ele não parou. De jeito nenhum. Ele não havia perdido a delicadeza. Porque ele me fodeu até que choraminguei o nome dele. A pressão dentro de mim aumentou cada vez mais quando um tsunami se abateu sobre mim. Prazer e dor. Eu nunca gozei tanto na minha vida. Algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto, a liberação foi muito intensa.

Lars praguejou e resistiu contra mim. Enterrando o rosto no meu pescoço enquanto ele gozava também. A maneira como seu pau latejava dentro de mim e a

respiração ofegante contra meu pescoço pareciam as únicas coisas reais. Como se ele fosse minha corda. Como se, sem o corpo dele para me pesar, eu pudesse flutuar. Nós dois gememos quando ele tirou seu pau de dentro de mim. Então ele caiu na cama ao meu lado.

Demorou um pouco para alguém falar. E então é claro que fui eu.

— Tudo bem para você?

Ele abriu uma pálpebra, olhou para mim e não disse nada.

— Não tenho certeza do que fazer com isso, — eu disse.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios. Ufa.

Rolei para o lado para encará-lo. A beleza masculina do homem. Seu cabelo deveria estar sempre desgrenhado pelas minhas mãos. E a paz em sua expressão. A suavidade de sua testa e como seu olhar se suavizou... talvez minha boceta fosse mágica, afinal. Meu coração batia forte e pesado; a pulsação ecoou entre minhas pernas. De novo. Já.

— Quantos preservativos você trouxe?

— Eu só carrego um por aí, desculpe.

Ficar encantada por ele não ter expectativas de vir aqui ou irritado por não ter planejado com antecedência? Foi uma chamada difícil. O que era certo era que quaisquer esperanças ocultas que eu tinha em relação a Lars e eu sermos capazes de eliminar esse fascínio do nosso sistema foi um fracasso. Como se fazer sexo com ele

uma vez resolvesse todo e qualquer sentimento e pudéssemos ser apenas amigos. Não. Nada. Sem chance.

Então ele estendeu a mão e tirou uma lágrima da minha bochecha.

— O que está errado?

— Nada. Foi só... muita energia sexual reprimida, eu acho.

Ele assentiu.

— Tudo bem, — eu disse, seguindo em frente. — Aqui está o plano. Vamos à farmácia para comprar preservativos e depois ao restaurante coreano para jantar. Eu pego oombo, você pega o peixe e trocamos no meio do caminho. Podemos partilhar as batatas fritas com kimchi. O que você diz?

Ele não disse nada.

Foi então que me dei conta. — A menos que você tenha planos, é claro. Pode haver algum lugar onde você precise estar ou algo assim.

— Susie, — ele disse. — Jantar e cama parecem bons.

O sorriso possuiu meu rosto. — Ótimo.

-

Onze

— Estou fora de mim.

— Não, — eu disse. — Você não está.

Cleo estava parada no meio da sala de seu apartamento com caixas aos pés. — Eu o conheci há menos de um mês e agora ele está se mudando. Já passei por um divórcio. O que estou fazendo?

— Você é a pessoa mais inteligente que conheço. Se você vai trazê-lo para morar com você, é por um bom motivo — eu disse. — Mas se você me disser que mudou de ideia ou que tem dúvidas sobre as quais deseja agir, eu te ajudo a tirar toda a merda dele daqui.

Ela pressionou a mão no coração. — O amor à primeira vista é o pior. Eu nunca acreditei que isso existisse. Agora olhe para mim agindo como uma idiota!

— Você realmente o ama, hein?

— Sim, e é assustador. Não quero me machucar novamente.

Esse medo eu poderia entender muito bem. Basicamente, eu me divertia com ele todas as noites. As fraquezas eram as piores.

Tore entrou carregando outra caixa seguido por Lars. Já se passaram seis dias desde a noite de sexo selvagem. Ele estava trabalhando mais horas extras e eu também estava ocupada. Porque éramos adultos com nossas próprias vidas. Minha cama, porém, tinha sido um

lugar especialmente triste e solitário esta semana. Acontece que se você renunciasse ao celibato e conseguisse um pau bom, seria difícil esperar por mais. Duro. Ei.

Eles acrescentaram suas caixas à enorme pilha. Desde quando os caras possuem tantas coisas? Com todos os seus tênis, histórias em quadrinhos e coleção de cachimbos, estávamos carregando os pertences de Tore para cá há horas. Tore largou a caixa e limpou as mãos. — Essa é a última. Agora é desfazer as malas.

Cleo tentou sorrir. E falhou.

— Querida, — ele disse, colocando os braços em volta dela. — Ei.

— Tudo bem. Só tendo um momento.

— Tenha quantos momentos quiser.

Ela segurou seu rosto e o beijou profundamente. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Lars e eu trocamos olhares. Como você faz quando está preso em um momento pessoal. Um que não é de sua autoria.

— O último homem com quem morei foi meu ex-marido e todos nós sabemos como isso funcionou. Eu nem conheci seus pais, Tore, — disse Cleo. — Estamos fazendo tudo fora de ordem.

— Você poderá conhecê-los assim que eles voltarem da visita à minha irmã e sua família em San Diego. Venha

comigo buscá-los no aeroporto no próximo fim de semana, se quiser.

— Estamos fazendo a coisa certa? — perguntou Cléo.

Tore encolheu os ombros. — Queremos ficar juntos, não é?

— Mas está tudo acontecendo tão rápido.

— Por que não deixamos todas essas caixas de lado por enquanto e vemos como vão as coisas? — ele sugeriu. — Fazer isso em pequenos passos.

— Eu quero você aqui. Eu só estou...

— Está tudo bem.

— Eu não quero que isso dê errado.

— Então não vai acontecer, — disse Tore. — Seremos cuidadosos e resolveremos as coisas juntos.

Ela deu a ele um sorriso muito mais crível. — Isso soa bem. Poderíamos tentar o que Susie está fazendo na casa dela e desempacotar uma caixa por dia. Menos opressor assim.

Eu sorri. — Isso é verdade.

Tore virou-se para o irmão. — Lars, vamos empilhá-las contra a parede. Vou pegar o que preciso mais tarde.

Cleo empurrou os ombros para trás. — Vou pegar algumas bebidas para nós.

Quanto a mim, sentei minha bunda cansada no sofá. Melhor ainda para assistir Lars.

Ele jogou a cabeça para trás seu cabelo ridiculamente fotogênico e, ah, cara. Meus hormônios estavam à sua mercê. Essa era a verdade da questão.

— O que é isso? — perguntou Tore. Embora o *acusado* estivesse mais perto.

Cleo saiu da cozinha com latas de cidra. — O que é o quê?

Desta vez ele chegou ao ponto de apontar para mim. — O jeito que Susie estava olhando para Lars.

— Eu estava olhando para ele como se fosse um bom amigo que aprecio muito? — Eu perguntei, engolindo um pouco da minha bebida.

— Não. Você não estava.

— Obrigado, — disse Lars, aceitando sua bebida de Cleo. Ele parecia calmo, considerando o questionamento de Tore. — Deixe-a em paz, cara.

Tore estreitou o olhar para nós. Um por vez.

— Querido, — disse Cleo, passando sua bebida para seu amado. — Não se preocupe com isso.

— De que isso você está falando? — Tore ficou com a mão no quadril. Acho que ele não ia deixar isso passar. Droga. — Isso é o que eu preciso saber.

Lars cruzou os braços. — Você está imaginando coisas.

— Você protesta demais, irmão.

Lars balançou a cabeça e sentou-se numa poltrona. — Pelo menos não pareço um idiota.

— Vocês dois sempre foram duvidosos. Sempre houve algo lá. Mas aquela expressão no rosto de Susie agora há pouco? Toda sonhadora e carnal?

— Eu estava, hum, pensando na roupa que terei que lavar quando chegar em casa, — eu disse. — Está se acumulando a semana toda. Vai ser muito bom conseguir isso. Satisfatório, sabe?

— Mentirosa. A menos que toda essa conversa sobre lavar a roupa seja conversa suja codificada. Nesse caso, você ainda é uma mentirosa, mas bem jogado.

Eu ri. — Tore, honestamente, não sei do que você está falando.

— Uma atuação digna de um Oscar, — Tore murmurou. — Eu vou dar isso a ela.

Cléo bufou. — Ah, por favor, — disse ela. — Ficou óbvio no minuto em que você apareceu aqui. Você realmente achou que seria capaz de manter isso em segredo?

Meu rosto estava em chamas. A melhor opção era calar a boca. E eu faria isso, logo depois de declarar para registro: — Não estamos namorando. Isto é tudo muito cedo e a situação é complicada e prefiro não entrar nisso e... vou parar de falar agora.

Tore estalou a língua. — Bem, bem, bem.

Enquanto isso, Lars apenas ficou ali sentado, o mais plácido possível. Ele obviamente não se importava que eles soubessem. Ele também não veio em meu socorro quando comecei a tagarelar.

Idiota.

— Você está me dizendo que Lars não tem uma namorada oficial de verdade? — perguntou seu irmão,

incrédulo.

Cleo inclinou a cabeça. — Isso é grande coisa?

— Claro que sim, — disse Tore. — Ele basicamente esteve em um relacionamento após o outro desde que descobriu o pega-pega no parquinho. Isso está lá em cima na lista dele. Emprego decente. Verificado. Trabalhando para possuir o próprio negócio. Verificado. Ser um bom filho. Verificado. Passar bons momentos com os amigos. Verificado. Ter uma namorada. Verificado.

Lars tomou outro gole de sua bebida. Ele não parecia tão feliz agora.

Tore não parecia se importar. — Esses são apenas os itens a serem verificados por enquanto. Outros aparecerão quando ele se aproximar dos quarenta. Ele e eu teremos estabelecido nosso negócio imobiliário. Isto será seguido por ele adquirir uma esposa. Alguém de alto desempenho, mas com os pés no chão. O tipo que nunca sonharia em usar branco depois do Dia do Trabalho. Seus descendentes virão logo em seguida. —

Lars começou a ranger os dentes.

— Parece organizado, — disse Cleo.

— Você quer dizer anal, — corrigiu Tore.

Cléo franziu a testa. — Este plano definitivamente não permite a existência da misteriosa certidão de divórcio. O que faz sentido. Quero dizer, não pode ser real. Susie jurou nunca se casar. É a única coisa sobre a qual ela nunca muda de ideia. Seus pais a arruinaram pelo resto da vida nessa questão. Coloque-a perto de um vestido branco e ela

fará o sinal da cruz. E nenhum dos planos do seu irmão parece nem um pouco com os dela. Ela é muito mais o tipo de garota que voa pelas calças.

Era como se Lars e eu nem estivéssemos lá. Puta merda.

— Ouvi falar da postura anti-casamento, — disse Tore. — Só espero que essas brincadeiras não tornem as coisas estranhas para nós no futuro.

— Estou tão feliz que tiramos um tempo dos nossos fins de semana agitados para ajudar seu irmão e minha amiga, — murmurei.

Lars franziu a testa.

— E você? — perguntou Cléo. — Você tem uma lista?

Tore balançou a cabeça. — Não mais. Estou à sua disposição.

— Boa resposta. — Ela reprimiu um sorriso. — Eu me pergunto se isso é uma característica dos filhos mais velhos, sendo tão estruturados. Somente crianças como eu estão em toda parte.

— Os mais jovens são os melhores, — disse Tore. — Criativos, solução de problemas, temos tudo. Certo, Susie?

— Oh sim. — Grata pela mudança de assunto, virei-me para Lars e perguntei: — Como você vai ficar morando sozinho?

Tore sorriu. — Você está preocupada com o fato de meu irmão mais velho de trinta e cinco anos morar sozinho?

— Entre você e eu, — disse Lars. — Estou meio ansioso por isso. Especialmente depois dos últimos minutos.

Eu balancei a cabeça. — Justo.

— Você está brincando? — perguntou Tore. — Cerveja e nachos tarde da noite depois de um longo dia? E eu assisti *Mythbusters* até o fim com você. Eles fizeram um número ridículo de temporadas desse show. Que tal ter um parceiro de corrida? Huh? Isso foi útil. Sem falar que, se não fosse por mim, nenhuma das suas meias combinaria. Sou uma estrela do rock em separar roupas.

— Isso é o que você traz para o relacionamento, hein?
— Cléo sorriu. — Bom saber.

— Junto com meu salmão assado. Querida, você nunca provou melhor.

— Você só faz um prato? — Perguntei.

Tore passou um braço em volta dos ombros de Cleo e a colocou ao seu lado. — Quando você se sai tão bem quanto eu, não precisa de outro.

— Ele se saiu tão bem que a maioria das mulheres nunca voltou para comer mais, — disse Lars com um sorriso.

As sobrancelhas de Tore desceram. — Isso não é verdade.

— Não é?

— Você vai ficar no apartamento? — perguntei, antes que os irmãos pudessem começar a brigar.

Lars se virou para mim. — Na verdade, tivemos uma boa oferta, então vamos vender. O contrato termina em

duas semanas. Os proprietários da casa ao lado querem expandir.

— É uma das razões pelas quais pedi a Tore para se mudar. — Cleo passou os braços em volta da cintura dele. Eles se encaixam perfeitamente. — Ele esteve aqui todas as noites de qualquer maneira.

— Ela não consegue se livrar de mim, — disse Tore.

A maneira como eles se entreolharam - eu nunca tive nada parecido. Tanta devoção. Uma verdadeira onda de amor e carinho. Havia uma boa chance de eu não ter pensado o suficiente em relacionamentos anteriores. Você conhece um cara e faíscas voam, ele parece legal e parece bom, então você tenta. Parecia simples. E, no entanto, esse processo simples me mordeu na bunda mais vezes do que eu gostaria de admitir. Tinha que haver um ponto ideal entre usar o coração na manga e envolver o órgão em aço. Certamente.

— É hora de irmos, — disse Lars, levantando-se.

Cleo e Tore começaram a se beijar e não mostraram sinais de parar.

Deixei minha bebida de lado e fui até a porta, esfregando a parte inferior das costas com a palma da mão. — Isso foi divertido. Não vamos fazer isso de novo tão cedo.

Lars me seguiu. — Eu te disse para deixar as coisas mais pesadas para mim.

— Eu estava me referindo mais à parte em que nos dissecaram na nossa frente. — Ele apenas grunhiu.

Tore acenou com a mão em nossa direção. Cleo se separou da boca dele com uma risada. Fez bem ao meu coração vê-la tão feliz. Antes que ela pudesse nos dar adeus ou algo assim, Tore a beijou novamente. Novos casais. O que você pode fazer?

Lars fechou a porta atrás de nós. Ele me seguiu escada abaixo. Não adiantava esperar pelo elevador, embora os músculos da minha panturrilha discordassem. Um longo banho quente acompanhado de um bom livro era o que eu precisava. Claro, tendia a ser a melhor resposta em cada dez vezes.

— Ainda estamos combinados para esta noite?
— Perguntei.

Ele assentiu.

— O que você tem vontade de fazer?

— O que você quiser, — disse ele, lançando um olhar por cima do ombro. Não que houvesse algo para ver.

— Por que não faço o jantar para você?

— OK. O que posso levar?

— Uma garrafa de tinto seria ótimo, — eu disse. — Como um cabernet. Sete horas funciona?

— Claro. — Ele deu um passo mais perto, o olhar cheio de calor. — Podemos comer primeiro e depois ver como estamos, parece bom?

— Muito bom.

Por um momento, ele apenas olhou para mim. — Você é muito inesperada, Susie.

— Achei que era inevitável.

— Isso também. E um dia você vai concordar em namorar comigo.

Meu sorriso desapareceu. — Lars, você sabe que eu não querer namorar não é culpa sua, certo? Quero dizer, você já se viu? E não me interpretem mal. Acho que você é inteligente e capaz, além de bonito. Eu simplesmente não estou pronta.

— Não sou eu, é você?

— Sim.

Ele olhou para mim por um momento, depois estendeu a mão e abriu a porta da frente do prédio. — Eu honestamente não tive a intenção de pressioná-la. Vamos conversar sobre outra coisa.

— Tudo bem. Quando foi a última vez que você morou sozinho? — Perguntei.

— Acho que já se passaram quatro ou cinco anos.

— Isso é um tempo. Será um ajuste. Ter o espaço só para você pode ser ótimo. Mas não ter ninguém com quem conversar pode ser um pouco solitário.

— Eu vou ficar bem, Susie. — Ele me deu um meio sorriso. Não foi muito convincente. — Estou pensando em comprar uma casa flutuante na marina. Alguém que conheço do trabalho está se mudando para o Colorado e precisa vender.

Levantei a mão para proteger meu rosto do sol da tarde. — Uma casa flutuante? Legal.

— Sim. — Mas ele ainda não parecia exatamente feliz. Ele agarrou sua nuca. — É bom que Tore e Cleo vão

morar juntos. Espero que dê certo para eles.

Eu apenas sorri e esperei. E funcionou.

— Você está certo, vou sentir falta do meu irmão, mas... a vida continua.

— Isto é verdade. E não é como se ele estivesse longe.

— Exatamente.

— Você vai ficar bem.

— Sim, — ele disse. — Eu ficarei bem. Podemos parar de falar sobre sentimentos agora?

— Sim. — Eu sorri. — Obrigado por compartilhar, Lars.

Às dez horas, eu estava andando de um lado para o outro com meu vestido preto sem mangas até os joelhos. Meus saltos faziam um som satisfatório contra a madeira, um barulho agradável e raivoso que acalmou minha alma. Porque não havia sinal do homem. Nenhuma chamada, nenhuma mensagem de texto. Tentei telefonar e caiu no correio de voz. Eu não deixei mensagem. Minhas emoções variaram da fúria ao medo e vice-versa. Onde diabos ele estava?

Eu apaguei as velas quando elas começaram a queimar e o risoto que fiz para o jantar provavelmente secou. Espero que ele tenha uma boa desculpa.

Não. Ele teria. Lars não era do tipo que simplesmente me decepcionaria. Embora tenha sido difícil me convencer disso depois de três horas de espera e trinta anos de

experiências ruins. Era exatamente por isso que eu não queria namorar. A dor te fazia se afastar do mundo para sua própria proteção. Mas não havia distância entre eu e meus sentimentos crescentes por esse homem agora. Droga.

Talvez ele tenha mudado de ideia sobre nossa situação de amigos com benefícios.

Talvez ele tenha tido problemas com o carro. E o celular dele quebrou, então é claro que ele não poderia ligar. Oh não. Talvez ele estivesse doente. Embora ele fosse a imagem de boa saúde hoje. Qualquer que seja. Eu confiaria em nossa amizade. Certamente haveria uma explicação perfeitamente racional. Dedos cruzados.

A mulher que eu gostaria de ser teria dado um pontapé inicial, servido uma taça de vinho e se acomodado diante de um bom filme. Daria adeus à ansiedade e tornaria a noite agradável sozinha. Ela não precisava de nenhum homem. Ela não precisava de ninguém. Aquela garota poderia matar dragões (emocionais ou não) sozinha. Enquanto isso, continuei andando.

Kat corajosamente se escondeu debaixo do sofá, mexendo o rabo. Todos os meus passos de um lado para o outro não a agradaram.

Meu telefone tocou na minha mão e eu pulei. — Olá?

— Susie, — disse Cleo. — Não se desespere, mas houve um acidente.

A ala de emergência na noite de sábado estava uma bagunça. Máquinas apitando, pessoas falando muito alto, um bêbado gritando e pessoas gemendo de dor. E por baixo de tudo isso estava o som de sua voz atrás de uma cama com cortinas no canto. Graças a Deus. Talvez agora meu coração pudesse se acalmar. Estivera à beira de um ataque ou de uma pausa durante a última meia hora.

A viagem de casa foi uma das mais longas da minha vida. Minhas mãos seguraram o volante com tanta força que meus dedos começaram a ter câibras.

O cheiro insuportável de desinfetante não ajudou. A última vez que estive num desses lugares, foi para identificar o corpo da tia Susan. Uma experiência horrível e horripilante. Mas Lars não morreria. Não haveria nenhum segundo telefonema repentino para me dizer que ele havia piorado.

Tudo estava bem. Cleo disse que ela e Tore poderiam lidar com isso, mas eu precisava vê-lo. Para saber que ele estava bem. E ele perguntando por mim apenas reforçou minha necessidade de estar lá.

— Ei, — Cleo me cumprimentou atrás da cortina com um sorriso pálido. — Respire.

— Estou respirando. — Embora hiperventilar fosse uma descrição melhor. — Como ele está?

— Nada mal, considerando que ele foi atropelado por um carro.

Na cama, Lars sem camisa estava deitado entre os lençóis brancos. Jeans cobriam sua metade inferior. Ele

parecia mais pálido que o normal. Havia uma cinta em torno de seu pescoço, um gesso no pulso esquerdo, um corte recém-costurado de alguns centímetros de comprimento na bochecha e hematomas e arranhões por toda parte. As marcas escuras em seu torso eram horríveis. Puta merda.

— Esta é a princesa de quem eu estava falando, — disse Lars com toda a seriedade.

— Ela é muito bonita, — disse a médica que cuidava dele e me deu um sorriso.

Como se quisesse dizer que já tinha visto e ouvido tudo isso antes. A etiqueta em seu jaleco branco dizia *Dra. Kelly Lopez*.

— Mas não diga a ela que eu a chamo de Princesa. É apenas na minha cabeça.

— Entendi.

Tore se inclinou mais perto. — Eles lhe deram as coisas boas.

Lars se arrastou na cama e estremeceu. Ele podia estar chapado como uma pipa, mas ainda sentia um pouco de dor. — Vamos nos casar, mas depois nos divorciaremos.

— É uma pena, — disse a Dra. Lopez.

— Sim. — Ele suspirou. — Quatro de dezembro. Uma vergonha.

As sobrancelhas da Dra. Lopez se ergueram. — Você escolheu uma data?

— Lars adora um plano. — Coloquei minha mão em seu braço. Fazendo o meu melhor para evitar qualquer dano. —

Ei.

Seu sorriso era de felicidade, seu olhar colado na região do meu peito. — Susie. Ei. Ótimo vestido. É muito apertado.

— Obrigada.

— Desculpe por ter perdido nosso encontro sexual.
— Tore fez um barulho sufocado.

— Ah, desculpe, — disse Lars. — Não deveria chamar isso de encontro.

— Tudo bem. — Eu sorri. — O que aconteceu?

— Eu estava comprando aquela garrafa de vinho para você e um filho da puta passou o sinal vermelho. — Suas palavras foram arrastadas. — Me fez voar. Você acredita nessa merda?

— Isso aconteceu quando você estava comprando o vinho?

— Não é sua culpa, Susie, — disse Tore.

Lars franziu a testa. O que o fez estremecer novamente.

— Claro que não é culpa dela. Pelo amor de Deus, Tore. Por que você diria isso, cara?

— Desculpe. Foi mal, — disse Tore, mantendo uma cara séria. — Susie, peço desculpas.

— Você o perdoa? — perguntou Lars com uma voz grave. — Você não precisa. Ok.

— Hum. Sim. Eu o perdoo. — Tore me deu uma piscadela.

— Você não vai chorar, vai? — perguntou Lars.

— Estou bem. Eu juro. Você só me deu um susto. — Eu funguei e sorri. — Qual é o dano?

A Dra. Lopez enfiou as mãos nos bolsos do jaleco. — Posso apenas esclarecer seu relacionamento com Lars?

— Ela é minha sig... minha signifi... Ela é minha outra metade. — Lars assentiu. — Eu, ah, eu a amo... e sim.

Prendi a respiração e esperei, mas ele não disse mais nada. O que era o melhor. Lars usava muitas drogas e não sabia o que estava dizendo.

Obviamente. Mas, na eventualidade de eu ter sofrido de uma súbita insuficiência cardíaca causada por suas palavras, eu estava no lugar certo.

A Dra. Lopez apenas assentiu. — Fratura no pulso, contusão nas costelas e tensão no pescoço. Nenhum sinal de concussão, mas foi uma pancada forte. Gostaria que você ficasse de olho nele pelos próximos dias. Apenas para estar seguro.

— Claro. Ele terá alta hoje à noite?

— Sim. Repouso na cama e alívio da dor pelas próximas setenta e duas horas com movimentos suaves. É importante que você se levante e ande por aí, apenas vá com calma. Marcaremos uma consulta de acompanhamento para o gesso em algumas semanas. — Lars olhou confuso para a luz acima de sua cama. Felizmente inconsciente.

— Posso voltar para o apartamento com ele, — disse Tore. — Dormir no chão ou algo assim. Comprar um daqueles colchões de ar no Walmart.

— Você acabou de ir morar com Cleo. — Eu fiz uma careta. — E ele ficaria sozinho durante o dia. Eu trabalho em casa. Por que ele simplesmente não fica comigo?

— Não é uma má ideia, — disse Tore. — Mas não tenho certeza se ele aceitará isso.

— Só há uma maneira de descobrir. — Virei-me para o ferido. — Lars, você vai voltar para casa comigo.

— Mas, Princesa, — disse Lars, voltando à conversa, — eu não quero ser como um... Merda. Qual é a palavra?

— Um incômodo? — sugeriu Tore. Então ele disse mais calmamente: — Gostaria que eles me dessem um pouco do que quer que ele tenha tomado.

Cleo lhe deu uma cotovelada nas costelas.

Lars pensou sobre isso. Demorou um pouco. — Sim. É isso. Um incômodo.

— Você não é um incômodo, — eu disse.

— Mas você não tem uma cama extra.

— Você está preocupado que se dormir na minha cama pegará germes feminino? — Lars riu e respondeu em voz alta: — Não!

— Então qual é o problema?

— Só não tenho certeza se é uma boa ideia, — ele murmurou.

Dei-lhe o meu melhor e mais tranquilizador sorriso. — Por que não tentamos por alguns dias e vemos? Quero dizer, quão ruim pode ser?

-

Doze

— Você está bem?

Lenta e cuidadosamente, Lars se virou para mim. A porta da geladeira estava aberta atrás dele. Seu rosto estava pálido e marcado pela dor. Em uma das mãos ele segurava as sobras do meu jantar de ontem à noite. Na outra ele segurava um garfo. — Fiquei com fome. Isso foi tudo que consegui encontrar.

— Estou precisando ir a mercearia.

Ele encheu o garfo e enfiou-o na boca. Comendo direto da caçarola. O que era bom, eu acho. — Quer que eu pegue um prato para você?

Um grunhido negativo.

— As boas drogas passaram, hein?

Outro grunhido, enquanto ele passava por mim em direção à mesa de jantar. Lá ele sentou-se da mesma maneira lenta e cuidadosa. Com uma carranca. — Eu não percebi quão bons eles eram até que pararam de funcionar. Honestamente, quem tira a morfina de alguém para dar Tylenol? Estou surpreso que eles consigam dizer isso com uma cara séria, sem rir muito.

— Você dormiu bem? — Ele encolheu os ombros.

— Na verdade, dormi muito bem. Dividir a cama com você, aparentemente, funciona, — eu disse.

Enchi um copo com água e coloquei ao lado dele. Então comecei a fazer meu café da manhã. Porque,

caféina. Eu entrei furtivamente no banheiro ao acordar e escovei os dentes e o cabelo. Em seguida, lavei o rosto e apliquei corretivo, rímel e um protetor labial colorido - buscando o epítome da beleza natural de acordar assim. Querer impressionar um homem era um trabalho árduo. Eu até usei meu melhor pijama: algodão preto com debrum branco. Muito melhor do que minha camiseta e calcinha velhas de sempre. Não que ele estivesse em condições de perceber.

Mas tê-lo em meu espaço em qualquer condição me deixou nervoso, aparentemente.

— A única vez que coabitei com um homem foi quando viajei com um namorado, — eu disse. Apenas fazendo conversa. — Ao lado do meu pai e irmão quando eu era pequena, é claro. Você já morou com alguém? Não que seja isso que estamos fazendo. Você sabe o que eu quero dizer.

— Não. — Sua voz estava mais rouca que o normal. — As coisas nunca ficaram tão sérias. — Eu dei a ele um meio sorriso.

— Você quer dizer que não as deixou levar isso a sério.

— Acho que não.

— Então, apenas férias?

— Sim.

— Esta será uma experiência de aprendizado para nós dois, — eu disse. — Coloquei toalhas limpas no banheiro se você quiser tomar banho.

— Obrigado. Parece que ainda estou coberto de areia e sujeira da estrada.

— Vou trocar os lençóis para que fiquem limpos para você também. A capa à prova d'água do gesso está no banheiro. Você quer ajuda no banho com curativos ou algo assim?

— Não, — ele disse calmamente e continuou comendo.

Tomei um gole de café e observei Kat bater a cabeça na perna dele. Ele se abaixou em câmera lenta e arranhou-a. Vê-lo com dor era horrível. Ele normalmente era tão grande, forte e robusto. Ora, uma montanha não poderia derrubar o homem. E algum idiota ao volante quase conseguiu. Um pensamento aterrorizante.

— Você tomou seus remédios ou quer que eu os pegue?

— Eu os peguei, — disse ele. — Acho que seria melhor se eu fosse para casa.

Eu fiz uma pausa. — Por quê?

Nada dele.

— A médica disse que você deveria ter alguém para ficar de olho em você.

— Eu vou ficar bem.

— Você foi atropelado por um carro, — eu disse. — Dê a si mesmo um minuto. Por favor.

— Não sei. — Ele olhou para o frango e o arroz. — É estranho estar aqui assim. Eu não quero estar no seu caminho.

— Você não está no meu caminho. Eu sei que isso é diferente do que estamos acostumados, mas não há problema em precisar de uma ajudinha agora. E, Lars, eu gostaria de ajudá-lo.

Sua mão livre se fechou em punho. Esse não era o Lars normal. Este era o Lars com dor e chateado. Uma criatura muito diferente. — Porque você acha que é sua culpa eu estar atravessando aquela maldita rua.

— Porque eu me importo com você e quero ajudar.

— Susie, a merda que eu disse no hospital ontem à noite...

— Você se lembra disso?

Uma linha apareceu entre suas sobrancelhas. — Alguma coisa.

— Você estava chapado como uma pipa. As pessoas dizem todo tipo de coisa quando estão sob influência.

— Sim, — ele disse finalmente. — Sobre eu ficar aqui. Não temos o tipo de relacionamento onde...

— Você quer dizer como amigos?

Por um longo momento, ele não disse nada. Então ele olhou para cima com sua carranca habitual e olhou para a mesa de jantar ainda bagunçada. Eu estava muito preocupada com ele depois de voltar do hospital para lidar com tudo isso. Sentada no quarto escuro, observando-o dormir. O que isso dizia sobre meus sentimentos pelo homem era melhor ignorar. Os guardanapos, velas e talheres ainda estavam dispostos. Ele piscou e olhou como

se não conseguisse entender a cena. — Você fez tudo isso ontem à noite?

— Não é grande coisa. — Dei de ombros. — Eu queria fazer algo de bom para você com a mudança de Tore. Eu sei que você disse que estava bem com isso, mas...

Ele apenas olhou para mim.

Tomei outro gole de café.

— Pelo que me lembro no hospital, você também estava bem vestida para passar a noite.

— Eu gosto de me vestir bem. Quer dizer... eu também gosto de ficar bonita para você. Isso é permitido, não é?

— Claro.

De jeito nenhum eu me escondi atrás da minha caneca. Tal comportamento seria infantil e covarde.

— Tudo bem, — ele disse como se tivesse tomado alguma decisão. Então seus ombros relaxaram e ele relaxou na cadeira. — Posso tomar café?

Eu me endireitei. — Você vai ficar?

— Sim, Susie. Vou ficar.

Tore chegou no meio da manhã.

— Olá, crianças!

— Já era hora, — resmungou Lars.

Ele observou seu irmão sentado na poltrona com meu roupão curto de seda preta e sorriu. — Gosto desse visual para você.

— Vá se foder.

— Por que eu deveria? Esse é um trabalho que minha namorada faz muito melhor do que eu jamais poderia.

— Tore, silêncio, — ordenou Cleo.

Apesar de encorajar Lars a voltar para a cama, ele insistiu no contrário. Almofadas estavam colocadas atrás e ao lado dele e uma gata adorável estava sentada em seu colo. Um jogo de beisebol passava silenciosamente na TV e o mantinha ocupado. A mesa lateral era de fácil acesso com uma variedade de bebidas e lanches, todos os seus medicamentos e os controles remotos da TV e do AC. Quando seu grunhido se transformou em rosnado, parei de me preocupar e o deixei sozinho. Depois de apreciar a vista de suas pernas musculosas e peludas sob o robe curto, é claro. Eram as pequenas coisas que fizeram a vida valer a pena.

Tore depositou a mala cheia de pertences de Lars ao lado da porta do quarto. — Peguei uma variedade de coisas. Deixe-me saber se você quiser que eu compre mais alguma coisa.

— Obrigado, — disse Lars.

— Como você está se sentindo? — perguntou Cleo com uma xícara de café descartável na mão.

— Como se eu tivesse sido atropelado por um carro.

— Coisa engraçada. — Tore sentou-se na poltrona. — Quase te perdemos ontem à noite.

— Será preciso mais do que um atropelamento para acabar comigo.

— Isso é muito viril da sua parte, — disse Cleo.

Tore assentiu. — Pessoalmente, insisto em ser eliminado por nada menos que um Humvee.

— Nem brinque sobre isso. — Cleo apontou um dedo para ele. — Estou falando sério, Tore.

— Desculpe, — disse ele, castigado.

Sentei-me à mesa de jantar com meu laptop aberto na minha frente. Nada como lidar com os trolls dos meus clientes numa manhã de domingo. Depois de tirar capturas de tela dos comentários desagradáveis para o proprietário da empresa, bloqueei sua bunda. Viva pela satisfação no trabalho.

Tore balançou a cabeça. — Você parece uma bagunça.

— Acho que a nova cicatriz no seu rosto é muito sexy, pirata. — Eu sorri. — Apenas no caso de você estar atrás da minha opinião.

— Eu concordo, — disse Cleo. — Todo o visual me diz um bucaneiro ferido e quente.

Os lábios de Lars se contraíram.

Tore apenas bufou. — O que aconteceu com a polícia?

— Não pude dar muito a eles. Sinceramente, não vi absolutamente nada, — disse Lars. — Muito ocupado tentando lembrar que tipo de vinho você me pediu para comprar. Eu estava prestes a pegar meu telefone e enviar uma mensagem para você quando isso aconteceu. Mas eu estava na faixa de pedestre e havia uma câmera instalada naquele cruzamento, então eles devem pegar quem me atingiu.

— Bom.

Eu balancei minha cabeça. — Você deveria ter visto o que sobrou da camisa. É uma maravilha que você ainda esteja inteiro.

Lars grunhiu e se mexeu na cadeira. Eu pulei de pé para ajudar, mas seu rosto irritado me impediu. Caramba. Ele levantou-se lentamente e atravessou a sala. Assim que ele tentou pegar sua mala e levantá-la, sua mão agarrou-se ao seu lado. O barulho ofegante que saiu dele foi horrível.

— Você pode pedir ajuda pelo menos uma vez? — Tore levantou-se, pegou a mala e seguiu atrás dele. — Idiota teimoso.

Os irmãos desapareceram no quarto e fecharam a porta. Acho que Lars cansou da seda preta e precisava de ajuda para se vestir. Justo.

— Sou só eu ou ele usa aquele robe muito bem? — perguntou Cléo.

— Oh sim. — Eu balancei a cabeça. — Metade das roupas dele foi para o lixo e a outra metade para lavar. Era a única coisa que eu tinha que caberia nele.

— Ele esteve com esse humor a manhã toda?

— Você quer dizer como o sol?

— Sim, — ela disse. — Exceto o contrário.

— Hum.

Ela tomou um gole de sua bebida. — Você precisa estar na sessão de fotos com os caminhões de café na quarta-feira?

— Sim. Há algumas coisas que preciso discutir com o proprietário e estava planejando fazer alguns vídeos dos bastidores. Mas Lars já deve ficar bem sozinho por um tempo. Ele não teve nenhuma tontura ou qualquer outra coisa que sugira uma lesão cerebral traumática. As costelas, o pulso e o quadril parecem ter sofrido a maior parte do impacto.

— Como vai você?

— Bem. Ele acordou uma vez com dor durante a noite e eu peguei seus remédios e o ajudei a ir ao banheiro. Fora isso, dormi bem. Embora o cara ocupe muito espaço.

Ela olhou para mim por cima da borda da xícara de café. — Tore ligou para seus pais ontem à noite. Ele disse que Lars estava bem, mas eles voltarão hoje em um voo mais cedo. A mãe dele está muito chateada, aparentemente.

— Compreensível.

— Eles devem estar aqui por volta das cinco.

Meus olhos se arregalaram. — Aqui tipo *aquí*?

— Isso mesmo. Eles já chamaram alguém para buscá-los no aeroporto e jantaremos com meus pais, então...

— Pais. Uau.

— Tenho certeza de que eles são boas pessoas. Tore tem muito respeito por eles. — Seu sorriso se suavizou. — Relaxe, Susie. Eles vão te adorar.

— Claro. Certo. Vai ficar tudo bem.

Atendi a porta no final da tarde para uma mulher esbelta com um longo cabelo grisalho. Atrás dela estava um homem bonito com uma barba curta e grisalha. Lars e Tore puxaram ao pai. Mas eles tinham os olhos azuis da mãe.

— Você deve ser a Susie, — disse a mãe de Lars com um sorriso tenso e preocupado. — Eu sou Deborah e este é meu marido, Henning.

— Prazer em conhecê-los. — Eu recuei. — Entrem, por favor.

E atrás dos pais de Lars estava Aaron. Porque eles eram todos muito próximos, aparentemente. Incrível. Ele assentiu rigidamente. — Susie.

Eu não disse nada.

Deborah e Henning foram direto para o filho. Lars estava apoiado na cadeira assistindo a um canal de esportes. Podia haver pessoas por aí que eram piores em estarem doentes. Mas era duvidoso. O homem se recusava a ficar na cama. Era apenas sua tolerância à dor que o mantinha na poltrona, em vez de ficar de pé e andando. Embora lhe tenham dado as coisas boas no hospital, o analgésico que o mandaram para casa era muito menos eficaz.

Deborah beijou cuidadosamente o lado ileso do rosto dele. — Fiquei tão preocupada.

— Filho, — disse Henning, franzindo a testa. Eles tinham a mesma carranca. Por alguma razão, isso era encantador.

— O que aconteceu? — perguntou sua mãe.

— Eu estava atravessando a rua e um idiota passou o sinal vermelho. — Lars acenou com a cabeça para seu melhor amigo. Embora qual fosse o status real da amizade deles hoje em dia, eu não tinha ideia. Ele, entretanto, não pareceu surpreso ao ver Aaron aqui. Acho que eles eram amigos há tanto tempo que ele era tratado como família. Seus pais moravam ao lado dos de Lars. Os laços entre todos eles obviamente eram profundos.

— Você parece uma bagunça, — disse Aaron.

Lars tentou sorrir e estremeceu. — Sim.

— Assim que soubemos, reservei voos para casa, — disse Deborah.

— Sua mãe ligou para perguntar se eu estive no hospital. — Aaron pairou perto da porta. Ele deveria não estar certo se era bem-vindo. — Se falei com seu médico.

Deborah balançou a cabeça, surpresa. — Ele nem tinha ouvido falar do acidente.

— Tudo aconteceu muito rápido, — disse Lars. — Eles me deram analgésicos fortes.

Aaron deu um breve sorriso. — Eu me ofereci para pegar Deborah e Henning no aeroporto e trazê-los até aqui. Achei que me daria uma chance de confirmar que você ainda está vivo com meus próprios olhos.

Lars deu-lhe um sorriso pálido.

— É muito gentil da parte da sua amiga deixa-lo ficar aqui. — Deborah se agachou perto da poltrona e colocou a mão na do filho. Uma verdadeira mãe amorosa e viva. Era uma coisa linda de se ver.

Henning assentiu. — Obrigado, Susie. — Eu sorri.

— Mas você virá para casa conosco agora, não é? — perguntou Débora. — Eu sei que você prefere fazer tudo sozinho. Você sempre fez isso. Mas obviamente este é um caso em que precisa de ajuda. Minhas coisas artesanais estão no seu antigo quarto. Mas você pode ficar no quarto de hóspedes enquanto se recupera. Então poderei cuidar de você.

— Mãe...

— Isso seria melhor, eu acho.

— Minha mãe pediu para dizer que está feliz por você estar bem, — relatou Aaron. — Ela está fazendo sopa de frango com macarrão para você. Eu disse a ela que você provavelmente preferiria brownies.

— E se eu tiver que sair e seu pai estiver ocupado, ela disse que ficaria com você, — disse Deborah. — Temos tudo resolvido. Atendimento 24 horas por dia.

O olhar de Lars saltou para onde eu estava, ao lado. Ele parecia estar tentando comunicar algo para mim. Mas eu não tinha certeza do que exatamente.

— Devemos ir logo. Acomodar-se em casa para que você possa descansar. — Deborah levantou-se e examinou a bagunça da minha casa. Porque é claro que a entrega do supermercado chegou cinco minutos antes deles. Sacolas e garrafas estavam por toda parte. E meu trabalho estava espalhado pela mesa da sala de jantar para que eu pudesse ficar de olho em Lars. O sorriso de sua mãe era compreensivo. — Sair do caminho de Susie.

Eu sorri de volta para ela. Então me virei para o filho dela. — O que você quiser está bem para mim. Você sabe disso.

Lars continuou olhando para mim.

— É muita gentileza sua, Susie, — disse Deborah. — Eu sei que você namorava...

— Sim, — eu disse.

Aaron sacudiu a chave do carro.

Débora sorriu suavemente. — Que maravilha que todos vocês tenham conseguido continuar amigos.

O sorriso de Aaron não foi nem um pouco convincente. Babaca.

— Teremos que nos ver novamente, Susie, — disse Deborah. — Obrigada por cuidar tão bem do nosso filho.

— Gostaria disso.

Ela deu um tapinha no ombro de Lars. — Embora eu tenha ficado um pouco surpreso por você não estar na casa de Amie.

— Isso acabou, — disse Lars.

— Que pena. Ela era uma jovem adorável e realizada. O que aconteceu?

— Ele nos dirá se e quando quiser, — disse Henning, dando uma piscadela para o filho.

— Claro. — As mãos de Deborah tremeram. — Você me conhece, não sou de bisbilhotar.

— Você sabe que Lars não está pronto para se estabelecer. — Aaron deu-lhe um sorriso afetuoso. — Ele tem grandes planos.

Deborah riu. — Perdoe uma mãe por ter esperança. Eu apenas pensei que com você ficando noivo e Tore conhecendo alguém, meu filho mais velho também poderia dar o salto.

O alarme do meu celular tocou. — Lars, é hora de tomar seus comprimidos. — Ele grunhiu e pegou a caixinha na mesinha lateral.

Imediatamente, sua mãe entrou em ação. — Você os tem aí? Deixe-me pegar um pouco de água fresca. Ou você prefere chá gelado ou suco? Talvez Susie tenha alguma coisa. Você deveria tomá-los com comida? Tenho na bolsa meio biscoito comprado no café do aeroporto. Isso me lembra, Tore disse que te deram um colar cervical. Você não deveria estar usando isso?

Lars colocou o comprimido na língua e engoliu em seco. — Estou bem.

— Mas...

— Estou bem, mãe.

— Você estará assim que chegarmos em casa e te colocarmos na cama. Um pouco de descanso e uma boa comida caseira e você estará de pé novamente. — Deborah assentiu, satisfeita com a ideia.

As rugas na testa de Lars estavam agora com força total. — Eu preciso falar com você.

— Comigo? — Perguntei.

Ele assentiu e começou o laborioso processo de se levantar da poltrona. Sua mãe agarrou seu braço enquanto seu pai se aproximava, caso fosse necessário.

— Mãe, só... estou bem, — disse Lars. — Por favor, deixe-me fazer isso sozinho.

Os lábios de Deborah viraram-se para baixo. Mas ela fez o que lhe foi pedido.

Lars entrou no quarto e eu o segui. Ele fechou a porta e se virou para mim com uma cara séria. — Eu preciso de você.

— Você o que?

— Você me ouviu.

— Sim. Mas ainda quero ouvi-lo dizer isso de novo.

Ele suspirou. — Eu preciso de você.

— Isso é adorável. OK. Agora explique o que você quer dizer.

Ele avançou e eu dei um passo para trás e não paramos até que minha coluna tocou a parede. Então ele entrou no meu espaço pessoal. Não parando até que eu estava olhando para ele e ele estava olhando para mim, e nossos narizes estavam separados por apenas um palmo. A longa linha de pontos em sua bochecha fez meu estômago revirar. O mesmo acontecia com o hematoma escuro que floresceu sob sua barba dourada. A ideia de ele se machucar era o pior.

E ele ainda estava carrancudo. Embora esse fosse seu cenário normal. — Eu odeio sentir dor. Não suporto estar machucado. É frustrante e irritante e me irrita. Então, quando eu digo que sinto muito por ter sido um idiota mal-humorado hoje, estou falando sério, ok?

— Obrigada pelo pedido de desculpas.

Ele assentiu.

— Havia algo mais que você queria conversar?

Ele apoiou o gesso na parede acima da minha cabeça e se inclinou ainda mais perto.

Perto o suficiente para roçar sua boca na minha. O calor e o cheiro dele eram bem-vindos, como de costume. Só de tê-lo por perto já era uma delícia.

— Eu precisava disso. — Eu suspirei feliz. Então parei de sorrir. — Você cheira como meu shampoo. Por que você não me pediu para ajudá-la a lavar o cabelo?

— Lembra como discutimos sobre eu ser um idiota mal-humorado?

— Certo.

— E você estava ocupada trabalhando e fazendo compras no laptop e eu não queria incomoda-la.

— OK.

Ele me beijou novamente. Com um pouco mais de fervor desta vez. Chupando meu lábio superior e mordendo o inferior. Ele não abriu muito a mandíbula porque isso iria doer. Mas foi lento e adorável. Estranho, porém, já que seus pais e seu melhor amigo estavam esperando na sala ao lado. Ele traçou seu nariz contra o meu e ficou bem perto. Eu não tinha percebido o quanto precisava disso. Depois do susto da noite passada e daqueles dias de espera para vê-lo novamente. Eu estava faminta pelo homem. E eu tinha certeza absoluta de que ele sabia disso. Nós nos beijamos até que ele se encolheu e tocou o canto da boca. — Merda.

— Você está se despedindo ou me adoçando por alguma coisa? — Perguntei. — Não que eu me importe. Apenas curiosa.

— Eu gosto de como seus olhos ficam cheios de desejo quando te beijo. Mas não consigo nem respirar sem doer agora. — Ele respirou fundo e soltou o ar lenta e cuidadosamente. — Susie?

— Sim, Lars?

— Por favor, não me faça ir para casa com minha mãe. — Tentei não sorrir.

— Ela vai me sufocar. Ela tem boas intenções, mas não consigo lidar com isso. — Ele encostou a testa na minha com um suspiro. — E se eu tentar voltar para minha casa sozinho, ela me seguirá e será a mesma coisa, só que ela tentará arrumar e mexendo minhas coisas.

— Oh céus.

Ele apenas assentiu.

— Vejo agora que seu exterior grande e forte esconde o coração de um garotinho que secretamente tem medo de sua mãe.

— Eu não tenho medo dela. — Ele fez uma careta. — Eu simplesmente não consigo lidar com a porra de ser um bebê. Há uma diferença. Pare de rir de mim.

— Desculpe.

— Por favor, princesa?

Eu suspirei. — Você disse a palavra *com P*. Esse apelido carinhoso só foi feito para ser usado dentro da sua cabeça.

— O segredo foi revelado. — Seu rosto permaneceu mais pálido do que o normal e seu olhar ficou embotado pela dor. Como se houvesse algo que eu não faria pelo gigante. — Posso ficar aqui com você? Por favor?

— Que maneiras adoráveis você tem. Claro que você pode.

Ele sorriu em vitória e voltou para a porta. Sem nem parar para me dar outro beijo. Que rude. Então ele voltou para a sala e anunciou: — Obrigado, mãe. Mas vou ficar aqui.

— Mas, querido...

Agradavelmente e lentamente, ele se sentou na poltrona. Sua mãe imediatamente colocou todas as almofadas ao seu redor com cuidado. — Susie me perguntou se eu não me importaria de ficar.

Cada par de olhos na sala se virou em minha direção. Ele me jogou no fundo do poço. O idiota.

— Por que isso? — perguntou Débora.

Minha boca se abriu, mas tudo que eu disse foi: — Hum.

— Ela se sente melhor quando estou aqui, — disse Lars.

Essa era eu. Codependente, aparentemente. Pelo amor de Deus.

Aaron olhou de Lars para mim e de volta para mim. Então ele olhou para o céu e balançou a chave do carro com mais força.

— Ela dorme melhor quando estou aqui, — disse Lars. — Não é, Susie?

— Entendo, — disse Débora. — Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

Lars me lançou um olhar cauteloso. Então ele deveria. Então ele lambeu os lábios e disse: — Ainda é cedo. Olha, eu me sentiria melhor ficando aqui com ela. Essa é a verdade.

Deborah balançou a cabeça, maravilhada. — Vocês dois se conheceram quando Susie namorava... Bem. Não é engraçado como as coisas funcionam?

Aaron não achou engraçado, entretanto. Sua expressão estava o mais longe possível do riso. Ele olhou para mim como se eu tivesse roubado seu melhor amigo. Então ele se virou para Lars e disse: — Estava pensando em tirar folga amanhã para lhe fazer companhia.

— Talvez outra hora, — disse Lars.

— Certo. — Aaron agarrou o chaveiro com força. — Vou esperar no carro.

— Ele não sabia sobre você e Susie? — perguntou Deborah, graças à saída dramática de Aaron.

— Ele sabia. — Lars esticou cuidadosamente o pescoço. — É complicado, mãe. — Deborah voltou seu olhar questionador para mim.

Nunca fui boa em lidar com os pais de outras pessoas. O meu tendia a ter o mínimo possível a ver comigo, então a dinâmica do relacionamento permanecia uma incógnita para mim. Dado quão precária era esta

situação, eu deveria ter ficado de boca fechada. Mas querer que as pessoas gostem de você é uma merda. — Nossa separação foi... foi complicada. Muitos sentimentos feridos. Eu ficaria mais confortável se...

— Você não precisa se explicar, — disse Lars.

— Você está dizendo que ele não é bem-vindo aqui? — Deborah suspirou como se carregasse os fardos do mundo. — Mas Lars vai ficar aqui, aparentemente. Aaron e Lars são amigos há muito tempo. Ora, eles são como irmãos.

— Só queremos que você seja feliz, filho, — disse Henning.

A mãe de Lars piscou os olhos arregalados. — Bem, é claro que sim, mas...

— É hora de irmos, — anunciou Henning.

Mas Débora não havia terminado. — Eu realmente acho que precisamos chamá-lo de volta aqui e conversar sobre isso. Apenas sentarmos juntos e...

— Foi um prazer conhece-la, Susie. — Henning conduziu a esposa porta afora com a mão em suas costas. Ela não estava feliz. Isso era certo.

Tentei sorrir. Mas toda a situação estava além de estranha. — Prazer em conhecê-los.

Então eles se foram.

— Então, — eu disse, sentando-me. — Isso aconteceu.

— Sinto muito por ter contado a eles sobre nós.

— Não, você não sente.

— Não, não sinto, — ele concordou. — Eles certamente descobririam mais cedo ou mais tarde.

— Você simplesmente não queria ir para casa e ver sua mãe cuidando de você e me usou como escudo.

Ele olhou para mim por um momento. — Você tem razão. Mas, Susie, estamos num relacionamento. Você notou como nós dois continuamos escolhendo um ao outro?

— É *inevitável*.

— Isso mesmo. E vou ignorar seu tom sarcástico por enquanto porque me sinto uma merda.

— Você ainda me deve e sua mãe agora me odeia. Ela acha que estou te separando do seu melhor amigo. — Recostei-me na cadeira. — Como você lida com o fato de seus pais estarem envolvidos em seus negócios? O meu mal se lembra do meu aniversário. Mas o seu...

— Eu lidarei com a minha mãe.

— Ela espera ouvir e compartilhar sua opinião sobre tudo em sua vida?

Ele deu um pequeno encolher de ombros e fez uma careta. — Com toda a honestidade, quando ela fica assim, eu simplesmente a desligo. Eu amo minha mãe. Mas faço minhas próprias escolhas.

— Até a tia Susan me deu espaço. Talvez seja por isso que nos divorciamos, — eu disse. — Porque sua mãe e eu nunca nos demos bem.

— Não é realmente algo pelo qual eu possa me imaginar me divorciando. Mas estive pensando. Talvez devêssemos simplesmente esquecer a certidão.

— Esquecer?

— Sim.

— Você desistiu de ser capaz de explicar isso.

Ele estremeceu. — Sim.

— Não teríamos nos envolvido se não fosse por isso. É como um Ouroboros. — Fiz um círculo com os dedos. — Uma cobra mordendo o próprio rabo. Destino em um loop infinito. Não acho que seja algo que possamos simplesmente ignorar.

— Achei que você tivesse dito que o destino era mutável.

— Mas já encontramos a certidão e, com muita relutância, desenvolvemos sentimentos um pelo outro. Esses eventos estão agora estabelecidos, — eu disse. — Embora com esse pensamento não haja como evitar que nos casemos e nos divorciemos. Porque ambos os eventos também são estabelecidos pela existência da certidão. O que é triste. E um pouco confuso.

Ele descansou a cabeça no encosto do assento. — Você acabou de admitir que tem sentimentos por mim.

— Você já sabia disso.

— Não. Eu suspeitava. Você estava bem com amizade e sexo. Mas quando não quis namorar, isso me fez pensar.

Suspirei. — Sentimentos, hein?

Ele apenas grunhiu.

— O que realmente precisamos é de um físico para explicar as lacunas no tempo. Como a certidão poderia ter acabado na parede. — Eu pensei sobre isso. — Você acha

que eu deveria contratar um padre para benzer a casa? Ou um místico, talvez?

— Eu amo como a ciência, a religião e a magia coexistem alegremente para você.

— Tenho que manter a mente aberta. Embora eu nunca tenha pensado muito em nada disso. Sempre fui mais do tipo criativo do que pensadora profunda.

— E o que eu sou? — ele perguntou.

— Você constrói, conserta e planeja. Você é inteligente e bom com as mãos. Muito bom. — Eu sorri de volta para ele. — O que posso fazer para aliviar a dor, Lars?

Ele olhou solenemente para a região do meu peito. — Não consigo pensar em nenhuma posição sexual que não machuque, infelizmente.

— Adoro que seus pensamentos tenham ido direto para minha virilha. Mas eu estava pensando mais em preparar um banho para você ou encontrar uma bolsa térmica ou algo assim.

— Oh. — Seu rosto caiu. — Não, obrigado.

— Avise-me se mudar de ideia.

— Farei isso. E minha mãe vai te amar quando te conhecer.

Desviei o olhar. — Sim.

Treze

— O que você está fazendo?

Lars olhou para mim de sua altura elevada, no meio da escada. — Fazendo furos para os ganchos de quadros que você deseja. Era aqui que você queria o primeiro, certo?

Era quarta-feira. Quatro dias após o acidente. E aparentemente ele estava cansado de ir com calma. Coloquei as sacolas de compras no chão. Este não era o dia para ele fazer essa merda.

— Lars, desça, por favor. Devagar.

Com um suspiro pesado, ele fez o que lhe foi pedido.

— Lixei um pouco do gesso no quarto também. Não fiquei muito feliz com isso. Vou pintar mais tarde.

— Você esteve ocupado.

— Estou cansado de assistir TV, — ele resmungou.

— Então leia um livro.

— Eu não tenho nenhum.

Seus hematomas estavam começando a desaparecer. Muito amarelo com manchas roxas. Os pontos em sua bochecha deveriam começar a se dissolver em alguns dias, embora o gesso permanecesse em seu pulso por mais uma semana. Os arranhões no braço e no peito estavam cicatrizando bem. Tudo isso estava à vista desde que ele passou a usar apenas shorts esportivos em casa. Uma decisão que eu só poderia aplaudir. Ainda assim, tratar-se com alguma cautela teria sido a coisa mais

sensata a fazer. Porque a ideia de ele se machucar ainda mais me assustava.

— Leia um dos meus livros.

— Eles são todos romances.

— Então?

— Tudo bem. — Ele gemeu. — Vou ler um de seus livros.

— Ótimo. Aproveite.

— Você está de mau humor, — disse ele, lançando-me um olhar cauteloso. — Como foi a filmagem?

— O empresário levou consigo seu novo sócio. Ele é uma pessoa visual e muito ativo on-line, então deu muitas dicas úteis para Cleo e para mim. Porque nós duas adoramos que nossos trabalhos sejam explicados a nós. Fez com que a filmagem demorasse o dobro do tempo que deveria.

— Droga.

— Então um idiota charmoso me seguiu pelo supermercado pedindo meu número e se recusou a aceitar um não como resposta.

Suas sobrancelhas desceram. — Que porra é essa?

— De fato. Então chego em casa e te encontro realizando proezas físicas ousadas. A Dra. Lopez disse movimentos suaves. Você honestamente acredita que subir escadas está sob essa alçada?

Ele colocou a furadeira na mesa de centro. — Você teve um dia ruim.

— Sim. Tive mesmo.

— Como posso melhorar?

— Mantenha os pés em terra firme, por favor.

— Entendi.

— Obrigada. — Foi quando eu vi. Uma caixa de sapatos preta com escrita prateada sobre a mesa de jantar. — O que é isso?

— Dê uma olhada.

O logotipo que adornava a tampa... Meu coração estava preso na garganta. — Você me comprou Pradas?

— Eu não sabia o que você gostaria. Então, se forem do tamanho ou estilo errado ou qualquer outra coisa, troque-os. — Ele coçou a cabeça. — É a minha maneira de agradecer.

Abri a caixa com toda a cerimônia devida. Dentro de camadas de papel de seda havia sandálias pretas de salto bloco. Uma beleza retrô com tiras. — Oh meu Deus.

— Isso é bom ou ruim?

— Elas são lindas. — Eu não choraria. Foi um dia infernal e sua consideração me pegou desprevenida. Meu pai não se lembrava do meu aniversário há mais de uma década e Aaron estava muito ocupado com o trabalho para comemorar meu trigésimo aniversário no ano passado. Mas Lars me comprou essas belezas só porque sim. Isso meio que me surpreendeu. — Posso beijá-lo?

— Sim. — E o calor em seu olhar acendeu um fogo em mim.

Sua mão boa deslizou por baixo do meu rabo de cavalo e segurou minha nuca. A sensação de seu hálito quente em

meus lábios me deu vida. Como ele pressionou seu corpo contra o meu e tomou posse da minha boca. Com o gesso pressionando minhas costas, ele me beijou de forma quente e exigente. A sensação de sua boca na minha e sua língua deslizando para dentro. Muitos pensamentos tinham claramente sido sobre este momento. Porque ficamos febris em menos de um minuto. Com seu aperto em meu pescoço e todo o delicioso calor e umidade de sua boca, meu dia melhorou em um ritmo alarmante - passando de uma merda para brilhante.

— Não sei onde tocar em você para não machucá-lo, — eu disse, respirando pesadamente.

— Acho que você terá que manter as mãos longe e me deixar no comando. — E havia algo em seu tom de voz. Algo cru e carente, com um toque de exigência em boa medida. Seu olhar permaneceu sobre os mamilos duros pressionando meu vestido. Então ele estudou meu rosto. — Isso funciona para você, hein?

Eu era a própria imagem da inocência excitada. — O que você quer dizer?

O homem não teve tempo para minhas bobagens, mergulhando de volta e me beijando até minha cabeça girar. E o tempo todo seu pau endureceu contra minha barriga. Sua língua acariciou a minha, me fazendo gemer. Soltei um grunhido baixo de frustração porque ele era eminentemente apalpável e eu queria tocá-lo também. Foi quando ele disse: — Tire as roupas.

— Tem certeza?

— Sim.

— Mas e o seu...

— Susie, — disse ele, pairando sobre mim. — Aqui está o que vai acontecer. Vou deitar de costas na cama e você será uma boa menina e me montará.

— Eu vou ser uma boa menina, hein?

— Sim. Minha boa menina. — Seu sorriso era muito sugestivo e muito confiante. — Tire a roupa, princesa.

Meus joelhos ficaram fracos. Era a verdade. Havia aproximadamente um homem em quem eu confiava para assumir o controle e lá estava ele. Meus dedos se atrapalharam nos botões do meu vestido preto de manga curta. Tirei as sandálias e deixei o vestido flutuar até o chão, ficando só de calcinha, sutiã balconette de renda preta e calcinha combinando.

— Porra. — Sua voz era gutural. — Vire-se. Mostre-me. — Eu me virei lentamente.

— Linda. Da próxima vez que transarmos, você estará usando saltos de grife para mim. Mas por enquanto, fique de joelhos.

— Tem certeza de que está pronto para isso?

— acredite em mim, levantar não é um problema.

— Isso é óbvio, — eu disse para sua frente curta como uma tenda. — Mas eu quis dizer tensão muscular e costelas machucadas.

— Estou bem. E acho que nós dois precisamos disso.

— Ele estendeu a mão boa. — Sim ou não, Susie?

Não há necessidade de palavras quando as ações transmitiriam. Peguei sua mão e me abaixei lentamente até ficar de joelhos. Acho que tinha esquecido o quão impressionante era seu pau. Ou simplesmente parecia maior neste ângulo.

Com todo o cuidado, arrastei seu short e cueca boxer pelas pernas até o chão. Ele saiu deles e os chutou para o lado. E o tempo todo ele olhou para mim com aquela expressão sombria. Meus mamilos estavam tão duros que doíam. O homem poderia me deixar tão tensa com apenas um beijo e algumas palavras. Embora tenha sido incrível, não era justo.

Peguei seu pau em minha mão, envolvendo meus dedos em torno dele com força e acariciando-o. O cheiro almiscarado dele subiu direto à minha cabeça. Minha língua traçou o caminho de uma veia. Todo o caminho em volta da cabeça inchada. Uma pele tão macia sobre pedra. Guiei a coroa em minha boca, lambendo e chupando. Sua mão deslizou sobre minha cabeça, segurando meu rabo de cavalo com força. Com uma mão acariciei suas bolas, enquanto a outra segurava firme seu comprimento.

Provoquei a abertura com a ponta da língua antes de levá-lo o mais fundo que pude. O barulho que ele fez quando eu chupei com força a cabeça bulbosa foi quase tão bom quanto quando enfiei a língua. Ele puxou meu cabelo e amaldiçoou tempestivamente. Era bom ser apreciada. Era maravilhoso fazê-lo se sentir bem. E a maneira como os

músculos de suas coxas se flexionavam era nada menos que emocionante. O sabor salgado de seu pré-goço...

— Pare, — ele ordenou. — Fique de pé.

Dei um beijo de despedida em seu pau e fiz o que ele pediu. Ele embalou meu rosto com a mão boa e me beijou nos lábios. Como foi meu dia antes disso, não importava mais. Havia apenas aqui e agora. E esse momento era espetacular.

— Isso foi muito bom, Susie.

— Estou feliz.

— Agora tire a lingerie.

Desabotoei o sutiã e o deixei cair no chão e tirei minha calcinha.

Ele pressionou seu corpo inteiro contra minhas costas. Com o gesso firmemente contra minha barriga, ele deslizou a outra mão entre minhas pernas e me segurou.

— Você está molhada, — ele murmurou.

— Não consigo imaginar como isso aconteceu.

— Amplie sua postura. — Eu fiz o que foi dito.

Seus dentes pressionaram meu ombro enquanto a ponta do dedo arrastava ao longo da costura dos meus lábios. Indo e voltando. Um tremor percorreu meu corpo. Quando ele enfiou dois dedos e o polegar na boca e os molhou... puta merda, isso foi quente. Homens já haviam feito coisas íntimas comigo antes. Embora com Lars fosse diferente. Quão forte ele me segurou. A mordida no meu ombro. Sua intensidade geral. Não sei. E então ele deslizou aqueles dedos profundamente dentro de mim e pressionou

meu clitóris com a ponta do polegar. Ele me fodeu com o dedo como um profissional.

E então ele parou. — Espere, — eu choraminguei. — Lars.

— Você vem até mim desta vez. — E ele estava tão calmo sobre isso. Como se a negação estivesse sempre bem quando se tratava de mim e de orgasmos. Mas ele simplesmente virou as costas, entrou no quarto e deitou-se no colchão. Se não fosse pela ereção apontando para o teto, você pensaria que ele estava prestes a tirar uma soneca. — Se apresse.

— Bastardo mandão.

— O que você disse?

— Nada.

— Pegue uma camisinha, — ele ordenou.

Com uma mão atrás da cabeça e o gesso apoiado no peito, ele me observou. Minha pele ficou arrepiada com a luxúria em seu olhar. E eu precisava me lembrar de pedir nudes ao homem um dia desses. Porque mesmo quando espancado ele era lindo. Peguei a camisinha do tamanho correto na gaveta de cabeceira e cuidadosamente montei em seus quadris. O hematoma na lateral do corpo ainda era enorme. Eu precisava ter cuidado e manter os joelhos afastados.

Assim que a embalagem foi aberta, joguei-a de lado e rolei a camisinha para baixo com cuidado.

Estar por cima era uma das minhas posições favoritas. O que havia para não gostar? Você tinha uma

excelente visão e controle total, mesmo que tivesse que fazer todo o trabalho.

Peguei seu pau em minha mão e alinhei-o com minha abertura, afundando nele bem e lentamente. A sensação dele me preenchendo era maravilhosa. Minha boceta apertou e ele sibilou. O homem tinha sorte de eu ter coxas fortes. Porque eu não podia colocar minhas mãos nele para alavancar. E ele era muito alto, eu não conseguia alcançar a cabeceira da cama. Isso definitivamente contaria como um treino para o meu núcleo.

Então ele estremeceu e eu congelei.

— O que está errado? Lars?

— Nada. Monte-me.

Eu exalei e balancei suavemente. Quando ele não mostrou nenhum sinal óbvio de desconforto ou agonia, balancei com mais força. Subindo e caindo um pouco. Apertando-o novamente com meus músculos internos. Durante todo o tempo, ele me observou com uma mistura de ternura e posse em seu olhar. Meu rosto, seios e barriga. Minhas coxas e boceta. Mãos fortes agarraram minhas coxas, apertando-as, testando a carne com os dedos. Então ele levantou um pouco a metade superior e me deu um tapa na bunda, me fazendo gritar.

— Porra, você é linda. Estar perto de você foi a única coisa boa desta semana. — O homem estremeceu e sorriu. — Mais forte.

— Eu não quero te machucar.

— Se você estiver me machucando, eu te direi, — disse ele. — Agora faça o que eu disse e me monte com mais força. Você sabe que quer.

Ele estava certo. Eu realmente queria. A sensação dele tão sólido dentro de mim. Como ele arrastava todos os meus bons lugares enquanto eu me levantava. Depois, o doce choque de me empalar naquele comprimento grosso. Uma e outra vez. Mais difícil e mais rápido. Nada poderia ser melhor do que me perder nele. Sua mandíbula enrijeceu e suas narinas dilataram. A tensão baixa na minha barriga se espalhou por mim. Como uma luz abrindo caminho através de mim. Eu era toda calor e movimento, buscando aquela emoção, até que ficou tão brilhante que fiquei cega. Gozei com um suspiro e ele agarrou minha coxa, me puxando para ele e me segurando lá. Como se houvesse outro lugar onde eu quisesse estar. Seu pau engrossou dentro de mim, bombeando seu esperma enquanto ele gemia. Era isso. Era disso que eu precisava. O mundo distante e apenas ele por perto.

Acho que morri um pouco. É chamada *de pequena morte* em francês. Fazia sentido. Abaixo de mim, ele fez um som ofegante.

— Susie.

— Merda. — Sai cuidadosamente e sentei-me no colchão ao lado dele. Ele não estava em condições de uma mulher bem fodida cair em cima dele.

Seriamente. — Oh Deus. Sinto muito, Lars. Você está bem?

— Sim. Estou bem agora. — Ele sorriu e tratou da camisinha. Embrulhando-a em um lenço de papel e depositando-a na mesinha de cabeceira. — Você está do meu lado bom. Deite-se. Coloque sua cabeça no meu ombro.

— Tem certeza? — Ele apenas esperou.

Os abraços depois do sexo eram estranhos. Com alguns sócios, uma vez concluída a escritura, você simplesmente queria que eles fossem embora. Queria recuperar seu espaço. Mas com outros, perder algumas horas com serviço de quarto e uma banheira de hidromassagem seria divino. Lars era deste último tipo. Ele cheirava bem e se sentia bem e eu estava feliz. Não houve abraços ultimamente devido aos ferimentos, mas abraçar Lars parecia muito com o Natal. E havia todos aqueles sentimentos novamente, fazendo meu coração parecer grande demais para minhas costelas. Como se com tudo isso, suas palavras doces e ótimo sexo, o órgão pudesse sair de sua gaiola óssea.

— Obrigado por me deixar ficar com você, — disse ele em voz baixa.

— Você é muito bem-vindo. Acho que, no geral, essa situação improvisada de convivência foi um sucesso.

— Sim.

Eu sorri.

— Embora eu quisesse perguntar a você, — disse ele, olhando para o teto. — Você se importaria de guardar alguns dos seus produtos de pele e maquiagem? Não há

espaço na bancada do banheiro para minhas coisas de barbear.

Huh.

— Vou dar uma olhada.

— Obrigado.

— Mais alguma coisa está te incomodando?

Ele fez um barulho com a garganta. — Não realmente.

Eu me levantei apoiado em um cotovelo. — *Não realmente* não significa não.

— Isso meio que significa.

— Vamos. Você está morando aqui há quatro dias. O que mais?

Ele sorriu. Lars depois do sexo era tranquilo. — Estou muito grato por você ter me deixado ficar e cuidar tão bem de mim sem ficar no meu pé. Mesmo que tenha gritado comigo assim que passou pela porta hoje.

— Você estava sendo um idiota.

— Eu sabia o que estava fazendo.

— Vamos concordar em discordar, — eu disse. — É engraçado as coisas que você aprende sobre alguém quando mora com essa pessoa. Fiquei surpresa ao descobrir o quanto você não era uma pessoa matinal. Considerando a profissão escolhida, é necessário começar cedo. Você meio que anda por aí como um grande urso sonolento durante a primeira hora ou mais. Metade do tempo me pergunto se você vai bater em uma parede ou algo assim.

Ele grunhiu.

— Embora eu aprecie sua falta de interesse em usar camisas. Porque olhar para você é um dos meus passatempos favoritos.

Ele sorriu e passou a mão sobre minha cabeça, acariciando meu cabelo. — Embora eu pudesse passar sem a barba na pia do banheiro.

— Estamos dando feedback um ao outro?

— Claro.

— Tudo bem, — disse ele. — Adoro vê-la se vestir. A maneira como você parece perfeita. Tenho medo de tocar em você porque não quero te amarrotar. Mas aí fico triste porque você está vestida e gosto muito quando está nua.

Eu sorri. — Muito legal. Agora, e as coisas que te incomodam?

— Isso é uma armadilha? — ele perguntou. — Porque parece uma armadilha.

— Eu juro que não é uma armadilha. Só estou curiosa.

Ele suspirou. — Bem, você deixa canecas de café e copos de água por toda parte. Você nunca se lembra de apagar as luzes e seus sapatos estão sempre espalhados pela maldita casa.

— Mas eu tenho sapatos realmente ótimos. Você não acha que eles merecem estar em exibição?

— Quase tropecei em um outro dia.

— Desculpe.

— Quanto a mim? — ele perguntou. — O que eu faço que te irrita além da barba na pia?

— Nada. Você é perfeito.

Ele apenas bufou.

— Embora você tenha matado a pasta de dente apertando-a no meio. E você não apenas apertou, você estrangulou. — Fiz os movimentos de coordenação das mãos. — Não sei de onde veio toda essa raiva, mas foi seriamente mal colocada. A pasta de dente nunca fez nada a você. Aí você deixou um rolo de papel higiênico vazio no suporte quando tem uma lata de lixo e uma cesta cheia de papel higiênico ali mesmo. E por que os armários e gavetas da cozinha ficam entreabertos o tempo todo? Você tem problemas de compromisso sobre fechá-los totalmente ou algo assim?

Ele apenas olhou para mim.

— Você também comeu todos os lanches bons e não me deixou nenhum. Mas vou deixar isso passar porque você estava entediado e com dor.

— Obrigado, — ele disse secamente. — Isso é muita coisa da sua parte, Susie.

— De nada.

Ele voltou a olhar para o teto e disse: — Claro, a coisa mais estranha que você faz é me cheirar quando pensa que estou dormindo.

Eu engasguei com uma risada. — Nunca faria isso.

— Então você pressiona suavemente seu rosto em meu braço e fica assim por um ou dois minutos. — Ele me olhou de lado. — Quer explicar isso para mim?

— Eu gosto de estar perto de você. O que quer que eu diga?

Ele grunhiu.

Meu rosto estava um pouco quente, mas tudo bem. Havia coisas piores para ser pega fazendo do que procurar intimidade com alguém. — Isso te incomoda?

— Não.

— Então você tolera minha estranheza?

— Gosto da sua estranheza, — disse ele. — Você acha que talvez tenha se divorciado de mim porque continuei comendo todos os lanches? Ou acha que teve mais a ver com o fato de eu ter estragado a pasta de dente?

— Achei que você quisesse ignorar a certidão de divórcio.

— Você provavelmente está certa ao dizer que não é algo que possamos ignorar.

— Relacionamentos são difíceis. — Apertei minha bochecha contra seu bíceps. — Uma coisa eu sei, vou sentir sua falta quando você voltar para casa.

Ele deu um beijo no topo da minha cabeça.

— Obrigada pelos sapatos de grife e pelo orgasmo. Você tornou meu dia muito melhor.

— De nada.

— Você tem certeza disso?

— Sim. — Lars saiu do meu carro em câmera lenta. Tomando cuidado para não causar nenhum dano a si mesmo. Era mais fácil falar do que fazer, já que dirijo um

Mini Cooper. Era um dos maiores modelos de quatro portas, mas ainda assim. O cara era alto. Já havia se passado uma semana desde o acidente e ele estava muito melhor. Mas ainda assim. Pela maneira como ele se movia, você poderia dizer que estava com dor. — Meus pais querem agradecer por cuidar de mim e por conhecê-los melhor. Por que você está tão preocupada?

Balancei a cabeça e mastiguei o interior da minha bochecha. — Bem, eu não tenho um bom histórico com pais em geral. Mas meus dois principais motivos atualmente são: seu melhor amigo me levou para conhecer a mãe dele e ela aparentemente me odiou com paixão. E no fim de semana passado você disse aos seus pais que sou tão pegajosa que tinha que ficar comigo. Tenho certeza de que isso não me tornou querida por ninguém.

Ele deu um beijo na minha testa. — Tudo ficará bem.

— Hum.

Era sábado à noite e eu estava no gramado em frente à sua casa de infância com uma tábua de charcutaria nas mãos. Como eu sofri com a colocação das azeitonas e do presunto. Sem falar na seleção de queijos. A casa deles era um amplo prédio de dois andares em uma colina em Lakewood. Ao lado ficava a casa dos pais do ex. E não surpreendendo ninguém, era a maior da rua. Avistei uma das cortinas do andar de cima se movendo. Estávamos sendo vigiados. Não tinha certeza se a mãe de Aaron estava espetando alfinetes em um boneco de vodu meu, mas eu podia sentir uma dor de cabeça chegando.

— Ei, — ele disse, me conduzindo pelo caminho do jardim. — Você está linda.

Embora fosse verdade que meu short de linho preto, minha blusa de seda e minhas novas sandálias plataforma eram esplêndidos, eu ainda tinha sérias reservas quanto a comparecer a esse pequeno churrasco em família. Deborah não voltou a visitá-lo enquanto ele se recuperava em minha casa. Em vez disso, ela mandou uma mensagem e ligou para seu querido filho.

Dado o nível de preocupação que ela demonstrou inicialmente, era difícil não interpretar isso. Ou talvez eu estivesse apenas paranoica. Podia ser.

— Você até usou um sutiã sem alças para mim. — Ele parou para me beijar no pescoço. Um movimento que nunca deixou de me fazer tremer. — Obrigado princesa.

— De nada.

Ele abriu a porta da frente e gritou: — Chegamos.

— Deque dos fundos, — gritou Henning.

Era uma noite linda com uma brisa quente, cheiro de pinheiros e uma vista incrível do Lago Washington. Nuvens ao longe ameaçavam tempo chuvoso mais tarde. Mas só daqui a algumas horas. A casa deles era agradável, de bom gosto e acolhedora. Muita madeira desgastada, detalhes em creme e fotos de família. Vasos de terracota cheios de flores desabrochando decoravam o deque dos fundos. Talvez Deborah pudesse me dar algumas dicas sobre como manter meus tomates vivos. Jazz tocava no sistema de som e Henning estava na churrasqueira. Ele

acenou com a pinça para nós em saudação. Da mesma forma que Tore fez na festa na piscina. As semelhanças de família me fascinaram. Como Henning e seus filhos tinham o mesmo sorriso, por exemplo. Meus parentes mais próximos tinham pouco em comum comigo. Embora eu tivesse o cabelo escuro da minha mãe e o queixo teimoso do meu pai. Isso era tudo.

— Olá, Susie. — Deborah me deu um sorriso frio e um beijo na bochecha do filho. — Como você está, querido?

— Estou me recuperando, — disse Lars e sentou-se à mesa. Quando ela foi agarrar o braço dele para ajudar, ele gentilmente a afastou. — Estou bem, mãe.

— Claro que você está.

— Eu não tinha certeza do que trazer, — eu disse, colocando a tábua de charcutaria na mesa ao lado das saladas e dos pães. — Espero que esteja tudo bem.

— Uma tábua de queijos. — Débora sorriu. — Infelizmente, sou intolerante à lactose e Henning está monitorando seu colesterol.

Meu sorriso de retorno foi fraco como água.

— O que vocês dois gostariam de beber? — ela perguntou. — Temos cerveja, vinho, refrigerante...

— Cerveja seria ótimo, obrigada, — eu disse.

Lars jogou um habanero recheado na boca. — O mesmo.

Assim que Deborah saiu, eu sibilei: — Sua mãe é intolerante à lactose?

— Desculpe. Esqueci. — Ele descansou a mão livre no alto da minha perna. — Vou comer sua tábua de charcutaria, Susie. E isso não é um eufemismo.

— Sim, mas você já gosta de mim. Eu estava tentando bajular sua mãe.

Ele deu um aperto na minha coxa. — Agradeço o esforço.

— Não tenho certeza se devo interagir com as famílias. Não é meu ambiente natural.

— Que pena que Tore e sua nova namorada não puderam vir, — disse Deborah, distribuindo as garrafas de cerveja. E havia um tom claramente crítico em sua voz. Oh, esta noite seria incrível.

— Eles tinham ingressos para um show. Você não deveria estar em casa até amanhã, — Lars a lembrou. — Você dificilmente pode culpá-los.

— Claro que não os estou culpando, Lars. Não seja bobo.

Se eu bebesse toda vez que a mãe dele fazia um comentário passivo-agressivo, havia uma boa chance de Lars ter que me carregar no final da noite. E Lars não estava em condições de me levar a lugar nenhum. Era uma pena que eu não tivesse colocado comida na minha bolsa. Apenas uma mordidela teria feito tudo melhor.

— Então, o que você tem feito? — perguntou Débora. — Assistindo muita TV? — Lars terminou de mastigar um pouco de queijo.

— Na verdade, eu li alguns livros Susie recomendou. Novelas de romance.

— Romance? — Deborah ergueu uma sobrancelha. — Bom.

O olhar de Henning ficou curioso. — O que você achou?

— Eles eram... interessantes, — disse Lars. — Instrucional.

Eu apenas sorri. Qualquer dia em que convertesse um leitor ao romance era um bom dia.

— Ouvi dizer que você voltará ao trabalho na segunda-feira, — disse Henning.

— Principalmente na qualidade de supervisão. — Lars acenou com o gesso no ar. — Não sirvo para muito até que isso desapareça.

— Imagino que você ficará feliz em voltar para casa, — disse Deborah. — Você sempre gostou tanto de ter seu próprio espaço.

Ele encolheu os ombros. — Vivi com Tore por anos.

— Mas nunca com a namorada, — disse Deborah. — Ficamos surpresos que você tenha escolhido ficar na casa da Susie. E tenho certeza de que ela está ansiosa para ter sua casa só para ela novamente.

Fiquei de boca fechada. Esta parecia ser outra situação em que quanto menos eu falasse, melhor.

Lars não ofereceu nenhuma informação sobre os planos de voltar para seu apartamento e eu não perguntei. Eu gostava dele muito bem onde estava. Não

que eu estivesse pronta para convidá-lo para ficar por um longo prazo, ou algo assim. E quanto a ser rotulado como namorada... hmm. Interessante. Nenhum alarme soou dentro da minha cabeça. Apesar do meu medo de namorar, acho que não me importava. Depois de algumas relações sexuais e quase uma semana morando juntos, eu estava disposta a admitir que éramos alguma coisa. Eu só não tinha certeza do que exatamente.

— Esta não é a primeira vez que ele se machuca, — disse Henning. — Conte a Susie sobre todas as vezes que Lars se machucou quando era pequeno.

— Ah, meu Deus. — Deborah sorriu amplamente. — Ele sempre foi um punhado. Destruiu um pônei que ele não deveria montar em um zoológico aos cinco anos de idade. Foram dois dedos quebrados. Foi atingido pela queda de um vaso de planta na casa de um amigo quando ele tinha oito anos. Sete pontos no topo da cabeça. Ainda não tenho ideia de como isso aconteceu. Bateu em um tronco no parque quando tinha onze anos. Eles tinham um forte e... bem. Cinco pontos na testa. A cicatriz desapareceu na linha do cabelo à medida que ele crescia, felizmente. Então ele caiu da bicicleta quando tinha quatorze anos. Nenhum ponto ou osso quebrado, mas muitos cortes feios nas costas e uma torção no tornozelo. Esses foram todos os principais incidentes.

— Puta merda, — eu disse. Então estremeci. — Desculpe. Quero dizer, *meu Deus*.

Deborah realmente riu. — Você deveria ter ouvido um pouco da linguagem que eu usava quando eles eram crianças.

— Você acharia que Tore seria a criança problemática, — disse Lars. — Mas estranhamente não.

— Você sempre tinha que ir primeiro. — Sua mãe balançou um dedo para ele. — Lars liderava o caminho. Líder indiscutível do bando. Isso era o que costumávamos dizer.

— Era isso ou deixar Tore quebrar seu crânio tentando algo estúpido. — Lars sorriu. — Embora isso significasse que eu sempre teria problemas por tudo também.

Henning riu. — Você fez um bom trabalho mantendo seus irmãos longe de problemas. Mesmo que isso tenha tido um custo.

— Sua irmã rolou de um beliche enquanto dormia e quebrou o braço, — continuou Deborah. — Tore realmente só teve as amígdalas e os dentes siso arrancados.

— Mostre à Susie os álbuns de fotos de Lars quando ele era pequeno, — disse Henning, colocando um prato de frango grelhado e legumes sobre a mesa.

— Não mostre as fotos de bebê, — disse Lars, entregando-me um prato.

— Por que não? — perguntou seu pai. — Um bebê grande e saudável, nu, deitado em um tapete de pele de carneiro. O que há para se envergonhar?

Lars franziu a testa.

— Preciso ver essa foto e possivelmente tirar uma cópia. — Reprimi um sorriso. — Por favor.

— Não, — disse Lars. — E você? Algum ferimento na infância?

— Hum, quebrei meu pé andando de skate quando tinha uns dez anos. Mamãe fez tia Susan se livrar do skate depois disso.

— Você poderia ter sido grande.

— Eu definitivamente não poderia ter sido grande. — Eu ri. — Mas obrigada pelo seu voto de confiança.

Deborah enrijeceu de repente, com a cabeça voltada para a propriedade vizinha, onde a mãe de Aaron agora cuidava das plantas no terraço dos fundos com muita serenidade e graça. Eu estava disposta a ignorar a afirmação dele de que ela me odiava como mais uma tentativa de me irritar. Considerando que Deborah voltou a me lançar olhares cautelosos, acho que era verdade. Quem sabe o que eles estavam dizendo sobre mim?

Embora a opinião das outras pessoas sobre mim não fosse da minha conta, eu poderia viver sem essa besteira.

— Ei, — disse Lars. — Venha aqui.

— Sim?

Ele me agarrou pela nuca como um Neandertal e me beijou.

O que foi ótimo. Claramente, ele estava do meu lado.

— Hannah foi embora, — anunciou Deborah, a propósito de nada.

Lars franziu a testa. — O que?

— Acabou de embarcar em um avião para Londres esta manhã e partiu. Nenhuma explicação. Nada. Colocou o anel de noivado no balcão da cozinha e saiu.— Deborah suspirou. — Aaron está levando isso muito a sério, como você pode imaginar.

Lars não disse nada.

— Achei que ele poderia ter entrado em contato com você. — Ela limpou a garganta. — Eu não sei o que aconteceu entre você e ele, Susie. Mas o que eu sei, Lars, é que ele é um bom amigo para você há muito tempo. É uma pena que você sinta que precisa escolher entre ele e sua nova namorada.

— Vou ligar para ele, — disse Lars.

— Espero que sim.

Hora de provar que eu poderia apoiar Lars enquanto ainda odiava seu melhor amigo. — Por que você não me deixa em casa depois daqui e vai ver como ele está? Meu carro é provavelmente mais fácil de dirigir em seu estado delicado do que seu caminhão grande.

O sorriso de Lars era tudo de bom e certo no mundo. — Obrigado.

O churrasco realmente não engrenou novamente depois disso. Acho que conhecer famílias não era minha praia. Então Lars iria visitar o ex. Estava tudo bem.

Tudo estava bem. E me recusava a acreditar de forma diferente.

Quatorze

Cleo invadiu minha casa algumas horas depois com uma garrafa de vinho em cada mão. Ela tirou os sapatos molhados e anunciou: — Você não vai acreditar no que Tore disse quando eu falei que estava vindo te ver.

— Diga-me, — eu disse, colocando os copos na mesinha de centro.

— Você não acha que deveríamos resolver nossos problemas sem envolver sua melhor amiga? — Cleo repetiu em voz baixa e irritada. — Se ele estivesse aberto para me ouvir e resolver o problema como um adulto, eu não teria que vir te ver para me acalmar.

— Você o expulsou do seu apartamento?

— Claro que não, — disse ela. — Quero saber exatamente onde ele está quando estiver pronta para gritar mais um pouco com ele.

— Isso faz sentido. — Assenti e servi o vinho. Sentamo-nos em almofadas no chão, com as costas apoiadas no sofá. Era o nosso jeito. Algo sobre ficar deprimida e desgrenhada em momentos de dificuldade funcionava para nós.

— Ele contou piadas durante todo o show, — disse ela, tomando um gole de vinho branco antes de enxugar as gotas de chuva do rosto. — Lá estava eu, tentando me divertir assistindo algo que esperei meses para ver, e o homem não calava a boca.

— Rude.

— O que Lars fez para colocar essa expressão triste em seu rosto?

— Fomos jantar na casa dos pais dele e a mãe dele deu a notícia de que a noiva de Aaron o largou e fugiu, — eu disse, pegando meu cardigã do sofá. A temperatura havia caído com a umidade. — Ela também jogou uma pequena viagem de culpa por diversão.

— Como você faz.

— Assim que chegamos em casa ele ligou para o babaca e agora está lá o consolando. O que está tudo bem. Eu só... ah.

— Então a nova garota fugiu, hein? — Cleo ergueu uma sobrancelha. — Bom para ela.

Eu bebi um gole. — Sim.

— Você ainda tem problemas com Lars sendo amigo dele?

— Estou tentando não fazer isso. Não tem nada a ver comigo, na verdade.

Cleo bateu as unhas no joelho. — Hum.

— Presumo que você pediu a Tore para parar de reclamar e ele não o fez?

— Duas vezes. Só porque ele não gostou do show, não precisava estragar tudo para mim. — Ela balançou a cabeça. — Ele se comportou como uma maldita criança. Então, quando finalmente percebeu que eu estava chateada com ele, ficou na defensiva!

— Idiota. — Bebi um gole de vinho. — Eu sei que Lars e Aaron são amigos há muito tempo e existe um vínculo lá. Mas ele foi um merda comigo. Não sei como conciliar isso, mas não quero que seja uma coisa entre nós.

— Você está falando sério sobre ele, — disse Cleo.

Eu fiz uma careta e balancei a cabeça. — Tentei manter as coisas casuais entre nós, mas parece que estou travando uma batalha perdida. Se isso não der certo, vou ingressar em um convento.

— Parece razoável. Quanto de você está com raiva de Lars por ser amigo de Aaron, em vez de estar com raiva de si mesma por ter ficado com o idiota por tanto tempo e inventando desculpas para o comportamento dele?

— Boa pergunta. Ah. Pare de ser tão perspicaz.

— Relacionamentos. — Ela suspirou. — A questão é que Tore não precisava gostar do show estúpido. Eu só precisava que ele calasse a boca e sentasse lá para que eu pudesse aproveitar. Agora sei que não devo levá-lo para ver uma peça, especialmente se for uma tragédia, porque isso frita seu cérebro de menino e o faz agir mal.

— Você já considerou uma mordaca de bola?

— Prefiro ir sozinha a correr o risco de ele gritar “*Você pode fazer melhor, querida*” para Ophelia.

Eu bufei. — Hamlet é um filho da puta total. Estou com ele nisso.

— Oh, não estou debatendo isso. O problema é a adequação de interagir sem ser convidado com os atores durante uma apresentação ao vivo, — disse ela. — Esse é o

problema dos novos relacionamentos. Trabalhar com o que você pode e não pode tolerar. O que vocês podem fazer juntos e o que absolutamente deveriam fazer separados. E depois de tudo isso, se o sexo for bom, decidir se ainda há pontos em comum suficientes para justificar que ainda tenham alguma coisa a ver um com o outro.

— Sim, — eu disse melancolicamente. — Tenho a pior sensação de que Lars e eu estamos em um relacionamento.

Cleo inclinou a cabeça. — Isso honestamente acabou de te ocorrer?

— A ideia pode ter me ocorrido há alguns dias.

— Bom trabalho. Sua corrida dramática pela enfermaria do hospital no fim de semana passado meio que denunciou tudo.

Eu zombei. — Eu não corro para ninguém.

— Correndo como se suas calças estivessem pegando fogo.

— Na verdade, isso me lembra, — eu disse. — Uma marca local de roupas esportivas pode estar te ligando. Eles entraram em contato sobre um de nossos projetos combinados e eu disse que você era o gênio por trás das lentes da câmera.

— OK. Você vai trabalhar com eles?

— Eles têm seu próprio gerente interno de mídia social. Mas ficaram abalados com suas fotos.

— Legal. Vou ficar de olho. — Ela sorriu. — De que outra forma foi o jantar com o pessoal?

Bebi mais um pouco de vinho. — Eh. Não sei...

— Fale comigo, Susie, — disse ela. — Conte-me tudo.

Tudo ok?

— Se eu acabar sendo possuída, ficarei muito chateada com você, — disse Cleo várias horas depois. Durante esse tempo, Lars não respondeu minha mensagem. Não era um bom sinal.

— Não vamos ficar possuídas. E prometo encontrar chamar um padre gostoso caso sua cabeça comece a girar.

— Ah, que bom.

Estávamos deitadas no tapete da sala, tentando uma sessão espírita. Na mesinha de centro estavam a certidão de divórcio, um monte de velas e várias garrafas vazias. Havia uma chance muito pequena de estarmos bêbadas de vinho. Mas ei, isso acontecia com os melhores de vez em quando. Principalmente se você bebeu muito vinho. Isso realmente aumentava as chances.

— Não é fácil ser sua melhor amiga, — disse ela. — Você sabe disso, certo?

— Eu sei.

— Hum.

— Alguém gostaria de se comunicar conosco?
— Perguntei ao quarto escuro. As sombras das velas tremeluzentes dançavam no teto. Mas fora isso o mundo espiritual estava quieto. — A menos que você seja mau, nesse caso, tchau.

— Boa saída.

— Obrigada.

— Especificamente, gostaríamos de falar com a tia Susan, — acrescentou Cleo. — Temos perguntas.

Nada aconteceu. Então Kat, a gata, entrou correndo na sala com o rabo todo afofado como uma escova de vaso sanitário e, não vendo nada que precisasse da atenção imediata de suas garras, pulou no sofá e se acomodou para tomar banho. Muito provavelmente, ela estava esperando o retorno de Lars. Ela era muito mais felina dele do que minha. Quando ele finalmente voltasse para seu apartamento, Kat ficaria com o coração partido. E ela não estaria sozinha.

Droga.

— Você não deveria lançar um círculo de proteção ou algo assim? — perguntou Cleo, apoiando-se no cotovelo para beber mais vinho. Ela estava bebendo em um copo. Que pretensiosa. Eu estava bebendo chardonnay direto da garrafa como uma vadia básica pela última hora, pelo menos.

— Como eu saberia? Eu não sou uma bruxa e já faz anos que não assisto *Sobrenatural*. Nem estou convencida de que fantasmas sejam reais.

— E você acha que eu estou? — Cléo balançou a cabeça. — Fale sobre sua tia. Talvez isso desperte o interesse de algo do outro lado.

— OK. — Limpei a garganta. — Tia Susan morreu de derrame há pouco mais de seis meses. Conversei com ela

na noite anterior e ela disse que estava bem, só um pouco cansada. Ela me convidou para tomar café da manhã na manhã seguinte. Mas ela nunca acordou. Espero que isso signifique que foi indolor. Que ela se foi antes mesmo de saber o que estava acontecendo. O rosto dela parecia tranquilo, mas... não sei. Sua mão estava fria ao toque. Ela devia estar morta há horas quando a encontrei. De qualquer forma, eu a amava muito. Principalmente estou chateada por nunca ter conseguido lhe dar adeus. Ouvir suas últimas palavras de sabedoria.

— Aposto que ela teria algo bom a dizer.

— Sim, — eu disse. — Ela definitivamente teria conselhos para lidar com o drama atual que está acontecendo em minha vida. Eu sei que ela sempre disse para perguntar se Oprah aprovaria as escolhas que estou fazendo. Mas isso não adianta muito quando não consigo decidir o que fazer com ele. E não tenho ideia do que Dolly Parton faria com qualquer um dos meus problemas de relacionamento. Além de escrever uma música, talvez.

— Seria uma música muito legal também.

— Ah, seria ótima. Nas mãos de Dolly, encontrar a certidão de divórcio pareceria poético. Você sabe, algo simbólico. — Suspirei enquanto o teto flutuava em círculos preguiçosos e bêbados acima da minha cabeça. — É sobre isso. Você quer adicionar alguma coisa?

— Não. Estou bem.

— OK.

Uma batida suave veio dos fundos da casa. Nós duas engasgamos e nos viramos em sua direção, mas nada, nada. Nenhum espectro flutuante. Nem mesmo um daqueles pequenos orbes de luz. Kat nos lançou um olhar descontente antes de voltar a dormir.

Cléo engoliu em seco. — Provavelmente é apenas o vento soprando um galho contra a lateral da casa ou... você sabe. É uma construção antiga. Pode ser qualquer coisa.

— Talvez precisemos do equipamento certo, — eu disse, pegando meu celular.

— O que você está fazendo?

— Verificando o Etsy em busca de coisas de caça a fantasmas.

— Porque isso faz sentido.

— Na dúvida, use acessórios.

Cléo bufou.

— Bem, já tentamos uma leitura psíquica, psicométrica e cartas de tarô. Obviamente há algo que estamos perdendo. Porque coisas estranhas aconteceram nesta casa. Conforme evidenciado pela certidão de divórcio.

— Já lhe ocorreu que talvez a *certidão fosse* para ser as últimas palavras da sua tia?

Eu pensei sobre isso. Não que meu cérebro estivesse funcionando particularmente bem, encharcado de álcool.

— Isso não seria alguma coisa?

— Tia Susan lhe enviando dicas sobre seu futuro do outro lado.

Nós duas ponderamos a ideia por um momento. Então Cleo disse: — Você também deveria lhes contar quais são seus problemas atuais. Só para ficar claro.

— Eles são os fantasmas? Você acha que há mais de um ouvindo?

Ela encolheu os ombros. — Não estou convencida de que alguém esteja. Mas deveríamos pelo menos tentar ser minuciosas.

— Certo. OK. — Eu respirei fundo. — Meu problema é Lars.

A sala ficou em silêncio.

— Sim, mas o que exatamente nele é um problema? — perguntou Cleo, finalmente.

— Bem... ele existe.

— Você é ridícula. — Cléo riu. — Quero dizer, você sempre duvidou do amor. Nós temos isso em comum. Mas nunca neste grau.

— Você vê como se sente quando o universo lhe diz não só com quem você deve se casar, mas que o casamento será um fracasso. Fazendo questionar por que você iria lá em primeiro lugar.

Ela suspirou. — Espíritos, se vocês têm algum conselho para minha amiga apaixonada aqui, por favor, falem ou gemam ou o que quer que seja. Estamos ouvindo.

Nada.

Um carro passou.

Nada ainda.

Seguido por uma batida na porta da frente.

Cleo e eu gritamos.

Foi quando Tore entrou calmamente. — Por que vocês estão esparramadas no chão bêbadas?

— Puta merda, — murmurei, pressionando a mão no meu coração galopante. — *Esparramadas* soa errado.

Lars seguiu seu irmão e me deu um aceno com o queixo. Uma coisa tão cara de se fazer.

— Temos mais classe do que isso, — acrescentou Cleo. — Mais requinte.

— Que palavra você usaria então? — perguntou Toré. — E por que vocês estavam gritando?

Cléo fungou. — Eu nem decidi se estou pronta para falar com você ainda. Muito menos se estou preparada para explicar meu atual comportamento de embriaguez.

Tore franziu a testa. — Eu disse que sentia muito.

— Susie, dispense os espíritos, por favor, — disse Cleo. As sobrancelhas de Lars se ergueram, mas ele não disse nada.

— Obrigada pelo seu tempo, espírito e qualquer coisa que seja adjacente ao espírito. Você pode ir agora. E deveria. Por favor. Tchau.

Cleo voltou sua atenção para o namorado. — Venha aqui você. — Tore sorriu e deitou-se ao lado dela. Eles começaram a conversar em sussurros. Logo o braço dela estava pendurado sobre os ombros dele, os dedos brincando com seu cabelo.

— Você me deixou no vácuo, — eu disse em um tom infeliz.

Lars coçou a barba por fazer. — Havia muita coisa acontecendo. Não tive tempo de responder sua mensagem, desculpe.

— Estava tudo bem com seu melhor amigo?

— Ele tinha bebido meia garrafa de bourbon quando cheguei lá. Coloquei-o na cama em posição de recuperação com um pouco de água, ibuprofeno e um balde para o caso de ele vomitar.

Eu balancei a cabeça.

Cleo e Tore começaram a se beijar. Acho que a briga deles acabou.

Lars me ofereceu a mão. Apesar da galanteria, eu levantei a maior parte da minha bunda bêbada do chão. Seu corpo ainda estava se curando.

— Você está com raiva de mim? — ele perguntou, me puxando em direção ao quarto por um pouco de privacidade. Tanto para nós, quanto para o casal no chão. Kat o seguiu, enrolando-se em suas pernas.

Suspirei. — Não.

— A senhorita Lillian ligou, — disse ele. — Conversei com ela na noite da sua festa sobre a casa dela na mesma rua e ela finalmente me respondeu. Decidiu que quer vender. É onde Tore e eu estivemos nas últimas horas, verificando e acertando o preço.

— Uau. Ela sempre foi uma coruja noturna. Mas você não deveria ter esperado o amanhecer para verificar a casa?

— Estava tudo bem. Vimos o que precisávamos. O local vai dar muito trabalho, mas é como este. Em uma ótima localização com muito potencial. — Ele sorriu. — Ela quer fechar o mais rápido possível. Aparentemente ela decidiu que seu lugar é no deserto, melhor para sua artrite. Ela já está de olho em um lugar no Arizona. Vou ligar para meu chefe e conversar sobre isso pela manhã. O plano é me mudar para a casa da senhorita Lillian em uma semana, quando entregar o apartamento, e começar imediatamente a fazer o que puder. Não sou bom para nada no trabalho com esse gesso no pulso. Espero que meu chefe concorde.

— É uma pena que a senhorita Lillian esteja indo embora. Mas você vai realmente fazer isso? — Minhas sobrancelhas alcançaram o céu. — Você e Tore vão começar seu negócio?

Desta vez seu sorriso foi muito maior. — Sim.

— Isso é fantástico, Lars.

— Obrigado. É a hora certa. Parece que tudo está finalmente se encaixando. — Ele mexeu os pés. — Isso é grande. Ainda estou tentando entender.

— É enorme.

— Esperamos que Mateo venha trabalhar para nós no próximo turno, se Lillian vender pelo que esperamos. Tore permanecerá em seu trabalho por mais um pouco para garantir que ainda haja dinheiro entrando. Mas, caso contrário, estamos todos prontos. É para isso que temos planejado e economizado todos esses anos.

— Eu estou tão feliz por vocês. Vocês vão se sair muito bem.

— Aquele maldito carro poderia ter me matado na semana passada.

— Eu sei, — eu disse calmamente. — Posso ver por que isso o levou a colocar o plano em ação mais cedo ou mais tarde.

Ele assentiu. — Há muita coisa que ainda quero fazer na vida. Coisas que quero alcançar.

— Sim.

Então ele levantou um dedo para cutucar meu nariz, me fazendo rir. Ou ele era um deus da comédia ou eu estava bêbada demais. Honestamente, poderia ser qualquer um dos dois.

— Alguma sorte conversando com fantasmas? — ele perguntou.

— Não. Nada.

— E você realmente parece surpresa com isso.

— A esperança é eterna. — Eu sorri. — Gostaria de saber se você encontrará alguma coisa nas paredes da casa da senhorita Lillian.

— Eu espero que não. As coisas já são bastante complicadas. — Ele se virou. — Vou voltar para o apartamento amanhã. Arrumar tudo.

Meu rosto caiu. — Oh.

Ele estreitou os olhos para mim. — O que isso significa, Susie?

— Nada.

— Você tem certeza disso?

— Bem, quero dizer, você vai fazer isso e depois voltar na próxima semana? — Perguntei. — Ou prefere partir agora de forma mais permanente?

— Estou saindo do seu caminho por enquanto, — ele esclareceu. — Mas estarei por perto.

— Certo. Isso é... isso é bom.

— Isso é bom? — Seu olhar percorreu meu rosto. Como se eu estivesse em condições de ser examinada. Já passava da hora de eu ir para a cama. Ele deu um passo para trás e encostou-se na parede. Era apenas minha imaginação ou ele estava colocando distância entre nós?

— Sim. — Eu fiz uma careta. Mas esse não era o rosto certo. Então, em vez disso, sorri. — Tudo está funcionando tão bem para você, Lars. Todo o seu plano de vida está se concretizando.

— Sim.

— Sim, — eu repeti suavemente. — Eu, hum... Podemos conversar um pouco mais sobre isso pela manhã?

Ele assentiu. — OK.

A melhor cura para uma ressaca tem sido debatida há muito tempo. Alguns acreditam em remédios para ressaca. Enquanto outros são grandes em eletrólitos. Uma amiga minha da faculdade simplesmente se recusava a se levantar até que todo e qualquer sintoma passasse. Talvez fosse por isso que ela tinha tendência a reprovar em

qualquer matéria marcada para segunda-feira de manhã. Minha cura pessoal envolvia cafeína, gordura e analgésicos. Como era verão, optei por uma lata de Coca-Cola bem gelada. Foi servida com ovos, bacon e torradas, com dois Tylenol como acompanhamento. Uma combinação que logo fez maravilhas na minha dor de cabeça e no estômago.

Só acordar depois das dez significava que Lars já havia partido há muito tempo. Mas ele me deixou um bilhete. Ele voltaria hoje à noite para nossa conversa. O que diabos eu ia dizer ao homem? Essa era a questão. Os sentimentos me assustavam. A casa estava estranhamente silenciosa sem ele. Para alguém que adorava ter um lugar só para si há poucos meses, esta não era uma reação tão bem-vinda à sua ausência. Eu estava disposta a sacrificar um pouco da minha independência pela companhia dele? Ele poderia até não querer levar essa coisa entre nós mais longe. Ou pelo menos não tão rápido. Suas reações na noite passada foram confusas. Embora isso possa ter sido a bebida.

Sem uma resposta imediata a essas perguntas, mergulhei no trabalho, fazendo contato com influenciadores a respeito do recente lançamento da calcinha menstrual. A presença online deles aos domingos era normal. A mídia social podia funcionar 24 horas por dia, 7 dias por semana. Embora eu tenha tentado encontrar um equilíbrio entre vida e trabalho, isso nem sempre acontecia. Embora ser meu próprio patrão mais do que compensava isso na maioria das ocasiões. O fato de eu ter

sido forçada a vestir uma calcinha naquela manhã tornou o trabalho ainda mais relevante. Não é de admirar que eu estivesse em um estado emocional estranho, com meus hormônios em alta e o sangue fluindo. Menstruar era muito ruim.

Depois coloquei meu telefone no modo silencioso por algumas horas e levei flores para o túmulo de tia Susan. Isso me deu a chance de contar a ela tudo o que estava acontecendo. Se ela estava mais presente no cemitério do que em casa, eu não fazia ideia. Mas isso me fez sentir melhor do mesmo jeito. O cemitério era tranquilo e verde e razoavelmente perto de casa. Acho que seria o que tia Susan teria escolhido. E o buquê de flores silvestres que comprei a teria encantado. Ela adorava coisas coloridas e brilhantes.

A vida mudou muito desde o dia em que ajudei a carregar o caixão dela até o carro funerário. Estava chovendo, o céu estava escuro, cinza como o mar. Enquanto desisti de ter um relacionamento com meu pai anos antes, eu tinha esperança de algum tipo de amizade com meu irmão. Mas ele afastou esse sonho no funeral. Tia Susan me criou para ser resiliente. Autossuficiente. Em algum momento, deixei essas lições de lado e comecei a perseguir relacionamentos ruins com homens que me lembravam meu pai. De todos os malditos erros óbvios a serem cometidos. Lars pelo menos não era nada parecido com ele. Nem um pouco.

Era estranho o quanto havia mudado em meio ano desde que perdi tia Susan. Como eu via a mim mesma e ao mundo. Minha dor parecia estar se transformando em uma dor contínua. Menos afiada do que antes. Mas então a dor era estranha, a forma como brincava com a sua mente. A última vez que pensei que estava bem, acabei chorando no corredor de doces de um supermercado. Ver sua marca favorita de chocolate me chateou por algum motivo. É uma pena que na vida você só tenha algumas pessoas com você por um curto período de tempo. Acho que era por isso que precisávamos viver e amar com convicção. Como ela tinha feito. Ser colorida, selvagem e livre de espírito. Parar de ter tanto medo.

No caminho para casa, comprei alguns tacos macios cobertos com coentro. Lars odiava coentro. Mas não importava o que ele gostasse porque não estava lá e eles eram só para mim. E também não guardei os sapatos quando voltei para casa. Mulheres crescidas podiam deixar suas coisas onde quisessem, em suas próprias casas. Eu era a rainha deste castelo. O que fez com que fosse hora de uma farra *de Gilmore Girls*. Lars teria odiado isso. Ele gostava de programas cheios de ação e aventura, onde os personagens definitivamente não discutiam suas emoções ou que livro estavam lendo no momento.

Embora ele tenha se tornado recentemente um leitor de romance, quem sabe. Também ocupei todo o espaço do sofá. Apenas eu. Então sim.

Eu não precisava de um homem em minha vida. Essa era a verdade honesta de Deus. Mas eu queria um?

Quando o programa não conseguiu manter meu interesse, vaguei de sala em sala. Em busca de algo. Eu não sabia o quê. Kat não ficou impressionada com minha inquietação. Todos os armários e gavetas da cozinha estavam firmemente fechados. Meu estoque de lanches estava baixo, mas tudo bem. Não era como se eu estivesse com fome depois de todos os tacos. Peguei a misteriosa certidão de divórcio e coloquei-a em cima da cama. Nenhuma outra mensagem apareceu. Nem do passado ou do futuro. No banheiro, tentei alisar o tubo estrangulado de pasta de dente. Mais fácil falar do que fazer. Em seguida, espalhei meus cuidados com a pele e maquiagem por todo o balcão do banheiro. Espalhei essas coisas como se fosse meu trabalho. Então me afastei e olhei para a bagunça. Era uma metáfora adequada. Esta era a minha vida. Meu estado normal de ser.

— Ei, — disse Lars, aparecendo na porta do banheiro. Havia uma mancha de sujeira em sua testa e um ar geral de cansaço e suor nele. Ele observou o desastre em cima do balcão do banheiro e sorriu. — Espero que você não se importe que eu entre. Como foi seu dia?

— Ok. Você resolveu o apartamento?

— Tudo o que não preciso está armazenado e o resto está aqui ou é fácil de embalar no final da semana.

— Eu teria ajudado, sabe.

— Você merecia dormir até mais tarde, — disse ele. — Você sabia que ronca quando está bêbada?

— Você tem muita sorte de ser tão bonito. Isso compensa as mentiras mesquinhas que você diz.

— Não são roncos altos, mas ainda assim. — Seu sorriso estava lá e desapareceu em um momento. — Fui verificar Aaron.

— Como ele está?

— Superou o pior, eu acho.

— Nunca é fácil levar um fora.

— Eu não saberia. — Lars esticou o pescoço. — Isso nunca aconteceu comigo.

— Sêrio? — Minhas sobrancelhas subiram. — Você diz isso como se fosse uma coisa boa. Trinta e cinco anos e você sempre foi o primeiro a desistir.

— Não necessariamente. Às vezes era uma decisão mútua.

— Hum. Pergunte a si mesmo: você já investiu em um único relacionamento romântico do qual fez parte? Quero dizer, *sêrio*?

Ele abriu a boca e fechou novamente. Então ele voltou seu olhar para o balcão do banheiro. — Depois de hoje você terá todo o seu espaço de volta.

— Chega de restolho na pia, — concordei, deixando-o mudar o assunto da conversa.

— Vou sentir falta da sua cama. Você tem um colchão muito bom.

— Isso é tudo que você vai sentir falta?

— Não, — ele disse, sua expressão grave. — Não é.

Suspirei. Este homem... o que diabos eu faria com ele?

— Você disse que queria conversar ontem à noite. O que você está pensando, Susie?

Sentei-me na beirada da velha banheira com pés e pensei profundamente.

Os mesmos que ficaram girando dentro da minha cabeça o dia todo. — Eu, hum, eu...

— Sim?

— Você está planejando começar a trabalhar na casa de Lillian esta semana, certo?

— Isso mesmo. Ainda há muitas coisas de preparação que posso fazer enquanto assinamos o contrato e aguardar a finalização da venda.

— Certo. — Então abri a boca e deixei escapar: — Você deveria ficar.

Ele piscou. — O que?

— Quero dizer, pensando bem, seria estúpido você voltar para o apartamento. Se estivesse aqui, estaria muito mais perto. E é só por mais um tempinho.

— Quer que eu fique com você por mais uma semana?

— Sim.

— Isso não seria um incômodo? — Ele inclinou a cabeça. — Você não está convidando para ser educada nenhuma, está? Eu não quero ser um incômodo. Você já foi mais do que gentil em me deixar ficar aqui na última semana. E estou bem agora com todas as dores no pescoço, remédios e tudo mais.

— Sem complicações. Você seria muito bem-vindo.

— OK. — Ele sorriu, mas foi contido. — Tudo bem. Obrigado, Susie.

Eu resolvi o meu problema e esse homem por mais uma semana. A verdade é que ainda era cedo para Lars e para mim. Por tudo o que estávamos fazendo juntos. Ele não parecia uma má escolha, no entanto. Na verdade, tê-lo por perto era incrivelmente bom. O que era assustador à sua maneira. Um dia, em breve, eu precisaria criar coragem e tomar algumas decisões sérias em relação ao homem. Mas ainda não. Eu tinha corrido com Aaron e estava determinada a não cometer esse erro novamente.

— Claro, Lars. Não é um problema.

-

Quinze

A segunda semana de convivência com Lars teve uma vibração distintamente diferente. Com os ferimentos recuperados, ele estava menos irritado e mais motivado. E embora ainda ocupasse a maior parte da cama, agora o fazia na posição de colher grande.

Nos últimos dias, eu acordei com as costas pressionadas contra seu peito e seu braço jogado sobre meus quadris. Ele era um carinhoso, aparentemente. A nova posição não atrapalhou em nada meu sono. Embora sua ereção matinal tivesse uma tendência a me despertar antes do meu alarme. O homem tinha sorte de eu gostar de suas partes íntimas.

Segunda e terça ele passou fazendo trabalhos leves na casa de Lillian. Medição e planejamento, pedido e limpeza. Ele colocava a primeira xícara de cafeína em minhas mãos e depois desaparecia durante o dia. Tore se juntava a ele nos intervalos para almoço na propriedade. Ele também voltava à noite para fazer qualquer trabalho mais pesado ou mais difícil. Lars e eu adquirimos a rotina de jantar juntos, às vezes em frente à TV e às vezes à mesa.

Viver com ele parecia fácil. Apenas tê-lo ali fazendo parte diária da minha vida. Mas também parecia terrivelmente temporário. Achei que manter as coisas casuais era o que eu queria, mas estava errada. Eu

precisava pedir para ele ficar. O medo dele me ignorar... e se ele achasse que era cedo demais? Como sua mãe havia ressaltado, o homem nunca havia vivido com uma namorada antes.

Depois que o sol se punha e o calor se dissipava, íamos dar um passeio. Embora não estivesse disposto a correr, Lars conseguia caminhar muito bem. Saindo de Salmon Bay, daríamos uma volta no playground e passaríamos por uma pizzeria local. Apesar de não andarmos de mãos dadas, parecia algo claramente típico de um casal.

Muito mais do que um tipo de atividade de amigos com benefícios ou colegas de quarto amorosos ou o que quer que sejamos hoje em dia. Embora isso possa ter sido por causa do tópico de conversa que escolhi nesta ocasião específica.

— Você quer saber o que procuro em um relacionamento? — perguntou Lars com uma voz surpresa. — Ah, cara... honestamente, eu não sei. Companheirismo, compatibilidade, coisas assim.

— OK. Qual é a sua ideia de um encontro perfeito? E não diga 25 de abril. — Ele me lançou um olhar vazio.

— Você nunca viu *Miss Simpatia*?

— Não, — ele disse. — E geralmente levo acompanhantes para jantar.

— Sua perda e essa é uma resposta altamente sem imaginação. Seguindo em frente. O que há sobre você que ninguém mais sabe?

— Não sei. Provavelmente porque te deixei me assediar.

— Você não está levando isso a sério, — eu disse. — O artigo que li dizia que essas perguntas deveriam nos fornecer informações valiosas uns sobre os outros. Para ajudar a compartilhar facetas ocultas de nossa personalidade. Tanto melhor para construir a nossa união de almas sobre um terreno sólido e inabalável.

— Nossa união de almas? — Seu tom era mais de escárnio do que de admiração. — Você realmente acabou de dizer isso?

— É como se você não se importasse em trabalhar em nosso relacionamento de amizade crescente.

— É isso que estamos fazendo, hein?

— É uma descrição tão boa quanto qualquer outra. — Sorri serenamente e deixei meu olhar vagar. Era um grande pedido não cobiçá-lo quando ele usava calças de moletom cortadas. Meu respeito pelo algodão macio estava em alta. A cura do acidente desacelerou nossa vida sexual e meus hormônios não ficaram satisfeitos. Dado quão doloridos seus músculos estavam no dia seguinte à única vez que fizemos isso, recusei-me a abrir minhas pernas para o homem para sua própria segurança. E ele não pressionou, me fazendo pensar que a dor era muito pior do que ele admitia. Meus joelhos, no entanto, estavam ficando terrivelmente fracos e minhas coxas grossas clamavam por seu toque. Acordar pressionada contra ele era um tipo especial de tormento. Lars andava por aí com minha libido

no bolso de trás e nem tenho certeza se ele estava ciente disso.

— O que você está olhando? — ele perguntou, com voz curiosa.

— Você.

O sorriso que ele me deu era de satisfação misturada com orgulho masculino.

Desmaio.

— O que você está pensando? — Perguntei.

— Qual é o seu gosto.

— Huh. — Minha garganta era um deserto seco e estéril. Toda a umidade em mim estava indo para o sul. — Não tenho nada inteligente a dizer sobre isso.

— Incrível. Há uma primeira vez para tudo. — Ele sorriu. — Eu queria perguntar, você tem o terceiro livro da série *Rose Bend* de Naima Simone?

— Não, mas posso pedir para você.

— Está tudo bem. Eu vou comprar. Aqui está outra pergunta, — disse ele. — O que você acha que significa sentir tanto prazer em me deixar louco me perguntando sobre toda essa merda?

— Só estou tentando ajudar. Você quer se divorciar? É isso que você quer, Lars?

— Gostaria que nem sempre voltasse para aquela maldita certidão.

— Sim. — Quanto menos se falar sobre isso, melhor. — OK. Não há mais perguntas quebra gelo sobre primeiro

encontro. Embora a questão seja que sua música favorita deveria ser algo deste século.

— Led Zeppelin é clássico, — resmungou ele.

— Quanto ao seu superpoder ser a invisibilidade?

— Eu torci meu nariz. — Ai credo. Perverso.

— Eu não quis dizer isso. — Tanta dor de homem em seu gemido. — Vou mudar minha resposta para superforça.

— Tarde demais.

— O que? Você mudou sua resposta umas cinco vezes. Você passou do voo para a velocidade, para... nem sei o quê.

Eu sorri. — Nós seguimos em frente. Você está muito atrasado. Lide com isso.

— Isso é fraude.

— E como você pode nem saber o que te faz feliz? Nunca entendi por que vocês, homens, são tão reprimidos. Entre em contato com seus sentimentos, cara.

— Você está em contato com seus sentimentos? — ele perguntou com um olhar duvidoso.

— Claro. Majoritariamente. Tipo isso.

Ele grunhiu.

— Qual é, Lars, o que te faz feliz?

— Bem, pensei que estar com você me deixava feliz, — disse ele. — Mas então você continuou me fazendo todas essas malditas perguntas.

— Ah. Você diz as coisas mais doces.

Ele passou um braço em volta do meu pescoço e me puxou para mais perto. — Susie, você sempre causa tantos

problemas?

— Você quer dizer que causei tanto sofrimento aos meus outros amigos especiais do sexo masculino? — Eu pensei sobre isso. — Não. Só você.

— Interessante. Por que você acha isso?

— Você quer honestidade?

— Sempre.

Insira um grande suspiro aqui. — Não sei se me senti segura o suficiente para realmente ser eu mesma com eles.

— Você não se sentia segura?

— Não. Eu acho que não.

Ele olhou para mim por um momento. Então ele olhou além de mim, para os degraus da frente da casa. Para o homem bem vestido parado com a mão levantada para bater na minha porta.

— Andrew? — Eu disse, surpresa.

— Seu irmão? — perguntou Lars em voz baixa. Eu balancei a cabeça.

A mão de Lars deslizou pela minha espinha, descansando na parte inferior das minhas costas.

Embora estivesse grata pelo apoio, poderia cuidar disso sozinha. — Andrew, por que você está aqui?

Ele franziu a testa para Lars antes de se virar para mim e dizer: — Só pensei em passar por aqui e dizer olá. Faz algum tempo.

— Ok, — eu disse cautelosamente. — Olá.

— Tenho estado ocupado começando meu próprio negócio.

— Papai mencionou.

Ele olhou ao seu redor. — O lugar antigo parece bom. Você já fez algum trabalho.

— Sim.

— Você recebeu uma avaliação atualizada sobre quanto vale?

— Para fins de seguro, sim.

Andrew assentiu. Então ele arrastou os pés. Ele ficou sem fala, aparentemente.

—Então... você não vai me convidar para entrar? Eu adoraria ver o que você fez.

— Não, Andrew. Você não entrará em minha casa até pedir desculpas pela maneira como se comportou no funeral da tia Susan. Pela maneira de merda como você falou comigo. Já faz mais de seis meses. Acho que você atrasou o suficiente.

Suas sobrancelhas se encaixaram. — O que?

— Você me ouviu.

— Susan te favoreceu descaradamente. Foi injusto, — ele reclamou. — Eu não disse nada que não fosse verdade.

— Eu a *amava*. Você mal a tolerava. Ela não lhe devia nada e eu também não.

— Somos uma família.

— Família é mais do que apenas encontrar pessoas úteis ocasionalmente. Ou pelo menos foi o que me disseram.

A mão de Lars cobriu a minha, segurando-a contra seu peito. Ancorando-me. Por mais que eu estivesse

acostumada a lidar com a minha família, era bom ter o apoio.

— Foi para isso que você veio aqui? — Eu continuei. — Para ver se eu tinha suavizado a ideia de vender minha casa e te dar metade?

Andrew se endireitou. — Seria a coisa certa a fazer.

— Não, não seria. Não que eu espere que você entenda. — Eu sorri tristemente. — Vá embora por favor.

Ele piscou incrédulo. Embora já tivessem se passado anos desde que eu caí nesse tipo específico de besteira, isso ainda o surpreendeu. — Susie...

— Ela pediu para você ir embora, — Lars disse. — E ela fez isso muito melhor do que eu farei se você ainda estiver aqui em um minuto.

— Foda-se, — disse Andrew. — Eu nem sei quem você é.

— Eu sou o homem que protege sua irmã. Agora dê o fora daqui.

Apesar de pedir a Lars para ficar fora disso, eu tinha que admitir que era uma frase muito boa. Ninguém com persuasão masculina jamais esteve disposto a se colocar entre eu e meus problemas antes. E que barricada grande e bonita ele fez. Embora eu pudesse ter lidado com isso sozinha. No entanto, se tivesse feito isso, teria perdido a visão de Lars erguido em toda a sua altura, com a mandíbula e os punhos cerrados.

— Você deveria ir, Andrew, — repeti.

— Susie...

— Você não vai me cansar com suas besteiras autointituladas. Eu não deveria ter que comprar o seu suposto amor fraternal. Agora saia.

Andrew cerrou os dentes, depois desceu os degraus e foi até o sedã novinho em folha estacionado do outro lado da rua. As probabilidades eram de que ele e seu negócio ficassem bem. Mamãe ou papai lhe dariam o resto do dinheiro. Havia uma história sólida de eles resgatarem o menino de ouro de todos os tipos de problemas. O mesmo tipo de situação que me rendeu um sermão e um conselho para fazer melhor. Gemido.

Foi por isso que Andrew nunca aprendeu a fazer isso sozinho. Eu estava com ciúmes por ele ter recebido mais amor do que eu? Talvez estivesse. Mas não mais. Com uma rotação do motor, ele saiu correndo pela rua. Estranho como meu irmão perdeu a capacidade de me aborrecer. Acho que você tinha que estar emocionalmente investida em alguém para que isso acontecesse. Nunca fomos próximos. Agora eu sabia que nunca seríamos. Não depois daquela cena no funeral da tia Susan. Com certeza, não depois desta noite.

— Lá se vai o homem branco medíocre, — eu disse em tom seco.

Lars grunhiu.

— Obrigada por me apoiar.

— A qualquer hora, — ele disse gentilmente. Isso meio que me matou quando ele usou esse tom de voz. Como se eu fosse preciosa.

— Olhe para nós, acasalando-nos conscientemente, — brinquei. Pelo menos, era uma espécie de piada.

Ele inclinou a cabeça. — Somos realmente um casal?

— Não sei. — Respirei fundo e soltei lentamente. — Você me diz.

— Bem, você admitiu ter sentimentos por mim.

— Eu até aceito que exista algum tipo de relacionamento romântico entre você e eu. Apenas no caso de todas as perguntas quebra-gelo do primeiro encontro não terem revelado.

— Esse é um grande passo, — disse ele, com voz pensativa. — Você foi bastante inflexível em não querer namorar.

— Minha recusa realmente te machucou, hein?

— Sim. Machucou, — disse ele, com toda a seriedade. — Mas acho que você confia em mim agora. Pelo menos um pouco. Apesar do meu gosto por amigos e da misteriosa certidão de divórcio.

Minha boca se abriu e nada saiu. Estranho pra caramba. Nossos problemas me deram motivo de preocupação. Isso era verdade.

Kat apareceu, enrolando-se nos tornozelos de Lars. Quando ele a pegou, ela felizmente caiu desossada sobre seu ombro, estilo bebê. Golpes longos e firmes em suas costas logo a fizeram ronronar alto.

O sorriso de Lars foi irônico. — Está tudo bem, Susie. Você não precisa dizer isso.

— Eu confio em você. — As palavras quase não ficaram presas na minha garganta. — Mas, Lars, o que exatamente você quer de mim aqui? Acho que essa é a pergunta pela qual eu estava trabalhando tão lentamente com todas essas bobagens para quebrar o gelo.

O sorriso desapareceu e sua expressão ficou sombria. — Você está pronta para levar isso a sério e conversar sobre isso?

— Sim.

— Tudo bem, — ele disse com uma voz suave. — Digame o que você está pensando.

— Quero dizer, você ainda quer apenas namorar? — Meus ombros estavam aproximadamente ao redor das minhas orelhas. — Porque você tem seus negócios acontecendo e isso é ótimo. Mas há espaço para mim na sua vida ou nós...? Não sei. Sinto que não me encaixo no seu plano.

O homem colocou o gato no chão com cuidado, olhou-me diretamente nos olhos e disse: — Foda-se o plano.

Uau.

— Você precisa que eu repita isso?

— Ah não. Ouvi você em alto e bom som.

— Bom. Estamos juntos, certo? — ele perguntou. — Parece que estamos juntos. Vou ficar com você por mais alguns dias, pelo menos.

— Certo. — Desviei o olhar. — Ou você poderia ficar mais tempo.

Uma mão gentil em meu queixo direcionou meu olhar de volta para seu rosto. — Você quer que eu fique mais tempo?

— Se você quiser.

— Quanto tempo mais?

— Hum.

Ele não disse nada, mas seus dedos permaneceram imóveis. Quentes e firmes e apenas lá para mim. Como eu queria que ele fosse. Como todos os outros não tinham sido.

— Poderíamos tornar um tipo de coisa contínua para o futuro previsível. Ou não, se isso estiver acontecendo muito rápido. — Meu coração ficaria machucado em preto e azul por causa de todas as batidas que estava causando em minhas costelas. — Eu sei que você nunca morou com uma namorada antes e, pensando bem, não estamos juntos há muito tempo, mas...

— Sim, — ele disse sem hesitação. — Eu quero viver com você.

A maneira como minha mente começou a lutar. Eca. — Certo. OK. Quero dizer, é conveniente ficar comigo. A casa fica logo abaixo...

A emoção em seus olhos era puro trovão. — Não.

— Não?

Os dedos no meu queixo se apertaram levemente. — Você tem razão. Eu sou novo nisso. Os relacionamentos em que estive... normalmente não os deixo chegar tão longe. Mas podemos concordar que se estou morando com

você é porque quero estar com você. Porque estamos juntos. Não porque seja conveniente ou alguma outra desculpa idiota, ok?

— Tudo bem.

— Obrigado.

— De nada.

Um carro estacionou na rua e uma televisão tocou na casa à nossa frente antes de ser silenciada. Caso contrário, a noite estava tranquila. Os subúrbios estavam em repouso.

— Estamos realmente fazendo isso, — eu disse, mais do que um pouco surpresa.

— Sim, estamos.

Balancei a cabeça lentamente. — Receio, mas você vale o risco.

— Você não precisa ter medo.

— Lars, você gosta de coisas em ordem, organizadas e que façam sentido. Nem sempre sou eu.

— Princesa. — Ele se inclinou mais perto. — Você honestamente acredita que eu não sei disso agora?

Seu sorriso lento era de tirar o fôlego e a verdade de suas palavras enviou um calor que se espalhou pelo meu peito. A sensação de retidão. Ele e eu aqui neste momento — era tudo como deveria ser. Uma vontade de ser poética estava na ponta da minha língua. Compará-lo a um dia de verão e talvez até lançar a palavra com A pela primeira vez. Embora tivesse dito isso no hospital, ele estava sob a influência de alguns analgésicos fortes. Então isso não contava. Ele estava chapado como uma pipa. Não havia

muitas pessoas em minha vida que eu amasse. Eu poderia contá-las em uma mão. O que eu sentia por esse homem era muito e isso me deixou tão... esperançosa. Mesmo com a existência da certidão de divórcio. Talvez isso funcionasse. Coisas estranhas aconteceram. Mas seria surpreendente ou assustador se Lars dissesse que me amava? Ambos, era a resposta. Talvez eu pudesse irritá-lo para me amar. Valia a tentativa.

Qualquer que fosse a expressão no meu rosto, isso o fez sorrir. — Nenhum de nós planejava ficar juntos. Eu vou foder tudo de vez em quando e você também. Só temos que continuar tentando, ok?

— OK.

Seu telefone tocou no bolso de trás e ele o puxou e olhou para a tela. — É Aaron. Posso conversar com ele mais tarde.

— Não, — eu disse. — Tudo bem. Atenda. Eu sei que você está preocupado com ele com o rompimento e tudo mais.

Sua testa enrugou. — Tem certeza?

Balancei a cabeça e sorri magnanimamente. Nós estávamos juntos. Tudo era ótimo. Recusei-me a permitir que meu ex fosse um ponto de discórdia entre nós. Então não.

Dezesseis

Lars caminhou ao longo da trilha de caminhada, todo homem primordial solto na natureza. Um viking conquistador. Nada poderia ficar em seu caminho. Embora ele parasse para esfregar as costelas doloridas de vez em quando. Enquanto isso, eu não estava indo tão bem em nossa primeira caminhada de casais. As flores silvestres e a floresta antiga eram lindas. O mesmo acontecia com as pontes que cruzam o riacho. Consegui ótimas fotos e vídeos para as redes sociais. Então começou a caminhada. Acontece que passear pela vizinhança era bem diferente de escalar a encosta de uma montanha. Eu assustei uma série de animais selvagens locais com toda a minha respiração ofegante e gemidos. Era melhor que meu novo namorado tivesse uma queda por mulheres suadas e com rostos vermelhos. Caso contrário, ele estava em sérios apuros.

— Tem certeza de que esta é uma trilha fácil? — Eu perguntei e dei um tapa no meu braço. — O maldito repelente de insetos não está funcionando.

Ele parou e me olhou. Observando meu rabo de cavalo baixo, regata preta de algodão com nervuras nas costas e shorts bordados combinando. E o olhar dele... fale sobre julgamento. — Eu disse que esses sapatos não eram uma boa ideia.

— Minhas botas plataforma de couro preto são ótimas.

— Ninguém usa botas de plataforma para caminhar.

— É uma plataforma muito pequena, Lars. Tipo um centímetro e meio no máximo. Não é como se tivessem salto alto ou algo assim. E são um dos pares de sapatos mais confortáveis que possuo.

— Você não tem um tênis?

— Sim. Mas eles são de camurça e pode ficar enlameados. São mais fáceis de limpar.

Seu olhar era de admiração. Só que não do tipo bom. O que resumiu nosso dia até agora. Desde que voltou de um drinque com seu melhor amigo na noite passada, ele estava de mau humor.

— Fico triste por você não entender meu raciocínio, — eu disse. Ele apertou os lábios com força e não disse nada. Muito disso. — O que?

— Eu acho ótimo que você faça jus ao seu nome, princesa. Além disso, retiro o que disse, — disse ele. — Nossa primeira saída de casal deveria ter sido eu agindo como sua mula de carga, te seguindo pelo shopping. Vejo agora que você teria gostado muito mais disso. Porque sim, esta é a trilha mais fácil que eles têm aqui.

— Se você diz. — Eu funguei. — Você normalmente leva namoradas para caminhar?

— Na verdade não. Mas você parecia interessado na ideia.

— Pensei que por *comunhão com a natureza* você quisesse dizer uma caminhada suave na praia, ou passear

em uma cervejaria ao ar livre ou algo assim. Há uma razão muito válida para eu evitar os ratos de academia no Tinder.

Ele abaixou a cabeça e agarrou sua nuca. — Talvez devêssemos pensar em outras coisas que podemos fazer juntos.

— Embora eu aprecie que você queira compartilhar essa experiência comigo, estou bem se você guardar suas caminhadas para seus amigos Brandon e River. Isso pode fazer parte do seu tempo sem mim.

Ele assentiu.

— Mas me seguir enquanto faço compras não vai nos aproximar nem encher seu coração de alegria. A resposta para o nosso hobby de casais está em outro lugar.

— Sim.

— Talvez devêssemos ter adiado toda essa ideia para outro momento. Você teve uma grande semana. Como você está se sentindo?

Em resposta, ele grunhiu e olhou para a trilha. Homens. Criaturas emocionais tão delicadas.

— Quer conversar sobre por que você estava olhando para a certidão de divórcio esta manhã?

Ele passou a mão agitada pelo cabelo. — Eu não sei, porra.

— OK.

— Susie... merda. — Eu apenas esperei. — Desculpe.

— Você não precisa estar feliz o tempo todo, — eu disse. — Ninguém está. Mas estou aqui se você decidir conversar sobre o que quer que esteja incomodando.

Nada dele.

Hora de falar menos e caminhar mais.

— Espere, — disse ele. Então ele baixou mais a cabeça. Nunca um homem foi tratado tão mal. Finalmente ele disse: — Normalmente este é o ponto de onde eu partiria. Iria buscar algum espaço. Ou simplesmente terminaria tudo porque é muito difícil e bagunça minha cabeça.

Meu coração ficou preso na garganta. — Certo.

— Mas eu não quero fazer isso com você.

— O que você quer fazer?

— Eu contei a Aaron sobre a certidão ontem à noite.

Meus olhos estavam tão arregalados quanto pratos de jantar. — Você contou?

— Ele me perguntou como ficamos juntos e eu não queria mentir.

— Isso é compreensível. Ele é seu amigo mais antigo.

— Ele tinha muitas perguntas. — Lars agarrou sua nuca. — O mesmo tipo de coisas que estivemos pensando.

— Quanto tempo ele levou para sugerir que eu havia armado isso como uma forma de me vingar dele?

— Não foi isso que ele disse. Não exatamente.

— Certo, — eu zombei.

— Susie, ele sabe o que você significa para mim. Ele só está preocupado comigo, só isso.

Cruzei os braços.

— Ele também perguntou todas as mesmas coisas que fizemos no início.

— O que você diz a ele é sua escolha. Mas acho que é melhor deixarmos de discutir sobre seu melhor amigo na maior parte do tempo — eu disse. — Eu acredito em você, Lars. Mas quando se trata dele e de sua honestidade e confiabilidade, teremos que concordar em discordar.

— Que tal a maneira como isso está tornando as coisas estranhas com minha mãe?

— Você contou à sua *mãe* sobre a certidão?

— Não, — ele disse. — Quero dizer... essa briga entre você e Aaron faz com que ela resista em conhecê-la.

— Ela é sua mãe, Lars. O que você quer que eu diga? — Dei de ombros. — Deborah pode me amar ou me odiar. Eu preferiria que nos dêssemos bem, mas no final, isso realmente não importa. Eu não estou aqui por ela. Estou aqui por você. Mas não vou mudar de ideia sobre seu amigo tão cedo.

— Eu sei. Não estou pedindo para você fazer isso. — Ele se aproximou, colocando as mãos em meus quadris. — Odeio que esses problemas venham da minha parte.

— Isso é compreensível. Consertar as coisas é uma espécie de sua missão na vida, — eu disse. — Mas não é como se eu não tivesse problemas de confiança e outras neuroses. Nós dois temos coisas para resolver. Nenhum de nós é perfeito.

Sulcos franziram sua testa. — Eu sei, mas não posso deixar de me preocupar com isso...

Meu sorriso não era particularmente feliz. — Que esse dos seus problemas será o que causará o divórcio?

— Sim.

— Eu também me preocupo com isso. Que sou eu quem nos destrói. Especialmente porque fui eu quem pediu o divórcio. Mas aqui está a questão do seu melhor amigo — eu disse. — Mais cedo ou mais tarde, ele vai se mostrar o idiota total e completo que eu sei que ele é. Ele não é inteligente o suficiente para esconder isso de você para sempre. E ele tem muito direito de pensar que precisa. Então, nesse momento, você será capaz de abraçar o que descobrirá que realmente soube no fundo o tempo todo.

— E o que é isso? — perguntou Lars com uma sugestão de sorriso.

— Que estou sempre certa.

— Venha aqui. — Suas mãos deslizaram ao redor e desceram até minha bunda. E o calor em seu olhar me transformou em mingau.

Passei meus braços em volta de seu pescoço, pressionando todo o meu corpo contra o dele. Estar tão perto dele nunca cansaria. Era celestial.

Seus dedos massagearam minhas nádegas de uma forma exigente. A maneira como ele me pressionou contra a protuberância crescente em suas calças... era bom ser desejada. Eu fiquei um pouco preocupada com a falta de interesse dele depois que ele chegou em casa ontem à noite. Mas foi o beijo gentil que ele deu na minha testa que fez meu coração girar e me oferecer a ele. Não havia mais

muros ou defesas para mantê-lo afastado. Ele era meu dono de corpo e alma. Essa era a verdade.

Ele descansou a bochecha no topo da minha cabeça. — Sinto muito por ser um idiota mal-humorado. De novo.

— Obrigada. É muito bom ouvir isso.

— É?

— Sim. Agradeço por você ter ficado e conversado comigo.

— O que quer que te faça feliz, princesa.

— Acabamos de ter nossa primeira briga oficial de casais? — Perguntei. — Embora possam ter sido palavras mais severas do que uma briga real. Ainda assim. Que marco!

— Deve significar que é hora de sexo artificial. — Ele empurrou sua coxa musculosa entre minhas pernas, incitando-me através da minha bunda a pressionar contra ele. Meu estômago apertou e meus mamilos endureceram. Aquela coxa grossa dele flexionou contra mim, me fazendo apertar. Que homem talentoso. E ele era todo meu. Ele acariciou meu pescoço, passando os dentes e lambendo. — Porra, você é linda. Você não tem ideia do quanto senti falta de estar dentro de você nesta última semana e meia. Viver com você e não poder toca-la tem sido uma tortura.

— É uma pena não termos tido essa briga onde há um colchão à mão.

— Acabou de me ocorrer que sexo é algo que poderíamos fazer juntos e que ambos gostamos.

Eu ri. — O artigo que li sobre ser um casal de sucesso especificava que encontrar interesses comuns era essencial para manter um relacionamento saudável. Embora eu tenha a tendência de pensar que eles já presumiram que estávamos fazendo isso.

— Oh, isso me lembra, — disse ele, vindo para respirar. — Você está bem se eu colocar algumas prateleiras no banheiro?

— O que exatamente sobre transar a seco em uma trilha de caminhada fez você pensar nisso? — Eu perguntei, perplexo. — Eu preciso saber.

Ele apenas sorriu. — Elas serão embutidos para que fiquem limpas e arrumadas e complementem o estilo da casa. Assim, você terá mais espaço para todas as suas coisas, onde poderá vê-las. Eu sei que você gosta de ter tudo em exibição.

— Você quer construir prateleiras para minha maquiagem e cuidados com a pele?

— Sim. Ler os livros me fez pensar. Construir e consertar coisas é minha linguagem de amor. Portanto, sua casa deve ser tão perfeita para você quanto eu puder torná-la.

Apertei os lábios e soltei um suspiro. — Você terá muita sorte quando chegarmos em casa.

— Porque esperar? — Suas mãos deslizaram para baixo, me levantando. Envolvei minhas pernas em volta dele e apertei ainda mais seu pescoço. O que colocou a ponta endurecida de seu pênis exatamente onde eu precisava,

muito obrigada. Então ele saiu da trilha, passou por alguns arbustos e foi para o mato. — Deve haver uma bela árvore aqui em algum lugar.

— Este não é um movimento suave.

— Relaxe, princesa. A médica me liberou para todo tipo de coisa.

— Por favor, não deixe minha bunda cair em nenhuma hera venenosa.

— Tenha um pouco de confiança. — Ele bufou. — Uma garota da cidade.

— Como se você já não soubesse disso.

Com um olhar estreito, ele avaliou o que nos rodeava. — Isso deve estar longe o suficiente da trilha. Estou pensando que o amieiro ali será o melhor. A casca deles não é tão escamosa quanto a das outras.

— Você tem uma torção por árvores? Apenas curiosa. Ele riu.

— Poderíamos voltar para o carro.

Folhas, gravetos e outros detritos naturais variados esmagavam sob suas pesadas botas de caminhada. — Não. Estamos em comunhão com a natureza.

— Lars, vamos mesmo foder na floresta como animais?

— Absolutamente. Chame isso de presente de aniversário atrasado.

Com minhas costas apoiadas em um grande tronco de árvore, ele cobriu minha boca com a dele. Sua língua deslizou em minha boca e isso foi o suficiente. Eu estava

disposta a fazer isso ao ar livre. Poderíamos estar em qualquer lugar, desde que suas mãos permanecessem em mim. A pressão de seus lábios nos meus. O calor e a umidade de seu beijo faminto. Era tudo tão bom. Aparentemente, eu estava bem em brincar na floresta, afinal. Eu simplesmente precisava tanto desse homem. Uma de suas mãos ficou curvada em volta da minha bunda enquanto a outra patinou pelo meu lado, por baixo da minha camisa. Não parando até que ele tivesse a palma da mão curvada sobre meu peito. E o tempo todo, ele ficou mais duro comigo.

Dedos inteligentes brincaram com meu mamilo e eu engasguei. A sensação tomou conta de mim. Dos meus seios ao meu núcleo e vice-versa. Isso seria rápido e difícil se estivesse acontecendo. E isso tinha que acontecer.

— Coloque-me no chão, — eu ordenei.

Ele obedeceu e eu imediatamente comecei a lidar com os botões do meu short. Tentar tirar uma das minhas botas ao mesmo tempo quase me fez tropeçar. Mas Lars me firmou, felizmente. Então ele tirou a carteira do bolso de trás e a camisinha que esperava dentro. Amo um homem que vinha preparado. Com meu short e calcinha pendurados em uma perna, eu estava pronta. Era apenas uma questão de esperar que Lars abaixasse as calças e a cueca boxer e fosse embainhado. Seu pau era longo, duro e pronto. Mãos fortes me levantaram de volta em seus braços, posicionando-se contra mim e empurrando com

força. Forçando o ar dos meus pulmões e me enchendo até a perfeição.

Tudo aconteceu em menos de um minuto. Teríamos uma boa pontuação se algum dia se tornasse um esporte olímpico. Começar rapidamente a fornicar pelo nosso grande país. Força equipe.

O som de seu gemido contra meu ouvido enquanto ele afundava era divino. — Porra. Susie.

— Hum.

De costas para a árvore mais uma vez, ele mexeu os quadris, bombeando para dentro e para fora de mim. A sensação de seu pau pesado saindo de mim antes de voltar para dentro. Como isso iluminou minhas terminações nervosas e fez tudo em mim ficar tensa e formigar. O atrito era divino. Não sabia mais como descrever isso. Estar cercada pelo cheiro dele, mantida firme em seu corpo musculoso. Como se nada pudesse me prejudicar. Só coisas boas aconteceram aqui entre nós. E eu queria ficar aqui para sempre.

Mas permanecia o fato de que estávamos em público. Mesmo que estivéssemos escondidos da trilha. Ele me fodeu rápido e furioso. Enfiando o comprimento grosso de seu pau dentro de mim uma e outra vez. Esfregando sua pélvis contra o topo do meu sexo, estimulando meu clitóris. Meu sangue bombeava mais forte e mais quente e eu aguentei firme. Da cabeça aos pés, eu estava elétrica. Cega pela luz quando gozei com um suspiro. Quem precisava ver a aurora boreal? Lars me iluminava apenas

com sua doce personalidade. Todo o meu corpo estava enrolado em torno dele, os músculos internos apertados em torno de seu pênis. Mordi onde seu pescoço encontrava seu ombro para não fazer mais barulho. Mas a maneira como ele rugiu enquanto todo o seu corpo tremia e ele bombeava sua semente bem dentro de mim, qualquer um num raio de oitenta quilômetros deveria ter ouvido. Os ursos teriam corrido para se proteger, ele gemia tão alto. Nossa.

Quando tudo ficou quieto, eu disse: — Acho que você adora atividades ao ar livre.

Nada de Lars.

— Ai. Dê um tapa na minha bunda. Rápido.

— O que está errado? — ele perguntou.

— Um inseto acabou de me morder na bunda.

Ele me colocou no chão e arrumamos nossas roupas. A camisinha foi tratada e, quando estávamos decentes, caminhamos de mãos dadas de volta à trilha. Chegando bem a tempo de ver uma família de três pessoas passando. Os olhares que os pais nos deram... eles definitivamente ouviram. Ops. Seu filho pequeno, porém, sorriu, acenou e subiu a trilha íngreme que quase me quebrou o ânimo.

— Exibido, — eu resmunguei.

Lars arrancou uma folha do meu cabelo e a deixou cair no chão. — É engraçado você dizer isso.

— O que? Sobre o garoto?

— Não. Sobre eu amar a vida ao ar livre. — Ele gentilmente segurou minha bochecha, se inclinou e me

beijou nos lábios. Então ele sorriu. — Porque eu estava pensando que te amo.

— Você me ama?

— Sim, — ele disse, e voltou pela trilha em direção ao estacionamento. — Você vem?

Por um momento, tudo que pude fazer foi olhar. Quanto a respirar e pensar, perdi completamente essas habilidades. O choque me manteve imóvel. Parecia que o mundo inteiro havia parado. Lars me amava. E sem absolutamente nenhuma cutucada, ele foi direto e disse isso. Ele nem perguntou se eu sentia o mesmo. Ele simplesmente entregou seu coração para mim.

— Susie?

— Hum. Sim. Estou indo.

— Acho que é a segunda vez que te deixo atordoada demais para falar.

— Você está contando? — Perguntei.

— Com certeza, estou.

E nenhuma outra palavra foi dita até chegarmos em casa. Mas os olhares que ele me deu, os sorrisos... foram muitos.

-

Dezessete

Dizer que não confiava no amor seria um eufemismo. Mas eu confiava em Lars. Ou eu estava aprendendo ativamente como confiar nele. Se ele fosse usar a palavra com A, no entanto, ele precisava saber exatamente no que estava se metendo comigo. E até agora, eu estava me comportando da melhor maneira possível. Como quando você recebia um convidado. Você não usava toda a água quente e saía correndo do chuveiro para o quarto com roupas íntimas velhas e feias. Você fazia o seu melhor para ser hospitaleira. Mas se este fosse seu lar comigo para sempre, definitivamente haveria momentos em que eu não teria tempo, energia ou inclinação para brincar de ser perfeita. Lars precisava saber a verdade.

Quando voltamos para casa depois de nossa caminhada fracassada, ele se retirou para tirar uma soneca à tarde. Mais uma prova de que ele ainda estava se recuperando do acidente. Este era o momento perfeito para me preparar para a demonstração. Na verdade, não demorou muito para desencadear o caos. Aaron costumava dar dicas úteis se achasse que minha aparência não estava à altura. Doeu vindo dele. Mas se Lars alguma vez fizesse algo semelhante, me prejudicasse daquela forma, isso me devastaria. Então era melhor resolvermos isso agora.

— Ei, — ele murmurou bocejando ao se levantar.

Era isso, a grande revelação. Virei-me lentamente, deixando-o absorver tudo. O coque torto e bagunçado em que meu cabelo emaranhado estava preso, a máscara purificadora de pele verde-alga que coloquei no rosto, a camiseta esticada e desbotada dos Arctic Monkeys e os buracos no jeans que provavelmente era de um tamanho muito pequeno.

E a reação dele foi... nada. O homem apenas coçou a barba curta e perguntou: — Você quer fazer alguma coisa esta noite?

— Achei que deveríamos conversar um pouco depois de sua surpreendente declaração anterior.

— Isso foi uma surpresa?

— Sim.

— Mas eu te disse isso no hospital.

— Quando você estava chapado.

— Hum. — Ele assentiu. — Alto o suficiente para deixar a verdade escapar.

— Sente-se, Lars.

— OK. — Ele se sentou em uma poltrona. — Estou ouvindo.

— Ocorreu-me que você não me viu no meu pior momento. — Coloquei minhas mãos nos quadris. — Eu lidei com você na semana seguinte ao acidente, quando você estava... como devemos chamar isso... sendo particularmente especial?

Ele bufou. — Eu já me desculpei por isso.

— Eu sei. Seguindo em frente, — eu disse. — A questão é que tenho mantido uma certa imagem perto de você. Sempre com o cabelo e a maquiagem perfeitos e os looks fofos.

Com isso, ele franziu a testa.

— Enquanto isso... — eu mesma passei a mão para cima e para baixo — provavelmente é mais eu. Tem certeza de que deseja viver e amar isso?

Ele apoiou o tornozelo no joelho oposto. — Você quer dizer o cabelo bagunçado e a máscara facial?

— Sim. E a camisa velha e feia.

— Não se atreva a chamar essa camiseta de feia. Além de ser uma ótima banda, essa camisa já foi lavada tantas vezes e é tão fina que consigo ver o formato dos seus seios através dela. Essa é uma camisa incrível e você definitivamente deveria usá-la perto de mim com mais frequência.

Eu fiz uma careta. O que não era fácil porque a máscara estava firme e apertada. — Você não está me levando a sério.

— Não?

— Posso ser bagunceira, mal-intencionada e difícil, — eu disse. — Tem certeza de que deseja lidar com tudo isso diariamente? Isso é realmente algo que você pode amar?

— Você, bagunceira e mal-intencionada? Eu não fazia ideia. Onde você tem escondido esses comportamentos?

— Você está sendo sarcástico?

Ele apertou os lábios e seus olhos se encheram de lágrimas. Espere. Não eram lágrimas. O filho da puta estava rindo de mim. E ele nem se preocupou em esconder isso. Isso era ultrajante.

— Estou tentando ser honesta com você, — eu disse. — Não quero que você tenha expectativas irracionais que eu não possa cumprir a longo prazo.

— Susie, você merece ser amada. Você sabe disso, não é?

Levei um momento para responder. Para torcer o nariz e sorrir e dizer:

— Claro. Não é sobre isso.

— Então do que se trata?

— Eu preferiria que se você fosse mudar de ideia sobre estar apaixonado por mim, porque descobre algo que quebra o acordo, que tirássemos isso do caminho mais cedo ou mais tarde.

— Isso não vai acontecer, — disse ele em tom sério.

— Mas você não tem certeza disso! Não tem como saber!

Ele suspirou. — Isto é sobre a certidão de divórcio.

— Entre outras coisas, — admiti.

— Ok, princesa. Vá em frente. Diga-me o quão horrível você é. Convença-me a não te amar.

— Bem...

— Estou esperando, — disse ele.

— Isso deveria ser mais uma apresentação visual.

— Suas pernas parecem incrivelmente longas nesses shorts justos, — disse ele, com a cabeça inclinada para o lado para apreciar a vista.

— Eles me deixam com um pneuzinho. Você quer ver?
Ele apenas encolheu os ombros.

— Ah. Eu sei, às vezes posso ser ciumenta. Esse é um hábito muito chato.

— Sim. Você ficou chateada com Jane. Fiquei chateado com Austin. Acho que nós dois preciso resolver isso, hein? — Ele bocejou novamente e estalou o pescoço. O homem não estava levando isso a sério. — Mas se nós dois concordarmos em não namorar outras pessoas, isso provavelmente resolveria esse problema.

— Verdade.

— Próximo?

— Não sei. — Meus ombros caíram. — Certa vez, trabalhei com alguém que pronunciava erroneamente *chique* como *garota* ¹ e eu não gostava muito dela que nunca a corrigi.

Ele assentiu. — Isso é mesquinho. Eu vou te dar isso. O que mais você tem?

— Vejo agora que deveria ter reservado um tempo para escrever um discurso.

— A preparação é importante. — Ele sorriu. — Sinto que é justo dizer que estou gostando bastante das lindas covinhas acima dos seus joelhos. Se você está tentando me desligar, está falhando miseravelmente.

— Meu cabelo ruim e minha atitude teriam assustado a maioria dos meus ex-namorados.

— Idiotas.

— Sim.

— Eu sabia que dizer que te amava teria uma reação. Mas tenho que admitir que não esperava isso. — disse ele. — Você sabe quando entrei em pânico e te beijei daquela vez?

Eu balancei a cabeça.

— Você acha que talvez seja você em pânico?

— Talvez.

— Princesa, agora que voltei ao trabalho, levanto mais cedo que você. Eu te dou seu primeiro café do dia. Vejo você todas as manhãs antes de ter a chance de fazer toda a maquiagem e tudo mais. Considero uma honra ser o homem que consegue vê-la meio adormecida, com o cabelo no rosto e baba seca no queixo.

— Eu não babo enquanto durmo.— eu disse, indignada. —O resto, porém, é válido.

— Se você acha que dou a mínima para você querer vestir algo velho e confortável, então está redondamente enganada. E não é como se você tivesse feito alguma tentativa real de suavizar as coisas que diz ao meu redor. — Ele apontou o dedo em minha direção. — Venha aqui.

Subi em seu colo e ele passou os braços em volta de mim, me segurando contra seu peito.

— Você vai ficar sujo com a máscara de algas, — eu disse.

— Eu não me importo, — ele murmurou. — Eu sei quem você é e não vou mudar de ideia. Eu não sou um idiota descuidado que vai mexer com o seu coração.

— Eu sei que você não é, mas...

Ele deu um beijo no meu cabelo bagunçado. — Mas?

— Provavelmente seriam minhas neuroses aparecendo.

— Sim, — ele concordou.

— Quer jantar grego? Você poderia pedir o prato giroscópio e eu pedirei a moussaka e depois trocamos.

Ele sorriu. — Parece bom.

Meu celular vibrou na mesa de centro. *Mamãe* apareceu na tela. — Eu provavelmente deveria atender. Eu estava esperando essa ligação.

Em vez de responder, ele começou a esfregar minhas costas. Uma reação adequada a qualquer contato com minha família. O homem estava aprendendo.

Peguei o telefone e atendi. — Oi mãe. Como vai você?

— Susie. Estou bem. Como você está querida?

— Estou bem.

— Ótimo, — ela disse. — Ouça. Seu irmão me ligou tendo um colapso. Você sabe do que se trata?

Essa era uma tática consagrada da minha mãe. Fingir não ter conhecimento de qualquer possível discórdia entre Andrew e eu, na esperança de ficar fora disso. Não que tenha funcionado. Caso em questão.

— Era uma questão de dinheiro, — eu disse. — Ele pediu para você me ligar?

— Oh, bom Deus. Ele continuou e continuou. — Observei sua evasão enquanto minha pergunta permanecia sem resposta. Ela suspirou pesadamente. — Não sei o que dizer a ele. Você tem alguma ideia?

— Não.

— Talvez você pudesse ligar para ele.

— Eu não vou fazer isso.

— Por que não? — ela perguntou. — Ele é seu irmão.

— Porque ele veio sem ser convidado, ficou na minha varanda e gritou comigo. Esse não é um comportamento que vou encorajar. E não devo dinheiro a ele. Você pode dizer isso a ele, se quiser.

Silêncio.

— Só por curiosidade, mãe, você deu dinheiro a ele para seu novo negócio?

Mamãe pigarreou, preparando-se para evitar mais. — Andrew disse que você tinha um homem desagradável com você? Que ele o ameaçou?

— Esse canalha seria meu novo parceiro, Lars, — eu disse. — Ele acabou de vir morar comigo e estamos muito felizes juntos. Queria ligar e contar sobre ele. Seria ótimo se vocês pudessem se encontrar algum dia.

— Você está saindo com alguém? Que legal! — Mamãe ficou entusiasmada. — Quando você vai trazê-lo para uma visita?

— Nós dois estamos muito ocupados agora. Mas definitivamente teremos que organizar isso em breve.

— Maravilhoso. Conte-me tudo sobre ele. — Mamãe, tendo evitado totalmente a bobagem com Andrew, interrogou-me alegremente sobre Lars durante os dez minutos seguintes. Ela adorava boas fofocas. Acho que isso fazia com que nós duas nos sentíssemos próximas.

Quando finalmente desligamos, Lars me deu um sorriso.

— Seu irmão tem estado ocupado, hein?

— Como é aquele ditado “a roda guinchando até pegar a graxa”?

Ele grunhiu. — Você parou de tentar me convencer a não te amar?

— Acho que sim. Você não pareceu ser especialmente receptivo a minha manifestação.

— Você tem que admitir, — disse ele, — sua demonstração foi meio ridícula.

— Com mais tempo para me preparar, eu poderia...

— Apenas tente confiar em mim?

— Certo. Isso é exatamente o que eu ia dizer. — Deitei minha cabeça em seu ombro. — Você sabia que é minha pessoa favorita no mundo inteiro?

— Eu sei agora. — Ele pressionou sua bochecha contra o topo da minha cabeça. — Você vai tirar essa coisa verde do rosto algum dia?

Eu sorri. — Eventualmente.

O quadragésimo aniversário de casamento de Deborah e Henning foi realizado no fim de semana seguinte em um bar e restaurante de jazz perto de sua casa. Era um espaço novo, com piso xadrez e muito ferro forjado. Uma banda de quatro integrantes estava no palco no canto tocando clássicos.

— Esta pronta? — perguntou Lars.

Balancei a cabeça e passei a ele meu prato meio cheio de enchiladas de frango com feijão preto e salada picada. Ele me passou seu bagre grelhado com tempero cajun pela metade, arroz e verduras.

— Eles fazem isso, — explicou Tore à irmã. — Estranhos.

Ella apenas assentiu. — Faz mais sentido do que eu roubar a comida do meu marido toda vez que ele pede algo que eu quero experimentar.

— Certo? — Perguntei. — Dessa forma, nós dois podemos experimentar duas coisas.

Ella era alta e loira como Lars. Ela era radiologista em San Diego, onde morava com o marido e dois filhos pequenos. Como Henning e Deborah os visitaram há algumas semanas, Emilio e as crianças ficaram em casa nesta viagem. O que era bastante justo. Também não acho que gostaria de correr atrás de duas crianças em uma festa.

Cleo estava no bar conversando com Deborah. Porque é claro que elas se deram como uma casa em chamas. Eu era a única manchada pelo ex e pela mãe dele. Mas era

ótimo que Deborah tenha visto como minha melhor amiga era maravilhosa. Que sorte Tore teve em pegar Cleo.

— Tudo certo? — perguntou Lars depois de tomar um gole de sua Corona.

— Sim. Tudo certo. — E não era totalmente mentira. Meu vestido preto de crepe e rodado com decote profundo era fogo. Complementava minhas sandálias de salto Prada com perfeição. Com meu cabelo preso e meu novo batom nude, eu parecia uma delícia. Simplesmente não estava em mim me sentir infeliz vestindo uma roupa linda, comendo boa comida e ouvindo música ao vivo. Eu conheci alguns novos familiares do meu parceiro e tudo tinha sido perfeitamente agradável. Majoritariamente.

Tore e Lars trocaram olhares preocupados. — O que está acontecendo? — perguntou Ella.

— Os vizinhos estão causando problemas para Susie, — relatou Tore, que possivelmente falava mais sobre qualquer pessoa que já conheci.

— Eu me perguntei por que ele estava sentado com a mãe em vez de aqui conosco. — Ella tomou um gole de sua margarita. — Não que eu me importe com a distância.

Lars franziu a testa. — Não sabia que você tinha algo contra ele.

— Claro que não. Você pode ter uma visão de túnel, às vezes. — Ela sorriu. — Sua gentileza sempre pareceu falsa para mim, sabe?

— Toda a família é assim, — disse Tore. — Eu já te contei sobre quando ouvi a mãe dele falando mal da nossa

mãe?

As sobrancelhas de Lars se ergueram. — O que?

— Sim. — Tore assentiu. — E elas deveriam ser melhores amigas. Foi uma merda de garota malvada e mesquinha sobre nosso novo sofá vindo de uma loja barata. Ela estava vagando pelo quintal e falando ao telefone a plenos pulmões. Não foi o movimento mais brilhante.

— Você nunca contou para a mamãe? — perguntou Lars.

— Não. — Tore balançou a cabeça. — Isso só a teria machucado.

— Além disso, você contava muitas histórias naquela época, — disse Ella.

— Isso é verdade. Eu tinha uma imaginação fértil. Mas eu com certeza não imaginei isso.

— Eu acredito em você. A maneira como ela nos desprezava quando brincávamos na casa dela, — disse Ella. — Como se fôssemos roubar a prata da família. Mas ela sempre foi gentil na frente da mamãe. Por que não me surpreende que aquela mulher tenha criado uma criança tão mimada?

Tore riu.

— Eu sabia que vocês dois não eram os maiores fãs dele, mas não sabia que se sentiam assim, — disse Lars consternado.

Tore encolheu os ombros. — Você não queria saber.

— A lealdade pode ser um problema para você, irmão mais velho, — disse Ella.

Quanto a mim, não disse muito nada. E sentei de costas para o ex e sua mãe. Para melhor aproveitar minha noite. Um garçom veio tirar a mesa e eu passei meu prato para ele. A conversa estava me desligando da comida, embora eu me recuperasse a tempo de experimentar o pudim de coco. Eu era uma estoica assim.

— Vamos conversar sobre outra coisa. — Ella suspirou. — Susie, você sabia que quando éramos crianças e era minha vez de escolher a brincadeira, eu sempre escolhia brincar de casamento real. Eu tinha visto um na TV em algum documentário sobre a Inglaterra e fiquei obcecada.

Lars gemeu.

— E Lars sempre era o noivo. Não era, irmão?

— Isso não seria ilegal? — Perguntei. — Não só que você era menor de idade, mas também em termos de relações familiares?

— Ah, não, — disse Ella. — Kat, do outro lado da rua, fazia o papel da noiva feliz.

— Kat?

— Você já ouviu falar dela? — Ella riu, encantada. — Ela era divertida. Eu me pergunto o que ela está fazendo atualmente.

— Não acredito que você deu a minha gata o nome de uma garota com quem trocou votos. Repetidamente.

— Lancei a Lars um olhar de desagrado. — A traição, Lars. Isso dói. —

Lars apenas suspirou.

— Ela o beijou uma vez também, — disse Ella.

— E então imediatamente fugiu e se escondeu em sua casa na árvore. Embora eu suspeite que os votos que eles trocaram não eram juridicamente vinculativos, — acrescentou Tore. — Visto que eu fazia o papel de padre e tinha uns seis anos e não era ordenado na época.

— Você é ordenado agora? — perguntou Ella.

— Não. — Tore esfregou o queixo. — Mas estou pensando em arranjar um hobby. Por que não escolher a igreja?

— Cleo, seu namorado está pensando em se tornar padre, — relatou Ella.

— É isso mesmo? — Cleo sentou-se ao lado de seu parceiro não tão santo com um copo de água gelada na mão. — Eu nem sei o que dizer sobre isso.

— Vai ser ótimo. — Tore sorriu. — Fique tranquila, estarei disponível para ouvir seus pecados a qualquer momento.

Cléo apenas sorriu.

— Qual o papel que você desempenhava no casamento, Ella? — Perguntei.

— Florista, — ela respondeu. — Nós invadíamos os jardins dos vizinhos em busca de buquês. Isso nos tornou bastante impopulares.

O sorriso de Tore tornou-se melancólico. — Esqueci o quanto Lars adorava ser o noivo. Ele ficava na frente da caixa de correio tão orgulhoso quanto possível.

— A caixa de correio era nosso altar substituto, — forneceu Ella. — Sua Tartaruga Ninja também se casou com minha Barbie em diversas ocasiões.

— Que curioso que casar fosse seu sonho de infância. — Segurei sua mão.

Ele se inclinou para um beijo. — Isso é um pouco exagerado.

— Hum. Volto em um minuto, — eu disse, me levantando e indo para o banheiro.

Deborah e Henning foram para a pista de dança com muitos aplausos enquanto o quarteto de jazz começava a tocar “Mad about the Boy”. Uma música que estava em um dos álbuns que encontrei de Ernestine Anderson. Havia algo na música ao vivo e nas luzes de festa que tornava tudo adorável, a atmosfera que eles criavam. As fotos do casamento foram colocadas em uma mesa lateral. Deborah usava um grande vestido de noiva branco estilo anos 80. Cabelo alto com muita renda e mangas bufantes. Seu buquê era de cravos rosa cercados por um círculo de pequenas flores brancas com hálito de bebê. Henning parecia elegante em seu terno, apesar das ombreiras excessivamente grandes. Os sorrisos de ambos eram tão largos quanto poderiam ser.

Eu nunca tinha visto as fotos do casamento dos meus pais. Mamãe fez uma fogueira com elas muito antes que eu

pudesse pensar em perguntar. Era difícil imaginar evidências documentadas de mamãe e papai lado a lado e parecendo realmente felizes.

Quarenta anos era muito tempo. Mais tempo do que eu estava viva. E lá estavam Henning e Deborah na pista de dança, sorrindo e olhando nos olhos um do outro. Claro que Lars queria isso. As fotos e as festas e os presentes e os aniversários ano após ano. A família feliz que formaram juntos. E se houve momentos em que as coisas não foram exatamente tranquilas, essa era a vida. Mas eles ficaram juntos. Eles se amavam o suficiente para fazer isso e seus filhos testemunharam tudo.

Quando saí do banheiro, Aaron estava me esperando. Encostado na parede com os braços cruzados. Quando tentei passar por ele, ele entrou no meu caminho. — Ei, Susie. Acho que é hora de conversarmos.

-

Dezoito

— Você venceu, — disse Aaron, verificando meu decote com um olhar malicioso. E pensar que uma vez considerei esse comportamento um elogio. Nunca mais. Não dele. — Não pensei que você iria tão longe, mas devo dizer que é impressionante.

Eu dei a ele um olhar carregado de vai te foder.

Quando continuei segurando a língua, ele disse: — Você não vai dizer alguma coisa?

— Bem. — Escolhi minhas palavras com cuidado. — No começo eu não falei porque não tinha ideia do que você estava falando. Mas então percebi que também não me importo com o que você está falando. Nada do que você tem a dizer me interessa. Apenas saia do meu caminho. Agora.

— Susie, — disse ele com uma risada áspera. — Já basta. Estou lhe dizendo, você ganhou.

— O que eu ganhei exatamente?

— Eu.

— Você? — Eu perguntei, incrédula. — Eu não quero você.

Ele jogou o cabelo para trás com um sorriso malicioso. — Claro que você quer. É por isso que anda brincando com Lars. Colocou a certidão de divórcio na parede e tudo mais. Isso realmente poderia ter saído pela culatra. Mas parabéns para você por usá-la para atraí-lo.

— Eu o quê?

— Você está perseguindo meu melhor amigo para me deixar com ciúmes, — disse ele, como se fosse óbvio. Como eu alguma vez pensei que esse filho da puta idiota era uma escolha sensata para um companheiro de vida? Ele era o pior. — Funcionou. Acho que deveríamos voltar a ficar juntos. Quero dizer, não quero que Lars se machuque, então isso precisa parar. A maneira como ele está em cima de você é ridícula. Mas não é como se não costumássemos nos divertir. O que estou dizendo é que estou disposto a lhe dar outra chance.

— Uau. — Meus olhos estavam bem abertos. — Isso é incrivelmente generoso da sua parte. Devo ter nascido sob uma estrela da sorte.

Tanto sorriso. Era uma maravilha que seus lábios não caíssem devido ao uso excessivo. — Você realmente acredita em toda essa merda que acabou de falar, não é?

Ele franziu a testa. — É a verdade.

— Você honestamente acredita que eu faria isso com Lars? Mentir e manipulá-lo? Trata-lo como se seus sentimentos não significassem nada? — Eu disse. — Mas você também acredita que tenho tão pouco respeito próprio que realmente daria outra chance ao seu traseiro narcisista, imaturo, superficial, inútil e tedioso?

Seu rosto se contorceu em um sorriso de escárnio. — Pelo amor de Deus. Até quando você vai negar? Vamos. Você não pode esperar seriamente que eu

acredite em uma certidão de divórcio enviada do futuro. Só você inventaria algo tão selvagem.

— Eu não me importo com o que você acredita.

— Olha, Susie, eu te perdoo, ok?

— Você é... eu não... Não. Apenas não.

— Não seja estúpida, — Aaron disse, e agarrou meu rosto para me beijar.

Levei apenas um segundo para reagir. Mas isso foi tempo suficiente para que seus lábios molhados entrassem em contato com os meus. Eu definitivamente teria que lavar a boca com sabão quando tudo isso acabasse. Tomar banho com água sanitária não estava fora de questão. Tentei afastá-lo, mas ele não se mexeu. Em vez disso, seu domínio sobre mim aumentou ao ponto de ser doloroso, e sua língua tentou entrar em minha boca. O que revirou meu estômago em um nível totalmente novo. Tanto a violência quanto o sentimento de posse me deixaram enjoada. A bile subiu no fundo da minha garganta. Era hora de agir. Graças a Deus eu não estava usando um vestido com saia justa. Com minhas mãos segurando seus ombros com força, dei uma joelhada na virilha dele. O homem desabou. Não havia outra palavra para isso. Um gemido mutilado escapou dele quando ele caiu no chão.

— Nunca toque em uma mulher sem a permissão dela.

Aaron se encolheu como uma bola, para melhor se proteger. Como se eu fosse chutá-lo quando ele estivesse caído. Eu já tinha feito o meu ponto.

— Seu idiota total.

Ele apenas ficou lá. Mas eu estava em movimento. Voltando para festa e para a nossa mesa. Não seria eu quem faria cena na festa de Deborah e Henning. Não haveria como atribuir essa bagunça a mim. Não dessa vez.

— Susie? — perguntou Cléo. — Você está bem?

— Sim, eu, hum...

Quando Lars viu meu rosto, seu sorriso desapareceu. — O que está errado?

— Nada. De verdade eu estou bem. — Meu sorriso era todo dentes e minhas mãos tremiam. Muita adrenalina. — Mas eu vou. Você fica. Eu vou te ver em casa.

— Espere. O que...

— Seria melhor se falássemos sobre isso mais tarde. Por favor, confie em mim.

Lars se levantou. — Espere. O que aconteceu?

— Aquela vadia me atacou, — anunciou uma voz alta, familiar e muito odiada do outro lado da sala. Toda a conversa cessou quando a banda parou de tocar. O espaço entre nós se dissipou e lá estava Aaron. O homem não tão inocente embalando seu pobre pau dolorido com as mãos. E, ah, o veneno em seus olhos. Não só o rejeitei, mas também o rebaixei. Eu.

Seu ego não conseguia compreender a situação.

Enquanto isso, sua mãe, Vivian, começou a emitir sons agudos de raiva e angústia que realmente deveriam ter quebrado vidros. Quebrar todas as taças de vinho e janelas da sala. Acho que ela levou a sério a santidade das joias da

família. Embora eu tivesse certeza de que o mundo poderia viver sem mais desta família em particular.

Deborah e Henning olharam horrorizados entre mim e Aaron. Fale sobre destruir a festa deles.

— É verdade, — eu disse a Lars, mantendo a voz baixa e pressionando os punhos contra a barriga. Meu ânimo afundou no chão. — Ele disse que eu só estava com você para deixá-lo com ciúmes. Então tentou me beijar. Então eu alimentei suas bolas com meu joelho. Fim.

A testa de Lars se encheu de rugas. Todos os sulcos em toda a terra. Ele estava confuso.

— Qualquer merda que esteja dizendo para você, cara, ela está mentindo. — Aaron abriu caminho no meio da multidão, vindo em nossa direção. E os pais de Lars o seguiram.

A maneira como Aaron andava era... estranha. Ele estava definitivamente com dor. Por mais que ele merecesse, eu não queria ser responsável por uma cena feia. Embora eu duvidasse que houvesse alguma maneira de evitar isso agora.

Porra. — Desculpe...

— Ela simplesmente me atacou do nada, — continuou Aaron. Ele era a imagem da desordem, com o terno amarrotado, o rosto vermelho e o cabelo bagunçado. Eu nunca o tinha visto tão desleixado. Ou com tanta raiva.

As adagas que Vivian estava olhando para mim eram afiadas como navalhas. Ai.

Lars começou a arregaçar as mangas. Em outra época e lugar, eu teria gostado da vista. A revelação de seus antebraços musculosos e a maneira como o algodão branco de sua camisa emoldurava a protuberância de seus bíceps. Devido à minha vida implodir, no entanto, não tive tempo para ficar boquiaberta.

— *Eu* te ataquei do nada? — Eu perguntei com muito desprezo. — Eu? Fora do banheiro feminino agora há pouco? Você tem certeza sobre esses fatos?

— O que diabos aconteceu? — perguntou Deborah. — O que você fez?

Embora seu olhar abrangesse nós dois, Aaron congelou. Para ser justa, ele nunca foi ótimo em situações de alto estresse. E depois de tomar alguns drinques, ele piorava. Foi assim que terminamos em primeiro lugar. Ele não conseguiu manter a boca fechada sobre como era um idiota e como planejava me trair quando chegasse a Londres. Mas voltando ao aqui e agora. Apontando o dedo em minha direção, Aaron disse: — Susie veio até mim e é claro que eu recusei. Disse a ela que contaria a Lars o que ela estava fazendo. Foi quando ela perdeu o controle e me atacou.

Alguém engasgou. Outra pessoa riu. Eu não sei quem. Todos e cada um dos setenta convidados estavam assistindo. Este desastre tomou toda a atenção deles. Até a banda estava atenta a cada palavra nossa. Que desastre isso estava se tornando. Aqui eu estava conhecendo a

família extensa de Lars pela primeira vez e proporcionando-lhes um show.

Cléo bufou. — Que besteira completa e absoluta. — Eu dei a ela um pequeno sorriso agradecido.

Henning passou um braço em volta da cintura da esposa.

— Oh sério? Isto não me surpreende nada. É apenas mais do mesmo. Ela sempre se comportou assim, — disse Vivian com um brilho maligno nos olhos. — Eu te disse. Eu disse que você poderia fazer melhor do que uma brincadeira gananciosa...

— Isso é o suficiente, — disse Tore. E o homem não estava feliz.

Gostaria de saber o que fiz com a mulher para ganhar tal inimizade. Apenas ousei namorar seu precioso filho, eu acho. Mas ela não importava. Nem o idiota do filho. A única pessoa que importava era Lars.

— Você estava dizendo alguma coisa? — Lars deu um passo mais perto, seu olhar questionador. — Você disse que sentia muito. Por que você sente muito, Susie?

Oh não. Isso não parecia bom. De jeito nenhum.

Olhares acusadores se fixaram em mim por todos os lados e o medo tomou conta. A expressão intensa em seu rosto. Era isso, o momento da verdade. Lars não acreditava em mim e certamente não me amaria mais. Não depois disso. Ele iria acreditar na palavra de seu amigo mais antigo. Minha sorte com os homens sempre foi uma merda. Por que isso deveria ser diferente?

Eu não choraria ou gritaria ou qualquer uma dessas bobagens. Não. Eu levaria a cabo o confuso rompimento público do meu relacionamento com a máxima dignidade, mesmo que o rompimento fosse muito pior do que qualquer outro que tenha acontecido antes. Eu sabia disso sem dúvida. Porque o homem parado na minha frente... ele era meu coração. Não tenho ideia de quando isso aconteceu. Mas não havia como negar. Seu rosto amado e mãos fortes e a maneira como, mesmo agora, ele ouvia. Ele me deu toda a atenção. Uma coisa pequena, mas importante.

Engoli em seco. — Eu... hum.

— Ei, — ele disse, deslizando a mão pela minha nuca. Dando-me um aperto reconfortante antes de soltar novamente. — Respire fundo e me diga, Susie. Por que você sente muito?

— Por estragar a festa dos seus pais.

Ele assentiu.

— Eu não queria que isso acontecesse. Eu sinto muito.

— Você disse que ele te agarrou e tentou beijá-la, — disse Lars, com voz alta o suficiente para ser clara para todos. — Isso está certo?

— Sim.—

Aaron balbuciou enquanto sua mãe fazia barulhos indignados.

— Com licença, — disse Deborah, levantando a voz. — Você teve sua chance. Agora é a vez da Susie falar.

Henning deu-lhes um aceno severo de advertência.

— Eu queria que ele saísse de cima de mim e ele não me soltava, então dei uma joelhada nas bolas dele, — eu disse.

Lars assentiu. — Isso é tudo?

— Sim. Basicamente. Ele falou todo tipo de besteira sobre eu estar com você para deixá-lo com ciúmes, mas esses eram os pontos principais — eu disse. — Se eu soubesse que iria atrapalhar a festa e envergonhá-lo desse jeito... bem, na verdade não sei se teria feito algo diferente. Dada a situação e tudo. Mas lamento que tenha acontecido, Lars.

Seu olhar sério me pegou. Ele tinha os olhos azuis mais lindos que eu já vi. — Eu sei que você lamenta, — disse ele. — Mas não é culpa sua. Você não começou nada disso, não é?

— Não, — concordei.

— Não, — repetiu Lars. — É claro que você não fez isso. Não mais do que você me enganaria ou qualquer outra merda.

E, oh meu Deus, o alívio. Ele acreditava em mim. Ele estava do meu lado. Meu sorriso estava trêmulo como o inferno, mas ele retribuiu sem hesitação. Éramos eu e ele contra o mundo. Sem reservas, isso era algo em que eu podia confiar.

Então Aaron agarrou meu braço agressivamente, gritando: — Sua pequena mentirosa...

Estrondo. Isso foi tudo que ele conseguiu. O punho de Lars disparou e acertou o rosto de Aaron. Aaron se

recuperou com um gemido enquanto o sangue jorrava de seu nariz. Sua mãe entrou em apoplexia. Foi nessa ordem que tudo aconteceu. E a festa praticamente terminou aí.

Enquanto Aaron segurava gelo enrolado em um pano de prato contra o rosto, Vivian continuava falando. E assim por diante. E em mais alguns. Se ao menos as pessoas tivessem botões de mudo. Isso seria muito útil. Quando ela se virou em minha direção, eu apenas revirei os olhos. Isso apenas a encorajou a me condenar ainda mais, mas não pude evitar. Deborah pediu-lhes que esperassem até que ela se despedisse dos convidados. Prometeu que então resolveriam as coisas. Qualquer que seja.

É melhor o Papai Noel me trazer mais algumas fodas neste Natal. Porque eu estava oficialmente fora disso. Este deve ter sido o ano mais longo da criação. Pelo menos com Lars ao meu lado, acabaria em alta. Porque agora eu acreditava que tínhamos uma grande chance de fazer isso funcionar. Nós tínhamos que. Qualquer outro pensamento era... apenas, não.

Deborah e Henning estavam abraçando as pessoas e apertando as mãos e geralmente esvaziando a sala de todos os convidados enquanto os garçons limpavam as mesas e a banda guardava seus instrumentos. Foi uma noite e tanto.

— Ele deveria prestar queixa, — gritou a bruxa malvada. Embora isso fosse muito cruel com as

bruxas. Mesmo aquelas que eram más. Como se eu tivesse certeza de que elas tinham seus motivos.

— E explicar à polícia como ele agrediu Susie não uma, mas duas vezes? — perguntou Cléo. — Eu gostaria muito de ouvir isso.

Ela parecia inchar de raiva, embora seu olhar ficasse cauteloso. — Meu filho não agrediu ninguém.

— Todos nós o vimos agarrá-la. Tente novamente.

— Bem, se ele fez isso foi apenas para fazê-la pedir desculpas por todas aquelas mentiras terríveis!

— Mãe, — sibilou Aaron. — É o bastante. Você está piorando as coisas.

A expressão de afronta que Vivian demonstrou foi muito boa. Eu teria dado uma nota oito em dez. Mas foi o olhar atordoadado e sitiado de vitimização que se seguiu e que realmente ganhou o dia. A mulher poderia exagerar. Era uma pena que a festa de aniversário tivesse sido arruinada. Eu enviaria flores para Deborah com certeza.

Sentamo-nos num canto da sala, com a mão de Lars no meu colo. Não acho que ele realmente precisasse do saco de gelo que segurei em seus dedos. Ele repetidamente me disse que estava tudo bem. Mas isso me deu algo para fazer. A energia nervosa corria por mim, embora o pior já tivesse passado. Muita adrenalina ou algo assim.

O que importava era que ele tinha me escolhido. Eu deveria saber que ele faria isso. No entanto, livrar-se de trinta anos de dúvidas demorou um pouco.

— Não é sua culpa, — disse Lars. De novo.

— Eu sei, eu sei.

— É hora de todos nós conversarmos um pouco.

— Deborah, tendo expulsado o último dos convidados, ficou entre os dois partidos em disputa. Henning ficou ao lado dela.

— Exigimos um pedido de desculpas, — disse Vivian. — É o mínimo que merecemos.

— Isso é estranho. — Deborah olhou com desprezo para a vizinha. — Eu estava pensando a mesma coisa. Só que eu esperava que seu filho recuperasse o juízo e percebesse o quão terrível foi seu comportamento esta noite.

— Você vai ficar do lado dessa garota horrível contra o nosso?

— Tenha cuidado com o que você diz, — disse Deborah. — Você está falando de um membro da minha família.

A mãe má ficou horrorizada com este anúncio. Seus lábios formam um O perfeito de espanto. — Nós nos conhecemos há mais de vinte e cinco anos. Nossos filhos cresceram juntos. Somos amigas íntimas.

— E eu desculpei e negligenciei muita coisa nesse tempo. Mas acaba agora. — Deborah empurrou os ombros para trás. — Você vai se desculpar com Susie ou não?

Antes que Aaron pudesse responder, Vivian começou a falar por ele. O que não surpreendeu quase ninguém. —

Não. Definitivamente não. Ele não fez nada pelo que se desculpar.

— Então é hora de você ir embora. — E embora a voz de Deborah fosse calma e comedida, você poderia dizer que ela quis dizer cada palavra.

— O que?

— Saia.

— Com prazer, — zombou Vivian.

— Isso é como uma cena de uma novela turca que vi uma vez. — Tore estava sentado com o braço em volta dos ombros de Cleo. Na verdade, ele parecia satisfeito com os acontecimentos da noite. Ou pelo menos como eles funcionaram. — Só que ela estava agitando os braços enquanto dizia: 'Você vai se arrepender disso! Marque minhas palavras!' Mas em turco.

— Parece muito dramático, — disse Cleo.

— Oh. Era.

— Eu não sabia que você assistia novelas.

Tore sorriu. — Meu objetivo é surpreender e encantar constantemente. — Aaron levantou-se lentamente.

— Lars, eu...

— Não se atreva a pedir desculpas, — interveio Vivian. Então ela agarrou o braço dele e tentou arrastá-lo em direção à porta.

Lars balançou a cabeça.

A dor cruzou o rosto de Aaron. — Você poderia pelo menos me deixar explicar.

— Não há nada que você possa dizer que eu gostaria de ouvir, cara, — disse Lars. — Minha mãe disse para você sair.

Aaron baixou a cabeça em derrota. E eu não ergui o punho para o céu. Sim, para a maturidade.

— Não se aproxime de nenhum de nós novamente, — disse Lars. — Entendido?

Com um aceno final, Aaron saiu, seguindo seu terror de mãe porta afora.

Ufa. O silêncio na sala mal iluminada foi completo por um momento. Todos os olhos na porta. Mas nada mais aconteceu. Eles não reapareceram. O drama da noite parecia ter acabado. Obrigada Senhor.

— Bem, — disse Ella com voz arrastada. — Isso foi muito estranho para mim. Isso foi estranho para mais alguém?

— Pare de tentar ser a engraçada da família. — Tore franziu a testa. — Só há lugar para um e o título já está reivindicado.

Ella mostrou a língua para ele.

— Crianças, — repreendeu Henning. Ele distribuiu pequenos copos com uma dose de líquido transparente. Quando todos nós tomamos um, ele ergueu o copo em um brinde. — A família. *Saúde*.

Sorri e tomei um gole. E prontamente quis cuspir, mas conseguiu sufocar. Então eu sussurrei: — O que é isso?

— Aquavit, — disse Lars.

— Tem gosto de alcaçuz.

— Sim.

— Susie, — disse Deborah, sentando-se perto. — Eu te devo desculpas. Não te recebi como deveria. Farei melhor no futuro.

Meu sorriso parecia torto. Eu não sabia o que dizer.

— Vocês deveriam dar outra festa, — disse Tore. — Você merece uma reformulação.

— Depois de quanto custou esta? — perguntou Henning, incrédulo. — Absolutamente não.

— Poderíamos fazer isso em casa, no deque.

— É uma ideia, — disse Deborah encolhendo os ombros. — Embora fosse muito trabalhoso.

Ella sorriu. — Todos nós ajudaremos.

— Tore poderia fazer seu salmão assado, — sugeriu Cleo.

Henning franziu a testa. — Você já provou a comida do meu filho mais novo? Não, obrigado. Eu nem confio nele com a churrasqueira. Os dons de Tore estão em outro lugar.

— Você está com ciúmes, velho, — disse Tore. — Sou uma lenda na cozinha e você sabe disso. Apoie-me, querida.

Cleo ergueu as mãos com um sorriso. — Eu simplesmente não acho certo ficar entre você e seu pai.

— Quando te conheci, — disse Henning, — pensei: agora existe uma mulher gentil e compassiva. Muito gentil para te dizer, Tore, como sua comida é ruim.

Tore e Henning discutiam enquanto Cleo assistia, divertida. Ela também deixou de lado o copo de aquavit, então eu não era a única que odiava erva-doce. Ella e

Deborah estavam ocupadas conversando sobre algo. Toda a tensão havia saído da sala. Graças a Deus por isso.

Lars se aproximou. — Tem certeza que está bem?

— Estou bem. — Eu sorri. — Nada que você não possa consertar em casa com alguns beijos.

Ele pressionou um na minha testa. — Você acertou, princesa. O que você quiser.

— Eu estive pensando. Vou queimar a certidão de divórcio.

— Você vai? — ele perguntou, surpreso.

Eu balancei a cabeça. — Eu confio em você. Eu confio em nós. E isso é bom o suficiente para mim. Não precisamos de nenhuma mensagem do futuro ou seja lá o que for que nos diga que não conseguiremos. Merecemos uma chance de estarmos juntos sem aquela nuvem negra pairando sobre nossas cabeças.

— Tudo bem, — disse ele. — Apenas me faça um favor e reserve alguns dias para ter certeza de que é isso que você realmente deseja. Não quero que você se arrependa de nada.

Decidir tarde demais que há algum exorcista que você deseja que dê uma olhada ou algo assim.

— De acordo.

-

Dezenove

Acordei na manhã seguinte no meio da cama. Sozinha. Droga. Mas Lars não deveria estar longe. O sol contornava as bordas da cortina com uma luz branca e brilhante. O verão terminaria em breve. As noites estavam ficando mais frias, como comprovam os cobertores extras em nossa cama. Foi um ano e tanto. Foi meu primeiro verão como moradora desta casa e até consegui não matar muitas plantas da tia Susan.

O Halloween precisava se apressar para que eu pudesse pegar suas decorações. Fale sobre o feriado favorito de todos os tempos. Ela tinha um esqueleto de plástico em tamanho natural, apelidado de Stanley, que pendurava na varanda da frente, junto com um verdadeiro exército de fantasmas que flutuavam ao lado dele ao vento. Abóboras e cabaças alinhavam-se nos degraus da frente. Uma lápide no canteiro de lavanda na calçada. Uma das minhas primeiras lembranças era da tia Susan fazendo uma fantasia de bruxa para mim enquanto eu não esperava com tanta paciência. Eu usei o vestido preto e o chapéu pontudo durante anos, até estourar as costuras.

Eu seria a pessoa parada na porta da frente distribuindo doces para “doçuras ou travessuras”, como ela fazia todos os anos... isso seria agri-doce. Mas era bom poder esperar pelas coisas. A dor parecia mudar um pouco

mais a cada dia e a ausência dela já não me fazia sentir tão vazia por dentro.

As memórias não doíam como antes. Em vez disso, havia uma consciência da bênção que tinha sido tê-la em minha vida todos aqueles anos.

Quanto à confusão de sentimentos que costumavam agitar-se dentro de mim ao pensar em Aaron, já haviam desaparecido há muito tempo. Para nunca mais voltar. E boa viagem.

Rolei e olhei para as sombras no teto. O mundo estava quieto nesta manhã de domingo. Pacífico. Até que um cortador de grama ganhou vida nas proximidades e um pássaro começou a gritar em protesto. O que pode ter sido o universo me dizendo para tirar a bunda da cama e ir encontrar meu namorado. Embora *o namorado* parecesse do ensino médio e *o amante...* não.

Parceiro estava bem. Ou era? Outra coisa a ponderar.

O pedido de Lars para esperar um pouco antes de destruir a certidão de divórcio me surpreendeu. Embora eu achasse que ele tinha razão. Depois que desaparecesse, desapareceria para sempre. Levantei-me e peguei-a na minha gaveta de roupas íntimas e olhei para os vincos gastos no papel. Como o texto havia desaparecido com o tempo. O cheiro de poeira e sujeira da parede permanecia nela.

Os mesmos velhos sentimentos voltaram para mim: frustração por não saber o que causou o fracasso do nosso casamento. Pergunto-me se eu concordei em me casar em

primeiro lugar... embora estivesse começando a ver como isso poderia ter acontecido. Meus sentimentos pelo homem eram grandes. Enormes. E uma mistura de tristeza e raiva porque nossa união poderia desmoronar. Que não duraríamos.

Foda-se esse barulho.

Eu cansei de ouvir isso.

Meus dedos apertaram o pedaço de papel. A vontade de amassá-lo e jogá-lo no lixo era tentadora como o inferno. Colocar fogo no filho da puta.

Mas poderia ser argumentado que Lars e eu só estávamos juntos porque isso existia. Só depois da sua descoberta é que tivemos tempo para nos conhecermos realmente. Para crescer perto. Acontece que compartilhar um segredo, tentar desvendar um mistério, é ótimo para aproximar as pessoas. Poderia ter acontecido de qualquer maneira com ele trabalhando na casa. Mas me conhecendo, eu manteria distância do melhor amigo do ex. Isso teria superado tudo – e pensar no que eu teria perdido.

Talvez eu devesse ser grata a isso, afinal.

No jardim dos fundos, Lars trabalhava arduamente para lixar uma das velhas cadeiras Adirondack. Kat estava sentada perto dele, de olho nele, como costumava fazer. Sua nova coleira arco-íris era muito legal. Uma xícara de café vazia e o último livro de Tessa Bailey estavam ali perto. Ele não estava apenas trabalhando.

Como sempre, o sol adorava Lars. Tanto o cabelo quanto o leve brilho de suor em sua pele. Eu poderia

felizmente ficar olhando para ele por horas. Sentei-me nos degraus dos fundos, à sombra, com uma xícara de café nas mãos, vestindo apenas uma camiseta velha e calcinha. Por mais agradável que fosse se vestir bem, você precisava se sentir confortável em sua própria casa. Para se sentir confortável em sua própria pele. O que incluía não me importar se o amor da minha vida via minha celulite e meu cabelo bagunçado.

— Ei, — ele disse com um sorriso caloroso. — Pensei em lixar e aplicar uma nova camada de tinta. Elas são bem duras e não quero que você fique com farpas.

— Obrigada, — eu disse. — A cada dia eu aprecio um pouco mais o quanto você deve ter ficado maluco por ter que ficar parado e se curar após o acidente. Você foi realmente bastante contido.

— Essa é a sua maneira de perguntar por que eu não estava na cama esta manhã?

— Posso ter acordado com um humor um tanto amoroso.

Ele olhou para mim, apertando os olhos contra a luz brilhante do meio da manhã. — Desculpe por ter perdido. Compensamos isso mais tarde?

— Claro.

Seu sorriso... ah. Tão bonito.

— Liberei mais espaço no guarda-roupa para você.

Seu sorriso se transformou em um sorriso maior. — Você está abrindo mão de parte do seu guarda-roupa por

mim? Estou começando a achar que você realmente gosta de mim.

— Não vou mentir, — eu disse. — Isso machuca. Mas então me lembrei que também tenho o armário inteiro no quarto de hóspedes. Justo é justo. Imagino que você tenha direito a um quarto do guarda roupas da casa. Apenas não pressione por mais nada.

Ele riu. — Essa é minha garota. Que doadora.

— Como está sua mão esta manhã?

Uma sombra cruzou seu rosto. Lá e desapareceu em um instante. — Está bem. Você está bem?

— Há alguns pequenos hematomas. Tirei uma foto deles para o caso de ele tentar alguma coisa.

— Filho da puta, — ele murmurou.

— Filho da puta que agora está fora de nossas vidas. — O que fazia com que fosse hora de mudar de assunto. — Está com fome? O que você gostaria para o café da manhã?

— Sim. Estou morrendo de fome. Que tal panquecas?

— Combinado. Vou começar assim que terminar isso. — Tomei outro gole de café. Então respirei fundo e disse: — Eu te amo, sabe?

— Eu sei, — ele respondeu, o mais casual possível.

Huh.

— Espere um minuto, Han Solo. Essa foi uma pergunta retórica. Você deveria ficar chocado e atordoado com tal admissão. — Minhas sobrancelhas desceram, mas meu sorriso era largo. — Como exatamente você sabe? Foi o espaço do guarda-roupa que denunciou isso?

— Algo parecido.

A felicidade em seus olhos fez meus dedos dos pés se curvarem e meu coração bater mais forte.

— Lars. Diga-me. O que denunciou isso?

— Bem, estou praticamente apostando tudo desde o inevitável. Só não tinha certeza da minha capacidade de convencê-la.

— Não é típico de você duvidar de si mesmo.

— Talvez isso tenha me enervado... o quanto você era importante, — disse ele. — Mas então você continuou me dando sinais. Como arrumar a mesa para um jantar romântico depois de dizer que não queria namorar comigo. Isso me fez ter esperança de que, no fundo, você também estivesse apostando. Você só precisava se sentir segura o suficiente para confiar em mim e me dizer. E isso levaria tempo.

— OK.

— Venha aqui, Susie.

Deixei de lado a xícara de café e atravessei a grama até ele. Sua mão quente envolveu uma das minhas coxas nuas enquanto eu me inclinava para beijá-lo. A doce pressão dos nossos lábios como uma promessa. Com toda a honestidade, eu poderia me ver beijando alegremente esse homem por muito tempo. Pelo resto da minha vida.

E que vida linda seria.

Por alguma razão, Kat, a gata, estava nos observando e ronronando. Acho que ela era uma fã do amor.

— Você ainda vai queimar a certidão de divórcio?
— ele perguntou.

— Eu acho que sim.

— Ok, — ele murmurou. — Diga isso de novo.

— Eu te amo.

— Bom, — ele disse, e me deu um tapa na bunda. — Vá me preparar o café da manhã. Por favor.

— Feito. Embora houvesse uma coisa que eu ia perguntar a você.

— Hum?

— Você quer se casar comigo?

Todo o seu corpo pareceu parar com um solavanco. —
O que você disse?

— Você me ouviu.

— Susie... — Lars levantou-se. Ele ficou olhando para mim com uma cara séria. — É sobre a conversa de ontem à noite, sobre as brincadeiras de quando eu era pequeno? Porque posso viver sem ser o noivo na vida real.

— Acho que se trata de uma variedade de coisas, na verdade.

— Tipo? — ele perguntou. — Porque você foi bastante inflexível em não se casar.

— Eu era. Isso é verdade. Mas então me ocorreu que talvez a vida não seja sempre uma questão de jogar pelo seguro. —

Seus dedos ásperos esfregaram círculos reconfortantes na parte externa da minha coxa. — O casamento é importante para você, Lars. — Ele abriu a

boca para falar, mas eu coloquei um dedo nos lábios. — Me deixe terminar. Você sempre viu isso como parte de sua grande jornada pela vida. E eu quero te dar isso. Porque confio em você o suficiente para correr o risco.

Seu olhar permaneceu preocupado.

— Escute-me. A verdade é que quero lhe dar isso muito mais do que desconfio da instituição. Provando assim ainda mais que o meu amor por você é maior que o seu amor por mim. Por favor, diga sim.

— Isto é uma competição?

— Absolutamente.

— Fico triste com quão cheia de merda você é, princesa. Já que é óbvio que eu te amo mais.

— Você só está dizendo isso para puxar conversa. Isso não significa nada. — Eu dei a ele um olhar arrogante. — Ora, o seu amor é um grão de areia enquanto o meu são todas as praias do mundo.

Foi mais ou menos quando Lars me jogou na grama com tanto cuidado e habilidade. Eu me encontrei subjugada e deitada de costas em pouco tempo. Céu azul claro acima, e o peso de seu corpo sobre mim parecia celestial.

— E a certidão de divórcio? — ele perguntou.

— Nós provamos que é falsa.

— É por isso que você quer fazer isso?

— Como eu disse, há muitos motivos pelos quais quero fazer isso. Mas minha principal prioridade é a sua felicidade. E embora eu saiba que você disse que ficaria bem sem isso, quero dá-lo a você. É importante para mim.

— Alisei a linha entre suas sobrancelhas com os dedos. —
Faça de mim uma mulher honesta. Diga sim, Lars.

— Espere um minuto. — Ele pegou algo do meu cabelo e cuidadosamente colocou em uma folha próxima. — Tinha uma joaninha em você.

— Huh. Embora eu não vá usar um vestido branco para a cerimônia. Você precisa saber e aceitar esse fato agora. Mas há um vestido preto sem alças de Christian Siriano que funcionaria muito bem.

— Você está falando sério sobre isso.

— Eu tenho que mencionar moda para você acreditar em mim?

— Apenas me certificando que esteja a bordo e bem pensado.

Eu sorri. — Eu estou e pensei. Sabe, fico imaginando o que a advogada do divórcio disse naquele dia. Como temos que continuar escolhendo um ao outro. Como construir um relacionamento e mantê-lo intacto é muito difícil e simples. Sou eu te escolhendo.

— Você está nisso para sempre? — ele perguntou em um tom profundo e sério.

— Não teria te pedido em casamento se eu não estivesse. E você?

— Eu prometo a você, casado ou não, não vou a lugar nenhum.

Eu balancei a cabeça.

— Obrigado por me pedir em casamento.

— De nada.

— Tudo bem, — disse ele, ficando de joelhos. Kat, a gata, apareceu ao lado dele e ele a pegou no colo e deu-lhe um tapinha. — Bela conversa, princesa. Deixe-me pensar um pouco e entrarei em contato com você. Você quer ajudar com as panquecas?

Sentei-me com uma carranca. — Espere. É isso?

Mas o homem já havia partido. De volta para dentro de casa carregando sua maldita gata e sua xícara de café vazia. Apesar de todo o meu pensamento profundo e dos ensaios das minhas falas, perdi seriamente o controle da conversa. Embora, para ser honesta, não tinha certeza se alguma vez estive no controle.

— O homem gosta de brincar com você, — disse Cleo.

— Ah, sim, — concordei. — Embora seja bom que ele esteja demorando e pensando sobre isso. Eu não teria me importado se ele dissesse sim imediatamente.

Uma chuva fina começou a cair, enchendo o ar de petricor². Agulhas de pinheiro molhadas, palha e chuva eram o cheiro de Seattle. Junto com cevada das micro cervejarias, pão fresco das padarias e uma pitada de mofo para garantir. O cheiro de lar doce lar.

Nos cinco dias desde a minha proposta, nada foi resolvido. Nada foi dito. Sempre que eu levantava o assunto, Lars subitamente ficava ocupado ou precisava ir a outro lugar. Mas todos os dias ele perguntava: — Ainda

quer se casar comigo? — E eu diria: — Sim. Ele inclinava o queixo e cuidava de seus negócios. Mesmo que eu nunca tenha planejado me casar, esse adiamento era muito chato.

Nesse ínterim, decidi transformar em um evento a destruição da certidão de divórcio. Embora eu planejasse usar a tigela de fogo no jardim dos fundos, o clima nos forçou a entrar. A lenha foi colocada na lareira como preparação, e Cleo e Tore foram convidados para testemunhar a importante ocasião.

— Como vai a caça aos passatempos de casais?
— perguntou Cléo.

— Xadrez, Scrabble e salsa foram descartados. Ele continuou ganhando no xadrez, eu continuei ganhando no Scrabble e nós dois perdemos na salsa, — eu disse. — Não há nenhum traço de talento para dança entre nós.

— O que vem a seguir?

— Estou pensando em um clube do livro de romance para casais. De qualquer forma, tendemos a discutir os enredos e os personagens. É melhor tornar isso oficial.

Cléo assentiu.

— Vamos precisar de camisetas.

— Claro.

— Você teve uma semana agitada? — Perguntei. — Como foi a reunião com o pessoal de roupas esportivas?

— Foi bem.

— Excelente.

— Preciso te mostrar a atualização do Photoshop algum dia. Alguns dos novos recursos são fantásticos, —

disse ela. — E Tore e eu decidimos reservar férias em Maui depois daquela conferência em novembro.

— Férias na praia? Legal.

— Ah, sim, — disse Cleo. — A propósito, mamãe pediu para lhe dizer que encontrou um cemitério de animais de estimação que aceitará as cinzas do seu cachorrinho misterioso. Ela disse que as taxas eram razoáveis.

— Isso é ótimo. Ele merece uma boa vida após a morte. Algo melhor do que ficar esquecido num canto do porão. Vou mandar uma mensagem para ela amanhã para saber os detalhes e agradecer.

Cléo assentiu. — O grupo da igreja dela também retirará quaisquer itens indesejados de suas caixas para a arrecadação de fundos no próximo mês. Qualquer coisa que você acha que eles poderiam vender.

— Tudo bem, — eu disse. — Na verdade, estou quase terminando. Além do sótão. Lars vai me ajudar a começar a derrubar as coisas.

— Considerando como estava o lugar no Natal passado, — disse ela, olhando para a sala de estar, — você percorreu um longo caminho.

— Para você meu amor. — Tore passou-lhe uma taça de vinho. A cerveja na outra mão ele ergueu num brinde. — Para queimar mensagens estranhas do futuro e traçar seu próprio caminho.

Lars me passou um gim-tônica. — Eu vou beber a isso.

Ajoelhou-se diante da lareira e acendeu cuidadosamente os gravetos. As chamas subiram

rapidamente pela pilha de madeira. Ele colocou uma foto de sua família na lareira na semana passada e seus pertences estavam espalhados pela casa.

Sua presença agora parecia mais real e permanente. Eu gostei. Estávamos construindo uma vida juntos.

— Enquanto estou aqui, — disse ele, tirando algo do bolso da calça jeans, — é melhor te dar isto. — Ele estendeu uma pequena caixa de veludo preto.

Meus olhos estavam arregalados como a lua. — O que é isso?

— Abra e veja.

— Puta merda.

Ele apenas sorriu enquanto estendia para mim.

Com dedos trêmulos, abri a caixa. Dentro havia um diamante de lapidação quadrada em uma faixa de platina. Simples e perfeito, e tão brilhante. Tirou meu fôlego. — Lars, você está dizendo sim?

— Sim, — ele disse.

— Oh meu Deus.

Ele se levantou e tirou o anel. — Vamos fazer isso?

Balancei a cabeça enquanto lágrimas brotavam dos meus olhos. — Mas você não precisava comprar isso. Você poderia ter economizado o dinheiro para o negócio.

— Você é mais importante. Não chore, — ele disse, colocando o anel em meu dedo. — Isso parece um bom ajuste.

— É sim. — Virei minha mão para um lado e para outro para que o diamante pudesse captar a luz. Incrível. — É lindo.

— Estou feliz que você gostou. — Seu olhar era tão suave e doce. A expressão em seu rosto estava cheia de amor. — Eu te amo, Susie.

— Eu também te amo.

Ele jogou a caixa sobre a mesa de centro, segurou meu rosto e me beijou com força. Como se estivesse fazendo sua reivindicação. Este era o paraíso. Seus lábios estavam nos meus e sua língua estava na minha boca. Suas mãos me seguraram firmemente e pude sentir o calor de seu corpo. Eu poderia ter ficado feliz ali para sempre.

— Parabéns, pessoal, — disse Tore.

— Você sabia sobre isso? — Eu perguntei com uma fungada. Ele apenas encolheu os ombros e sorriu. O homem sabia totalmente.

Cleo me deu um abraço e seus olhos estavam suspeitosamente úmidos.

Se alguém me dissesse no início do ano que eu ficaria estupidamente feliz e fora de mim por me casar... eu os teria chamado de mentirosos.

O que deixava apenas uma coisa a fazer. Uma última ponta solta.

— Tudo bem, — eu disse e fui para o quarto. — A hora chegou. Esta certidão de divórcio vai cair de uma vez por todas.

Abri minha gaveta de roupas íntimas e coloquei de lado uma variedade de calcinhas de renda e shorts masculinos. Todas as minhas calcinhas favoritas. Achei que a certidão de divórcio poderia usar as boas vibrações. Só que não havia nada lá. Apenas o fundo de madeira da gaveta. Em seguida, afastei as calcinhas menstruais, sutiãs e um vibrador. Mas ainda não havia sinal da maldita coisa.

— Lars, você a pegou?

Ele entrou no quarto. — Porque, o que está errado?

— Não está aqui.

— Eu não toquei nisso. Tem certeza de que foi onde você deixou?

— Sim, — eu disse com uma carranca.

— Verifique as outras gavetas.

— Há algum problema? — perguntou Cléo.

— Não consigo encontrar. — Camisetas e regatas vieram em seguida. Seguido por lenços, cintos e meias. Shorts de verão e alguns pijamas. Com jeans, leggings e alguns cardigans na gaveta de baixo. — Nada.

— Vamos abrir todas as gavetas, — disse Lars. — Certifique-se de que não caiu atrás ou algo assim.

O interior do conjunto de gavetas estava vazio. Tore e Lars afastaram o móvel da parede. Mas não havia nada além de poeira.

— Quando foi a última vez que você a pegou? — perguntou Cléo.

— Domingo de manhã, — eu disse. — Antes de sair para falar com Lars. Coloquei-a de volta no mesmo lugar.

— Lars?

— Eu olhei algumas semanas atrás, — disse ele. — Não cheguei perto desde então.

Cléo suspirou. — Tem que estar aqui em algum lugar.

— Definitivamente tem que estar neste quarto, — concordei.

— Tudo bem, — ela disse. — Vamos ser sistemáticos sobre isso. Vamos esvaziar as gavetas da cama. Certificar-nos de que não tenha sido acidentalmente escondida entre suas camisas ou algo assim.

Examinamos cada item de cada gaveta e arrumamos tudo. Nada. Depois desmontamos a cama. Só pra ter certeza. Junto com a busca atrás e embaixo da estrutura e do colchão. O mesmo aconteceu com todos os outros móveis da sala. E o tempo todo, um pânico estranho cresceu dentro de mim. Nada disso fazia sentido. Para onde poderia ter ido?

— Eu sei que estava aqui, — eu disse. — Eu sei que estava.

— Nós vamos encontrar. — Lars esfregou minhas costas. — Tem que estar em algum lugar, princesa.

Eu balancei a cabeça. — Você jura que não decidiu se livrar disso sem mim? Eu não ficaria com raiva. Bem...talvez um pouco. Mas eu preciso saber.

— Eu juro.

— OK. Vamos dar uma olhada nas salas de jantar e de estar. Apenas no caso.

Revistamos a casa por mais de três horas. Queijo e biscoitos nos alimentaram durante a primeira metade da caçada. Enquanto uma entrega de sushi fornecia sustento para esta última. E o tempo todo Kat ficou sentada no tapete da porta da frente nos observando com seus oniscientes olhos felinos.

Eu não poderia simplesmente deixar isso passar. A certidão de divórcio foi uma nuvem negra pairando sobre nossas cabeças pelo que pareceu uma eternidade. Tinha que estar em algum lugar da casa. Não poderia simplesmente desaparecer. Certamente. Talvez um de nós fosse sonâmbulo e tenha escondido em algum lugar. Ou estávamos, sem saber, sob a influência de um alucinógeno e... não sei. Vasculhamos armários e verificamos os bolsos dos casacos. Examinamos meu escritório e a cozinha e... nada. Nada. Até minha bolsa foi revirada e inspecionada.

— Acabou, — eu disse finalmente, afundado no sofá. — Como isso é possível?

Lars grunhiu ao meu lado.

— Você está admitindo a derrota? — perguntou Tore.

Ele sentou no chão com os pés de Cleo no colo. Seus polegares cravaram nas solas dos pés dela. Eu precisava de uma massagem nos pés. Levantar, mover e procurar nos esgotou a todos. Nós até verificamos o sótão. Apesar de haver pouca chance de alguma forma ter chegado até lá. Não houve novas pegadas na poeira desde a última vez que Lars visitou o espaço, meses atrás. Na época em que a certidão de divórcio apareceu pela primeira vez.

Na época em que tudo isso começou.

— Procuramos em todos os lugares, — disse Cleo.

— Eu só queria saber o que aconteceu. — Suspirei. — Se alguém invadiu, por que roubar isso? Isso não faz sentido. Minha bolsa, celular e laptop ainda estão aqui.

— Essa coisa nunca fez sentido, — disse Lars.

Cleo suspirou também. — Ninguém se beneficiou com vocês dois achando essa certidão.

— Ninguém além deles, — acrescentou Tore.

— É verdade, — disse Cleo, e assentiu. — Eles poderiam não ter ficado juntos sem isso.

Kat, a gata, se aproximou e pulou em Lars. Enrolando-se como uma bola e adormecendo imediatamente. Ela era uma mulher que apreciava uma boa soneca. E quem poderia culpá-la? Eu dormiria bem depois de tudo isso também. Uma vez que arrumamos a cama e colocamos lençóis limpos.

— Não sei, — disse Lars. — Não consigo explicar. Essa coisa sempre mexeu com a minha cabeça.

— Parece que desapareceu tão misteriosamente quanto apareceu, — disse Cleo. — O que você acha que a senhorita Lillian diria?

— Hum. — Eu ponderei a questão. — Talvez sua mensagem tenha sido recebida.

— Como se o destino decidisse que não era mais necessária? — perguntou Cléo. Eu balancei a cabeça.

— Sim. Talvez.

— Você consertou o destino, hein? — Tore refletiu sobre isso. — Faz tanto sentido quanto qualquer coisa. Vocês dois resolveram um monte de merda...

O olhar de Lars mudou de determinado para perplexo, e vice-versa, ao longo da noite. Mas perplexo venceu no final. Ele pegou minha mão e beijou meus dedos. — Se você quiser continuar procurando, então é isso que faremos. Você decide. O que você me diz, princesa?

Descansei minha cabeça no encosto do sofá e olhei em seus olhos. Ele era o futuro que eu queria. Bem ali ao meu lado. E eu confiava em nós muito mais do que em algum pedaço de papel enigmático.

— Eu digo para deixarmos isso para lá.

— Tem certeza?

— Sim.

— Tudo bem, — ele disse com um sorriso. — Isso é bom o suficiente para mim.

-

Epílogo

Dez anos depois

4 de dezembro

— Mamãe, — gritou Ingrid. — Estou com fome. Você pode me dar um pouco de queijo?

— Sua filha é parte rato. Você está ciente disto?

— Perguntei ao meu marido. Para nossa filha de sete anos, respondi: — Não ouvi um pedido de favor.

— Por favooooor.

— E você vai comer uma maçã por isso.

Ela gemeu e fez barulhos de engasgo – como você faz quando é uma criança pequena sendo ameaçada com frutas.

— Eu resolvo. — Lars sorriu e pausou o jogo dos Seahawks. — Ingrid, eu e sua mãe gostaríamos de saber se você é um rato? O que você acha?

— Ela mora no sótão, — eu disse. — É uma pergunta justa.

Ingrid riu e guinchou.

— O que você acha? Sua irmã é meio roedora ou é fascinada demais por laticínios envelhecidos? — Perguntei ao menino preso ao meu seio esquerdo. — Olha com quem estou falando, toda a sua vida gira em torno do leite.

Assim que a notícia do bebê chegou aos ouvidos da nossa filha mais velha, ela iniciou sua campanha para se

mudar para o sótão. O berçário ocupava o segundo quarto e meu escritório agora era em um canto do nosso quarto.

A verdade é que nossa família havia superado esta casa. Embora Lars não tivesse dito nada, eu sabia que ele estava esperando que eu abordasse o assunto — e continuei evitando. Sair da casa da tia Susan iria doer. Já era minha casa há muito tempo, mas não necessariamente precisávamos nos mudar para muito longe.

Assim que Lars entregou uma tigela de fatias de maçã e queijo para nossa filha, ele se acomodou na poltrona.

— A antiga casa da senhorita Lillian tem três quartos, — eu disse, a propósito. — E o quarto principal é maior que o nosso. Haveria mais espaço para eu montar um escritório. Mais espaço para todos nós.

O olhar de Lars pousou em mim, mas ele não disse nada.

— Sabemos que o trabalho feito foi bom porque foi feito por você, Tore e Mateo.

— Eu vi que eles colocaram uma placa de Vende-se ontem.

— Apenas um pensamento.

— Tem certeza de que está pronta para se mudar?

Suspirei. — Não vou mentir. Eu meio que odeio a ideia. Mas superamos este lugar.

— Sim.

— Sim,, — eu concordei.

— Eu poderia encontrar um lugar para você com vista para o mar. — Ele sorriu. — Se você quisesse.

— Ingrid não teria que mudar de escola se ficássemos por perto. E nós gostamos desta área.

Ele assentiu. — Nós gostamos.

— A casa também tem boas vibrações. — Ele riu.

— Você ficaria bem com isso?

— Sim, princesa. — Ele se levantou da cadeira e deu um beijo na minha testa. Depois um beijo no filho. E o sorriso em seu rosto era feliz e caloroso. — Vou ligar para eles. Marcar um horário para fazermos uma inspeção nos próximos dias.

— Você realmente está pronto para se mudar.

— Enquanto estivermos todos juntos, estou bem. Mas você está certa. Precisamos de mais espaço. — Ele se ajoelhou ao meu lado. — Por que não alugamos esta casa? Dessa forma, ainda será sua. Sempre podemos pensar em voltar para cá quando as crianças saírem de casa.

— Gostaria disso. — Eu sorri. — Eu também estava pensando, em vez de nos divorciarmos hoje, por que não pedimos comida para compartilhar?

Ele franziu a testa. Então disse: — É hoje, não é? Droga.

Não tínhamos esquecido completamente a certidão de divórcio. Embora eu tenha pensado nisso cada vez menos ao longo dos anos. E também nunca a encontramos. Mas nós vencemos. Ainda estávamos aqui. Doía imaginar como teria sido se nunca tivéssemos aproveitado a oportunidade

de ficarmos juntos. Toda a bondade que teríamos perdido na vida.

— Conseguimos, — disse ele em voz baixa.

— Sim. Com certeza conseguimos.

— Nunca duvidei de nós. Nem uma vez.

Você poderia explodir de felicidade? Seria uma bagunça. Mas acho que é factível. Durante a última década, tentei o meu melhor para que isso acontecesse. Meu trabalho cresceu certamente, mas de forma constante. O mesmo aconteceu com o negócio imobiliário de Lars e Tore. Cleo e Tore se mudaram para uma linda casa flutuante há vários anos e estavam pensando em tentar engravidar em breve. Eles também fizeram o possível para viajar pelo mundo. Cleo trabalhou para diversas revistas e ganhou diversos prêmios ao longo dos anos. A vida era boa.

— Definitivamente deveríamos comemorar com comida para viagem, — disse Lars. — Que tal pizza e cupcakes?

— Eu já te disse o quão incrivelmente atraente você é?
— Perguntei.

— Cupcakes? — Ingrid bateu nas costas do pai. — Vamos pedir cupcakes?

— Eca, — eu disse. — Quem quer cupcakes fedorentos e nojentos?

— Eu, eu. Eu.

— Acho que sei de onde nossa filha tira suas obsessões por comida, — disse Lars com um sorriso. — Por que você não o passa para mim e eu o coloco na cama? Então pediremos um pouco de comida.

— Parece bom, — eu disse.

O bebê em meus braços adormeceu com um sorriso de leite no rosto pequeno. Nem mesmo os gritos da irmã conseguiram perturbá-lo. Seu pai o tirou cuidadosamente dos meus braços e o carregou até o berço. Durante todo o tempo, Kat observava de seu lugar em frente ao fogo. E ela ronronou.

FIM

Notes

[←1]

Chic = chique e chick = garota.

[←2]

Aroma terroso produzido pela chuva quando começa a cair e atinge o solo, especialmente se o tempo estiver quente ou seco.